

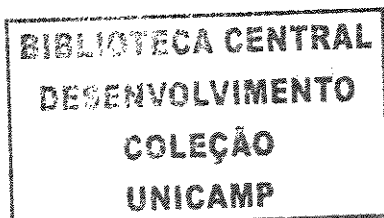
132
C / PDF

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MEMÓRIA, IMIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO - Fábrica de Tecidos
Carioba: uma vila industrial paulista no início do século XX**

Maria José Ferreira de Araujo Ribeiro ✓

2005



4 4 3

TESE DE DOUTORADO

**Memória, Imigração e Educação - Fábrica de tecidos Carioba:
uma vila industrial paulista no início do século XX**

Autora: Maria José Ferreira de Araujo Ribeiro

Orientadora: Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida
por Maria José Ferreira de Araujo Ribeiro e aprovada pela
Comissão Julgadora.

Data: 26/08/2005

Assinatura:.....*Zeila de B. F. Demartini*.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Zeila de B. F. Demartini
Elaine
Alfa R. de Moura Junior
Paulo Roberto
Maria José Cláudia Mancuso

UNIDADE	BC
APL CHAMADA	T/UNICAMP
	R355m
V	EX
TOMBO BC/	67949
PROC.	16.123-08
C	☐
D	☒
PREÇO	11,100
DATA	11-04/06

B, b 2u 377353

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Ribeiro, Maria José Ferreira de Araujo.
R355m Memória, imigração e educação : Fabrica de Tecidos Carioba ; uma vila industrial paulista no início do século XX / Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Zeila de Brito F. Demartini, Olga R. de Moraes von Simson.
Tese (doutorado) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Industrialização. 2. Vilas operárias. 3. Escolas. 4. Identidade.
5. Empreendedorismo. I. Demartini, Zeila de Brito Fabri. II. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

05-0218
GCS/BFE

Keywords : Industrialization; Company towns; Schools; Identity; Entrepreneurship

Área de concentração : Sociedade, Cultura e Educação

Titulação : Doutora em Educação

Banca examinadora : Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini (Orientadora)
Profa. Dra. Maria Inês Ranter Mancuso
Profa. Dra. Arlete Assumpção Monteiro
Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Profa. Dra. Heloisa de Mattos Hofling

Data da defesa: 26/08/2005

E-mail: zezefar@yahoo.com.br

665 600000

A Melquesedec, meu irmão, e Francisco, meu esposo.

AGRADECIMENTOS

A finalização deste trabalho só foi possível porque contei com a colaboração inestimável de muitas pessoas. Quero expressar aqui meus agradecimentos a todos, especialmente:

A minha orientadora, a professora Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini, pela disponibilidade e competência com que me orientou durante o período de elaboração deste.

À professora Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, pela carinhosa acolhida no Centro de Memória da Unicamp e por suas pertinentes sugestões na qualificação.

À professora Dra. Maria Inês Rauter Mancuso, amiga e colega desde a época da graduação, pelas valiosas contribuições durante a qualificação e disponibilidade em discutir aspectos do trabalho.

À professora Dra. Arlete Assumpção Monteiro, pelo interesse que sempre demonstrou pelo tema do presente trabalho e disponibilidade em colaborar para a sua concretização.

Às colegas integrantes do Grupo de Estudos de Imigração do CMU, Maria Aparecida Morais Lisboa, Maria Cristina dos Santos Bezerra, Margarete Aparecida Rogante e Sandra Edilene de Souza pelo clima de companheirismo, colaboração e amizade que sempre marcou as discussões do grupo.

Às secretárias da Pós-graduação da Faculdade de Educação, Nadir Aparecida Gomes Camacho, Gislene Perpétuo Gonçalves e Rita Cristina Lanoux, pela expressiva ajuda na resolução do cotidiano burocrático e pela gentileza e cordialidade no atendimento.

As funcionárias do Centro de Memórias da Unicamp Maria Estela Rafael de Góes, Cássia Denise Gonçalves, Marli Marcondes, Ema E. R. Camilo e Eliana Regina Camargo Correa, pela amizade colaboração e acolhimento que sempre dispensaram às minhas solicitações.

A Maria Dulce Müller Carioba Sigrist, pelo interesse demonstrado pela pesquisa e por disponibilizar novos textos com memórias de seus familiares.

Ao Sr. Dieter Werner Plaas, pela gentileza com que sempre me atendeu e pelas fotos disponibilizadas.

A Zeni e Maria Hafers, por colaborarem cedendo fotos e se interessando pelo assunto da pesquisa.

À Secretaria de Cultura de Americana, pela colaboração e ao Melquisedec pelo incentivo participação e sugestões desde as etapas iniciais da pesquisa.

A Francisco, meu marido, pelo companheirismo em todas as fases do trabalho.

Aos meus filhos Ricardo, Fabiana, Letícia, Raphael e Juliana e a minha nora Valeska pela ajuda e também pela compreensão do significado deste trabalho cujos encargos me absorveram privando-os, muitas vezes, da minha companhia.

A minha irmã Mariselma Ferreira Zaine e meu cunhado José Eduardo Zaine, pela inestimável ajuda na finalização do trabalho.

Aos depoentes, Sr. Hercule Giordano, batalhador incansável pela causa da Carioba e Sr. Itabajara Fonseca, por compartilharem suas memórias. A todos os que nos deixaram neste longo percurso, fica a certeza de que suas memórias, aqui registradas, representam “arquivos salvos” sobre as vivências em Carioba.

SUMÁRIO

RESUMO	xxi
ABSTRACT	xxiii
1.INTRODUÇÃO.....	1
2 O PROCESSO DE PESQUISA COM DIFERENTES FONTES	5
2.1 O trabalho com diferentes arquivos de dados secundários	13
2.2 A realização de entrevistas e coleta de documentos pessoais	14
2.3 A constituição do acervo imagético	17
2.3.1 O acervo imagético da família Müller.....	19
2.4 Textos memorialísticos	20
2.4.1 Textos memorialísticos de Margarete Müller von der Leyen e Brigitte von der Leyen Pietzschke	20
2.4.2 Textos memorialísticos de antigos moradores da Vila Carioba	23
2.4.3 Contribuições das informações obtidas através de diferentes suportes.....	25
3. O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NO INTERIOR PAULISTA E A FÁBRICA DE TECIDOS CARIOBA	29
3.1 As primeiras indústrias têxteis no Estado de São Paulo.....	29
3.2 A Influência do Sistema Paternalista Industrial na Organização das Vilas Operárias	33
3.3 Fundamentos do Sistema Paternalista Industrial.....	35
3.4 O surgimento de Vila Americana	40
3.5 Fábrica de Tecidos Carioba – um século de atividade têxtil	43
3.5.1 A expansão da indústria e a construção da hidrelétrica do Salto Grande	49
3.5.2 O início do declínio da Fábrica de Tecidos Carioba	59

4. FAMÍLIA MÜLLER: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE GERMÂNICA E EMPREENDEDORISMO	63
4.1 A trajetória do Rio Grande do Sul a São Paulo	63
4.2 A educação dos filhos	68
4.2.1 Educação e cuidados com os filhos pequenos, em São Paulo	68
4.2.2 A educação formal dos filhos mais velhos: diferença entre educação masculina e feminina	71
4.3 O estabelecimento da família Müller em Carioba: a educação dos filhos segue os padrões de educação anterior	78
4.4 A continuidade da empresa: entre os investimentos na educação e as dificuldades do período da Segunda Guerra	105
 5. A MEMÓRIA DO “PARAÍSO PERDIDO”: A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS OPERÁRIAS	113
5.1 Carioba: convergência de etnias	113
5.2 Moradia e cotidiano sob o enfoque do paternalismo industrial	127
5.3 A educação escolar em Carioba	137
5.4. Outras formas de educação	148
5.5 Manifestações poéticas de antigos cariobenses: marcas no imaginário	162
 6. ANOTAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177

ANEXOS

ANEXO 1 - Outorga de título de Comendador a Franz Müller pelo Imperador da Áustria	185
ANEXO 2 – Ata de reabertura da Fábrica de Tecidos Carioba em 1902	189
ANEXO 3 - Genealogia da família Müller Carioba	195
ANEXO 4 – Listagem das famílias que residiram em Carioba	203
ANEXO 5 – Defesa de Rawlinson, Müller e Co., perante o Centro do Commercio e Industria de S. Paulo, ano de 1918	211

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de entrevistados e vínculo com a Vila Carioba	15
Quadro 2 – Relação entre número de habitantes e portadores de impaludismo, residentes em Vila Americana e Carioba, no ano de 1917.....	57
Quadro 3 - Anexo dos Anuários do Colégio Visconde de Porto Seguro. As escolas alemãs no estado de São Paulo.	99
Quadro 4 - Classes escolares para a terceira geração da família Müller.	100
Quadro 5 – Constituição do sistema de ensino alemão e notas alemãs na década de 1920.	101
Quadro 6 - Lista de italianos e descendentes que residiram na Vila Carioba.	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Vila Carioba e Fazenda Salto Grande, Município de Campinas.....	50
Figura 2 – Material de divulgação da Fábrica de Tecidos Carioba, com menção do escritório central em Berlim (Alemanha).	51
Figura 3 – Material de divulgação da Fazenda Salto Grande e de casas comerciais de Carioba. .	53
Figura 4 – Mapa-base de Carioba, utilizado pelo Sr. Hercule Giordano para inserção dos moradores, a partir de lembranças e entrevistas.	133

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Estrada de bambus que fazia a ligação entre a Vila Carioba e a Vila Americana. Década de 1920. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	45
Foto 2 – Fazenda Salto Grande, com a usina hidrelétrica no canto inferior à esquerda, a sede da Fazenda, próxima à junção dos rios Atibaia (à esquerda) e Jaguari (à direita), formando o Rio Piracicaba. Final da década de 1930. Fonte: acervo da família Hafers.....	55
Foto 3 – Membros da família Müller no terraço da Casa Grande em Carioba. Sentados da esquerda para a direita: Comendador Franz Müller, Dona Albertina, Margarete, Hermann. Em pé: Hans e Franz Rudolf. Ano de 1908. Fonte: doação da família Müller Carioba para o acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	83
Foto 4 – Casa em estilo alemão, conhecida como escama de peixe pelo formato do telhado. Início da década de 1940. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	90
Foto 5 – Vista aérea da Vila Carioba e da Vila Americana ao fundo. Final da década de 1930. Fonte: acervo da família Hafers.....	92
Foto 6 – Vista aérea da Vila Carioba no final da década de 1930, com destaque para a residência do Sr. Hans Müller no primeiro plano; a represa Carioba à esquerda e o Rio Piracicaba, à direita. Fonte: acervo da família Hafers.....	96
Foto 7 – Torre do observatório astronômico na casa de Herman Müller. Década de 1920. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	97
Foto 8 – Vista do complexo industrial da Carioba, a usina hidrelétrica Cariobinha e a vila operária. Final da década de 1930. Fonte: acervo da família Hafers.....	106
Foto 9 – Casa União Cariobense - armazém do Sr. Joaquim Chiquinho. Ano de 1910. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	120
Foto 10 – Operários em frente à Fábrica de Tecidos Carioba. Ano de 1911. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	130
Foto 11 – Escola Carioba, depois denominada Grupo Escolar Comendador Muller. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	134
Foto 12 – Prédio do Grupo Escolar e, ao fundo, a Cooperativa e o coreto da Carioba, anterior ao asfaltamento. Década de 1920. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	141
Foto 13 – Casas de operários da Vila Carioba. Década de 1910. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	142
Foto 14 – Crianças em aula de natação no Rio Piracicaba, em Carioba. Década de 1930. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	149
Foto 15 – Jogadores com o primeiro uniforme do Clube Recreativo e Social Carioba. Ano de 1914. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.....	151

Foto 16 – Apresentação da Banda do Precatório em frente à residência do Sr. Francisco Müller, tendo à frente a imagem do padroeiro, São João Batista. Início da década de 1940. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.	153
Foto 17 – Encenação teatral no Clube Recreativo Carioba. Década de 1930. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.	156
Foto 18 – Procissão em Carioba. Início da década de 1940. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.	157
Foto 19 – Bloco carnavalesco formado por operários da Fábrica de Tecidos Carioba. Década de 1930. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.	158

RESUMO

O presente trabalho analisa a experiência da Fábrica de Tecidos Carioba, uma indústria com vila operária, que se desenvolveu no município de Americana, SP, no período de 1902 a 1944. A estabilidade das famílias de trabalhadores foi observada durante esse período, em que a empresa pertenceu a uma família de origem alemã, a Família Müller. Dinamismo na atividade industrial e a construção de uma vila operária em moldes europeus marcaram a atuação dos proprietários. O complexo industrial incluiu também a construção de uma usina hidrelétrica e a verticalização da produção agrícola e industrial. Através da utilização da metodologia da história oral, aliada ao estudo de fontes escritas e imagéticas, buscou-se captar e entender processos de educação formal e informal vivenciados pelos grupos sociais que conviveram no espaço da indústria, representados pelos trabalhadores de diferentes origens e a família proprietária de origem alemã. A educação dos trabalhadores, tanto a escolar, como a desenvolvida nas instituições de que participavam (clubes, biblioteca, banda musical, teatro) e também no aprendizado profissional, voltava-se para a racionalização do trabalho na indústria. A educação da família dos proprietários voltava-se para a manutenção da identidade germânica e o empreendedorismo. Esse estudo contribui para a história da industrialização no interior de São Paulo e das diferentes formas de educação que a acompanharam.

Palavras-chave: industrialização, imigração, vila operária, educação, memória, escola.

ABSTRACT

The present work analyzes the experiment of the woven fabric factory “Carioba”, an industry with a factory workers’ village that was developed in the Municipality of Americana - State of São Paulo (Brazil), in the period between 1902 and 1944. The stability of the workers’ families was observed during this period in which the company belonged to a German origin family, “The Müllers”. The dynamism in the industrial activity based on European patterns sealed the proprietors’ performance. The industrial complex also included a hydro-electric power station and the verticalization of agricultural and industrial production. Through the application of oral History methodology allied to the study of written sources and images, a considerable effort was made in order to capture and understand the processes of formal and informal education that characterized the social groups which experienced the factory workers’ village area. These social groups were represented by the workers from different origins and the German origin proprietor family. The workers’ education was not the one obtained at school but also the one developed in the institutions which they took part (clubs, libraries, musical band, theater) or in the professional learning aimed the rationalization of work in the industry. The proprietor family’ education aimed the effort to maintain German identity and the entrepreneurship. This study brings contributions to the history of industrialization in the countryside of the State of São Paulo and the different forms of education that came along with it.

Key-words: industrialization, immigration, workers’ village, education, memory, school.

1. INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa remonta às fases iniciais da industrialização no interior do estado de São Paulo, com a construção da Fábrica de Tecidos Carioba, em Americana – SP, por um empresário alemão que, possivelmente, se valeu de seus conhecimentos sobre as vilas operárias em seu país de origem.

O objetivo do presente trabalho é analisar a experiência da Fábrica de Tecidos Carioba, uma indústria com vila operária, que se desenvolveu no município de Americana, SP, no período de 1902 a 1944. Através da utilização da metodologia da história oral, aliada ao estudo de fontes escritas e imagéticas, buscou-se captar e entender processos de educação formal e informal vivenciados pelos grupos sociais que conviveram no espaço da indústria, representados pelos trabalhadores de diferentes origens e a família proprietária de origem alemã.

Esclarecer aspectos da importância dessa empresa no contexto da industrialização regional e de sua organização vem ao encontro das colocações feitas pelo professor Szmrecsanyi, em artigo escrito em 1992, no qual levanta hipóteses sobre a presença de empresas de capital alemão no início da industrialização do interior de São Paulo. O autor enfatizava a necessidade de um estudo para comprová-las. Refere-se, especificamente, à empresa Rawlinson, Müller e Cia., uma grande empresa têxtil de capital anglo-germânico, cuja sede se localizava, inicialmente, em Berlim. Na década de 1930, a razão social passou a ser Müller Carioba e Cia., caracterizando-se como uma empresa brasileira (SZMRECSANYI, 1992, p. 321).

A escolha do tema de trabalho se justifica pelo fato de que, em princípios de 1992, a autora foi convidada a participar de uma equipe que, desde 1990, vinha empreendendo esforços em motivar a população da cidade de Americana, sua terra natal, sobre a necessidade de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico remanescente da Fábrica de Tecidos Carioba. A leitura e organização do vasto material bibliográfico já coletado pela equipe sobre a fundação da cidade de Americana e da primeira fábrica de tecidos foi uma das mais gratas tarefas que assumi até o presente. Possibilitou-me o reencontro com minha cidade natal, o entendimento de

seu processo de fundação como uma obra conjunta dos inúmeros grupos que aí aportaram a partir do início do século XIX, iniciando-se com a concessão da sesmaria, o trabalho dos escravos na lavoura canavieira, a chegada dos imigrantes americanos e o cultivo de algodão, a vinda de portugueses empregados na construção da estrada de ferro, os italianos atraídos pela lavoura cafeeira e depois empenhados na construção da primeira igreja católica no nascente povoado, os alemães e o ressurgimento da Fábrica de Tecidos em 1902.

Por outro lado esse estudo reavivou minhas lembranças no plano familiar e pessoal permitindo uma reconstrução dessa memória familiar e dos significados das trajetórias de meus antepassados. Possibilitou, portanto visualizar o relacionamento de meus pais, avós e bisavós, enfim de minha família como uma particularização de iniciativas no processo de construção da cidade.

Aspectos esquecidos das trajetórias de nossos bisavós italianos, avós portugueses e brasileiros naturais de regiões vizinhas, adquiriram uma nova perspectiva. O conhecimento da história de Americana e particularmente da Indústria e Vila Operária Carioba, qual centelha iluminou e motivou minha compreensão sobre a motivação daquelas pessoas para que confluíssem para a localidade no início do século XX, atraídas pelas oportunidades de trabalho propiciadas pela reabertura da empresa. Cumpre portanto ao pesquisador controlar pela reflexão as influências provenientes de sua experiência de vida, tendo sempre presente as colocações de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

“A concentração do interesse do pesquisador em determinados problemas, a perspectiva em que se coloca para formulá-los, a escolha dos instrumentos de coleta e análise do material não são nunca fortuitos”, pois, todo estudioso está sempre engajado de forma profunda e, muitas vezes, inconsciente naquilo que executa (QUEIROZ, 1992, p 13).

Também foi relevante a observação do empenho de inúmeros antigos trabalhadores da vila operária em registrar suas memórias em artigos de jornal, mobilizando companheiros de outrora para as campanhas de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico da Vila Carioba, principalmente do prédio do grupo escolar, que marcara o período de sua escolarização.

Outro aspecto decisivo na escolha do tema foi a importância, a singularidade e a durabilidade dessa experiência de vila operária, que manteve famílias de trabalhadores por quase quatro décadas. Decorrente dessa longa permanência, os operários desenvolveram um conhecimento sobre a atividade têxtil que possibilitou a criatividade e iniciativas

empreendedoras, quando se transferiram para a cidade de Americana após a venda da fábrica, em 1944.

Também constituiu motivação para a pesquisa o fato de que os descendentes da família proprietária, de origem alemã, integraram-se aos esforços para reconstituir a história da empresa, fornecendo material elaborado por integrantes da família e um acervo de imagens construídas ao longo do período em que residiram na Vila Carioba. Entre os textos memorialísticos por eles disponibilizados, um destaca a dramaticidade da destruição da vila operária:

A televisão mostrava os homens martelando a parede das casas operárias e confesso que, a cada martelada, sentia uma dor profunda no coração. Mas, após uma conversa consoladora com meu irmão Peter, o filósofo da família, também cheguei à conclusão que nada neste mundo é para sempre, exceto nossas lembranças. Em situação nenhuma da vida, alguém pode tirá-las de nós. Por isso, guardo essas lembranças maravilhosas dos meus tempos de infância em Carioba (PIETZSCKE, 1982, p. 36).

Essas memórias, que consubstanciavam a noção de “paraíso” atribuída à Vila Carioba, tanto nas versões dos descendentes da família proprietária como nas visões dos trabalhadores, motivaram o desejo de entendê-las no contexto em que foram formuladas.

Para sua apresentação, o trabalho foi esquematizado em cinco capítulos, além da Introdução. O capítulo 2, intitulado “O processo de pesquisa com diferentes fontes” contempla, além das bases teóricas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa, todas as etapas percorridas para cumprimento dos objetivos propostos.

No capítulo 3 - “A Fábrica de Tecidos Carioba e o desenvolvimento industrial no interior paulista”, focalizam-se os processos migratórios que caracterizaram o estado de São Paulo na segunda metade do século XIX, com destaque para a imigração norte-americana para a região, o cultivo do algodão e a fundação da fábrica de tecidos em Carioba, na época pertencente ao município de Campinas.

O capítulo seguinte, denominado “Família Müller: educação, identidade germânica e empreendedorismo” focaliza a trajetória do Comendador Müller, empresário alemão, que reativou a indústria de Carioba, a partir de 1902, e os esforços desenvolvidos pela família para assegurar a educação formal dos filhos na Alemanha, com vistas a direcioná-los para as atividades empresariais e a manutenção da identidade germânica.

No capítulo 5, “A memória do ‘paraíso perdido’: a educação das famílias operárias” discorre-se sobre a educação dos trabalhadores, tanto a escolar como a desenvolvida nas instituições de que participavam (Sociedade Mútuo Socorro, clubes, biblioteca, banda, grupos

teatrais), ligando-os à vila operária no objetivo de prepará-los para a racionalização do trabalho na indústria.

O último capítulo “Anotações finais” destaca o emprego da metodologia da história oral, aliado a suportes escritos e imagéticos, permitindo reconstruir versões histórico-sociológicas pelos grupos que compartilharam a experiência da vila operária Carioba por várias gerações. Assinala o contexto da ruptura do modelo paternalista industrial a partir da década de 1940.

2. O PROCESSO DE PESQUISA COM DIFERENTES FONTES

O método biográfico ou história oral tem se revelado bastante eficiente, não só na ampliação dos conhecimentos sobre um determinado período histórico possibilitando o conhecimento do tempo presente, mas também apreender o passado recente:

... permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela voz daqueles que o viveram. Não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a versão dos agentes. Permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões estas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e os narram (LANG, 2001, p. 96).

O primeiro passo para a realização de um trabalho de história oral é o estabelecimento do projeto com a definição do problema de pesquisa, seguido pelo trabalho de campo com a coleta de relatos orais que devem ser gravados e transcritos. Nas entrevistas procura-se indicar os temas específicos que se espera, sejam abordados pelo depoente, deixando-o discorrer livremente sobre os mesmos. As entrevistas gravadas e transcritas dão origem aos documentos para análise e posterior edição.

Os documentos transcritos necessitam ser contextualizados, pois, dificilmente, bastariam para responder as questões propostas por um tema em estudo. Para a contextualização faz-se necessária a utilização de bibliografia específica que permite situar o problema em estudo e elaborar os passos a serem seguidos na obtenção de dados primários e secundários que irão fundamentar a questão em estudo. As situações de entrevistas, desde que se estabeleça a necessária interação entre pesquisador e entrevistado, são importantes para se obter documentos pessoais, textos memorialísticos, fotos que poderão ser disponibilizadas e se constituírem em material de relevância do tema estudado (LANG, 2001).

Os procedimentos de pesquisa em história oral supõem que a análise acompanhe todo o desenvolvimento da pesquisa, possibilitando a construção progressivamente à representação do objeto sociológico, conforme observado por Bertaux (1980):

... nela se investe um máximo de reflexão sociológica e um mínimo de procedimentos técnicos. É na escolha dos informantes, na transformação do questionamento de um informante a outro (ao contrário do questionário padrão), no hábito de descobrir indícios de processos até então não percebidos e de organizar os elementos de informação em uma representação coerente, que se mostra a qualidade da análise, quando a representação se estabiliza, a análise está terminada (BERTAUX, 1980).

Destacando a importância da análise, Maria Isaura Pereira de Queiroz caracteriza-a como o elemento primordial de toda pesquisa:

E análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca. Assim, diante dessas considerações, o escrúpulo em relação aos recortes das histórias orais e a utilização parcial se afigura nitidamente como um falso problema (QUEIROZ, 1988, p. 19).

Em suas considerações sobre o método biográfico, Olga R. M. von Simson coloca:

O método biográfico é utilizado em pesquisas de reconstrução histórico-sociológica com a preocupação de captar e entender as visões de mundo, aspirações e utopias elaboradas por diferentes estratos ou grupos sociais neles envolvidos e os mecanismos de veiculação das mesmas, primeiramente entre os membros do próprio grupo estudado e depois, alargando seu raio de influência, para atingir outros agrupamentos da sociedade. Outra preocupação dessa modalidade de pesquisa seria a de entender as formas de transmissão dessas visões de mundo e utopias de geração para geração, não só dentro de um mesmo agrupamento social, mas também na sociedade mais ampla (SIMSON, 1996, p. 23).

Na década de 1920, Maurice Halbwachs, em seus estudos considerou a memória como um fenômeno coletivo e social, sujeito a flutuações, transformações e mudanças constantes. Toda consideração de memória pressupõe a restauração de uma história individual e coletiva, de trajetórias de vida que só se singularizam ao se cristalizarem em experiências particulares, mas cujo significado último remanesce nos percursos socialmente compartilhados, no caráter simbólico da linguagem, na necessária dimensão social da experiência (HALBWACHS, 1950).

Em outros termos, a capacidade de reconstrução própria da memória pressupõe sempre a transformação do passado sob a visão do presente, uma vez que os percursos pessoais e coletivos são continuamente recompostos. “É sempre o sujeito que lembra, é ele que significa o que foi anteriormente significado, recriando um tecido imaginário” (ARRUDA, 2000, p. 30).

Pollak (1992) destaca que, na maioria das memórias, existem pontos relativamente invariantes e imutáveis, considerados seus elementos constitutivos, os quais podem ser assim exemplificados:

- a) em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente;
- b) em segundo lugar, os acontecimentos vividos “por tabela”, isto é, vividos pelo grupo ou pela coletividade ao qual a pessoa se sente pertencer.

A memória é constituída por pessoas e personagens. Quanto aos personagens, foram encontrados nas experiências vividas ou são personagens referenciados “por tabela”.

Outros elementos constitutivos da memória são os lugares, aqueles especificamente relacionados às lembranças pessoais ou aqueles não necessariamente apoiados no tempo cronológico, podendo explicitar lembranças de lugares visitados por outros componentes do grupo ou lugares de origem da família.

Há diferenças entre as memórias de homens e de mulheres. As memórias de mulheres traduzem com clareza a vida familiar, as datas de nascimento dos filhos, de parentes, havendo claras imprecisões sobre acontecimentos políticos e datas relacionadas a estes.

A memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo é registrado. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Se a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, sendo este tomado no sentido da constituição de uma imagem de si, para si e para outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Pollak também considera que o sentimento de identidade é explicitado através da imagem que o indivíduo forma no percurso da vida, referente a si próprio; a imagem que ele constrói e representa aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como o indivíduo quer ser percebido pelos outros.

Na construção da identidade consideram-se três elementos essenciais: o corpo da pessoa ou os limites de pertencimento a um grupo; o coletivo; que tem continuidade no tempo, no sentido físico da palavra; no sentido moral ou psicológico; o sentimento de coerência que dá unidade aos vários elementos que formam um indivíduo.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução própria. A construção de identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade e admissibilidade,

de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p. 207).

Por identidades coletivas, Pollak considera “todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de continuidade e de coerência” (POLLAK, 1992, p. 207).

A coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa.

“É na comunidade familiar que se expressa a forma mais pura da relação de natureza afetiva” (WEBER, 1969, p. 33). Completando o pensamento de Weber, pode-se considerar as colocações de Tonnies:

É no âmbito familiar que os vínculos são estabelecidos desde a origem, criando elos de caráter recíproco, instituindo relações comuns: desejos, hábitos, lembranças de objetos circundantes que foram ou se tornaram agradáveis; lembranças de pessoas íntimas, prestativas e queridas, como o pai caso ele viva na casa, ou os irmãos e irmãs, da mãe ou do filho etc. (TONNIES, 1995 p.235).

Para Demartini (2003), as memórias na educação consistiriam nas memórias que acompanham todo o processo de aprendizagem desenvolvida ao longo da vida dos indivíduos, em casa, no trabalho, na escola, através dos meios de comunicação de massa, em associações etc. As memórias, nesse caso, poderiam envolver diferentes situações de aprendizagem, tais como: a educação escolar, a educação informal e a não formal, incluir diferentes personagens ligados ao processo educativo (professores, administradores, treinadores, colegas, amigos) em lugares também variados (casas, escolas, fábricas, brincadeiras e movimentos sociais).

Demartini e Lang (1983, p. 17-18) distinguem três dimensões na educação:

- Educação formal ou escolar: aquela que se realiza através de agências tecnicamente orientadas para este fim, as escolas.
- Educação não formal ou extra-escolar: qualquer atividade educacional organizada e sistemática, fora do sistema formal de ensino, voltada para clientela mais ampla que a dos jovens, e visando fornecer tipos selecionados de conhecimentos a grupos particulares da população.

- Educação informal ou difusa: corresponde ao processo de socialização que se realiza ao longo de toda vida, em casa, no trabalho, no lazer ou por outras vias que não são especificamente organizadas, para propósitos de aprendizado.

Para a recuperação das memórias, o pesquisador pode se valer dos relatos orais, captados conforme os procedimentos resumidos no início desse capítulo ou, ainda, considerando o aproveitamento de biografias ou textos memorialísticos, como foi preconizado por Maria Isaura Pereira de Queiroz:

Neste caso, o aproveitamento da biografia ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operantes as reações do indivíduo com o seu grupo, com a sua sociedade. Não se trata de considerá-lo isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade: o que se quer é captar através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que se participa (QUEIROZ, 1988, p. 24).

O assunto é retomado por Martins (1998) que considera autobiografias e literatura de cunho autobiográfico como memórias escritas. “Na realidade compreendem depoimentos pessoais que mostram como cada indivíduo reage sob condições sociais e/ou técnicas adversas e permitem verificar como surgem e se desenrolam os processos sociais” (MARTINS, 1998). Na visão de Kosminsky (2001), este tipo de literatura constitui uma fonte rica de informações para os estudos de imigração e deve ser combinado com outros materiais, tais como histórias de vida e dados históricos.

Ainda sobre textos memorialísticos, Marina Maluf esclarece que nestes, “o olhar do narrador está menos voltado para a vivência interior do que para a exterioridade dos fatos e dos acontecimentos. Seu interesse se aloja no âmbito dos eventos e é daí que retira e guarda lembranças significativas” (MALUF, 1995, p. 47).

Quando se consideram os processos de imigração e o destino das pessoas envolvidas nesses movimentos nos países receptivos, emergem duas ordens de problemas, conforme foi colocado por Boris Fausto (1991 p. 14): os ligados à mobilidade social, por um lado; e, por outro lado, os ligados à integração social, cultural e política dos indivíduos que podem ser captados através de fontes, como a correspondência entre imigrantes e seus familiares no país de origem ou o depoimento dos velhos.

No caso dos imigrantes, a vivência da condição de estrangeiro, da inserção em terras estranhas, reforçam a necessidade de refazer as identidades, pois envolvem não apenas o quadro material, mas também como Hall indicou a natureza da vida sócio-cultural, as relações pessoais, o estranhamento (ARRUDA, 2000, p. 52).

Frisando a importância do estudo do cotidiano dos grupos familiares, Lang (1997) se reporta aos enunciados de Lefèbvre, nos quais o estudo do cotidiano é uma possibilidade para, através desta realidade parcial da vida social, apreender o conjunto da sociedade. “A cotidianidade, realidade parcial deve ser vista como um fio condutor para conhecer a sociedade, situar o cotidiano no global (LEFÈBVRE, 1968)

A vida cotidiana não constitui uma dimensão facilmente atingida por uma pesquisa, especialmente em se tratando de tempos remotos. Entretanto, a correspondência revelou-se uma fonte extraordinariamente rica para o estudo da vida cotidiana da família, do relacionamento dentro do próprio núcleo familiar doméstico, do relacionamento com a família extensa e com o círculo social mais amplo; mostra os fatos como estavam sendo vividos, reportando-se ao dia a dia. (LANG, 1997, p. 40).

A par do estudo do cotidiano das famílias se coloca o estudo da genealogia como fonte de informações, conforme assinala Brioschi (2001):

As genealogias, expressão mais acabada do capital social das famílias dominantes, prestam-se ao conhecimento de estruturas familiares do passado, sob dois aspectos principais: por um lado fornecem informações com possibilidades de aproveitamento nos campos da demografia (estatísticas visuais), da sociologia e antropologia (escolhas matrimoniais, migrações etc.) e por outro lado permitem a identificação do modelo de família veiculado, ou seja, a representação dominante da família (BRIOSCHI, 2001, p. 157).

Outro suporte empírico para a metodologia da história oral é representado pela fotografia. “A ideologia das fotos e as representações do informante oferecem elementos para a localização do real” (CAMPOS, 1999, p. 84).

A interpretação da foto feita pelo pesquisador ultrapassa o quadro definido pela câmara fotográfica. “Após a identificação do conteúdo da fotografia é preciso deduzir o que não se vê, em torno daquilo que se está vendo” (LEITE, 1986, p.1489). Analisando a contribuição da fotografia no campo da história oral, Lucena enfatiza: “tomada como auxílio para reavivar lembranças, a fotografia fez o elo entre os dois espaços pesquisados, entre o passado e o presente (LUCENA, 2001, p. 117)”.

A partir dos pressupostos teóricos colocados, faz-se necessário um relato das etapas preliminares que motivaram a realização da presente pesquisa enfocando a indústria e a vila operária Carioba.

O processo foi iniciado em 1992, com a participação da autora na equipe de estudos sobre a história de Americana, que enfatizava a necessidade de preservação do patrimônio histórico e

arquitetônico remanescente da Fábrica de Tecidos Carioba. O objetivo dos estudos era desenvolver ações junto à população para dar visibilidade a esse patrimônio como marco da industrialização têxtil da região, esclarecendo sua importância na própria fundação na cidade de Americana.

Em julho do mesmo ano, a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Americana patrocinou a realização de um seminário sobre “Memória e Cidadania”. Buscava-se discutir a preservação do patrimônio da Fábrica de Tecidos Carioba, pertencente ao poder público e em processo de degradação. Nesta ocasião foram enfatizados exemplos de atuação nessa área, desenvolvidos pelos órgãos públicos municipais de Ribeirão Preto, Piracicaba, Salto e Amparo. A par do relato dessas experiências, buscou-se a orientação teórica do Centro de Memória da Unicamp (CMU), que se fez presente na pessoa da professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Contou-se também no evento com as participações das professoras Cristina Schmidt da Silva, da Unimep de Piracicaba e da professora Maria Auxiliadora Guzzo de Decca, da PUC-São Paulo. Iniciava-se um profícuo contato com o CMU, que ensejou a participação em grupos de estudos sobre imigração, com a orientação dos professores Roberto do Amaral Lapa e Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

A pesquisadora também foi responsável pela organização de três cursos voltados para os professores da rede pública e particular de ensino fundamental e viabilizados pela Secretaria de Educação e Cultura de Americana. Os cursos focalizaram a história da cidade, os movimentos migratórios, o cultivo do algodão, o início da industrialização, com a fundação da Fábrica de Tecidos Carioba, além dos aspectos geográficos da região, da preservação do meio ambiente e da literatura, com a discussão do romance Til, de José de Alencar, o qual se reportou à localidade de Americana em seus primórdios.

Muitos professores participantes eram descendentes de antigos operários da Fábrica de Tecidos Carioba e tiveram oportunidade de relatar as lembranças de seus pais e avós sobre o bairro, sugerindo que a exposição fotográfica, organizada para o curso, fosse montada nos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), localizados em quatro bairros de Americana. Nessa ocasião também foi feito contato com pessoas que haviam trabalhado em Carioba e sentiam-se orgulhosas em serem identificadas como cariobenses. Entre estes, foram recrutados alguns dos entrevistados.

No início de 1993, a Secretaria de Educação e Cultura de Americana iniciou o projeto denominado “Raízes”, no qual a pesquisadora participou da formulação. O projeto abrangia visitas monitoradas de professores e estudantes da rede pública e particular de ensino de Americana e das cidades vizinhas, tais como Nova Odessa, Sumaré e Santa Bárbara D’Oeste, aos locais considerados marcos históricos na constituição da cidade de Americana. O projeto estendeu-se para alunos de curso superior, especialmente os de Turismo, interessados em conhecer a história e atrativos locais com potencial turístico.

Em outubro de 1993 foi realizado um segundo seminário, também com a participação da pesquisadora, já ocupando as dependências de um dos antigos prédios residenciais construído na antiga Vila Carioba, conhecido como “Casa Hermann”, atual sede da Casa de Cultura de Americana.

A ênfase desse seminário baseou-se na importância da história regional, que contou com a participação de pesquisadores de Campinas, de Sumaré e de Santa Bárbara D’Oeste, os quais apresentaram trabalhos sobre a história de seus municípios.

Em outra sessão do evento promoveu-se um diálogo de gerações entre antigos moradores de Carioba, a historiadora Judith Mc Knight Jones e um grupo de crianças de várias escolas locais. O interesse das crianças pela fala dessas pessoas idosas e o grande número de perguntas formuladas exemplificaram a importância que esses guardiões da memória assumem quando têm oportunidade de relatar suas vivências.

Em 1994, retomou-se o contato com o CMU, através da professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson, que organizou um Grupo de Estudos de Imigração congregando pesquisadores de várias localidades. As reuniões e seminários promovidos por este grupo forneceram embasamento teórico e um campo de discussões para a compreensão do fenômeno migratório. A partir do ingresso da pesquisadora no curso de Doutorado da Faculdade de Educação da Unicamp, o trabalho de pesquisa foi direcionado para a recuperação da memória dos grupos que compartilharam a experiência da vila operária e dos aspectos da educação formal, informal e difusa por eles vivenciados.

2.1 O trabalho com diferentes arquivos de dados secundários

O levantamento bibliográfico, correspondente aos dados secundários, envolveu pesquisa acerca de assuntos relevantes ao tema da tese em livros, artigos publicados em revistas, relatórios e jornais. Os tópicos abordados foram paternalismo industrial, incluindo material a respeito das vilas operárias na Inglaterra, EUA, no Brasil (RJ, SP, MG, PE); a sociedade industrial, com ênfase no Brasil; a educação nas vilas operárias, concernente à educação formal e não-formal voltada para as condições ali existentes.

Para tanto foram consultados os acervos dos seguintes órgãos:

- Biblioteca Municipal de Americana
- Jornal “O Liberal”, de Americana, referentes às décadas de 1970 e 1980, envolvendo o processo de desativação de Carioba.
- Jornal “O Município”, de Americana, especificamente do ano de 1937.
- Revista “Almanaque de Campinas” – décadas de 1910 e 1920.
- Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, especialmente os processos aí existentes, envolvendo documento de locação de escravos e o processo de execução movido pelo Banco do Brasil contra a Fábrica de Tecidos Carioba, datado de 1898.
- Instituto Martius Staden de São Paulo, para pesquisa de dados sobre empreendimentos de alemães no Brasil nos séculos XIX e XX.
- Relatórios da Associação de Escolas Alemãs.
- Processo de Defesa da firma Rawlinson, Müller & Cia perante a Associação Comercial e Industrial de São Paulo, ano de 1918.
- Relatórios da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, no período de 1900 a 1920.
- Relatório da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, referente à Campanha de Profilaxia do Impaludismo, ano de 1918.

A compilação nos diferentes arquivos possibilitou o embasamento de um quadro detalhado de informações sobre a Vila Carioba, concernentes à indústria, aos operários, à educação, à ocupação do espaço, à saúde e ao lazer.

2.2 A realização de entrevistas e coleta de documentos pessoais

A realização de entrevistas foi precedida pela elaboração de roteiros, para coleta dos relatos orais dos antigos operários da Vila Carioba e seus descendentes, na tentativa de se escrever a história oral dessa comunidade. Também foram utilizados textos memorialísticos, quais sejam, da família Müller, escritas por Margarete Müller von der Leyen, Brigitte von der Leyen Pietzschke, Edwig Bormann Müller Carioba e Horst Müller Carioba; as publicações de Hercule Giordano (1986 e 2004) e as de Antônio Bertalia (1999).

O desenvolvimento do trabalho de campo baseou-se em procedimentos de pesquisa qualitativa de reconstrução da memória dos grupos envolvidos apoiada em diferentes suportes, com vistas a traçar o quadro histórico sociológico vivenciado por moradores da Vila Carioba e Americana. Para tanto, selecionou-se uma amostra de 23 depoentes, que se prontificaram a relatar suas memórias (Quadro 1).

Em 1992 foram coletados os depoimentos das senhoras Lourdes Colla e Maria do Carmo Chiaravalotti, que foram transcritos, porém, não pôde ser retomado o contato para gravar entrevistas, por motivo de mudança de ambas para outras cidades.

A gravação dos relatos dos demais depoentes desenvolveu-se no período de 1995 a 1996, com duração média de uma hora e meia. Tais gravações foram transcritas e organizadas por tema.

Os entrevistados estavam na faixa dos 72 a 80 anos nas datas das entrevistas; apenas o Sr. José Chiquinho contava com a idade de 96 anos, tendo residido na Vila Carioba na primeira década do século 20; também a Sra. Julia Braga Pupo estava com a idade de 90 anos por ocasião da entrevista.

Os contatos com os descendentes da família Müller foram propiciados pela participação na organização do seminário “Memória e Cidadania”, realizado em Americana, no ano de 1992, como iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura. O passo seguinte foi procurar o Sr. Horst Müller Carioba, residente em São Paulo e lhe explicar os objetivos do trabalho. Este, com a solicitude e gentileza que lhe eram peculiares, doou cópias de inúmeras fotos da Vila Carioba e da Família Müller e também um filme rodado nos anos 30. Prontificou-se a indicar outros membros da família, como seu irmão Joaquim Müller Carioba e sua prima Brigitte von der Leyen Pietzschke.

As fitas e transcrições das mesmas foram doadas ao acervo da Secretaria de Cultura de Americana

Quadro 1 - Lista de entrevistados e vínculo com a Vila Carioba.

Representação	Nome	Idade no momento da entrevista	Ano da entrevista
Família Müller – os três primeiros, netos e o último, bisneto do Comendador Müller	Brigitte von der Leyen Pietzschke	77	1995
	Dieter Werner Plaas	62	1995
	Horst Müller Carioba	72	1995
	Joaquim Müller Carioba	85	1995
Ex-operários da fábrica	Antônio Bertalia	73	1995
	Hercule Giordano	72	1995
	Itabajara Fonseca	72	1995
	Joaquim Rocha	78	1995
	Julia Braga Pupo	90	1996
	Zulmira Severino	72	1996
Ex-moradores de Carioba	José Chiquinho	94	1996
	Lourdes Colla	72	1992
Trabalhadores da Fazenda Salto Grande	Ângelo Stradiotto	78	1995
	José Olivatto	88	1995
	Otávio Olivatto	82	1995
	Rosa Piloto	80	1995
	Tereza Kokol	73	1995
Residentes em Americana, ligados aos moradores da vila operária, por parentesco ou amizade, que participavam de festas e competições em Carioba	Jaime Feola	82	1996
	Jessir Bianco	73	1995
	Laudelino Bassetto	82	1995
	Maria do Carmo Chiaravalotti	48	1992
	Onofre Boer	83	1994
	Paschoal Ardito	73	1995

A senhora Brigitte forneceu uma cópia de seu livro de memórias, intitulado “Carioba”, no qual reuniu suas lembranças de infância e a construção e desenvolvimento da vila operária fundada por seu avô, o Comendador Müller.

O Sr. Horst relatou, ainda, que estava organizando um texto sobre a história da família Müller, desde o século XVII, enquanto moradores da cidade alemã de Braunschweig ou Brunswick na tradução inglesa. Contava, para isso, com as pesquisas sobre a crônica da família Müller, realizada por seu tio Erich, que viveu na Alemanha do final do século XIX até 1919. Este

texto seria apresentado na reunião da família Müller, programada para 1992 em Americana, na Fazenda Machadinho, propriedade de seu primo em segundo grau, Sr. Dieter Werner Plaas, único descendente da família residente nessa cidade. Tão logo editou o texto denominado “Histórias da Família Müller”, o Sr. Horst nos enviou uma cópia e, em 1995, nos concedeu uma entrevista para gravação de seus relatos.

Da mesma forma procederam o Sr. Joaquim, a Sra. Brigitte e o Sr. Dieter Werner Plaas. Este disponibilizou um conjunto de fotos sobre a Fazenda Salto Grande, na qual seu pai, casado com Ingebord von der Leyen, neta do comendador Müller, exerceu a função de administrador no período de 1930 até a venda de Carioba e Salto Grande em 1944. Seus relatos foram orientados pelas fotos com relação às memórias de sua infância naquela propriedade.

Outro fato verificado no decorrer da pesquisa foi o contato da equipe de pesquisadores com ex-moradores de Carioba, que visitaram as exposições sobre o bairro nos CIEPs dos bairros Zanaga e São Vito. No primeiro, a Sra. Zulmira Severino se apresentou como antiga operária da Carioba e foi marcada uma posterior entrevista. O Sr. Joaquim Rocha também procurou os pesquisadores, pois queria falar “sobre o tempo que os escravos trabalharam na Carioba, antes da época dos Müller”.

Da sistematização que fizeram de seus relatos durante as entrevistas, os senhores Antônio Bertalia e Hercule Giordano vislumbraram a necessidade de escrever suas memórias. A concretização desses projetos constitui um importante legado para as gerações futuras, com a publicação de “Recordações de Carioba”, de autoria de Antônio Bertalia (1999), e “Minhas Memórias”, cujo autor é o incansável cariobense Hercule Giordano (2004).

Também foi feita a compilação dos textos memorialísticos escritos pelo Sr. Hercule Giordano, publicados no jornal “O Liberal”, da cidade de Americana, no ano de 1986. Do total de 28 artigos intitulados “Carioba: todos contribuíram para o seu desenvolvimento”, o Sr. Hercule arrolou, após exaustivas pesquisas, as famílias que habitaram Carioba e Salto Grande, no período da administração Müller. Mais que mencionar seus nomes, o antigo morador de Carioba localizou a casa de cada uma das famílias arroladas, reconstruindo um mapa mental das residências da Carioba e seus respectivos ocupantes.

As situações em que os depoentes nos transmitiam seus relatos envolveram emoção e tristeza. Cabe registrar aqui o relato emocionado de uma depoente, lembrando o trabalho de seu marido na tecelagem, na qual era encarregado da distribuição da matéria-prima para as pequenas

indústrias de Americana: o trabalho de feição, as formas como ele distribuía o serviço nas épocas de crise, de maneira que nenhuma delas ficasse parada. Depois da morte de seu marido, as coisas mudaram e a empresa estava passando por uma séria crise, no ano de 1995. Tal foi a emoção contida em sua narrativa que procuramos encaminhar a entrevista para outros temas, no caso a educação dos filhos, de modo a contornar essa situação aflitiva.

Em 1998, o Sr. Horst Müller Carioba disponibilizou dois textos memorialísticos escritos por sua tia Margarete Müller von der Leyen: volume I - Bruno e Margarete von der Leyen-Antepassados, editado em 1955; volume II - Minha Infância (1890 – 1908), editado em 1995, ambos traduzidos do alemão por Bárbara Naschold. Um terceiro volume sobre a vida de Margarete para o período de 1927 a 1930 foi escrito e organizado por sua filha Brigitte von der Leyen Pietzschke, que traduziu as cartas trocadas entre sua mãe e sua avó, que compõem o texto intitulado “Honnef às margens do Reno”, editado em 1983.

O Sr. Horst também forneceu uma cópia da genealogia com as gerações brasileiras da família Müller Carioba, atualizadas até 1992, bem como um exemplar de “A vida de Erich”, escrito por sua esposa Hedwig Bormann Müller Carioba, copiado da “Crônica da família Müller” e traduzido por ele em 1994.

Em junho de 2005, a Sra. Maria Dulce Müller Carioba Sigrist, sobrinha do Sr. Horst, disponibilizou um quarto volume intitulado “Bruno e Margarete 1910 – 1918”, com tradução de Bárbara Naschold, editado em 1994.

2.3 A constituição do acervo imagético

As situações de entrevista também constituíram oportunidades para os depoentes disponibilizarem antigas fotos do bairro focalizando a escola, a família e o lazer. As fotos foram encaminhadas à Secretaria de Cultura de Americana, copiadas e restituídas aos seus proprietários. Integram, hoje, o acervo imagético da instituição. O acervo imagético é constituído por fotografias, mapas e filmes da época da Fábrica de Tecidos Carioba.

As fotografias consultadas e ou reproduzidas na presente tese foram obtidas de várias fontes:

- a) coleção de fotos da família Müller, que foram doadas para a pesquisa e incorporadas ao acervo da Secretaria da Cultura de Americana.
- b) cedidas por entrevistados
- c) acervo de famílias relacionadas com os proprietários de Carioba
- d) obtidas através de parentes de antigos moradores de Carioba
- e) Arquivo Edgard Lewenrouth, referente às fotos da Indústria de Carioba e Fazenda Salto Grande.

Foram incluídos no acervo imagético os seguintes mapas:

- 1. Mapa da Sesmaria que deu origem ao território de Americana – doação do Sr. Jessir Bianco, de Americana.
- 2. Mapa do município de Americana, de 1934, obtido no Instituto Geológico.
- 3. Mapas da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo – ano de 1924.
- 4. Mapa do traçado da Cia Paulista de Estrada de Ferro, onde aparece a Estação de Santa Bárbara, fundada no ano de 1875, obtido no Museu da Cia. Paulista, em Jundiaí.
- 5. Mapa da Fábrica de Tecidos Carioba Rawlinson, Müller & Cia – ano de 1918, acervo da família Hafers, residente em Limeira, SP.

Os dois filmes que compõem o acervo imagético são:

- 1. cedido pela família Müller
- 2. produzido por Umberto Paine, doado por sua esposa, Sra. Dirce Paine e, posteriormente, incorporado ao acervo da Secretaria da Cultura de Americana.

Um resultado da presente tese foi a inserção dos antigos moradores na catalogação das residências, tendo como base os artigos publicados pelo Sr. Hercule Giordano, conforme referido anteriormente.

A pesquisa também resultou na catalogação das fotos doadas ao Arquivo Edgar Leuenrouth, da Unicamp, pelo Senhor Joaquim Müller Carioba, em conjunto com pesquisadoras daquela instituição. O acervo é constituído por fotos da Fazenda Salto Grande e das várias seções da Fábrica de Tecidos Carioba.

Este trabalho mostrou como o pesquisador pode auxiliar a Universidade na organização de seu acervo, pelo conhecimento reunido sobre aspectos específicos de seu tema de estudo. No caso da presente pesquisa pôde-se colaborar na organização das fotos da Fazenda Salto Grande, identificando as fases de preparo e cultivo da terra para plantio do algodão, o trabalho de beneficiamento e enfardamento do produto. Sobre as fotos da Fábrica de Tecidos Carioba, foi possível a identificação de suas diversas seções, tais como: fiação, encanatórios, urdideiras, tecelagem, tinturaria e embalagem do produto. Também foi feita uma localização das construções da vila operária e a identificação das datas das fotos.

2.3.1 O acervo imagético da família Müller

Membros da família Müller sistematizaram um acervo imagético com fotos organizadas cronologicamente mostrando as atividades de instalação da Fábrica de Tecidos Carioba em suas várias fases de expansão.

Ao conjunto de imagens juntou-se uma planta dos prédios da indústria desenhada em 1904 com a descrição de cada seção da produção tanto da fiação como da tecelagem e tinturaria. As imagens retratam também as casas da vila operária, as casas dos proprietários, o prédio da escola, a praça, as famílias de operários em frente à fábrica. A instalação da hidrelétrica na Fazenda Salto Grande concluída em 1911 é retratada em sua fase de construção com operários trabalhando na construção da barragem e dos prédios da Usina. Nessa fase foram feitos registros imagéticos da Fazenda Salto Grande com suas colônias de trabalhadores, preparo da terra, máquinas, cultivo e colheita do algodão, as máquinas para benefício e o meio de transporte utilizado para colocar a matéria-prima na fiação da Carioba. Essas imagens se referem às décadas de 1900 e 1910. As imagens da década de 1920 mostram registros da solenidade de inauguração do busto em homenagem ao Comendador Müller, falecido em 1920, erigido por iniciativa dos operários da empresa.

Outros registros fotográficos assinalam novas fases de expansão da indústria e a construção da hidrelétrica às margens do Rio Quilombo, próximo à fábrica. O bairro surge então nessas imagens no apogeu de seu desenvolvimento urbano com o asfaltamento das ruas em meados da década de 1930, mostram o complexo industrial, as casas de comércio, hotel, clube, as

moradias dos funcionários mais graduados, a escola ampliada, o paisagismo desenvolvido em toda a Vila Industrial.

Por outro lado, as fotos da família assinalavam momentos de reencontro dos filhos que estudavam na Alemanha com os pais e irmãos menores que ficavam no Brasil. Margarete inseriu as fotos da família em textos memorialísticos, assinalando em legendas explicativas as datas e os locais onde foram feitas e os nomes das pessoas retratadas.

O filme disponibilizado, rodado na década de 1930, mostra um jogo de futebol do time de Carioba, com ampla participação dos moradores; a banda musical; as ruas da Vila Carioba; cenas da família Müller em sua residência; exhibições de malabarismo pelos filhos de um dos proprietários da Fábrica Carioba.

2.4 Textos memorialísticos

2.4.1 Textos memorialísticos de Margarete Müller von der Leyen e Brigitte von der Leyen Pietzschke

Os textos memorialísticos escritos por Margarete Müller von der Leyen reuniram cartas escritas por seu pai Franz Müller à esposa Albertina, as cartas de Albertina ao marido, as cartas de Albertina a sua cunhada Hermine, as respostas de Hermine a Albertina, as cartas escritas por Margarete ao irmão Erich, as cartas de Erich a ela e a correspondência de seu marido Bruno von der Leyen para ela e para os pais e os irmãos dele.

Margarete orientou suas memórias pela cronologia das correspondências, focalizando a vida familiar no Brasil e na Alemanha e a importância dos contatos intra-étnicos. Em todo o texto há menções aos lugares em que viveu na Alemanha, as cidades de Brunswick e Dresden, ou os lugares onde foi passear: Berlim, Bonn e Möers, com detalhadas descrições sobre as paisagens, os edifícios, a organização dessas cidades, entretanto não fez nenhuma descrição sobre a cidade de São Paulo onde viveu vários anos, apenas menciona idas a São Paulo para aulas de piano, compras e frequência a teatros, concertos musicais e óperas. Não menciona nenhum brasileiro com que tivesse amizade, a única pessoa mencionada na Vila Americana foi o Sr. Sebastião Antas de Abreu, português de nascimento, em cuja residência, situada em frente à estação, sua

família aguardava o trem ouvindo músicas em um enorme realejo ali existente (LEYEN, 1995, p. 69).

As memórias de Margarete se iniciam com considerações sobre livros que marcaram sua juventude, como as memórias de Humberto de Campos, e expressam o desejo de transmitir a seus filhos, netos, parentes e interessados, a memória de sua família. Relembra perguntas de seus familiares:

- Como Margarete sabe tantas coisas? Responde dizendo que sempre guardou documentos, cartas, fotografias, recortes de jornal, além de ter uma boa memória.

Na velhice, sua tarefa foi organizar esse material. Este seu objetivo maior foi orientado pela preocupação de como seus filhos iriam organizá-los após sua morte. Aqueles papéis amarelecidos funcionaram como muletas da memória, tinham para ela o significado de permitir relembrar os tempos felizes de sua infância, juventude e os anos de casada até a morte prematura de seu amado marido. Das lembranças da união familiar, da afeição entre seus pais e do afetuoso relacionamento com seus irmãos extraía forças para enfrentar os anos de viuvez e solidão. Cada objeto, fotos, pequenos bibelôs evocavam lembranças e com estas ressurgiam os lugares visitados, os meios de transporte utilizados na época. A par destes suportes físicos os intangíveis como o apito da fábrica, o borbulhar da cascata próxima à casa, o cheiro das matas e da terra após uma chuva de verão auxiliavam a recompor o cenário de sua infância e mocidade.,

O objetivo de Margarete era a reconstituição da memória de sua família pela importância que esta assumiu no desenvolvimento da industrialização em Americana – SP. Seus textos são dirigidos, principalmente, às novas gerações da família Müller, para transmitir-lhes o conhecimento dos feitos de seus antepassados e para a formação moral que deveriam ter, baseada na união familiar, da qual seus pais foram um exemplo. As memórias de sua infância e juventude são absolutamente centradas no âmbito familiar, na escolaridade dela própria e dos irmãos, nos estudos de música, de línguas, enfim, do preparo de uma jovem da elite para assumir as funções que lhe seriam reservadas no gerenciamento da casa na educação dos filhos e como anfitriã.

As memórias de sua vida após o casamento, referentes ao período de 1910 a 1918, traduzem a vida familiar e seu estilo de vida; o grande número de empregados domésticos que incluía até um mordomo. Faz comentários para acompanhar os assuntos tratados por seu marido nas cartas que este escrevia a sua mãe na Alemanha ou ao seu irmão que vivia em São Paulo. Pela primeira vez, menciona uma doença, a malária, que afetou não só os membros da família,

mas também os operários que viviam em Carioba, relatando que era comum ver pessoas acometidas de ataques da moléstia ao passar de carro pelas ruas do bairro. Explica em detalhes as medidas profiláticas adotadas por ela e seus familiares e os cuidados com os filhos pequenos para protegê-los da moléstia. Outra medida foi a contratação, por seu pai, de um médico especializado no combate à epidemia para assistir aos doentes em Carioba.

Comenta a falta de notícias e a impossibilidade de se comunicar com os membros de sua família que estavam na Alemanha durante o período da Primeira Guerra Mundial. A falta da matéria-prima, a seda importada da Itália, comprometia o funcionamento da empresa fundada em 1911 por seu marido. Outro aspecto abordado foi a insubordinação dos operários suíços e a partida inesperada dos mesmos, deixando a fábrica de seda sem funcionários, por causa de uma proposta de trabalho melhor em Petrópolis – RJ(1912). A única menção que faz a passeios fora de Carioba são as férias com a família no Balneário do Guarujá.

Brigitte von der Leyen Pietzschke também organizou as cartas de sua mãe à avó Albertina, escritas durante o período de 1927 a 1929, em que viveram em Honnef, na Alemanha. Fez comentários sobre os assuntos tratados e estabeleceu comparações entre a vida que tinham em Carioba, que qualificou como paraíso, e a vida de dificuldades na Alemanha. Falou sobre a escolaridade dela própria e de seus cinco irmãos, de suas brincadeiras e novas amizades. Finalizou com o regresso da família ao Brasil e os irmãos dispersados para continuarem os estudos em São Paulo; os mais novos regressaram a Carioba juntamente com a mãe e integraram, com os primos mais novos, uma classe onde aprendiam com professores particulares, sendo o ensino ministrado em alemão (PIETZSCHKE, 1982).

Outro texto escrito por Brigitte, intitulado “Carioba”, foi elaborado a partir do momento que teve notícia, pela televisão, da destruição da Vila Carioba. A autora se empenhou em relatar a memória de sua família e sua importância para o início da industrialização da cidade de Americana com a fundação da Vila Carioba. Destacou o papel do avô, Comendador Franz Müller, que instituiu um sistema patriarcal no relacionamento com os operários da fábrica, o papel do pai, Bruno von der Leyen, que lá fundou, no ano de 1911, uma fábrica de fitas de seda.

Também mencionou a forma de escolaridade que ela e os primos tinham com a criação de uma escola alemã em Carioba; a construção das casas de seus tios e de seus pais, denominadas com os nomes dos proprietários, e o refúgio construído pelo pai onde, nos finais de semana, permanecia sozinho para executar seus trabalhos de desenho e pintura. Neste local, sua mãe,

posteriormente à venda da indústria da Carioba, construiu uma grande e confortável residência no mesmo estilo das construções de Carioba, denominada Casa das Casuarinas. Brigitte também desenhou esta casa, destacando-a como o ponto de reunião de filhos e netos de Margarete nos finais de semana e festas, ocasiões em que podiam desfrutar da companhia da mãe e onde viveram dias inesquecivelmente alegres, marcados por sua presença e personalidade. Todos os relatos de Brigitte são ilustrados com desenhos de sua autoria, retratando os locais mencionados. Através dos desenhos se pode verificar a semelhança na arquitetura das casas edificadas em Carioba pelo Comendador Müller e seus filhos, com as casas da cidade alemã de Honnef, onde Brigitte residiu de 1927 à 1930.

2.4.2 Textos memorialísticos de antigos moradores da Vila Carioba

Os textos memorialísticos escritos pelo Sr. Antônio Bertalia e Hercule Giordano, antigos operários da Carioba, priorizam as relações sociais estabelecidas entre os moradores da Vila Carioba, com destaque para o cotidiano e a conotação de que todos constituíam uma grande família.

O Sr. Antônio Bertalia enfatizou em seu texto intitulado “Recordações de Carioba”, publicado em 1999, as associações fundadas pelos operários, como a Sociedade Mútuo Socorro, o clube de futebol e regatas, o cotidiano da vila operária, com ênfase aos equipamentos sociais que a indústria propiciava aos operários: escola, serviço médico, cinema, estabelecimentos comerciais, hotel, barbearia. Localizou as áreas de plantio de algodão em terrenos próximos ao bairro, onde as crianças colhiam algodão após o horário escolar. Iniciou o texto com poesia de sua autoria em que propõe a criação de um museu têxtil em um dos prédios da Carioba, encerrando suas memórias com o agradecimento a todos moradores antigos do bairro, seus companheiros de trabalho e amigos que o ajudaram a organizar o texto e contribuíram com farto material iconográfico para ilustração do mesmo.

O Sr. Bertalia fez, ainda, uma proposta de revitalização da área de Carioba, com a construção de um monumento a todos imigrantes que trabalharam na indústria. Este monumento deveria, inicialmente, homenagear os índios como primeiros habitantes da terra, os colonizadores portugueses, os negros, os primeiros fundadores da fábrica, o engenheiro americano William

Ralston e os irmãos Antonio e Augusto de Souza Queiroz; os segundos proprietários ingleses e, de modo especial, os alemães, os Müller, que foram os grandes impulsionadores do desenvolvimento têxtil de Americana e região. Este monumento aos imigrantes homenagearia todos aqueles que trabalharam na indústria de Carioba. Certamente, seus milhares de descendentes gostariam de ver como seus antepassados contribuíram para tão importante história. Sua preocupação era transmitir aos descendentes a memória sobre a importância do bairro Carioba para Americana e região.

Propôs, também, a construção de um memorial, em um dos prédios pertencentes ao poder municipal, onde se reuniria a história contada, revivida, por meio de fotografias, gravuras, livros, objetos etc. Outra proposta foi a reconstrução de um pequeno grupo de casas idênticas às antigas moradias operárias que foram destruídas. Para a concretização desse projeto, propôs contatar as embaixadas dos países de onde provieram os imigrantes, para solicitar colaboração a tão amplo empreendimento.

Os textos memorialísticos escritos pelo Sr. Hercule Giordano também enfatizam os laços de amizade e companheirismo entre os moradores de Carioba e evocam as cenas da escola, quando relembra seu primeiro dia de aula, seu grande entusiasmo pelo estudo da História e da Geografia, a par de suas dificuldades com a Matemática. Procura, continuamente, reavivar as lembranças da infância, dirigindo-se aos colegas que compartilharam dessas experiências. Na série de 28 artigos intitulados “Carioba todos contribuíram para o seu desenvolvimento”, efetuou um exaustivo trabalho de pesquisa com antigos moradores e procurou localizar a casa de cada um no extinto bairro de Carioba e como essa pessoa colaborou para o engrandecimento da vila operária, seja por sua atuação como trabalhador, seja por sua participação nas equipes esportivas de futebol, basquete, remo ou natação.

Sua produção memorialística descreve também os lugares da memória em Carioba, o Parque Dona Albertina, o Parque São Francisco, a Fazenda Salto Grande com suas colônias, o cinema de Carioba.

O Sr. Hercule Girodano nasceu e viveu por 31 anos em Carioba. Em 1951 mudou-se para Americana, onde foi exercer a função de servente no Grupo Escolar central da cidade até sua aposentadoria em 1986, após 35 anos de dedicação a esse trabalho. Participou ativamente e ainda participa da Sociedade Mútuo Socorro Comendador Müller, entidade fundada pelos trabalhadores

de Carioba em 1917 que, até hoje, tem entre seus associados, antigos trabalhadores e seus descendentes.

No ano de 1983, quando inúmeras construções do Bairro Carioba foram demolidas, o Sr. Hercule escreveu o artigo “Saudades de Minha Escola Querida”, conclamando seus colegas a se manifestarem em prol da conservação do prédio da escola. Nessa ocasião visitou o prédio em companhia do antigo diretor da escola, Sr. Ercides D’Angelis, conversou demoradamente com a diretora, fez anotações sobre os documentos da escola que se encontravam muito bem conservados. Dessas anotações aliadas às suas lembranças sobre a escola, escreveu o artigo que se constituiu em um chamamento aos antigos cariobenses para a preservação do prédio que tanta significância tinha para eles.

Batalhador incansável pela preservação das construções remanescentes de Carioba, o Sr. Hercule Giordano lançou, com muito orgulho e satisfação, o livro “Minhas Memórias”, em 2004, no prédio recuperado onde está instalada a Casa de Cultura de Americana.

2.4.3 Contribuições das informações obtidas através de diferentes suportes

As contribuições de cada um dos suportes empíricos – textos memorialísticos, fotos, filmes, mapas enriqueceram a compreensão do tema em estudo, a seguir, detalhar-se-á as formas com cada um deles foi trabalhado metodologicamente com vistas a se atingir os objetivos propostos.

A correspondência se apresentou como uma fonte bastante expressiva para o estudo da vida cotidiana de uma família burguesa de origem alemã. Cotidiano vivenciado em diferentes contextos: o do país de origem e o do país de destino no qual o chefe da família exercia importante atividade empresarial. A correspondência evidenciou o relacionamento com a família extensa na Alemanha a qual dava suporte a escolaridade dos filhos do casal Müller. Desvendou toda uma rede de relacionamento acionada quando o empresário necessitava capital para a implementação de novos projetos ligados tanto à atividade industrial como agrícola e comercial.

A correspondência reunida nos textos memorialísticos escritos por Margarete Müller von der Leyen apresenta uma ordem cronológica e organiza de certa maneira o histórico da vida familiar bem como dos empreendimentos realizados no Brasil.

Informações contidas nessa correspondência, que relacionava as pessoas do círculo de amizade da Família Müller, possibilitaram à pesquisadora localizar descendentes de algumas dessas pessoas e se obter com estes, valioso acervo imagético sobre a Vila Carioba.

Outro aspecto pouco focalizado quando se estuda os processos migratórios refere-se às vivências infantis (DEMARTINI, 2005, p. 4). No presente caso, estas foram contempladas na correspondência e nos textos memorialísticos salientando-se situações de aprendizagem escolar, de aprendizagem de música e canto, de viagens de lazer, idas ao cinema, teatro e óperas, visitas a museus e viagens marítimas. As situações, pormenorizadamente descritas, permitiram conhecer as vivências das crianças de uma família burguesa de origem germânica, com seus brinquedos, passeios, frequência escolar, aulas particulares, horas dedicadas à leitura e no caso das meninas familiarização com as atividades domésticas, seguindo sempre os afazeres da mãe na direção da casa. A correspondência dos integrantes da família Müller mescla aspectos da vida privada das famílias com aspectos empresariais na condução dos negócios, desenvolvimento dos mesmos, sempre demonstrando uma valorização do trabalho e uma racionalização das atitudes para obtenção dos objetivos fixados de expansão do empreendimento.

Os textos memorialísticos escritos pelos antigos operários expressam também vivências infantis, as brincadeiras de rua, jogos de fubeca, bola, cantigas de roda, festividades da escola, festas religiosas e Natal. Elencam ainda as atividades que conduziam a uma valorização do trabalho desde a infância, com ênfase nas atividades extra-classe tais como: plantio de árvores no entorno da escola e cultivo da horta anexa às dependências da mesma. Os relatos ressaltaram a participação das crianças nos trabalhos da colheita do algodão em plantações próximas à Vila Carioba, após o período escolar, atividade que colocava o trabalho infantil a complementar a renda familiar.

A utilização de produção literária de imigrantes trabalhadores e seus descendentes: textos memorialísticos e artigos de jornal contribuíram para elucidar aspectos do imaginário dessas pessoas. A noção de paraíso atribuída à Vila Carioba é respaldada nas condições de vida que integram o trabalho a moradia e o tempo livre, a família e os não familiares, o cuidado com o meio ambiente e a escola. A produção literária dos trabalhadores exemplificou ainda a persistência dos vínculos de amizade que caracterizam os ex-moradores da Vila Carioba, os autores. Antônio Bertalia e Hércule Giordano lembram e agradecem a colaboração de antigos companheiros de trabalho que complementaram suas memórias e lhes disponibilizaram um

grande número de fotos da época. Estas focalizam o bairro, as fábricas, as hidrelétricas, as atividades de lazer, as festas e as celebrações religiosas.

O acervo imagético reunido pela pesquisa permite visualizar as várias etapas de desenvolvimento da Vila Carioba e os aspectos paisagísticos do local, privilegiado pela natureza por sua situação entre dois rios, o Ribeirão Quilombo e Rio Piracicaba. Os rios na época (primeira metade do século XX) limpos e piscosos representavam um grande atrativo para a população cariobense propiciando-lhe a prática de esportes (natação, remo e pesca) e o lazer em suas margens sombreadas pela mata ciliar. As imagens do interior da fábrica e das usinas hidrelétricas de Salto Grande e Cariobinha traduzem a racionalização do processo industrial e os avanços na produção de energia elétrica. Acrescidas das imagens do setor agrícola compõem o cenário de dinamismo da empresa com todo o seu processo de produção verticalizado, desde o plantio do algodão até o tecido, seu produto final.

Os desenhos e imagens que retratam a vida operária e as casas patronais permitem visualizar a recriação em terras tropicais de soluções arquitetônicas da região de origem dos proprietários, as quais orientavam seu imaginário.

Por outro lado, o acervo imagética dos operários em suas atividades de lazer propiciou aquilatar o movimento que caracterizava o bairro, o entusiasmo dos moradores ao se deixar fotografar ou filmar na prática de seu esporte preferido ou a reunião das famílias posando frente à fábrica. Os mapas do município de Americana nas primeiras décadas do século XX e a planta da companhia Rawlinson, Müller e Companhia: Fábrica de Tecidos Carioba e Fazenda Salto Grande permitiram situar a área abrangida pela empresa, hoje totalmente diferenciada pela expansão urbana. Possibilitaram situar locais de antigas moradias da vila operária, bem como de colônias rurais, caminhos e estradas hoje não mais existentes.

3. O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NO INTERIOR PAULISTA E A FÁBRICA DE TECIDOS CARIOBA.

3.1 As primeiras indústrias têxteis no Estado de São Paulo

A lavoura cafeeira, iniciada na década de 1840 na região denominada Velho Oeste Paulista, abrangendo os municípios de Campinas, Limeira, Rio Claro e São Carlos, evoluiu rapidamente.

Na década de 1870, profundas transformações marcaram a forma da expansão cafeeira na região, tais como: preponderância da mão-de-obra de imigrantes europeus; relativa mecanização do café que passou a ser beneficiado nas fazendas e aí armazenado, de forma mais lucrativa e moderna; um sistema de transporte mais eficiente se constituiu com a construção das estradas de ferro: Companhia Paulista, Mogiana e Sorocabana, facilitando a remessa do café ao Porto de Santos; organização de um sistema de crédito que disponibilizava recursos não só para a produção de café, mas também para sua comercialização e exportação. Os lucros auferidos na economia cafeeira, organizada em moldes capitalistas, foram encaminhados em parte para o desenvolvimento da indústria no Estado de São Paulo (DECCA, 1992, p. 4).

Cumpre, ainda destacar que, na década de 1860, parte desses capitais foi investida na lavoura algodoeira, que atendia à demanda das fábricas inglesas, prejudicadas em seu abastecimento pela Guerra de Secessão, nos Estados Unidos (1860-1865). O conflito desorganizou as unidades produtoras de algodão do sul daquele país, tradicionais fornecedoras para as indústrias britânicas. Surge, então, no Brasil incentivos à produção algodoeira que se estabeleceu em várias regiões do Estado de São Paulo. Entretanto, o ciclo de exportação do algodão teve curta duração, de 1861 a 1875, pois, desde os primeiros anos da década de 1870, os americanos retomaram as exportações de algodão para a Inglaterra. A produção brasileira ficou sem possibilidade de colocação no mercado internacional, surgindo as primeiras fábricas de

tecido pelo interior do Estado de São Paulo. Estas visavam a industrialização dos estoques da produção algodoeira, numa tentativa de liberar esta produção da dependência em relação aos mercados europeus (CANABRAVA, 1984, p. 82).

A primeira indústria organizada foi a fábrica São Luiz de Itu, tocada a vapor com maquinário importado dos Estados Unidos, possuía 62 máquinas, entre estas 24 teares, produzia entre 800 a 1000 varas de tecidos de algodão grosso usado para vestimenta de escravos. Estava organizada para a transformação da matéria prima até a embalagem do tecido e contava com cerca de 48 a 50 trabalhadores. (CANABRAVA, 1984, p.252).

Os contatos nos Estados Unidos, para aquisição das máquinas da Fábrica São Luiz, foram intermediados pela firma Lidgerwood, estabelecida em Campinas, fabricante de máquinas para benefício de café e descaroçadeiras de algodão, entre outros equipamentos agrícolas (CAMILO, 1995, p. 89). A autora Helena Saia, referindo-se à Fábrica São Luiz, acrescenta que o projeto de seu edifício industrial é de William Pultney Ralston, técnico empregado da Lidgerwood; suas edificações guardavam inúmeras identidades com as unidades fabris do sul dos Estados Unidos (SAIA, 1988, p.144).

Em 1873, fundava-se nova fábrica em Itu, nas proximidades do salto existente no rio Tietê, para utilização da energia hidráulica. Com maquinário importado da Inglaterra, essa indústria tinha 50 teares, 18 cardas e 1.600 fusos, empregando 100 operários. No ano seguinte instalou-se uma fábrica têxtil movida a vapor em São Luiz de Paraitinga, a qual contava com 25 teares.

No ano seguinte, 1874, foi construída a Fábrica de Tecidos Santa Francisca, nas imediações do salto de Piracicaba, movida a força hidráulica; também com maquinário importado da Inglaterra (da marca PLATT BROTHERS, fabricantes de Manchester); contava com 50 teares, fabricando apenas tecidos de algodão grosso. Em 1876, os tecidos dessa indústria já se encontravam diversificados em várias cores e nove qualidades de algodão.

No município de Campinas, em 1875, iniciava-se a construção da Fábrica de Tecidos Carioba, com 26 teares, cujas turbinas eram tocadas pelas águas do Ribeirão Quilombo. Um de seus proprietários era o engenheiro americano William Ralston, já mencionado, associado a Antonio e Augusto de Souza Queiroz, prósperos cafeicultores de Limeira e Campinas (CANABRAVA, 1984, p. 283-284).

Em Sorocaba foi fundada a Fábrica Nossa Senhora da Ponte, em 1881, por iniciativa do português Manoel José da Fonseca. A autora Alice P. Canabrava salienta que as fábricas acima relacionadas foram construídas junto aos centros produtores de algodão: Campinas, Limeira, Piracicaba, Sorocaba e São Luiz do Paraitinga, evidenciando também, por sua localização, a importância das quedas d'água para a produção de energia.

Nessa época é digno de nota o projeto do Barão de Piracicaba, que se propôs a construir em terras de sua propriedade em Itu, uma ramificação de canais com as águas do Rio Tietê, visando arrendá-los aos industriais interessados (CANABRAVA, 1984, p. 286). Este modelo de aproveitamento da energia hidráulica foi muito difundido nos Estados Unidos, notadamente nos estados da Nova Inglaterra, Maine, Maryland, no início do século XIX (CRAWFORD, 1995, p. 19/20).

Cabe ainda mencionar as Fábricas a Vapor de Tecidos e Fiação Júpiter e Fortuna em Salto de Itu, na Estrada de Ferro Sorocabana e Ituana. Produziam energia elétrica para seu uso e também para a Vila de Salto. A vila operária abrangia 30 casas, construídas com todas as exigências higiênicas, tinha um médico contratado e sua farmácia fornecia medicamentos gratuitamente aos trabalhadores. Dos 400 trabalhadores contratados, dois terços eram estrangeiros e sua produção era insuficiente para atender a demanda.

Outras indústrias têxteis construíram vilas operárias, entre elas, a Fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte, em Sorocaba. Nas proximidades de São Paulo, na estação de Caieiras, estrada de ferro São Paulo Railway, o coronel Antonio Proost Rodovalho fundou uma fábrica de papel, uma de cal, uma de cerâmica e uma oficina, empregando 252 operários, dos quais apenas 16 eram nacionais. A vila de Caieiras tinha mais de 1.000 habitantes e contava com farmácias e escolas. Parte dos trabalhadores era especializada e era necessária a existência de uma certa infraestrutura urbana para retê-los no local.

Outra empresa que constituiu uma vila operária foi o Engenho Central de Villa Raffard, em 1884, na cidade de Capivari. O engenho, fundado pelo engenheiro francês Henri Raffard, tinha um ramal ferroviário interno de 13 km, uma usina elétrica e trezentas casas para operários, escola e farmácia.

Em São Roque foi fundada uma indústria têxtil por Dell'Acqua & Comp. Seus trabalhadores, em grande parte estrangeiros, moravam nas casas construídas para operários. O coronel Rodovalho, já citado, possuía junto à Estrada de Ferro Sorocabana, uma fábrica de

cimento que produzia também cal, pó de pedra para a fabricação de vidros e contava com 210 trabalhadores, sendo 140 estrangeiros. Nesta fábrica trabalhavam entre os operários brasileiros, 30 adultos e 40 crianças, e entre os estrangeiros, 110 adultos e 30 crianças.

Em 1900 foi fundada, em Sorocaba, a Fábrica da Fiação e Tecidos Santa Rosália, que possuía 250 teares e 350 operários, situada junto à Estrada de Ferro Sorocabana. Apresentava oficina mecânica, iluminação elétrica, água e um ramal da estrada de ferro. A vila operária tinha mais de 50 casas de moradia de operários e algumas casas de comércio.

A Fábrica de Estamparia e Alvejaria da Votorantim, próxima a Sorocaba, contava também com uma vila operária com 500 casas, um belo teatro, campo esportivo, edifícios da fábrica, consultório médico.

A autora Eva Blay encerra a listagem das propriedades industriais citando Vila Carioba, que também construiu uma grande vila operária no distrito de Vila Americana, município de Campinas.

Bandeira Jr. (1900) arrolou cerca de 35 indústrias fundadas antes de 1900, no interior de São Paulo. Dessas, oito construíram vilas operárias. O autor considera que a necessidade de produzir tecidos, mercadoria com forte demanda e o emprego de mão-de-obra estrangeira foram fatores determinantes para a construção das vilas operárias.

Alfredo Cusano, um viajante italiano socialista que, na década de 1910, visitou o Brasil mencionou a Vila Carioba como uma grande vila operária, incluindo-a na relação de indústrias com vila operária, ao lado da Vidraria Santa Marina, da Companhia de Tecidos de Juta (Vila Maria Zélia), da Votorantim. Referiu-se às mesmas “como organizações sociais... humanitárias, provendo com o maior desinteresse o bem estar, saúde, cultura e educação de seus operários” (CUSANO, 1921, p. 316).

Tecendo considerações sobre o expressivo número dessas empresas e a versão que o viajante italiano tinha sobre elas, Eva Blay considera:

Outra empresa, a Vila Carioba, também construiu uma grande vila operária na cidade de Americana; certamente várias outras devem existir entre as empresas com grande número de operários que desenvolveram política habitacional semelhante. Os casos vistos são suficientes para reconhecer a implantação deste modelo de habitação onde a casa é um fator intermediário no vínculo do trabalhador à fábrica” (BLAY, 1985, p. 37).

Enfatizando a presença das indústrias têxteis nessa fase da industrialização, a mesma autora coloca:

O significado dos investimentos, sobretudo no que diz respeito às vilas operárias deve ser analisado dentro da lógica do mercado capitalista, que neste período consumia avidamente produtos têxteis. O nascimento da indústria têxtil ocorre em resposta à necessidade de dois tipos de produtos: sacaria para o principal produto de exportação, o café e tecidos para a vestimenta da população rural e urbana. A indústria implanta-se, portanto, articulada a uma divisão social do trabalho, produzindo para um mercado consumidor muito amplo, com condições até mesmo de exportar para alguns países da América Latina. Ao investidor capitalista interessava, pois produzir sem nenhuma interrupção, sem crises provocadas pela ausência de mão-de-obra, principalmente a especializada (BLAY, 1985, p. 39).

Blay conclui que os casos mencionados são suficientes para permitir reconhecer “a implantação de um modelo de habitação onde a casa é um fator intermediário no vínculo do trabalhador à fábrica” (BLAY, 1985, p. 37). Explicita o surgimento das vilas operárias num estágio determinado do desenvolvimento econômico do país e penetram nas relações de produção com um caráter e conseqüências que deveram ser melhor investigados (BLAY, 1985, p.13).

O empresário capitalista necessitava, portanto, de uma mão-de-obra estável e afeita ao trabalho fabril, condição que só poderia ser atendida com a permanência dos trabalhadores na empresa. A moradia cedida pela fábrica representava o fator de ligação do empregado à empresa.

3.2 A Influência do Sistema Paternalista Industrial na Organização das Vilas Operárias

Para a compreensão do presente tema de estudo, a Fábrica de Tecidos Carioba e sua vila industrial, formada a partir de 1901, em Americana, São Paulo, propõe-se a utilização do quadro teórico sobre o sistema paternalista industrial formulado por Le Play para explicar o desenvolvimento das vilas industriais pertencentes a companhias na Europa. Suas contribuições sistematizadas por Ewald ressaltam os aspectos ideológicos do sistema de dominação imperante nas vilas operárias e a tentativa de equilíbrio dos interesses de classe.

Entre as vilas industriais organizadas na Europa, pode-se citar a experiência de Robert Owen, fundador da comunidade de New Lanark, na Escócia, onde procurou levar à prática seus princípios paternalistas. A experiência societária de Owen não se restringiu ao campo das relações de trabalho, mas abrangeu a educação para a vida em comum, procurou difundir “as idéias de que um novo mundo moral surgiria de um reordenamento da vida industrial em pequenos

conglomerados cooperativos, situados no campo e previamente planejados para uma produção eficiente e para o bem-estar de seus membros” (PIOZZI, 1999, p. 8).

Os seres racionais, virtuosos e solidários que deveriam emergir desse ambiente afetivo e confortável de vida e de trabalho e do processo educativo para a autonomia e a felicidade, têm o papel de trabalhadores produtivos, ordeiros, cientes de seu papel específico na divisão social e sexual do trabalho, jamais questionada. Com efeito, a educação básica, ao ensinar aos meninos e meninas a ler, escrever e fazer contas, além de alguns rudimentos de cultura geral, não pretende mudar o destino já traçado pela posição social e pelo sexo circunscrito ao percurso que vai da casa operária à fábrica e vice-versa (PIOZZI, 1999, p.13).

A experiência de empresas com vila operária foi também bastante difundida nos Estados Unidos. A arquiteta e historiadora americana Margareth Crawford, em sua obra *Building the Workingman's Paradise*, estudando os aspectos paisagísticos das indústrias com vilas operárias nos Estados Unidos, referiu-se ao fato de que aquelas dedicadas ao ramo têxtil serem as mais sofisticadas na organização do espaço e construção das moradias operárias. Citou os estudos de Turner como um balanço dos principais exemplos de cidades de companhia, de seus objetivos e de seu declínio à medida que as leis trabalhistas foram sendo aprovadas. Resumindo as colaborações de Turner, um estudioso desse processo, Margareth Crawford coloca que:

Alexandre Hamilton propôs o primeiro modelo em 1792, mas por todo o século seguinte as cidades de companhia foram a forma dominante nas paisagens econômicas. Para aliviar a dureza das condições da indústria alguns proprietários de indústrias com vilas operárias melhoraram as condições de trabalho e moradia. Eles acompanhavam suas reformas com um discurso de benevolência, inicialmente acompanhados da solidariedade cristã acrescida de justificativa econômica racional. Visando deter a sindicalização e reduzir a rotatividade dos trabalhadores à nova cidade de companhia tentava atrair trabalhadores promovendo significativas melhoras nas condições de trabalho e moradia. Com os efeitos da Depressão e mudanças nas leis trabalhistas seu número decresceu e as cidades de companhia desapareceram do cenário americano” (CRAWFORD, 1995, p. 2-3).

Na capital paulista, a Vila Operária Maria Zélia, fundada pelo industrial Jorge Street, atraiu as atenções pelas propostas arrojadas desse empreendedor que estudou na Europa. Nesse período esteve “exposto à influência cultural da formação do sindicalismo alemão e da ascensão da ideologia marxista, marcada por momentos de intensa agitação e greves, que tiveram efeito sobre uma legislação social imposta pelo governo com pressão direta dos trabalhadores” (TEIXEIRA, 1990, p. 78). Ele observou o fracasso da legislação repressiva e mudança de tática

do Estado Alemão, através de Bismarck, anunciadas pelo Imperador Guilherme I. Eram medidas positivas destinadas a melhorar o bem estar dos trabalhadores, isto em nome das exigências do “cristianismo prático” que impunha ao Estado assistir aos pobres.

As leis de assistência ao trabalhador enfermo, ao trabalhador idoso e referentes aos acidentes de trabalho deram à Alemanha um avanço considerável sobre os outros países industrializados no domínio social, ao mesmo tempo que Bismarck impedia a Federação Nacional dos Trabalhadores (TEIXEIRA, 1990, p. 78).

Estas idéias foram aplicadas em seu empreendimento à Vila Maria Zélia que, apesar de breve duração, de 1917 a 1924, teve grande repercussão, sendo até hoje lembrada pelos que participaram dessa experiência de vila operária planejada.

Pelas considerações acima colocadas sobre os avanços da legislação alemã e as medidas positivas para melhorar as condições dos trabalhadores, presume-se que estas influenciaram também o empresário alemão Franz Müller, o fundador da Fábrica de Tecidos e Vila Operária Carioba no início do século XX.

3.3 Fundamentos do Sistema Paternalista Industrial

A análise do relacionamento entre os proprietários e os trabalhadores da Fábrica de Tecidos Carioba em Americana, SP, no período de 1902 a 1944, é baseada no quadro teórico do paternalismo industrial. O sistema paternalista industrial orientou a instalação, ordenamento e funcionamento das indústrias com vilas operárias, na França, Alemanha e Inglaterra. Indústrias com vilas operárias caracterizaram o início da industrialização em São Paulo e em outros estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco (BLAY, 1985, p.30-39).

Inicialmente, procura-se explicar o paternalismo industrial, como sistema formulado para fazer frente aos problemas causados pela aglomeração da população trabalhadora nas cidades industriais da Europa (EWALD, 1986, p. 92). O pauperismo dessas populações passa a ser visto como uma questão social, uma consequência do desenvolvimento industrial, colocando em xeque as teorias liberais da redistribuição da riqueza que seria assegurada com o desenvolvimento capitalista. O pauperismo deveria ser solucionado mediante a efetivação de novas relações industriais. Esta nova política para resolução dos problemas da pobreza deveria enfocar

principalmente a questão da moradia. Expressava toda uma reflexão sobre o habitat dos pobres, atribuindo-se as precárias condições destes às causas da falta de moral, à degradação física e mental dos trabalhadores. Os prejuízos à vida familiar eram decorrentes das condições de promiscuidade a que eram conduzidos os trabalhadores nas cidades industriais. Impunha-se uma nova forma de pensar o relacionamento do homem com o meio ambiente, com o espaço, em suma, uma reflexão ecológica que foi desenvolvida por Frederic Le Play sob o nome de economia social (EWALD, 1986, p. 93).

A liberdade do trabalhador, nas condições dessa nova concepção industrial, tinha necessidade de uma tutela, de uma patronagem que a municiasse contra os malefícios dessa mesma liberdade.

Le Play assinalava deveres sociais ao patrão, que era considerado uma autoridade social. O sistema paternalista industrial procurou desenvolver a estratégia da moralização criando as instituições patronais. Na França formaram-se as grandes companhias mineradoras, as grandes siderúrgicas com o conjunto de seus equipamentos sociais (moradias operárias, caixas de seguros, caixas de aposentadoria, jardins para os trabalhadores, infra-estrutura de abastecimento, escolas, igrejas, sociedades musicais, esportivas etc.) Visava-se, com isto, a formação de uma mão-de-obra estável, regular e devotada, enfim, uma força de trabalho útil, eficaz e produtiva.

O papel reservado aos proprietários da empresa aliava sua função industrial com a responsabilidade social no âmbito da sociedade. A instituição patronal tinha por função ligar o trabalhador a seu patrão, socializá-lo sob os fundamentos da empresa. Tratava-se para o proprietário “de” tomar a seu encargo a pessoa e a alma do trabalhador, educando-o, moralizando-o, orientando sua conduta em diferenciar o bem do mal, as boas das más opiniões, lhes assegurando gratificações e retribuições por sua lealdade. As instituições patronais deveriam ser as garantidoras da ordem e segurança públicas.

O paternalismo industrial baseava-se na desigualdade das classes sociais. O patrão não poderá ser igual a seus operários. O patrão é aquele que, dispondo de recursos, os emprega livremente em um empreendimento de sucesso aleatório. É aquele que oferece trabalho aos operários, os faz viver, lhes oferece a oportunidade de subsistência bem como a de sua família. Segundo a lógica patronal, o operário é um ser com necessidades, identificado, sempre, por sua incapacidade de assegurar sua existência por si próprio, necessitando, para isso, do concurso de outros.

“O patrão é aquele que dá sem que ninguém o obrigue, o operário é aquele que recebe sem que nada possa exigir” (EWALD, 1986, p. 123). Esta desigualdade fará sempre da relação salarial uma relação de hierarquia e subordinação. A relação contratual supõe um engajamento do trabalhador, um engajamento que deverá permanecer por toda a sua vida. Mas se o trabalhador é um ser com necessidades, o patrão tem o dever de o acolher, dispensar-lhe a atenção de um pai, se empenhar em fazer dele um homem. O patrão nunca deve se valer de sua fraqueza para tirar dele o máximo proveito e dispensá-lo em seguida.

*Car l'entreprise est d'abord une école, um lieu de promotion, d'éducation, de réformulation. Avec ceci que la pédagogie patronale n'est pas ordonnée vês um futur affranchissement. Elle vise plutôt l'assujettissement indéfini de l'ouvrier à l'entreprise. L'ouvrier ne contracte pas avec son patron. En se faisant embaucher, il adhère à l'entreprise et à son ordre; il s'engage à en respecter les règlements, à y conformer sa conduite. En s'engageant, l'ouvrier ne loue pas sa force de travail; il engage sa personne; il reconnaît sa subordination, et la volonté patronale comme étant celle dont dépend son existence. C'est la condition pour qu'il devienne membre de cette grande famille qu'est l'entreprise, qu'il puisse bénéficier du travail qu'elle offre comme des services qu'elle promet. Aucune réserve n'est tolérée. C'est à prendre ou à laisser. Afficher une quelconque reticence, faire, preuve de mauvaise volonté, opposer des droits contre son patron, ne pas respecter les règlements seront interprétés comme rupture et fer*ont encourir l'exclusion, selon une expression de F. de Play l'expulsion. . . . Le pouvoir patronal peut bien apparaître, au regard du droit, arbitraire et despotique; cela il ne l'est pas par excès, mais par principe.” (EWALD, 1986, p. 123-124).¹*

¹Tradução própria

Portanto, a empresa é a esse respeito uma escola, um lugar de promoção, de educação, de reformulação. Com isto a pedagogia patronal não é organizada para um futuro incerto. Ela visa acima de tudo a sujeição indefinida do operário a empresa.

O operário não contrata com seu patrão. Em se tornando engajado ele adere a empresa e a sua ordem, ele se prontifica a respeitar os regulamentos, conformando sua conduta. Engajando-se, o trabalhador não aluga sua força de trabalho; ele se engaja como pessoa reconhece sua subordinação, e a vontade patronal como aquela da qual depende sua existência. Está é a condição pela qual ele se torna membro dessa grande família que é a empresa, para que se possa beneficiar do trabalho que ela oferece e dos serviços que ela promete. Nenhuma reserva é tolerada. É pegar ou largar. Demonstrar qualquer hesitação, dar provas de má vontade, opor os direitos contra o patrão, não respeitar os regulamentos serão interpretados como ruptura dos engajamentos e farão decidir a exclusão, segundo uma expressão de F. Le Play- a expulsão... O poder patronal pode parecer, na visão do direito, arbitrário e despótico; isto ele não é por excesso, mas por principio (EWALD, 1996, p.123-124).

No regime paternalista, o comprometimento da mão-de-obra é bem diferente do comprometimento jurídico, que supõe um contrato estabelecido por vontade própria do trabalhador. Diferencia-se também do comprometimento econômico que avalia abstratamente a força de trabalho. No sistema do paternalismo industrial, o trabalhador tem um custo inicial, e só se tornará produtivo após ser disciplinado, ter desenvolvido hábitos, tradições, desejos, reivindicações que o revelem como um indivíduo em sua singularidade como pessoa. O patrão não vai lidar com uma força de trabalho qualificada abstratamente, mas com um trabalhador que tem suas necessidades materiais e morais, que possui uma família. A satisfação do operário influenciará sobre a produtividade e a qualidade de seu trabalho. Desta forma, a gestão de uma empresa se apóia em uma psico-sociologia que lhe orienta o funcionamento.

O comprometimento do patrão é, por sua vez, também total e individualizante. O patrão deve ter consciência de si como vontade e pessoa particular, como uma autoridade. Dessa colocação, se depreende, a necessidade da residência patronal no centro da empresa e também aquela do patrão formar seus sucessores.

A gestão da empresa não deve ser burocratizada e impessoal, passa pelo contato direto entre o patrão e seus operários. O patrão deve conhecer pessoalmente cada um de seus empregados, saber de suas necessidades, seus objetivos, seu caráter, suas qualidades e defeitos, sua vida privada. Por outro lado, os trabalhadores devem conhecer pessoalmente seu patrão, apreciá-lo por seu caráter e suas decisões. Estas são as condições para que se estabeleçam laços de entendimento entre patrão e operários. As decisões do patrão devem sempre ter a conotação de gratificação, liberalidade, sacrifício para beneficiar a cada um de seus trabalhadores. Representam uma prova de atenção e do interesse que o norteia em lhes assegurar o bem-estar físico e moral. Dessa forma, o patrão deverá escolher, criteriosamente, no conjunto de seus trabalhadores, aqueles que o deverão auxiliar na tarefa de administrar a empresa, no objetivo mesmo da instituição paternalista, que é aproximar trabalhadores e patrão.

A remuneração do trabalho constava de um salário e de uma subvenção. O salário era afeito a um regime jurídico, se constituía num direito do trabalhador. A subvenção não devia ter um caráter fixo, correspondia a uma liberalidade patronal, traduzia-se na maneira como o patrão administrava a empresa. O salário correspondia a uma justiça de troca igualitária, a subvenção correspondia a uma justiça distributiva. A subvenção vinha atender as necessidades dos indivíduos e era expressa na cessão de moradia, socorros médicos e farmacêuticos, escola,

creche. A subvenção era proporcional aos méritos de cada trabalhador, de seu interesse pela empresa, particularmente de sua fidelidade a ela. Se o salário era o índice dos engajamentos momentâneos, a subvenção assegurava a permanência dos engajamentos. Os salários deveriam permanecer baixos, para se assegurar a parte de remuneração em espécie, que se destinava à satisfação e necessidades do trabalhador. O princípio da remuneração por subvenção implicava a noção de serviço e enfatizava a relação de dependência, de subordinação, de mestre e servidor. Originava-se da concepção dos serviços ligada aos deveres dos vassallos frente ao senhor feudal, que lhes retribuía com a proteção necessária abrigando-os em seu castelo.

A permanência dos engajamentos, por sua vez, assegurava a securidade dos trabalhadores através das caixas de poupança e aposentadoria, que eram criadas pelas empresas.

As instituições paternalistas se caracterizavam como um contra-direito no sentido de se constituírem num poder autônomo. Aspiravam fornecer os fundamentos para uma constituição positiva das sociedades industriais.

Para Le Play e sua escola, nada poderia ser mais ameaçador do que ver os princípios da economia social serem considerados uma doutrina jurídica. Legalizar uma relação de benemerência significava de fato destruí-la, anulá-la como relação de poder. Se a poupança, a previdência se tornassem obrigatórias, o paternalismo deixaria de ter suas virtudes. O direito obrigatório não aproximaria as classes, antes ressaltaria seu antagonismo. Moldando-se as regras do estatuto jurídico sobre os princípios da economia social, se colocava em conflito as práticas paternalistas e as práticas jurídicas da responsabilidade.

Sobre o arcabouço dos princípios do paternalismo industrial se discutiu as responsabilidades frente aos acidentes do trabalho e se esboçou a regulamentação do seguro baseado na racionalidade da probabilidade. É neste aspecto das práticas da securidade que se buscara na França a solução do conflito de responsabilidades.

O regime do paternalismo industrial revela uma filosofia da indústria bem ambivalente. De um lado, propõe um modelo de constituição das sociedades industriais, apresentando-o de forma progressista. Por outro lado, orienta-se por uma maneira reacionária de pensar os efeitos da industrialização, temendo as transformações sociais, os deslocamentos de população, a modificação dos hábitos, em suma, a perda dos costumes.

Frederic Le Play aproxima-se do pensamento de Marx, ao considerar que a indústria traz consigo o dinamismo, a transformação das técnicas de produção, a revolução. Isto é justamente o

que o sistema paternalista visava impedir. Onde Marx procura definir a relação social que cumpriria a revolução econômica, Le Play coloca o social como o aspecto que deve preservar a identidade da sociedade, a despeito do irreprimível movimento da economia. (EWALD, 1986, p.129).

3.4 O surgimento de Vila Americana

A expansão da cultura canavieira para o interior paulista, entre 1760 e 1850, motivou o estabelecimento de povoadores em uma extensa área de terras férteis, margeando os rios Jaguari e Atibaia, região pertencente ao município de Campinas. As primeiras menções ao povoamento da região datam de 1777, com referências às pessoas ali estabelecidas com o cultivo da cana-de-açúcar e fabricação de açúcar e aguardente. Em 1799, a coroa portuguesa faz a doação de uma sesmária a Domingos da Costa Machado, que abrangia uma vasta extensão de terras nas imediações do Salto Grande, uma queda d'água do Rio Atibaia, próxima a sua junção com o Rio Jaguari, onde formam o Rio Piracicaba (BRITO, 1962, p. 65).

Nas décadas seguintes, essa sesmária foi dividida entre os herdeiros de Domingos da Costa Machado. Um desses fundou a Fazenda Machadinho, que seria de relevância para a fundação da futura cidade de Americana, São Paulo.

Outras áreas foram vendidas e entre essas se pode citar a propriedade adquirida por Manoel Teixeira Vilela, morador de Campinas que, em meados de 1810, construiu a sede com uma imponente moradia, feita em taipa-de-pilão e taipa-de-mão. A propriedade foi denominada Salto Grande por seu filho Antonio Teixeira Vilela, que se fez retratar, em 1834, pelo artista Hercules Florence, contemplando a sede da Fazenda e seu engenho. Nas proximidades da sede, o quadro mostra um talhão de café, assinalando a importância da cultura que, nas décadas seguintes, substituiria a cana-de-açúcar e atrairia para a região, novos contingentes populacionais provindos da Europa para substituir o trabalho dos escravos na lavoura (LE MOS, 1999, p. 84 - 85).

A Fazenda Ibicaba, em Limeira, de propriedade do Senador Nicolau de Campos Vergueiro, foi pioneira na substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalhador europeu em suas lavouras de café. Em meados do século XIX, os municípios de Limeira e Rio Claro já se

destacavam como importantes centros cafeicultores. Para fazer a ligação com Campinas, foi construída uma estrada que passava pelas imediações do Salto Grande (BUSCH, 1967, p. 52).

Na década de 1860 se desenvolveu o cultivo de algodão por toda a Província de São Paulo, com vistas à exportação para as fábricas têxteis da Inglaterra. Essas indústrias se viram prejudicadas no abastecimento da matéria-prima em virtude da Guerra da Secessão, entre os estados do norte e do sul dos Estados Unidos (1861 a 1865), pois tinham nos estados sulinos seus principais fornecedores de algodão (CANABRAVA, 1985).

Os súditos ingleses, em várias partes do mundo, estimularam os proprietários rurais na produção dessa fibra. Em São Paulo, o maior divulgador da cultura, foi o superintendente da São Paulo Railway, J. Aubertin, que promoveu a distribuição de folhetos explicativos sobre o cultivo do algodão herbáceo. Prontamente, as propriedades agrícolas estabelecidas na região implantaram a cultura do algodão. Entre os grandes produtores de algodão sobressaiu-se o Sr. José Vergueiro, filho do Senador Vergueiro, de Limeira, que introduziu o algodão como cultura coadjuvante ao café e foi considerado o maior produtor individual do país (CANABRAVA, 1985, p. 64).

Para introdução da nova cultura, os proprietários rurais valeram-se dos capitais auferidos com o café e da disponibilidade de mão-de-obra já fixada na propriedade. Os diferentes períodos de maturação dessas culturas otimizavam o emprego da mão-de-obra de escravos e colonos já estabelecidos nas fazendas (CANABRAVA, 1985, p. 64).

Com o término da Guerra da Secessão, em 1865, a derrota dos estados do sul e a abolição da escravidão nos Estados Unidos, muitos americanos, descontentes com a política de reconstrução imposta pelo norte, manifestaram o desejo de emigrar para o Brasil (GOLDMAN, 1972, p. 9). O movimento emigratório foi precedido por inúmeras visitas de emissários para conhecer o país e organizar os candidatos desejosos de deixar os EUA. Esses viajantes fizeram menções elogiosas à promissora região de Campinas a Araraquara. Contavam, para essa missão de reconhecimento, com o incentivo do Império Brasileiro, interessado nesse tipo de imigração constituído por família de agricultores. Outro motivo para este interesse era assegurar o branqueamento da população (O Auxiliador da Indústria Nacional, 1867, p. 82 - 88).

Inúmeras famílias procedentes dos estados do sul dos EUA, especificamente da Geórgia, Mississippi, Alabama e Texas, começaram a chegar a partir de 1867, dirigindo-se para a freguesia de Santa Bárbara, pertencente ao município de Piracicaba – SP (JONES, 1967, p. 149).

Dentre os pioneiros da emigração americana destacou-se o coronel William H. Norris, veterano da Guerra Civil e organizador da colônia de Santa Bárbara. Possuidor de recursos adquiriu terras da fazenda Machadinho, em fevereiro de 1866. No mesmo mês, outra área da Fazenda Machadinho foi adquirida pelo capitão Antônio Bueno Rangel, natural de Taubaté, no Vale do Paraíba, a primeira região cafeicultora de São Paulo. O Oeste paulista, como era chamada a nova região do café, delineava um futuro promissor para as atividades agrícolas, tanto para os estrangeiros recém-chegados, como para os brasileiros egressos de terras ocupadas pela lavoura cafeeira, que já se encontravam em processo de esgotamento (BRITO, 1962, p. 9).

O coronel Norris, logo após sua chegada, iniciou o preparo das terras para o plantio do algodão. Deixando a propriedade ao encargo de seu filho Robert, dedicou-se a ministrar cursos aos agricultores da região, sendo remunerado por esta atividade (JONES, 1967, p.150). Os americanos trouxeram novas técnicas e equipamentos agrícolas, entre estes um tipo de arado mais leve e ágil do que o utilizado pelos brasileiros. Com a chegada dos americanos, a área rural de Santa Bárbara teve sua estrutura agrária modificada, com a multiplicação de pequenas e médias propriedades de exploração familiar. A freguesia de Santa Bárbara experimentou uma rápida valorização de suas terras e, em 1869, foi elevada à categoria de Vila.

A euforia da produção algodoeira no Brasil não demorou a sentir a concorrência dos estados do sul dos Estados Unidos que, a partir do início de 1870, recuperaram a sua produção e, com ela, a posição de tradicionais fornecedores para as indústrias inglesas. O Brasil viu-se, então, com grandes estoques de algodão sem possibilidade de exportar. Surgiram, assim, no interior da Província de São Paulo, várias fiações e tecelagens de algodão, em que os proprietários também eram fazendeiros de café (CANABRAVA, 1985, p. 286 - 287).

O investimento na construção da estrada de ferro também marcou a atuação dos proprietários rurais, interessados em agilizar o transporte de seus produtos de exportação. Como a companhia inglesa São Paulo Railway, que detinha o monopólio do trecho de Jundiaí a Santos, não se interessou pela extensão dos trilhos até Campinas, os fazendeiros assumiram a tarefa, constituindo a Cia. Paulista de Vias Férreas e Fluviais. Em 1872, os trilhos da ferrovia chegavam a Campinas, grande produtora de café e, em 1875, à estação de Santa Bárbara, distante 38 km de Campinas. Em seguida, os proprietários rurais de Limeira e Rio Claro se cotizaram para compor o capital necessário ao prolongamento da ferrovia até Rio Claro (MATTOS, 1981, p. 81).

Para a construção do trecho até Rio Claro foi contratado um numeroso contingente de imigrantes portugueses e também de nacionais, que se fixaram nas imediações da sede da Fazenda Machadinho, de propriedade de Antonio Bueno Rangel. A Vila de Santa Bárbara, que distava nove quilômetros do tronco ferroviário, reivindicou uma parada para atendimento a suas necessidades. Em 27 de agosto de 1875 era inaugurada a estação de Santa Bárbara, com a presença do Imperador Pedro II (JONES, 1967; p. 232).

Para a passagem da ferrovia sobre o Rio Piracicaba foi necessária a construção de uma ponte, o que motivou a permanência dos trabalhadores, nas proximidades da estação de Santa Bárbara. A necessidade de abastecimento dessa população trabalhadora motivou os comerciantes a solicitarem a venda de lotes aos proprietários da Fazenda Machadinho, onde pudessem construir seus estabelecimentos comerciais. Estavam lançadas as bases para a incipiente povoação que passou a ser conhecida como Vila da Estação e, posteriormente, Vila Americana. Esta última denominação foi decorrência da assiduidade com que os colonos americanos a freqüentavam para viagens, envio e recebimento de correspondência, encomendas e venda de melancia, fruta que produziam em grande quantidade, graças a uma variedade de semente que tinham trazido do Estado da Geórgia, EUA (JONES, 1967, p. 310 - 311).

Vila Americana foi elevada a Distrito em 1904, desmembrada do território de Santa Bárbara, passando, então, à jurisdição de Campinas. Entre sua população incluía-se a de Vila Carioba.

3.5 Fábrica de Tecidos Carioba – um século de atividade têxtil

Também no ano de 1875, inaugurava-se, a três quilômetros da estação de Santa Bárbara, a Fábrica de Tecidos de Algodão, fundada por Antonio de Souza Queiroz, próspero fazendeiro de café em Limeira, e pelo engenheiro americano William Pultney Ralston².

²Segundo informações transmitidas à autora, em 1992, por Jorge Uchoa Ralston, bisneto de Ralston e residente em Terra Roxa, SP, William Pultney Ralston era natural da Filadélfia (EUA) e veio para o Rio de Janeiro, na década de 1860, para construir os túneis da Estrada de Ferro Central do Brasil. Posteriormente, veio trabalhar na São Paulo Railway, em Jundiaí, SP e na Liedgerwood, em Campinas.

Ralston era também chefe da Cia. Liedgerwood, Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas, com sede em Campinas. Foi o autor da planta da Fábrica de Tecidos São Luiz, de Itu, SP (CAMILO, 1998, p. 100).

A Fábrica de Tecidos de Algodão destinava-se à produção de tecidos para sacaria e tecidos rústicos. Contava com 30 teares impulsionados por turbina Loefel e empregava 34 trabalhadores, entre americanos, brasileiros e escravos.

A industrialização no Estado de São Paulo, assim como na capital, se implanta seguindo os trilhos dos trens. A extensão das linhas se fez para facilitar o transporte do café, mas desde a segunda metade do século XIX observa-se a instalação de indústrias perto das estações ferroviárias, ou a instalação de ramais especiais que ligam as linhas principais às indústrias (BLAY, 1985, p. 32).

No início da década de 1880, a fábrica de tecidos foi vendida aos irmãos ingleses Jorge e Clement Wilmot, que a ampliaram, iniciaram a construção da vila operária e foram responsáveis pelo plantio dos bambus no acesso entre a vila e a estação de Santa Bárbara (Foto 1).

Nessa época se passou a designar a região da fábrica e a própria indústria pelo nome Carioba, que significa pano branco em tupi-guarani (JONES, 1967, p. 344).

Os proprietários foram premiados na Exposição da Província de São Paulo de 1885, classificando-se em 2º lugar entre as melhores indústrias de tecidos (CAMILO, 1998, p. 101). Desde a época dos primeiros proprietários, a fábrica produzia tecidos de algodão, brins e casemira Carioba, tingida com corantes extraídos de plantas naturais (QUEIROZ, 1951, p. 5). Contava, então, a fábrica com 17 alqueires de terra, edifício da fábrica, casa de carpinteiro, força d'água motora e 45 casas para operários.³

³ Itens arrolados no processo de penhora movido, em 1898, pelo Banco do Brasil contra a Fábrica de Tecidos Carioba, de propriedade dos irmãos Wilmot. Processo nº 6.361 do 1º Ofício do Tribunal de Justiça Civil, ano de 1898. Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, Campinas, SP, Cx. 337.



Foto 1 – Estrada de bambus que fazia a ligação entre a Vila Carioba e a Vila Americana. Década de 1920. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Ainda a respeito da gestão dos Wilmot quanto à contratação de trabalhadores para a indústria de Carioba, localizou-se no Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, um importante documento sobre locação de escravos, datado de 1887, efetivado entre os senhores Clement Wilmot e Basílio Bueno Rangel, proprietário da Fazenda Machadinho.⁴

O documento citado refere-se ao adiantamento que o Senhor Clement Wilmot fazia para a alforria de nove escravos, sendo cinco homens e quatro mulheres, pertencentes aos senhores Basílio e José Bueno Rangel, proprietários da Fazenda Machadinho. A transação foi feita mediante o contrato no qual os escravos se obrigavam a trabalhar durante três e quatro anos na Fábrica de Tecidos Carioba, nos dias úteis, recebendo em troca: moradia, alimentação e cuidados médicos, quando necessários. Assinava como curador dos escravos o Dr. Antonio Álvares Lobo, advogado em Campinas, que fazia no ato considerações sobre a injustiça do sistema escravocrata,

⁴ Processo nº 12.685 do Cartório do Primeiro Ofício, ano de 1887, Locação de escravos. Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, Campinas, SP, Cx. 623.

mas afirmava ser necessário estabelecer as responsabilidades no cumprimento dos itens ajustados entre o proprietário da fábrica e os antigos escravos (RIBEIRO et al., 1999, p. 46 - 47).

Este contrato de locação de escravos evidencia a escassez de mão-de-obra na região e também uma tentativa de qualificar esses trabalhadores afeitos ao trabalho agrícola para a rotina do trabalho industrial, além de exemplificar aspectos da transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

A empresa dos Wilmot, entretanto enfrentou dificuldades com a crise econômica dos primeiros anos da República; endividados com o Banco do Brasil (ver nota de rodapé 3), os empresários encerraram suas atividades em 1896, com penhora da firma. Os operários que ali residiam transferiram-se para Vila Americana, empregando-se em outras atividades.

A indústria permaneceu fechada até 1901, quando foi arrematada em leilão realizado no dia 30 de setembro, em Campinas, pelo alemão Franz Müller, natural de Brunswick que, desde 1886, fixara residência em São Paulo, onde era estabelecido com casa importadora de produtos manufaturados, desde agulhas até motores e turbinas. Nesse período foi-lhe outorgado o título de Comendador pelo Imperador da Áustria, Francisco José, em reconhecimento aos relevantes serviços por ele prestados aos súditos daquele país, residentes em São Paulo (MÜLLER CARIOBA, 1992, p. 36) (Anexo 1).

Para a aquisição da indústria, Franz Müller contou com capitais disponibilizados por seu irmão Hermann, que vivia na Alemanha, e de um capitalista inglês chamado Rowland Rawlinson.

A primeira intenção era colocar a fábrica em funcionamento e depois vendê-la com lucro; entretanto Franz Müller se encantou com as belezas naturais do local. Vendo as potencialidades do investimento, conseguiu convencer os dois sócios a disponibilizarem o capital necessário (MÜLLER CARIOBA, 1992, p. 29).

Em carta datada de 21 de outubro de 1901, escrita a sua esposa que se encontrava na Alemanha, Franz Müller revela suas aspirações sobre o futuro da indústria da Carioba.

... Hoje é dia de muita correspondência e muito serviço. Não terminei as minhas anotações e ainda tenho que preparar um relatório para o Hermann sobre a Carioba apresentando-lhe a minha proposta sobre a venda. Espero que o assunto chegue logo ao fim, pois estas eternas ponderações são muito aborrecidas. Amanhã cedo vou voltar a Carioba, sendo que o Jansen, o novo Mestre Geral, já seguiu levando também um mecânico.

Bem que eu gostaria que a venda não se realize e que depois de colocá-la em funcionamento nós conseguíssemos ficar com ela. Porém eu tenho que fazer uma proposta oferecendo-a aos compradores a um preço válido até 30 de junho do próximo

ano, naturalmente com tudo funcionando. Para o Hermann e seus amigos deverão sobrar uns 30 contos de réis. Bem vamos ver (LEYEN, 1954, p. 35).

Em 18 de novembro de 1901, Franz Müller acrescentava em nova missiva à esposa Albertina.

... Meu bem não se preocupe com o assunto da Fábrica. Eu receio que venhamos a ter uma proposta irrecusável, pois confio tanto nas possibilidades dessa indústria que não tenho medo dos problemas nem das responsabilidades envolvidas. Se isto não funcionar, então nada funciona. Os artigos têm tão boa aceitação no mercado, que a lucratividade somente dependerá da eficiência na produção. Recebo e aceito com muita gratidão os seus votos de boa sorte e sucesso. Como você sabe, sinto muita satisfação ao criar algo novo e assim o trabalho não me causa qualquer desanimo, mas ao contrário, me estimula.

Ontem e anteontem estive novamente em Carioba para verificar o andamento do trabalho. Nesses 15 dias o aspecto da fábrica já mudou muito, com boa parte das máquinas da fiação e dos teares já limpos e consertados. Também o rego progrediu bastante de modo que até o dia 1º de dezembro as turbinas poderão entrar em funcionamento. De qualquer modo a produção deverá se iniciar no dia 1º de janeiro de 1902. Estou muito ansioso. Não fosse tão necessária a minha presença em São Paulo, eu iria morar em Carioba para dirigir tudo pessoalmente. Bem quem sabe, futuramente será assim. Para minha grande alegria chegou hoje um telegrama do Hermann dizendo que vai colocar o capital necessário a minha disposição. Ele que fique bem tranquilo, pois nós aqui haveremos de cuidar para que funcione tão bem quanto possível (LEYEN, 1995, p. 35).

Na véspera do Natal de 1901, Franz Müller redigiu outra carta onde revelava aspectos subjetivos de seu empenho na manutenção da fábrica.

Eu jantei às 6 horas na casa do meu gerente, o Jansen, onde não havia, entretanto nem um pouco de ambiente natalino. A noite está um encantamento, a temperatura é morna e muito agradável, a lua cheia brilha no céu. No horizonte as nuvens sobre as colinas ainda refletem os últimos clarões do sol que já se escondeu. Contra a mata escura se destaca o cintilante Rio Piracicaba. Ouço o sussurro do riacho ao fundo, ao redor é paz e tranquilidade. Isto é muito bom e eu sinto que é noite de Natal. Sinto-me pertinho de vocês todos (LEYEN, 1995, p. 32).

Através da análise da correspondência entre o Comendador Müller e sua esposa, pode-se reconstruir a trajetória sócio-cultural do empresário no Brasil e na Alemanha, explicitando-se as iniciativas e os relacionamentos que vão sendo estabelecidos para a concretização do empreendimento. A correspondência cruza informações de ordem privada familiar, institucional e empresarial, permitindo recompor o cenário em que foram tomadas as decisões. Expressa ainda aspectos da personalidade do empresário em seu entusiasmo sobre a paisagem natural da região onde pretendia desenvolver seu projeto.

Em março de 1902 foi feita a inauguração da firma, com grande entusiasmo do proprietário, autoridades e habitantes da Vila Americana, que teve sua população aumentada com a chegada de inúmeras famílias atraídas pelas oportunidades de trabalho na construção da vila operária e na indústria de Carioba (PINHANELLI, 1998, p. 6) (Anexo 2).

Ao chegarem em abril de 1902, a esposa e os filhos menores de Franz Müller foram prontamente levados a Carioba, para que ele pudesse mostrar com muito orgulho tudo o que havia criado no espaço de meio ano.

... Mamãe encantou-se com Carioba, com a Casa Grande e seus arredores e mostrou-se bastante disposta a mudar para lá, conforme desejo de papai. Antes, porém ele teria que resolver a situação da sua empresa Francisco Müller e Cia. e seus negócios em São Paulo (LEYEN, 1995, p. 32).

Através da análise da correspondência entre o comendador Müller e sua esposa pode-se reconstruir a trajetória sócio cultural do empresário no Brasil e na Alemanha, explicitando-se as iniciativas e os relacionamentos que vão sendo estabelecidos para assegurar a concretização do empreendimento. A correspondência cruza informações de ordem privada familiar institucional e empresarial permitindo recompor o cenário em que foram tomadas as decisões. Expressa ainda aspectos da personalidade do empresário sua apreciação a cerca da paisagem natural da região em que planejava desenvolver seu projeto. O texto memorialístico, escrito por sua filha Margarete, acrescenta a concordância da mãe com o entusiasmo do pai a respeito da beleza da região e sua firme disposição de transferir a residência de São Paulo para lá.

A transferência da família Müller para Carioba se efetivou nos últimos dias de dezembro de 1902.

...“ Vem assim instalar-se na casa grande, construída pelos ingleses num ponto estratégico de observação da fábrica, a encosta logo acima dos salões que ficavam na parte lindeira ao Rio Piracicaba. A residência passa por reformas tomando feitiços que nos parecem mais germânicos”(MORETTI, 1999, p. 82).

Os anos de 1902 a 1905 foram de grande convivência familiar para a família Müller, de intenso trabalho para Franz, acompanhando, diretamente, a construção da vila operária e o funcionamento da indústria. À esposa Albertina coube o gerenciamento da criação de gado leiteiro para fornecimento do leite à família dos proprietários e aos moradores da vila operária, além da fabricação de manteiga e queijo (LEYEN, 1995, p. 49).

Em carta datada de 1905, Franz Müller expressava todo o entusiasmo que o trabalho na direção da indústria lhe proporcionava, explicitava seu caráter empreendedor e o ethos do trabalho que caracterizava sua personalidade, ao mesmo tempo em que se orgulhava por ser a empresa uma iniciativa de alemães.

... Recebi um convite do Trost para o jantar de gala em homenagem aos oficiais do “Panther”, mas mandei um telegrama avisando que não posso me ausentar no momento. Não quero me afastar devido à chegada de nossas máquinas, além de não estar muito disposto a participar de festividades e bebericar. Em compensação eu os convidei para virem conhecer esta que é a única fábrica onde foi aplicado capital alemão. Eles poderão tomar um café aqui e depois fazer um passeio a cavalo até a Fazenda Salto Grande. Isto será fácil desde que o Trost como cônsul alemão, consiga fazer o primeiro e o último trem pararem aqui em Villa Americana vindo e retornando a São Paulo no mesmo dia (LEYEN, 1995, p. 44).

O jornal “Gazeta de Campinas”, de 30 de julho de 1922, refere-se à evolução da fábrica desde sua reabertura, em 1902, até o ano de 1922: “... em 1902, 90 teares e 1.800 fusos e em 1922, 430 teares e 8.000 fusos”. Também o jornal “O Município”, de 12 de novembro de 1937, faz referência aos equipamentos e ao número de operários da fábrica:

500 teares e 10.000 fusos, com 800 operários, fabricando os artigos Zephires e xadrezes, com produção anual de 7.000.000 de metros de tecido.
Um ponto que merece referência toda especial é o modo lhano e captivante com que são tratados os empregados, sem distinção alguma. Vivem todos irmanados num só ideal como seja o progresso não só da fábrica como também da Fazenda Salto Grande, enfim de toda Carioba.

3.5.1 A expansão da indústria e a construção da hidrelétrica do Salto Grande

Empresário de visão, Franz Müller logo percebeu que, para a expansão da indústria, havia necessidade de uma fonte de energia. Voltou sua atenção para a Fazenda Salto Grande, que se encontrava à venda. Mais uma vez convenceu os sócios a disponibilizar o capital necessário ao empreendimento, e a compra da propriedade se concretizou em 1907. Metódico e organizado, iniciou estudos sobre hidrelétrica. Contratou a firma Hacker, Bromberg e Cia., sediada no Rio de Janeiro, para a construção da hidrelétrica do Salto Grande (MÜLLER CARIوبا, 1992, p.32) (Figuras 1 e 2).

Inaugurada em 1911, a hidrelétrica do Salto Grande passou a fornecer energia elétrica para a indústria da Carioba, além de Vila Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara, Rebouças (atual Sumaré) e Cosmópolis, possibilitando o estabelecimento de novos empreendimentos nessas localidades (MÜLLER CARIوبا, 1992, p. 8).

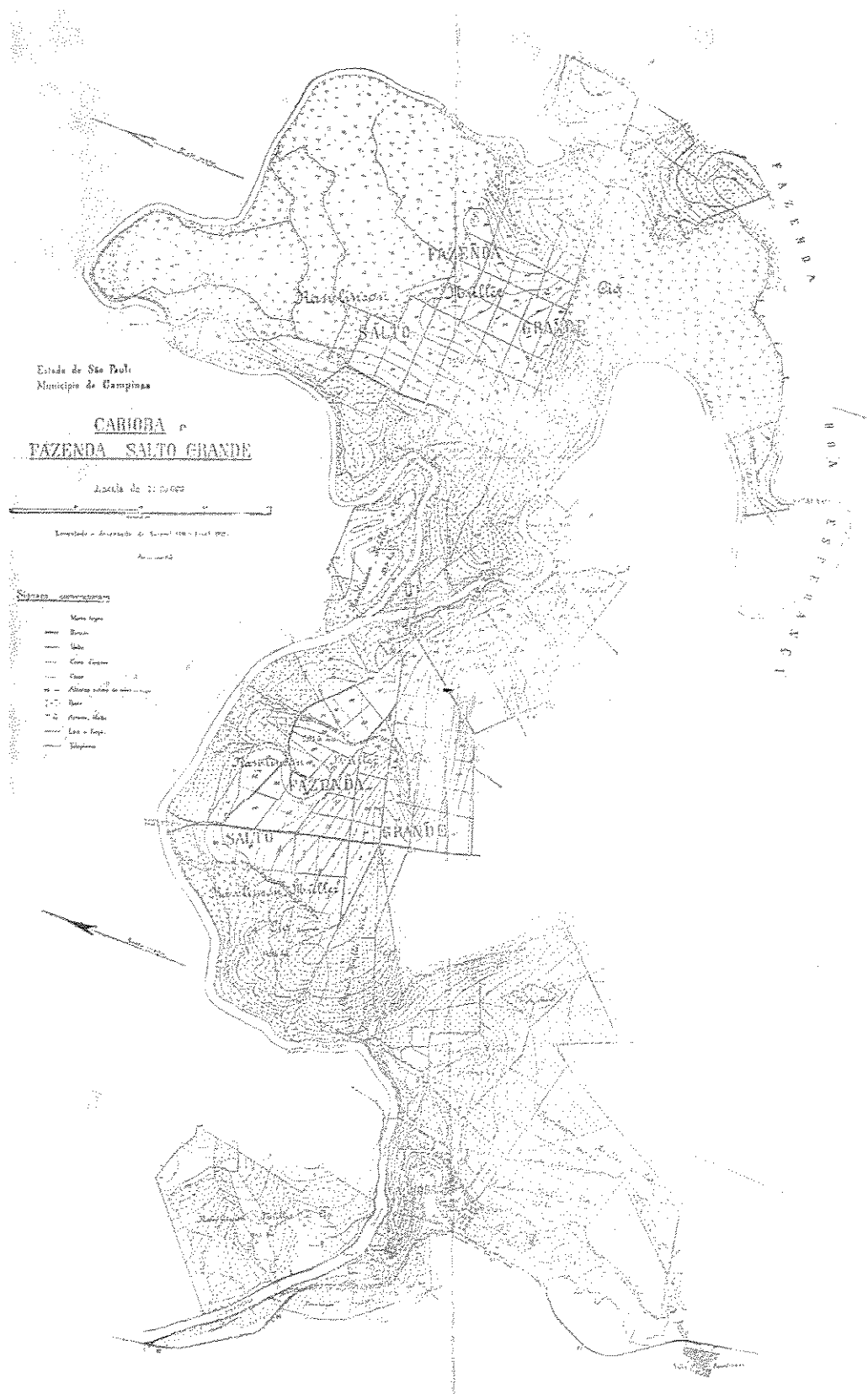


Figura 1 – Mapa da Vila Carioba e Fazenda Salto Grande, Município de Campinas. *Levantado e desenhado de novembro de 1916 a fevereiro de 1917.* Fonte: acervo da família Hafers.

FABRICA DE TECDOS

"CARIOBA"

Rawlinson, Müller & C.

VILLA AMERICANA

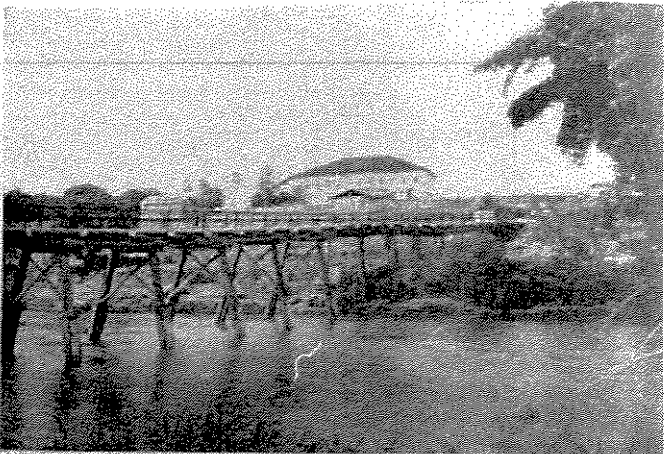
Escritorio central em Berlim

Fundada em 1901 com 90 teares e 1800 fusos

Em 10 annos foi extraordinario o seu desenvolvimento, possuindo hoje 400 teares e 8.000 fusos, movidos por 600 H. P. electricos

SECÇÃO DE TINTURARIA com machinismos modernos os mais aperfeiçoados

PRODUCCAO de 15.000 metros diarios de tecidos diversos, consumindo para isso 1.500 kilos de algodão por dia



VISTA DA FABRICA



FABRICA E HABITACAO DA USINA ELECTRICA EM SALTO GRANDE

USINA ELECTRICA PROPRIA no local denominado Salto Grande, distante 7 Kms. da fabrica, com 3000 cavallens de forza

MAIS DE 150 CASAS OPERARIAS com todas as exigencias da commodidade e hygiene — Escolas, recreios, banda de musica, formaca de operarios do Estabelecimento, salão cinematographico, sala de baile — Servico medico, Pharmacia, etc.

O NUMERO DOS OPERARIOS supera o de 600

Figura 2 – Material de divulgação da Fábrica de Tecidos Carioba, com menção do escritório central em Berlim (Alemanha). Fonte: CAPRI, Roberto (1913).

Sobre esse acontecimento, o genro do comendador Müller, Bruno von der Leyne escreveu a sua mãe:

O dia de ontem Domingo, (18 de junho de 1911 foi uma festa em Carioba e em Vila Americana. Foi a inauguração da instalação da luz elétrica fornecida pela Rawlison, Müller e Cia para abastecer Vila Americana.. Com grande pompa, com a presença de altas personalidades de Campinas e de São Paulo, a festa foi , conforme reportagem do jornal, dedicada a R Müller e Cia e especialmente ao Pai, com pomposos discursos, etc. A eletricidade vai trazer a indústria para Vila Americana, e todos festejam ao Pai como seu benfeitor. Você verá mãezinha, se o Brasil continuar nessa onda de progresso dos últimos anos, Carioba e Americana terão tido uma participação considerável nisso, e conseqüentemente também nossa família (LEYEN, 2005).

Paralelamente à construção da hidrelétrica, colocou-se a necessidade de um projeto agrícola para exploração dos quase mil alqueires da propriedade. Este foi desenvolvido sob a administração do técnico agrícola Francisco Fornazaro, que adotou as mais modernas técnicas para o plantio e cultivo do algodão, milho, arroz e feijão. Equipamentos agrícolas tais como, arados, cultivadores, destorreadores, foram adotados, categorizando-se a propriedade como campo de experiências e de cooperação com o Instituto Agrônômico de Campinas para a produção de sementes de algodão, milho e feijão (Figura 3).

O jornal “O Limeirense” (1918) publicou uma reportagem na qual considerava a Fazenda Salto Grande uma escola, um campo de demonstração das mais modernas técnicas de cultivo do algodão, recomendando aos agricultores da região uma visita a esta propriedade pioneira.

O jornal “Gazeta de Campinas”, em 30 de julho de 1922, destacava alguns dados relativos à agricultura e produção da Fazenda Salto Grande:

Fazenda Salto Grande com 1.112 hectares, dos quais 800 são cultivados com as principais lavouras: algodão 500 ha, canna 125 ha, milho 125 ha, fumo e feijão 25 há... Produção de algodão 45.000 arrobas ... premio na exposição de algodão em São Paulo ... medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro em 1908. Medalha de ouro na exposição de Turim em 1911 ... produção de fumo para fabricação de charutos, variedade Kentucki... no terceiro ano aproximadamente 300.000 charutos.

Salão Sport

DE

Marques & Schiavone

ASSEIO E PROMPTIDÃO

3 Cadeiras giratórias e americanas

Salão do povo e para o povo

Carioba : — : Villa Americana

Officina UNIÃO

DE

FIORE CHINELLAT

Nesta bem montada Officina concerta-se qualq
marca de automoveis — Serviço rapido e gar
tido — Unico agente de Oleo e Gazolina "St
dart", e mais accessorios do ramo.

Carioba — VILLA AMERICANA

BAR E SOUVETERIA CARIOBA

DE

Galassi & Corrêa

Completo sortimento de Conservas — Doces e
Bebidas Nacionais e Extranheiras

PASTEL, SANDWICHES e GROSQUETTES

Carioba — VILLA AMERICANA

PRÓPRIA, CONFEITARIA E BAR

DE

Vicente Sarr

Pães Frescos todos os dias — Doces e mais
lodiccs — Accella encomendas de doccs p
Casamentos e Baptizados

Casa 121, não sendo 121, não é o Bar do Vice

Carioba — VILLA AMERICANA

Fazenda Salto Grande

DE

Müller Carioba & Cia

Sementes seleccionadas de algodão, cereaes, feijão de porco
e mocuna para adubação verde, postes, moirões e achas
de guarantã. Aguardente.

TELEPHONE, 28

Carioba

Villa Americana

Figura 3 — Material de divulgação da Fazenda Salto Grande e de casas comerciais de Carioba. Veiculado no Jornal "O Município" de Villa Americana, em 12 de novembro de 1937.

As pastagens foram formadas com variedades de capim apropriadas para o gado leiteiro e o gado de corte. Outra atividade desenvolvida, também através de convênio com a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e o Instituto Agrônomo de Campinas, foi a sericicultura.

Nas amplas instalações da área de serviço da propriedade instalaram-se máquinas para o descaroçamento do algodão e prensagem dos fardos, que eram transportados para fiação no complexo industrial da Carioba.

A firma Rawlinson, Müller e Cia. foi um dos primeiros exemplos de verticalização da produção no interior do Estado de São Paulo, pois produzia a matéria-prima, o algodão, o industrializava e ainda fazia a comercialização dos tecidos através de seu escritório localizado na Vila Carioba, ou de outro localizado na Capital, conforme consta no Almanaque de Campinas, (1914).

Contava, ainda, a propriedade com uma serraria para aproveitamento da madeira de suas matas e uma olaria para fabricar tijolos e telhas para novas construções da vila operária e nas colônias da Fazenda Salto Grande (Foto 2).

No ano de 1911 se estabeleceu, junto à Fábrica de Tecidos Carioba, um modelar estabelecimento para confecção de fitas de seda, sob a razão social de Müller, Albert e Cia, sob a direção de Bruno von der Leyen, genro do Comendador Müller, a qual foi notícia do Almanaque de Campinas (1914, p. VII):

Esta fábrica conta com 35 teares movidos a força electrica fornecida pela Empreza Electrica Carioba. Os mecanismos foram importados da Suissa e trabalham com o effectivo de 70 operários. Fabricam-se: FITAS, TAFETÁS E SETINS: fitas da moda, fitas para chapéus de homens e para passamanaria. Os artigos fabricados attingem mensalmente a 60 ou 70 contos de réis. Casas próprias para operários, hygienicas e modernas com installações de água e esgoto. As casas, a fábrica e as ruas illuminadas a luz electrica.

Por volta de 1914, esta empresa teve sua razão social mudada para Cia. Leyen de Seda e, em 1935, passou a ser denominada Tecelagem de Fitas e Elásticos Quilombo S/A, com a entrada como sócio da indústria, do Sr. Henrique Müller, filho mais novo do Comendador. Na matéria do jornal "O Município", de 12 de novembro de 1937, havia menção à estrutura operacional e administrativa da fábrica de fitas e elásticos:

Na Tecelagem de Fitas e Elásticos Quilombo S/A. trabalha uma boa centena de operários e empregados, tendo como diretor gerente Hermann von Poellnitz e os Senhores Victorio Tognazzi e Germano Hansen. A indústria funciona com 65 teares suíços e alemães.

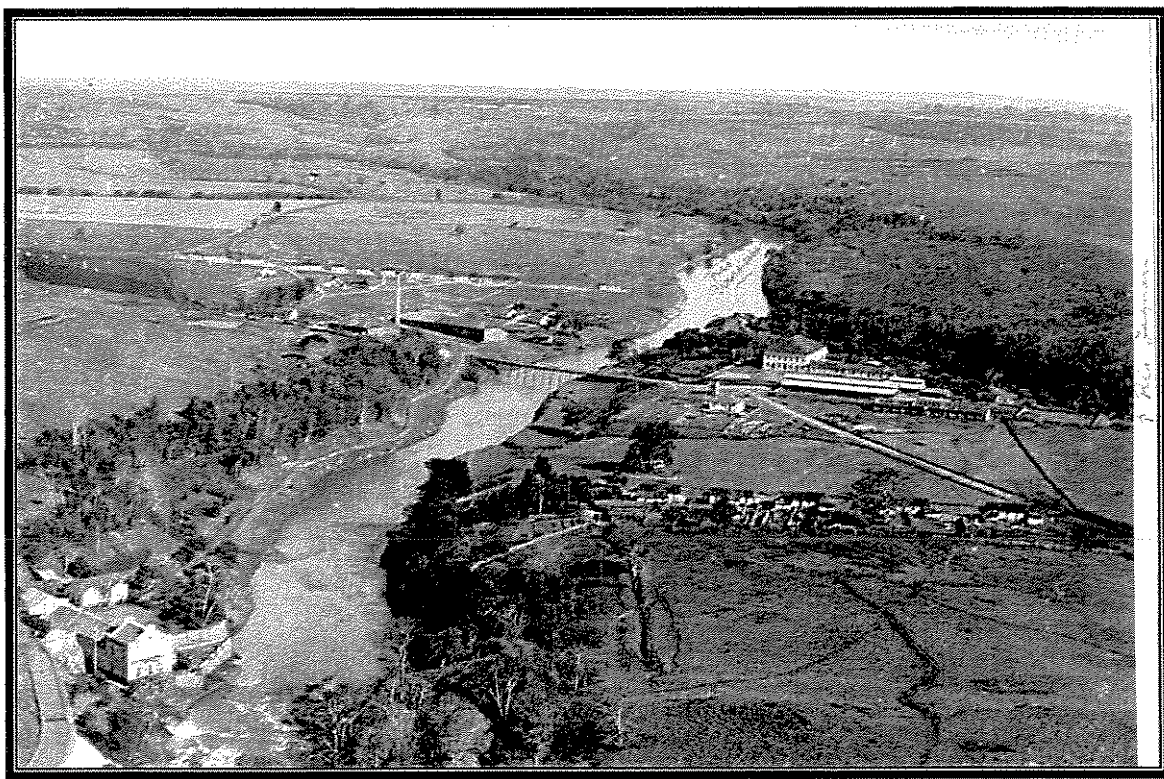


Foto 2 – Fazenda Salto Grande, com a usina hidrelétrica no canto inferior à esquerda, a sede da Fazenda, próxima à junção dos rios Atibaia (à esquerda) e Jaguari (à direita), formando o Rio Piracicaba e as colônias rurais. Final da década de 1930. Fonte: acervo da família Hafers.

As matas ciliares muito bem conservadas, não havia enxurrados, nem assoreamento do rio pelas chuvas, porque tinha uma margem daqui até o contorno da Usina Ester, que era todo o contorno do Rio Piracicaba e ainda um trecho do Jaguari, com uma faixa de cem metros de mata virgem (Sr. Itabajara Fonseca, 1995).

Durante a década de 1910, a estrutura da vila operária de Carioba se consolidou com a criação de inúmeros serviços para atendimento de sua população, como os relativos à educação, à manutenção da saúde e ao lazer dos operários. Na década de 1920, a escola era incluída entre as escolas reunidas da rede estadual pública:

As escolas reunidas sabiamente orientadas pela fulgurosa inteligência de seu diretor o “Prof. Constantino Augusto Pinke, funcionou desde 5 de agosto de 1921 para várias classes, tanto do sexo masculino quanto feminino.

Os filhos do Comendador Müller reconhecem o quanto a instrução é capaz de realizar, mormente nessa campanha meritória contra o analfabetismo.

O atual edifício das escolas reunidas foi erigido em 1923 sob a direção e fiscalização de seu diretor, o que serviu de uma garantia para sahir obra perfeita. Cinco amplas salas, com todos os requisitos necessários a moderna pedagogia e hygiene, notando-se ainda vistosa sala para recepções, gabinete de diretor, arquivo, portaria etc. (O MUNICÍPIO, 12 de novembro de 1937).

Em edição de 30 de julho de 1922, o jornal “Gazeta de Campinas” referia-se à matrícula de 186 alunos, todos filhos de operários, na escola reunida de Carioba.

A Sociedade de Mútuo Socorro “Comendador Müller” foi fundada em 1916, originalmente com o nome Grupo Dramático de Mútuo Socorro “Comendador Müller”. Assim expressou a matéria do jornal “O Município”, na edição de 12 de novembro de 1937, sobre a Sociedade:

Como a luz de sol que, embora silenciosamente, não deixa de difundir alegria por toda a natureza, assim também a Sociedade Mútuo Socorro “Comendador Müller” não deixa de levar, a cada associado, em momentos oportunos e de necessidade, o auxílio indispensável, pagando, aos sócios, o seu pecúlio ou internando-os em um dos hospitais que mantêm contracto.

No ano de 1917, foi necessário um rígido controle no combate à epidemia de impaludismo que acometeu grande parte da população, através da adoção de um programa de saúde pública custeado pela firma Rawlinson, Müller e Cia.

À época, o Dr. Francisco de Salles Gomes Júnior, era o chefe da Inspetoria Geral dos Serviços de Profilaxia, e a malária havia se alastrado pela Vila Carioba, Fazenda Salto Grande, Vila Americana e Nova Odessa. Em relatório de 1917, assim se referia a Carioba:

uma vila industrial com 207 casas e 1.127 habitantes, servida de água encanada em chafarizes próximos às casas operárias e com cisternas externas com esgoto até o rio, dimensionado adequadamente para suprir as necessidades de todas as aglomerações. Servida de cooperativa administrada pelos próprios operários, com padaria, açougue e armazém; servida ainda, de um bom hotel, de cinema e farmácia, a Carioba Fábrica de Tecidos de 400 teares e que paga anualmente mais de 150\$000 (cento e cinquenta contos de réis) de impostos de consumo (GOMES JÚNIOR, 1919, p. 32).

Os dados disponibilizados neste relatório permitem avaliar a gravidade da situação que acometeu a Vila Carioba e a Vila Americana (Quadro 2).

Quadro 2 – Relação entre número de habitantes e portadores de impaludismo, residentes em Vila Americana e Carioba, no ano de 1917. Fonte: GOMES Jr. (1919).

Localidade e nº de habitantes	Casas visitadas	Habitantes		Impaludados	
		Adultos	Menores	Adultos	Menores
Vila Americana 1.745	326	1.003	742	600	350
Vila Carioba 1.127	207	744	383	660	349
Total	533	2.872		1.959	

Foi então contratado o médico Odorico Mendes para tratar os doentes da vila operária e da Fazenda Salto Grande e distribuir remédios. O médico encaminhou os pedidos de auxílio ao Serviço Estadual de Profilaxia e teve início a campanha de combate ao impaludismo, que foi debelado após intensivos trabalhos de tratamento e profilaxia. Esta campanha foi descrita, pormenorizadamente pelo Dr. Antonio de Sales Gomes. Ao ser debelada a epidemia, a Comissão de Higiene da Câmara dos Deputados do estado de São Paulo, presidida pelo Dr. Antonio Lobo e autoridades médicas, visitou a Vila Americana tendo se referido à colaboração da firma naquela campanha nos seguintes termos:

Da fazenda do Sr.Dr. Antonio Lobo os excursionistas seguiram para a de Salto Grande depois para a usina eléctrica do mesmo nome, mais tarde à Fábrica de Tecidos Carioba e Fábrica de Fitas, tudo pertencente a firma Rawlinson Müller & Comp..

Esses grandes industriais merecem os mais calorosos elogios pela inteligente cooperação moral e material que prestaram ao saneamento daquela região assolada pela malária.

Os Srs. Rawlinson, Müller & Comp. fazem por sua conta todos os trabalhos sanitários de Carioba e Salto Grande obedecendo a orientação do Sr. Dr. Arthur Neiva e sob as vistas directas do Sr. Dr. Salles Gomes, sendo administrador das obras o agrônomo Sr. Frederico Fornazaro.

O exemplo dos Senhores Rawlinson, Müller & Comp. deve ser seguido por todos os capitalistas que nas mesmas condições se encontram, com os seus estabelecimentos ameaçados pela intensidade das epidemias, porque, assim agindo, garantem os seus operários e conseqüentemente defendem os seus capitais.

Cumpre notar que as despesas da Firma Rawlinson, Müller & Comp., com o saneamento não são pequenas, antes se elevam a muito mais de uma centena de contos, o que demonstra o modo superior com que aquelles industriaes encaram os seus negócios e ao mesmo tempo a confiança que lhe soube inspirar Arthur Neiva, o sábio e brilhante Director dos Serviços Sanitário.

Depois de meticulosa e profícua inspecção aos estabelecimentos industriaes de Salto Grande e Carioba e as obras de saneamento com que se estão armando os seus proprietários contra futuras investidas da malária, os médicos regressaram a Villa

Americana, onde, em casa do Sr. Sebastião Antas de Abreu lhes foi oferecida uma taça de champagne (GOMES 1919, p. 100-101).

Na década de 1920, a Fábrica de Tecidos Carioba era conhecida em nível nacional e internacional, o que levou a família Müller a oficializar a associação do nome Carioba ao sobrenome da família, cujos integrantes passaram a assinar Müller Carioba. Com o falecimento do Comendador Müller, em 1920, seu filho Hermann assumiu a direção e deu continuidade à obra iniciada pelo pai, ampliando ainda mais a indústria e a vila operária.

Por ocasião do primeiro centenário da independência do Brasil foi publicado na Alemanha pelo Dr. Alfred Funke o livro “O Brasil e a Alemanha 1822-1922”, cujo objetivo era ressaltar as boas relações entre os dois países sendo composto por colaborações brasileiras e alemãs. Esta obra é citada por Diegues (1967, p. 247), que atribuiu ao autor Alfred Funke, notícias sobre o papel dos alemães residentes no Brasil no processo de industrialização do país. Fazendo comentário sobre a industrialização no interior de São Paulo, Diegues afirma

o desenvolvimento urbano e industrial da cidade de Americana, São Paulo é dos mais expressivos; e ao trabalho dos americanos veio juntar-se a colaboração de outros grupos. Do alemão por exemplo; do alemão Rawlinson Mueller é a fábrica de tecidos de algodão estampado, e de outro Leyeu a de tecelagem de seda, referidas no levantamento de Alfred Funke sobre as atividades de alemães no Brasil (DIEGUES 1964, p. 252).

Ressalte-se que esse levantamento tomava o nome da empresa como sendo o do proprietário, misturando o nome do sócio inglês Rawlinson com o do alemão Müller, também quanto à tecelagem de seda há a grafia errada do nome do proprietário que era Leyen e não Leyeu como mencionado.

Na edição de 30 de julho de 1922, o jornal “Gazeta de Campinas” expressa no artigo de Benedito Cavalcanti “Perpetuando a memória de um homem”, o que considera um belo exemplo de gratidão dos operários da Fábrica Carioba, quando da inauguração do busto do Comendador Müller, em Carioba:

Carioba, o pinturesco recanto do labor indefesso, vai ser hoje teatro de um acontecimento que marca eloqüentemente a solidariedade entre o capital e o trabalho. Inaugurando hoje o busto do Comendador Francisco Müller os operários fazem mais do que prestar uma homenagem, pagam um tributo de honra ... Essa grandiosa manifestação de estima – extraordinário pleito de simpatia, sagrado e admirável tributo de gratidão e de respeito – que vae ser hoje prestada pelos operários da Fábrica de Carioba a saudosa memória do benemérito cavalheiro Comendador Francisco Müller, fala bem alto, confirmando o asserto de que nem sempre patrões e operários vivem divorciados uns dos outros, nas suas idéias, seus princípios e seus fins.

Comendador Francisco Müller foi um bom patrão, melhor ainda, foi um amigo devotado, um benfeitor extremoso. Praticando o bem, cuidando espontaneamente e com carinho dos interesses físicos, morais e materiais dos seus operários, dia a dia, vinha o bondoso chefe demonstrando claramente que o trabalho coletivo de toda aquela massa humana convertia, em fundo, para a felicidade de cada um deles perpetuamente na pessoa dos filhos, netos e outros descendentes nas gerações futuras.

Para o lazer dos operários, vários clubes foram criados. A “Gazeta de Campinas”, na edição de 30 de julho de 1922, citava a existência de três clubes na Vila Carioba: o Clube Recreativo Esportivo Carioba, o Clube de Regatas e Natação e a Sociedade de Mútuo Socorro “Comendador Müller”, além de dois cinemas. A matéria mencionava a participação do Clube de Regatas e Natação em competições que ocorriam em São Paulo, Piracicaba, Campinas e outras localidades, além de receber equipes de outras cidades que vinham competir em Carioba. O clube possuía cinco barcos e as competições mais acirradas eram travadas com os piracicabanos. Integravam a equipe os seguintes remadores: Adrião Fonseca, Alcy Travaglia, Antenor Polido, Edgar Calheiros, Irineu Travaglia, João Calheiros, Joaquim Müller Carioba, José Moacyr Furini, Mauro Schiavone e Oswaldo Pereira. Os nadadores eram Edgar Calheiros e José Furini.

Os parques Dona Albertina e São Francisco foram construídos em área verde, equipados com coretos para apresentações musicais e jogos. Aos domingos, eram freqüentados pelos moradores do bairro e também atraíam caravanas de visitantes de cidades próximas, que conseguiam com que os trens da Cia. de Estradas de Ferro fizessem uma parada próxima à ponte do Rio Piracicaba para facilitar o acesso a Carioba.

3.5.2 O início do declínio da Fábrica de Tecidos Carioba

A crise da economia mundial dos anos 30, iniciada com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, teve reflexos na economia brasileira. Na indústria da Carioba se formaram grandes estoques de tecidos e os proprietários, para resolver a aflitiva situação, colocaram à venda a hidrelétrica do Salto Grande.

Em 1933, iniciaram a construção de uma pequena usina em Carioba, formando uma represa e aproveitando o desnível do Rio Quilombo.

Na década de 1930, a indústria admitiu grande número de trabalhadores da Vila Americana, para funcionar em turnos. Alguns passaram a adquirir os teares antigos que a

indústria descartava com a introdução de máquinas mais modernas e produtivas. Instalando essas máquinas em suas próprias casas ou em construções anexas, os operários iniciavam seus familiares na atividade têxtil. Os fios eram cedidos por indústrias maiores ou por comerciantes de tecidos estabelecidos em São Paulo. Esta modalidade de prestação de serviços, conhecida como indústria façonista, viria caracterizar o desenvolvimento industrial de Americana e se baseava no trabalho intensivo do pequeno industrial e sua família (RODRIGUES, 1978, p. 13). Segundo Rodrigues, a expressão **trabalho a fação** é de origem francesa e se refere a um trabalho executado sem a propriedade da matéria-prima a ser trabalhada, a qual é alocada por terceiros. Da expressão fação derivou o termo façonismo, definido como um sistema de trabalho baseado na prestação de serviços. Rodrigues se reporta aos autores A. Alix e A. Gilbert, em seu esclarecedor e completo trabalho sobre a “Geografia das Indústrias Têxteis”, no qual o façonismo pode ser definido como:

*type industriel elementaire est represente par l'ouvrier á façon indépendant, travaillant chez lui avec um métier lui appartenant. Il a existe des lês temps plus anciens, et il est encore universellement répandu. Il n'a guéré á se préocuper de trouver des matières premiéres et de chercher des débouchés, il joue son travail*⁵ (ALIX et GILBERT, 1966, p. 67).

Esse sistema de trabalho foi muito utilizado na França e na Itália (onde ainda persiste). Encontra-se, hoje, principalmente empregado em países subdesenvolvidos, estando difundido no Brasil, de modo especial na cidade de Americana (RODRIGUES, 1978, p. 9).

No início da década de 1940, a indústria de Carioba já experimentava dificuldades para a sua continuidade, ocasionadas pela concorrência de empresas equipadas com máquinas mais modernas e produtivas e de uma produção sem os encargos de manutenção da vila operária.

A legislação aprovada pelo Governo Vargas trouxe novos encargos e também questionamentos dos operários acerca dos salários e direitos trabalhistas. Num sistema de organização fabril, apoiado em práticas patrimonialistas de dependência e laços de lealdade ao proprietário, a nova regulamentação do trabalho ensejava contestações que não eram admitidas

⁵ Tradução própria:

O façonismo pode ser definido como um sistema industrial elementar, é representado pelo trabalhador por sua parte independente, trabalhando em sua casa com os instrumentos que lhe pertencem. Ele existiu desde tempos remotos, e é ainda universalmente difundido. Ele (o trabalhador) não necessita em se preocupar em encontrar a matéria-prima e procurar os consumidores, ele aluga seu trabalho.

pelos patrões. Por outro lado, a família extensa, constituída pelos filhos e netos do fundador da indústria, não encontrava condições para ser absorvida nos postos de direção, representando grande despesa para a manutenção de seu estilo de vida, próprio das camadas da elite.

Os aspectos citados foram motivo de divergência entre os sócios da empresa. O Sr. Hermann Müller retirou-se da sociedade em 1942, vendendo sua parte ao irmão Hans, então sócio majoritário da empresa. Transferiu-se para São Paulo e, depois, para Campos do Jordão (PIETZSCHKE, 1982, p. 34).

A Segunda Guerra Mundial também trouxe dificuldades para as empresas pertencentes a alemães e seus descendentes, com restrições aos créditos que se faziam necessários para a renovação do maquinário. A indústria foi vendida em 1944 ao Grupo Abdalla, constituído por empresários que se dedicavam a uma ampla gama de negócios, tais como indústria de cimento, agropecuária e comércio.

Muitas das antigas famílias que viviam na Carioba, onde tinham nascido e crescido seus filhos, transferiram-se para a cidade de Americana. Detentores de um saber técnico e de padrões culturais diferenciados, esses antigos operários iniciaram pequenas indústrias em Americana, fabricando novos tipos de tecido, como o *rayon*, que respondia às novas demandas dos consumidores (PINHANELLI, 1988, p. 9).

Os novos proprietários da Fábrica Carioba ampliaram as instalações da indústria, modernizaram o setor de tecelagem (PAVAN, 1973), mas foram prejudicados por inúmeras questões trabalhistas com antigos operários e pelas dificuldades em qualificar famílias oriundas da zona rural para o trabalho na indústria.

A Fábrica de Tecidos Carioba foi fechada em 1976. As dívidas trabalhistas foram pagas com lotes de terreno em áreas que vieram a constituir bairros da cidade de Americana. Numa tentativa de desmobilizar os movimentos iniciados por antigos moradores da Carioba para sua preservação, acelerou-se o processo de destruição da vila operária no início da década de 1980 com venda ou doação de material das casas para os empregados que se retiravam da vila industrial e desejavam aproveitá-los para construírem em terrenos (MOMENTO, 1981, p. 12 – 16; O LIBERAL, 1982a, p. 1 e 3; O ESTADO DE SÃO PAULO, 1982, p. 21; O LIBERAL, 1982b, p. 5).

O depoimento de uma antiga trabalhadora que morou por trinta e seis anos em Carioba explica o drama dos operários nesse período.

Depois de trinta e seis anos morando lá tive que sair assim corrida, saí corrida, fui acabando de arrumar as coisas durante a noite, eles queriam que desocupasse pra derrubar a casa , pra vender pros compradores que queriam tijolos. Então, depois de trinta e seis anos que morei num lugar, servi, fiz o que pude!!!! (Sra. Zulmira Severino, 1995; morou na Carioba de 1949 a 1985).

O patrimônio remanescente, representado pelo prédio do Grupo Escolar, a sede da Sociedade Mútuo Socorro, as casas que pertenceram ao Comendador Müller e a seus filhos, os galpões das fábricas e a casa-sede da Fazenda Salto Grande foram objeto de acordo com a Prefeitura Municipal de Americana, que restituiu ao Grupo Abdalla áreas anteriormente desapropriadas. Em troca, esse patrimônio passou para o poder público (O LIBERAL, 1983a, p. 1 e 5; 1983b, p. 1).

A recuperação deste patrimônio vem mobilizando, desde 1992, amplos setores da população de Americana. O prédio da escola abriga hoje o Arquivo Municipal. A casa Hermann, já restaurada, transformou-se na Casa de Cultura de Americana, cenário para reunião dos antigos cariobenses e lançamento da produção intelectual dos mesmos, evocando a pujança da indústria e, sobretudo, os laços sociais que os uniram.

4. FAMÍLIA MÜLLER: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE GERMÂNICA E EMPREENDEDORISMO

4.1 A trajetória do Rio Grande do Sul a São Paulo

Franz Müller principiou sua trajetória no Brasil em Porto Alegre, onde chegou em 1880. Antes dele, seu irmão Hermann, cinco anos mais velho, iniciou a saga dos Müller na América Latina, residindo no Uruguai e na Argentina, onde foi cônsul honorário. Regressando à Alemanha, manteve intenso relacionamento com o exterior, principalmente com a firma do inglês Rowland Rawlinson de quem se tornou amigo.

Natural de Braunschweig, na Alemanha, Franz Müller nasceu em 1855, era filho e neto de pastores luteranos. Seus antepassados exerceram missão religiosa na localidade de Oelper, situada nas proximidades de sua cidade natal. Do pai e do avô, ele e os irmãos herdaram uma sólida formação religiosa, cultural e moral.

Por indicação de Hermann, Franz Müller foi contratado pela empresa têxtil Huck e Cia., com sede em Hamburgo; algum tempo depois foi transferido para o Brasil (MÜLLER CARIOBA, 1992, p. 21 - 22).

Começou a trabalhar em uma firma têxtil em Porto Alegre, andando a cavalo por vários lugares no sul do Brasil, levando amostras de tecidos. Desta forma ele passou a freqüentar a casa da família Goetze em São Leopoldo (PIETZSCHKE, 1982, p. 1).

Franz Müller fez amizade com Albert Goetze, colega de trabalho; conheceu sua família e namorou Albertina, irmã de Albert; ficaram noivos em 1883 e se casaram em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no mesmo ano. Albertina fôra educada em um colégio de freiras, localizado em São Leopoldo, RS, cujo ensino era ministrado em português. Tinha aulas particulares de alemão, em casa, e também estudava música (PIETZSCHKE, 1982, p. 3). O pai, médico homeopata, possuía farmácia, em São Leopoldo; era grande entusiasta da música, chegou a construir uma “harmônica de vidro” da qual extraía sons celestiais (MÜLLER CARIOBA, 1992, p. 67). Pode-se dizer que o casamento e as relações de amizade se estabeleciam dentro do próprio grupo alemão.

Nos primeiros anos de casados, em Porto Alegre, Franz Müller e Albertina tiveram os três primeiros filhos: Hermann, em 1884, Erich, em 1885 e Hans, em 1886.

O empreendedorismo de Franz Müller mudou completamente o destino de sua família, ante as perspectivas que São Paulo apresentava, devido à expansão da cultura cafeeira e o dinamismo dos negócios na capital do Estado. A família Müller chegou em São Paulo em 1886. Franz Müller abriu uma casa importadora. Nesse período, a família residiu na rua dos Bambus, atual avenida Rio Branco, iniciando um círculo de amizades entre pessoas de origem alemã e austríaca.

Franz Müller fundou, em sociedade com seu amigo Trost, a firma importadora Trost Müller e Cia e iniciaram a construção de suas casas no recém-aberto bairro de Higienópolis, caracterizado como o novo local de moradia dos componentes da elite estrangeira enriquecida com o comércio e atividades industriais, além de representantes da elite paulistana que antes habitava os vetustos casarões do entorno da Praça da Sé.

A primeira casa do loteamento de que tivemos notícia foi a de Franz Müller, construída em 1889, seguida das de Henrique Trost, vizinha da primeira e de Henrique Schaumann, na Avenida Higienópolis. Müller e Trost eram sócios. Possuíam uma casa importadora comercial na rua da Quitanda, chamada Müller & Trost que vendia de tudo, desde linhas para cozer até ferragens e maquinaria. Compraram dois lotes vizinhos na Rua Maranhão, esquina com Itacolomi, fazendo fundos com a Rua Piauí (HOMEM, 1980, p. 80).

Em 1890, a família Müller comemorou o nascimento de sua única filha, Margarete. Em suas memórias, esta relembra o fato narrado por sua mãe e sua tia, de que ela, nos primeiros meses de vida, ficara num grave estado de sub-nutrição, pois sua mãe adquirira uma febre intermitente que prejudicava o aleitamento da filha. Desenganada pelos médicos, a criança se encontrava em estado muito grave quando recorreram ao auxílio do Dr. Henrique Schaumann, farmacêutico que fundou a primeira farmácia alemã na cidade de São Paulo, denominada Botica Ao Veado D'Ouro. O tratamento consistiu em um banho quente para reanimar seus espíritos e na administração de um caldo de carne gota a gota, tarefa assumida pelo próprio Dr. Schaumann. O tratamento reanimou a criança, restabelecendo sua saúde. Outro episódio que contou com a assistência do Dr. Schaumann ocorreu quando os filhos mais velhos de Franz Müller, que tinham entre 6 e 3 anos, brincando, resolveram fazer uma salada de pétalas de azaléia que os intoxicou seriamente. Foram então, levados até a farmácia, medicados pelo Dr. Schaumann e foi feita a administração de um vomitório aos meninos. Restabelecidas, as crianças e os pais foram

alertados quanto à presença de ácido prússico, altamente tóxico, nas flores de azaléia (LEYEN, 1998, p.1 - 2).

Nos primeiros anos na cidade de São Paulo, a família constituiu um novo círculo de amigos, composto por integrantes da colônia alemã radicada na cidade de São Paulo e em Santos, em geral pessoas empregadas no comércio, na indústria, em instituições financeiras, como o Banco Alemão, e também as professoras alemãs que lecionavam aulas particulares às crianças de origem alemã e para as da elite paulista.

O extenso círculo de amizades dos meus pais incluía, entre os mais íntimos, os casais. Trost, nossos vizinhos na Rua Maranhão. Schaumann, Richers e Schimdt, com os quais cultivavam laços de amizade há muitos anos. Somava-se a estes os casais Pfeiffer, Schulmann, Reuter, Vollsack, Venta Chiafarelli, Lion, Florence e outros. Frequentavam também nossa casa os numerosos solteiros e jovens que trabalhavam nas casas de comércio dos amigos acima citados, entre os quais os senhores Ahlgrimm, Rau, von Frankenberg, Thiele, Mourier, von Hayer e outros. O nosso hóspede de todos domingos era o Sr. Panzer, um fiel amigo de meu pai e também grande admirador de minha mãe desde os tempos de Porto Alegre. Também as jovens professoras e preceptoras que eram contratadas pelas diversas famílias, sempre encontravam uma porta aberta em qualquer lugar. Assim, por exemplo, as srts. Klapp, Karst, von Bethe e a irmã da Sra. Trost, que era pintora e se chamava Pfaun. Este grupo sempre muito alegre divertia-se muito nos bailes do Cassino, nos piqueniques que realizavam na Cantareira e nas reuniões e festas ou espetáculos que organizavam (LEYEN, 1995, p. 13).

A casa dos Schaumann, com quem os Müller passaram a conviver, era de alguma forma o centro de referência da elite alemã em São Paulo, como escreve a professora Ina von Binzer (1994) mencionando a recepção atenciosa que teve por parte do farmacêutico Henrique Schaumann, cônsul alemão, quando da sua chegada à cidade:

Gente ótima, Grete! Posso assegurar-lhe: muito cultos e ao mesmo tempo muito simples, amáveis, inteligentes e hospitaleiros. Alguns viajantes alemães no Brasil passaram horas ou dias bem agradáveis em casa deles e mesmo os hóspedes principescos apreciaram a casa dos Schaumanns. Fui almoçar lá no domingo e nessa ocasião conheci duas colegas muito simpáticas: Fräulein Meyer e Fräulein Harras (BINZER, 1994, p. 94).

No período em que residiu em São Paulo, Franz Müller prestou relevantes serviços assistenciais aos imigrantes austríacos, sendo recompensado com o título de honra de cavaleiro da Cruz de Ferro, pelo Imperador Francisco José da Áustria. Também foi agraciado com o título de nobreza Von e foi cônsul honorário daquele país por vários anos, originando-se desta condecoração o título de Comendador (MÜLLER CARIOBA, 1992, p. 36) (Anexo 1).

Ao se considerar o estabelecimento de Franz Müller em São Paulo e depois na Vila Carioba, então município de Campinas, SP, procura-se analisar sua trajetória e seus relacionamentos, movidos por um sistema de representações culturais, em que a idéia de nação alemã fundamenta a concepção de identidade étnica, recorrendo-se às propriedades primordiais da comunidade como a noção de parentesco étnico e seus referentes cognitivos (SEYFERTH, 2002, p. 12).

Essas propriedades primordiais ligam-se ao termo *Deutschtum*, traduzido como germanidade ou germanismo. Os significados do termo *Deutschtum* convergem para a etnia e supõem a mesma origem, hábito, como uma cultura compartilhada que exprime uma vinculação com a pátria de origem ou *Urheimat* (a nação alemã e seu passado étnico). “O *Deutschtum* engloba a língua, a cultura e o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo que está relacionado a ela, mas como nação e não como estado. Representa uma solidariedade cultural e social do povo alemão” (SEYFERTH, 1981, p. 46).

A germanidade implica em uma comunidade nacional de todos os alemães, uma noção que abrange imigrantes e seus descendentes, etnicamente classificáveis em qualquer país, desde que mantidas suas características germânicas. Isto implica em uma cultura comum, única e evidenciada nos grupos que a compõem, um vínculo com a pátria ancestral, onde a cultura aparece estabelecendo a ligação de origem.

No cotidiano dos alemães, a manutenção da língua, dos usos e costumes, e o ethos do trabalho fazem a ligação com a pátria de origem. A história da colonização por alemães tem sido representada como uma epopéia de pioneiros que desbravaram um território e implantaram a civilização e o progresso, graças à capacidade inata do trabalho alemão. O resultado do trabalho é expresso pela implantação de projetos, enfrentamento de epidemias, substituição de funções do poder público e os sinais da civilização: estradas, escolas, indústria, associações recreativas e culturais, enfim, o desenvolvimento econômico e urbano.

No caso dos alemães, a idéia de processo civilizador tem significado fundamental para a identidade: enquanto experiência partilhada tem sido narrado como a construção de uma nova pátria (*Heimat*), como uma cultura específica no Brasil. O suposto na noção de *Heimat* é a germanidade da comunidade local, portanto, do território colonizado. Essa mesma concepção se aplica àqueles que se estabeleceram fora das regiões coloniais, desde que a cultura germânica seja percebida como valor étnico (SEYFERTH, 2002, p. 14).

Toda a ligação com a Alemanha que caracterizava o grupo de egressos desse país pode ser comprovada pelas comemorações em homenagem ao centenário do Imperador Guilherme I, o unificador responsável pela fusão dos 25 estados alemães em um só império.

Na carta que Albertina escreve a sua cunhada Hermine residente na Alemanha, as comemorações são detalhadamente descritas:

[...] Passamos uma temporada com muita agitação. Também vocês aí devem ter comemorado dignamente o centenário de nascimento do imperador (Guilherme I) não é? O Dr. Richard Krauel embaixador da Alemanha, veio do Rio para assistir as festividades. Ele se hospedou na casa dos Trost e assim nós tivemos freqüentes contatos com ele. Uma noite ele veio sozinho a nossa casa e ficou até as 11 da noite contando estórias. No domingo houve um grande jantar no cassino onde eu tive a honra de me sentar ao lado do Dr. Krauel, o que foi também muito divertido. No dia 22 de março foi realizada uma grande festa comemorativa no teatro da cidade.

Deixe-me contar, Mine foi uma maravilha. Muitas das senhoras e dos cavalheiros da sociedade alemã participaram da apresentação do espetáculo que começou com três quadros vivos cantados. O primeiro *Madame Madele ruck, ruck, ruck zu meiner grünen Seite* (Menina chega-te aqui para o meu lado verde) para isto o grande palco foi arrumado como uma sala numa casa de camponeses, uma bela mocinha estava sentada num banco, fiando na roca. Um rapaz a abraçava enquanto outra estava sentada atrás da mesa, desprezada e enciumada. Atrás dos bastidores havia um grupo cantando *Madele ruck, ruck, ruck...* em várias vozes. O público não parava de aplaudir entusiasmado.

Em seguida cantaram “*Heideröslein*” (Rosinha dos prados) e depois a Tereze Stutzer apresentou “*Sah ein Knab ein Röslein stehen*” (Um jovem contemplava uma rosinha). Finalmente cantaram de forma muito linda, a “*Loreley*” representada pela jovem senhora Hehl ostentando sua bela cabeleira ruiva e suas bem talhadas feições. Todos a acharam encantadora. Os cenários foram pintados especialmente para este evento. Montaram um rochedo com seis metros de altura, onde ela se sentou. Estava tudo tão natural, uma verdadeira beleza.

Em seguida apresentaram o encontro de Napoleão com a rainha Luiza em Tilsit e as homenagens diante do velho imperador com Molke e Bismarck. O senhor von Frankenberg no papel de Bismarck estava ótimo.

Terminaram com a homenagem das tribos alemãs num quadro bem grande com sessenta e cinco figurantes, incluindo todos os nossos conhecidos e amigos. A festa terminou à uma hora da madrugada e o teatro estava repleto até o teto, lotado de alemães. Naturalmente também estava presente o presidente da província de São Paulo que ficou no camarote de honra, com o embaixador Krauel. O teatro estava todo decorado com bandeiras, escudos e flores, não acredito que o aniversário do grande Imperador tenha sido festejado mais condignamente em qualquer outro lugar.

Pronto, Mine. Agora, de tanto escrever me deu câimbra nos dedos pela terceira vez (LEYEN, 1995, p. 19).

Como decorrência da unificação dos estados alemães, o Abitur prussiano, exame de capacitação realizado no fim do ensino médio, que habilita a entrada para o ensino superior, passou a valer em todo o território alemão e sua obtenção implicava uma escolarização regular e completa (CANTUÁRIA, 2004, p. 46).

4.2 A educação dos filhos

4.2.1 A educação e cuidados com os filhos pequenos, em São Paulo

Os relatos das cenas familiares e a forma como os pais iniciavam a socialização dos filhos, obtidos através dos textos memorialistas, permitem afirmar que havia forte preocupação com a manutenção da identidade étnica. Eram relações afetivas em que o pai reunia os filhos, cantava canções populares e divertidas de sua terra natal. Essas cenas do cotidiano mencionam a atividade das crianças nos serões familiares, folhear livros ilustrados com figuras coloridas enquanto a mãe estava ao piano e o pai fazia suas anotações. Franz Müller se encarregava de ensinar brincadeiras aos filhos, como escorregar num barranco na casa da rua Maranhão, lembrando as brincadeiras de sua infância na casa paroquial de Oelper, próximo a Brunswick, na Alemanha.

As reflexões de Lang (1997), em seu estudo sobre família, orientam a compreensão de aspectos do cotidiano da vida familiar:

Buscamos conhecer os grupos familiares através de sua vida cotidiana. O estudo do cotidiano, do aparente insignificante nas palavras de Henri Lefèbvre constitui uma promissora possibilidade para, através desta realidade parcial da vida social, apreender o conjunto da sociedade. A vida cotidiana é a vida de todos os dias, a vida de todos os homens, a trivialidade que reveste o se alimentar, vestir, morar etc. É o repetitivo. A cotidianidade, realidade parcial deve ser vista como um fio condutor para conhecer a sociedade, situar o cotidiano no global (LEFÈBVRE, 1968).

As atividades domingueiras eram iniciadas com uma cerimônia cívica, o hasteamento da bandeira.

Nas manhãs de domingo papai se dedicava inteiramente aos filhos. Logo depois do café nós ajudávamos içar a bandeira do dia. Todos os domingos e nos dias de festa em família tremulava no mastro a bandeira brasileira ou alemã, preta, branca e vermelha, a austríaca ou outra de acordo com os eventos ou comemorações. Em dia de aniversário de um dos filhos era içada a bandeira de Brunswick. Papai ficava remexendo no baú onde guardava as 6 ou 8 bandeiras até achar a que ele queria (LEYEN, 1995, p. 21).

Franz fazia excursões com os filhos abrindo picadas na mata, quando caminhavam até o Vale do Pacaembu que era mato fechado; a própria Praça da República era um lugar deserto onde era descarregado lixo, eram montados circos e também havia uma grande tenda para realização de touradas.

O estilo de vida dessa elite estrangeira é configurado pelo padrão de moradia, o relacionamento no grupo étnico, a recepção a autoridades do país de origem em visita a São Paulo, o meio de transporte que utilizavam. Os aspectos culturais abrangiam a educação dos filhos com professores particulares, preparando-os para a continuação dos estudos na Alemanha, a organização de eventos culturais, o estudo de música com destaque para o piano e o hábito de leitura.

As análises das memórias dessa fase da infância de Margarete destacam a figura da mãe ligada aos afazeres da casa, gerenciando o trabalho dos empregados domésticos, todos de nacionalidade alemã, com os quais se falava apenas a língua do país de origem; a organização da horta; a criação de animais domésticos (galinhas e patos); os cuidados com o jardim; os bordados e costuras. A par destas atividades referentes ao bom funcionamento da casa, a expressão artística da mãe, se dedicando diariamente à execução de peças ao piano.

As brincadeiras expressam como as crianças eram orientadas desde os primeiros anos da infância a simular os papéis que desempenhariam futuramente. Os brinquedos que recebiam ilustram esse propósito, definindo as relações de gênero, plasmando os comportamentos de meninos e meninas. Desta forma, a casa de brinquedo de Margarete e Bubi situada no jardim é descrita com todos os seus equipamentos.

Bubi e eu tínhamos uma casinha de madeira no jardim, suficientemente grande para todos os nossos muitos brinquedos. Ela media mais ou menos 3 por 4 metros e tinha duas portas e uma janela. Eu ocupava a metade do espaço com minhas bonecas e brinquedos, incluindo uma cozinha, caminhas, armários, cadeiras e mesinhas e até um fogãozinho no qual podia cozinhar de verdade. Tinha um guarda-louças para os aparelhos de jantar, um barrilzinho para colocar água e lavar louça, uma tábua de passar roupa, etc. No outro lado o Bubi tinha as suas cocheiras com inúmeras carruagens – naquele tempo não havia automóveis – e seus carrinhos para transportar barricas e caixotes, carrinhos de leite com tambores de metal, carros-pipa e muitos outros. Para cada um desses ele tinha os cavalinhos apropriados que ele não se cansava de atrelar para puxá-los com um cordão pelos caminhos do jardim (LEYEN, 1995, p. 8).

A menção aos cavalinhos e cocheira retratava a realidade dos transportes da época em São Paulo. A casa na zona urbana incluía os estábulos de cavalos e as cocheiras para os carros de Franz Müller: uma grande Victória, carruagem de fabricação inglesa puxada por dois cavalos e o Dog Cart¹ (LEYEN, 1995, p. 22).

¹Dog Cart: charrete de rodas altas para ir ao trabalho; carruagem com cocheiro uniformizado para ir às festividades e ao cassino.

A vizinhança era constituída pelas famílias Trost e Richers e Margarete recorda-se de seus amigos de infância.

Lembro-me bem dos três meninos, o Peter, o Wimpe e o Felix Richers, que viviam subindo e descendo as escadarias de pedra na entrada de nossa casa com suas altas pernas de pau. Ficávamos preocupados quando os víamos fazendo isso, pensávamos no perigo de caírem e quebrarem o pescoço (LEYEN, 1995, p. 22).

O senhor Trost, vizinho dos Müller, era um dos donos da firma Schmidt e Trost.

Ele era cônsul da Alemanha e todas as personalidades que vinham a São Paulo encontravam-se com ele e conosco. Geralmente ficavam ali hospedados. O casal Trost infelizmente não tinha filhos, mas um sobrinho deles chamado Fred Heyland, cujos pais eram separados, morou lá vários anos. Ele tinha a minha idade e era nosso companheiro. Como o jardim da casa deles era tão grande quanto o nosso, havia bastante espaço para brincar e os portões da rua sempre permaneciam trancados. Era estritamente proibido sair na rua (LEYEN, 1995, p. 22).

Esta proibição foi reforçada por um acontecimento que envolveu Hans, o terceiro filho do casal Müller, que freqüentava aulas particulares juntamente com a filha dos Schaumann, com o professor Oskar Nobiling, um excelente didata. Diariamente Hans, com apenas nove anos de idade, se deslocava de bonde sozinho até a casa do professor. Os pais estavam muito satisfeitos com a eficiência da organização das aulas do professor Nobiling.

Certo dia, não retornando na hora habitual os pais ficaram muito preocupados. Ao chegar, muito atrasado e chorando, relatou que estava no ponto do bonde quando um desconhecido o forçou a embarcar em um bonde que se deslocava no sentido contrário ao seu. Apavorado, o menino em prantos, foi visto por um amigo de Franz Müller que lhe disse estar no bonde errado. O desconhecido fugiu imediatamente e Hans foi encaminhado pelo amigo à sua casa. Este episódio fez com que o casal tomasse a atitude de na próxima viagem a Europa encaminhar Hans a escolaridade na Alemanha, em companhia de seus irmãos mais velhos.

Nas colocações de Margarete observa-se o grau de isolamento e o receio que os alemães da elite viviam frente à população brasileira e paulistana. Toda a vida social das famílias, desde as brincadeiras de crianças até as festividades, piqueniques eram desenvolvidos no grupo de origem alemã. Demartini (2005, p. 29), em seu trabalho sobre infância e imigração refere-se a proibições feitas pelos imigrantes aos filhos quanto à saída fora dos muros da casa, pois “a rua era o desconhecido”.

O período em que a família Müller residiu em São Paulo foi marcado por várias doenças contraídas pelos filhos, como a febre tifóide em 1897, que acometeu uma empregada da casa e

também um dos filhos do casal. Notícias da epidemia de febre amarela em Santos e Campinas constituíram o assunto de carta de Albertina a sua cunhada Taminchen, assim como a necessidade de oferecer hospedagem a seu irmão e cunhada que residiam naquela cidade portuária, quando lá se verificou a epidemia de peste bubônica em 1899.

São Paulo, 2 de março de 1895.

Mais uma vez estamos muito preocupados com a situação em Santos. Foi horrível, muitos dos nossos conhecidos e amigos morreram vitimados pela febre amarela, mas o que mais nos entristeceu foi à morte de um americano que estava para alugar a nossa casa com os cavalos, carros, galinhas e tudo o mais, era um casal sem filhos que iria morar aqui enquanto estivéssemos fora e ele iria e voltaria de Santos todos os dias. Infelizmente nada deu certo ele apanhou a febre amarela e morreu num espaço de dois dias. Foi realmente terrível e nós tivemos muita pena da viúva. Também há muita doença em Campinas e não se pode viajar via Santos. Os Schmidt viajaram via Rio, indo de trem até lá. Eu nunca faria isso com as crianças porque seria simplesmente terrível (LEYEN, 1995, p. 9).

Outras menções às precárias condições sanitárias vigentes em Santos com a constatação de ocorrência da epidemia de febre amarela, afugentavam os passageiros que lá deviam embarcar para a Europa.

Margarete, em suas memórias, relembra de sua mãe e a total dedicação aos filhos, permanecendo dia e noite à cabeceira dos mesmos, quando estes estavam enfermos. Nessas ocasiões cantava com os filhos e lhes ensinava longas poesias. Como a mãe não conseguia ficar inativa, trazia sua máquina de costura e confeccionava peças de roupas para os filhos. “Até hoje como num toque de mágica, o ra-ta-ta de uma máquina de costura me faz recordar meus dias de infância. Sempre, quando estávamos doentes mamãe ficava em nossos quartos com sua máquina” (LEYEN, 1995, p. 11).

4.2.2 A educação formal dos filhos mais velhos: diferença entre educação masculina e feminina

Como foi assinalado anteriormente, os filhos do casal Müller tinham aulas com professores particulares que as ministravam em alemão. As aulas, entretanto, não trouxeram um bom resultado, pois os mestres ficavam entretidos com a leitura de jornais e se esqueciam das atividades didáticas. Ante essa constatação, Franz Müller resolveu viajar com a família para a

Alemanha onde seus filhos mais velhos, Hermann e Erich deveriam iniciar a escola formal em Brunswick. Iniciam-se, a partir desse momento (1892 a 1915), as viagens marítimas da família, para garantir a escolaridade dos filhos.

As memórias de Margarete relativas à educação formal na Alemanha podem ser agrupadas em dois períodos: o de formação dos filhos do Comendador Franz Müller (1892 a 1915) e o período em que seus netos, filhos de Margarete, realizam seus cursos (1927 a 1930).

Os relatos de Margarete que fazem referência ao período de interesse para este estudo apoiaram-se em cartas trocadas entre seus pais e entre sua mãe e a cunhada Hermine, irmã de Franz, carinhosamente apelidada Taminchen pelos sobrinhos, que em 05 de janeiro de 1898 escrevia a Albertine.

[...] O Hermann e o Erich vão muito bem na escola. O Erich obteve novamente a nota 4 (quatro) em aritmética e por isso chamei o Senhor Oppermann para algumas aulas particulares. O Hanz aprende com alegria e facilidade, em homenagem a língua de seu país está aprendendo algumas palavras em latim. A gente morre de rir quando os três garotos conversam em francês e o Hanz se mete no meio com palavras que apanha no ar. Ai os três ficam se contorcendo de tanto rir (LEYEN, 1994, p. 15).

As cartas eram informais e objetivas, transmitiam a idéia de um diálogo, relatavam o progresso dos filhos na escola, a utilização parcimoniosa que Albertina fazia dos recursos enviados pelo marido, as festas de Natal onde ambos lamentavam a ausência um do outro, os presentes que compravam para os filhos e para os parentes próximos (cunhados e cunhadas), estes presentes sempre dedicados em nome do marido ausente manifestavam sua amizade para com os familiares que os auxiliavam na tarefa de educação formal dos filhos em Brunswick. As cartas de Albertina a Franz transmitiam também seu grande amor e as amarguras da separação que eram, entretanto amainadas pelas solitudes dos familiares do marido.

São Paulo, 11 de dezembro de 1899.

Querida Mine,

O nosso garotão está fazendo um belo progresso. Há duas semanas estou novamente sozinha para cuidar da casa e estou muito ocupada, pois a Muck teve uma recaída e o Bubi acabou pegando sarampo. Felizmente o Heinz foi poupado e agora que tudo passou estamos todos nos preparando para o Natal. A Muck esteve muito mal e nos deu muita preocupação. Assim não vamos mandá-la de volta à escola, pois para ir a pé, no sol, é muito longe, e a conexão pelos bondes é muito precária. Ela nunca chegava antes das três da tarde, e andava tão nervosa e abafada que nem queria comer. Depois ainda recebia tanta lição de casa que tinha que estudar até às 7 da noite. Você bem sabe como ela é esperta e ordeira, mas estou com muita pena e sinto ter que tirá-la

novamente da escola. Estou muito preocupada, e não sei como fazer agora. (LEYEN, 1994, p. 19).

As cartas de Franz a Albertina colocavam-na a par dos negócios realizados, dos projetos futuros, de sua satisfação pelo bom aproveitamento dos filhos nos estudos, lembravam os fatos que a esposa relatara em sua carta anterior, divertindo-se com as graças dos filhos mais novos. Elas traduziam também a grandiosidade da natureza tropical, a beleza dos rios e os aspectos exóticos de uma terra que ainda precisava ser ocupada. Ao dirigir-se a esposa Franz utilizava o carinhoso apelido Hans, ao qual se acostumara desde os tempos do noivado. Suas cartas sempre eram iniciadas com muitas manifestações de amor e dedicação. Tratamentos carinhosos eram recíprocos, cada qual procurando consolar o outro pela separação em que viviam.

São Paulo, 1 de fevereiro de 1893.

Meu tesouro mais querido.

Recebi ontem e hoje as suas cartas datadas de 30 de dezembro e de 13 de janeiro. A segunda, principalmente, só me causou pesar. Espero que as crianças já tenham recuperado a saúde e que você possa contemplar o futuro com novo ânimo.

Lembre-se, querida, que os principais motivos para a sua permanência aí são a recuperação de sua tranqüilidade vencendo as tensões nervosas neste inverno frio trocado por um calor de verão, como também para ficar mais algum tempo com o Hermann e o Erich. Você pode crer que sinto uma pontada no coração quando penso nos pobres meninos que depois ficarão sem você. Por outro lado devo me conformar quando lembro quanto eles se desenvolveram física e mentalmente neste curto espaço de tempo, e como o Hermann se transformou neste belo rapagão que hoje é. Muito duro é para mim, até mais duro do que é para os meninos que não sentem a separação tanto assim.

Neste momento você está melhor do que eu, porque pelo menos tem os filhos perto de si. Ainda que de vez em quando adoeçam e você sinta angústia e preocupação, estando próximos você pode cuidar deles e protegê-los contra os perigos. Os filhos são parte de nós mesmos, e através deles você também tem um pedaço de mim perto de você, e o que tenho eu? Vivo no meio de gente estranha e nem mesmo tenho uma casa onde possa permanecer sem ser perturbado, exceto à noite aqui nesta minha salinha.

Realmente anseio por uma alteração desta situação atual, e somente consigo suportar o sacrifício quando me lembro que minha mulher ficará boa e que a permanência aí dos meus filhos os beneficiará em todos os sentidos.

Passe bem, por hoje, meu tesouro tão querido, mantenha a cabeça erguida pois tudo haverá de dar certo. Muitos carinhos e beijos às crianças e a você.

Seu Franz (LEYEN, 1995, p. 4 - 5).

Depreende-se da leitura das cartas, que a situação de separação do casal era justificada pela necessidade de propiciar aos filhos uma boa educação e que esta só seria possível com a permanência dos filhos na Alemanha.

O pai Franz acompanhava a família nas viagens e permanecia pouco tempo na Alemanha, seguindo para a Inglaterra a negócios para depois regressar ao Brasil. Albertina permanecia na Alemanha algum tempo; depois voltava com os filhos mais novos. No retorno da primeira viagem, ficaram na Alemanha os mais velhos, voltando com a mãe para o Brasil Margarete e Hans, que eram bem pequenos. Nova residência para a família acabara de ser construída na rua Maranhão, esquina com a Itacolomi, conhecida como casa Sonneck ou Cantinho de Sol.

A felicidade da família Müller foi aumentada em 1894 com o nascimento de Franz Rudolf, que foi apelidado de Bubi e mais tarde de Bobs. Carinhosamente, Margarete se recorda dos cuidados da mãe com o bebê: “... sempre quando minha mãe lhe dava banho eu ficava por perto, para segurar o sabonete. Depois eu o observava ao mamar e lhe dava um beijo bem forte na bochecha, com um isso aí garotinho! Mais tarde eu pegava minhas bonecas e imitava minha mãe” (LEYEN, 1995, p. 8).

A segunda viagem de Margarete à Alemanha, em companhia da mãe, assinalou o início de sua educação formal na Alemanha. Em março de 1896, ao completar seis anos, foi matriculada na Escola de Ensino Superior para Moças (Höhere Töchterschule). “Orgulhosamente comecei então a freqüentar a grande escola, numa classe com outras sessenta meninas e muito a contra gosto resolvi permitir que me chamassem de Gretchen Müller” (LEYEN, 1995, p. 11). Margarete faz essa restrição, pois era chamada pelos familiares pelo apelido de Muck e estranhava o tratamento cerimonioso da escola.

Entretanto, freqüentou as aulas por pouco tempo, já que foi acometida pela escarlatina. Recuperada, voltou à escola por poucos dias, pois, em seguida, contraiu catapora. Em outubro do mesmo ano regressou ao Brasil. O irmão Hans, então com nove anos, permaneceu na Alemanha, onde foi matriculado na quarta série, em uma escola denominada “Ginásio Humanista”, próximo à casa da tia Hermine, na Adolfstrasse (LEYEN, 1995, p. 9).

Os relatos sobre a viagem demonstram claramente as diferenças na orientação para escolaridade entre os filhos homens do casal Müller e a de sua filha Margarete. Os primeiros permaneciam na Alemanha fazendo cursos regulares, enquanto a filha devia sempre acompanhar

a mãe com frequência intermitente a cursos na Alemanha e em São Paulo, sempre interrompidos pelos períodos das viagens marítimas.

Margarete assim se expressa sobre sua escolaridade

[...] dos seis até os doze anos de idade minha frequência às aulas foi no mínimo irregular. Durante esses seis anos eu frequentei salas de aula por quatro períodos e por seis vezes tive aulas particulares com diferentes professores. Estes períodos foram intercalados entre cinco viagens marítimas, durante as quais, eu não recebia qualquer instrução por várias semanas. Assim nestes seis anos tive dez mudanças de ensino é um milagre que ainda assim tenha apreendido alguma coisa. Considerem meus estudos de piano desde os sete anos com constantes trocas de professores (LEYEN, 1995, p. 24).

Regressando a São Paulo em 1896, Margarete teve aulas particulares com a professora senhorita Hein, preceptora na casa dos Reuter, juntamente com uma menina Lotte Reuter. Margarete estudava com prazer e aprendia com grande facilidade. Sua mãe escreveu para a cunhada Hermine, em março de 1897: “A Muck ficou radiante com todas aquelas cartas que recebeu em seu aniversário. Leu todas sozinhas com muita atenção e devoção, esta menina aprende com tanta facilidade que eu sinto uma grande pena por ela não ter onde frequentar aqui, uma Escola de Ensino Superior para Moças” (LEYEN, 1995, p. 12).

Entretanto, a professora não permaneceu muito tempo na casa dos Reuter, devido a desentendimentos com a dona da casa. Margarete passou a frequentar a escola mista, dirigida pelo senhor Bauer, em São Paulo. Alguns fatos presenciados assustaram a menina: o diretor surrava os meninos e puxava os cabelos das meninas. O pai, ao ser informado desses fatos, retirou-a da escola, alegando que o horário das oito às treze horas era excessivo para sua filha.

Os outros professores particulares que lecionaram à menina nesse período em São Paulo, também não se mostraram eficientes. Em 1899, viajaram novamente à Alemanha, onde Margarete frequentou, por três meses, uma escola particular chamada Löffler. Seu ano letivo foi novamente interrompido pelo retorno inesperado ao Brasil, pois a mãe estava grávida e queria que o seu filho nascesse em sua casa, em São Paulo. A viagem foi atribulada; quando o navio aportou em Lisboa se constataram casos de peste bubônica naquela cidade. Ao chegar ao Rio de Janeiro, a embarcação foi obrigada a permanecer em quarentena na Ilha Grande.

Imaginem o estado de espírito de minha mãe, sozinha, sem marido, com suas duas crianças pequenas, e no sétimo mês de gravidez, esperando seu sexto filho, a bordo de um navio sob suspeita de peste bubônica... graças a Deus tudo correu bem, e em 28 de agosto ela festejava a bordo o 37º aniversário. Foi em fins de setembro que finalmente desembarcamos no Rio de Janeiro, onde papai nos aguardava felicíssimo por poder nos

abraçar novamente e no dia 3 de novembro, 5 semanas mais tarde nascia Heinz em nossa casa Sonneck (LEYEN, 1995, p. 18).

Os relatos sobre as viagens à Alemanha demonstram a importância atribuída pela família Müller à educação, para a qual não mediam esforços e enfrentavam grandes desafios: pagavam professores particulares, faziam viagens sucessivas e demoradas, muitas vezes expondo-se a riscos de doenças e epidemias. A separação da família era muito sentida e as cartas trocadas entre o Comendador Müller e Albertina traduzem os sentimento de privação da convivência familiar, a qual deveria ser sacrificada ao propósito da frequência a escola na Alemanha.

Em 1900, Margarete frequentou aulas particulares com a senhorita Klapp, juntamente com as filhas dos Schaumanns. As aulas contribuíram para um grande desenvolvimento da aluna. Margarete se recorda então do itinerário de sua casa na rua Maranhão até a rua da Consolação, onde tomava o bonde elétrico, que iniciara seu funcionamento naquele ano, e se dirigia até a casa dos Schaumanns na avenida Paulista; a sala de aulas ficava no jardim. Neste local aprazível era também servido o almoço das crianças. À tarde fazia os deveres e depois voltava para casa, onde o irmãozinho Bubi a aguardava ansiosamente.

Em 1901, retornaram a Brunswick, na Alemanha. Margarete foi matriculada novamente na Escola Superior de Ensino para Moças, onde permaneceu por mais um ano. Tão entusiasmada ficou por frequentar esta escola que nem queria comer no café da manhã por receio de perder a hora.

Este período de frequência regular ao estudo a fez comparar-se às colegas que desde o início frequentavam a mesma escola. Sentia-se estrangeira, apesar de toda a ênfase da família em manter a identidade germânica.

Num desabafo escreveu:

Na minha classe eu sempre fui a estrangeira, a estranha, a brasileira. A toda hora eu tinha que falar alguma coisa “em brasileiro” ou cantar alguma canção em “brasileiro”, assim como se fosse um papagaio ou mico treinado para mostrar suas habilidades. Tal qual uma ave estranha eu posei no centro deste bando de meninas que há quatro anos – imagine-se, quatro anos inteiros, sentavam-se juntas, na mesma escola, na mesma classe. Elas sabiam que essa ave estranha permaneceria entre elas por um ano para depois regressar para o Brasil (LEYEN, 1995, p. 27).

Pode-se dizer que Margarete, ao se comparar com uma ave migratória quando permanece na Alemanha, expressa uma queixa, sentindo-se uma estranha no convívio com as colegas, alunas regulares da escola. Esta situação vivida por Margarete conduz a considerações que o estudioso

do fenômeno migratório, Abdelmalek Sayad, faz a respeito da questão do retorno para o emigrante.

Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes estando plenamente consciente dos efeitos (SAYAD, 2000, p. 14).

Talvez a reclamação de Margarete escondesse uma comparação entre ela e os irmãos que foram à Alemanha em 1892 e só retornaram ao Brasil em 1904. Seu irmão Erich optou por estudar medicina e só voltou em 1905 para as férias, antes do ingresso na faculdade. Em relação ao idioma português, Margarete aponta nos relatos que o irmão Hermann, ao regressar ao Brasil em 1904, ficou em São Paulo, trabalhando na Müller, Mello e Cia., da qual seu pai era sócio e acrescenta: “Faltava-lhe prática da língua portuguesa que ele havia esquecido durante os dez anos de permanência na Alemanha” (LEYEN, 1995, p. 40).

As interrupções de frequência ao curso regular na Alemanha parecem ter causado em Margarete uma grande inibição para responder as chamadas orais em classe. Margarete relata com tristeza o fato ocorrido com ela durante a aula de poesia. O professor Schultze lhe fez várias perguntas; ante sua mudez, gritou com ela, o que agravou ainda mais sua timidez, fazendo com que a menina irrompesse em choro. As colegas de classe foram, em comissão, reclamar à direção da escola por essa atitude do professor em relação a Margarete. Em seguida, relataram o ocorrido a sua mãe e a tia Hermine que conversou com os outros professores a respeito do comportamento da sobrinha e foi informada de que Margarete era uma aluna dedicada e aplicada. Com tais observações dos professores, Margarete foi, gradativamente, superando sua inibição e adquirindo auto-confiança. Ao fim do ano conseguia responder as questões que lhe eram formuladas, tendo obtido bons resultados na avaliação final. Retomou as aulas de piano pois sua mãe considerava imprescindível a música na educação dos filhos.

Simson, em seu estudo sobre o grupo alemão que se fixou no bairro de Friburgo, nos arredores de Campinas/SP assinala: “a vida em família incluiria também atividades de leitura e aprendizado de música e pelo menos uma parte do lazer destas famílias, seja em casa ou em comunidade, seria dedicada às atividades culturais” (SIMSON, 1997, p. 64). Ilustrativo destes aspectos são as considerações nos relatos de Margarete:

[...] nunca foi preciso que me lembrassem a hora de estudar porque eu gostava demais de me sentar ao piano e acabava ficando meia hora a mais. Todos os meus irmãos também gostavam de estudar música e cada um deles escolheu o seu instrumento. O Hermann estudou piano, o Erich violino e o Hans violoncelo. Na casa no Löwenwall em Braunschweig era assim: todas as tardes ouvia-se um constante dedilhar nas teclas e nas cordas o Erich e o Hans tocavam com o conjunto orquestral dos ginásios e os amigos deles vinham freqüentemente a nossa casa para formar trios e quartetos para a grande alegria de minha mãe. Os amigos de meus irmãos entravam e saíam livremente, sentindo-se inteiramente em casa, alguns vinham tocar música, outros para ouvir ou para tomar um daqueles deliciosos cafezinhos brasileiros (LEYEN, 1995, p. 28).

A estadia mais prolongada em Brunswick, Alemanha, deixou gratas recordações para Margarete, principalmente quanto à independência que aí desfrutava.

[...] era maravilhoso e tão excitante! Tudo aquilo que em São Paulo era proibido, em Brunswick era permitido. Eu podia sair à rua sozinha, ir à escola, à cidade, às aulas de piano e visitar as minhas amigas. Eu podia sair para comprar cadernos, lápis e borrachas, cartões postais, figurinhas coloridas e outras preciosidades (LEYEN, 1995, p. 27).

Nas entrelinhas das considerações de Margarete pode-se inferir os receios que esse grupo de alemães da elite tinha em relação à sociedade brasileira e as restrições que eram impostas aos filhos ante os perigos que o maior contato poderia oferecer.

Os filhos mais velhos do Comendador Müller, Hermann e Hans nesse período estavam concluindo o curso secundário. Hermann, em 1901, fez um curso técnico de tecelagem em Chemnitz. Ao concluir este curso foi para a Inglaterra para adquirir experiência prática em uma fábrica, em Manchester. Hans também concluiu o curso técnico em finanças e foi fazer estágio em um banco daquele país, o que demonstra a preocupação da família em direcionar a educação dos rapazes, aprimorando-os para dar continuidade ao empreendimento do pai.

4.3 O estabelecimento da família Müller em Carioba: a educação dos filhos segue os padrões de educação anterior

O ano de 1901 assinalou uma grande mudança nos negócios de Franz Müller no Brasil. Com apoio de seu irmão Hermann, que vivia na Alemanha, o senhor Müller adquiriu como vimos uma fábrica de tecidos no município de Campinas, próxima à estação de Villa Americana, no interior de São Paulo.

Foi então fundada a firma Rawlinson, Müller e Cia, Fabrica de Tecidos Carioba, da qual eram sócios Hermann o irmão de meu pai que também foi cônsul da Argentina em Brunswick, seus amigos Zabern alemão e o inglês Rawlinson. Meu pai participava com 20% do capital da firma. Ele havia encerrado sua firma em São Paulo, a qual foi depois reaberta sob nova razão social como “Müller, Mello e Cia”. Papai achou que deveria dedicar-se inteiramente a esse novo empreendimento inclusive morando no local (LEYEN, 1995, p. 34).

A família transferiu-se para Carioba, SP, no final de 1902. Margarete se encantou com a beleza do local que se tornaria a nova residência da família Müller, conforme se expressou:

[...] foi todo um mundo novo que a partir de então se desvendou a nós, ainda que Bubi e eu amássemos profundamente aquele nosso jardim em São Paulo, este outro jardim mais antigo e menos formal de Carioba nos oferecia muitas novas atrações especiais. Aqui havia frutas que pelo nome conhecíamos, tais como grumixamas, pitangas, graviolas, romãs e frutas do conde. Havia inúmeros pés de laranja e mexericas, mangueiras, abacateiros, jabuticabeiras e muitos outros. Era realmente um paraíso no mais verdadeiro sentido da palavra, pois não faltavam nem mesmo as cobras (LEYEN, 1995, p. 35).

Em março de 1903, em Carioba, Margarete completou treze anos. Nessa ocasião chegou à nova professora, senhorita Zwick, que até então estivera lecionando na casa dos Bormans, amigos dos Müllers, que residiam em Santos, SP. A professora havia morado na Suíça francesa e falava muito bem o francês e era também pianista. Bubi, o irmão mais novo, aprendeu rapidamente a falar fluentemente o francês, Margarete aprendeu canções francesas.

No início a professora Zwick nos agradava bastante. Ela era muito inteligente, era uma ótima pianista, e tinha morado um bom tempo na Suíça Francesa. Dentro de pouco tempo o Bubi aprendeu a falar francês fluentemente e eu aprendi diversas canções francesas. Mas ela também tinha suas fraquezas, infelizmente. Aborrecia-se com facilidade, ficava nervosa, e então manifestava seu mau caráter e até sadismo, surrando meus irmãos Bubi e Heinz de tal modo que me deixava lívida de ódio. Quando estava de mau humor ela também me tratava de forma completamente absurda, e muitas foram as minhas brigas com ela. Ela gostava de escrever durante suas horas livres, e quando montava seu Pégaso, minhas aulas de piano representavam uma interrupção indesejável. Ela aplicava então uma afinada tática maldosa para perturbar a aula sempre me culpando por isso. Exigia que eu já estivesse sentada diante do piano antes que ela chegasse para dar aula. Muitas vezes eu ali ficava esperando e quando ela me chegava logo percebia o que me esperava, bastava ler o seu rosto. Começava então a guerra de nervos.

“Pois então Muck pode começar. Estou curiosa para ver o que você tem para me oferecer, já que estudou tanto. Mas veja bem, não se atreva a fazer um único erro, porque se errar já sabe o que lhe espera!”

Nervosa e amedrontada eu começava a tocar e naturalmente errava mesmo, sabendo muito bem o que ia acontecer. E realmente bumba, lá vinha o pesado tampo dos teclados caindo sobre os meus dedos. Furiosa ela desabafava: “não é possível! Assim

eu não posso lhe dar aula!” e desaparecia. Eu chorava de dor, indignação e revolta (LEYEN, 1995, p. 36 - 37).

Margarete relatou os fatos à mãe, mas esta, receando dificuldades para encontrar outra professora e que o marido mandasse também os filhos mais novos estudarem na Alemanha, não tomou nenhuma decisão. Margarette resolveu, então, pedir ajuda ao pai. Este ficava na saleta observando a aula de piano e tudo corria muito bem. Na aula de religião, apesar da aluna ter respondido corretamente qual era o 8º mandamento, mandou-a repeti-lo por dez vezes e escrever por trinta vezes “não trarás falso testemunho contra o teu próximo”. Margarette relatou o fato ao pai. No dia seguinte, os alunos esperaram um longo tempo pela professora, o Sr. Müller apareceu e disse aos filhos: “A professora viajou”. Margarette aponta em suas memórias que não relatou o episódio para trair a professora, mas para mostrar o clima de confiança que reinava entre pais e filhos.

Após este período, a menina passou a ter aulas de inglês com Miss Mary Hall, na Vila Americana, SP, aulas de canto, semanalmente, em Rio Claro, com a senhora Frankenberg, que era da família Stutzer, e aulas de piano com o maestro Paulo Florence, em São Paulo, uma vez por mês.

Em 1904, os irmãos de Margarette, Hermann e Hans voltaram ao Brasil. Ambos estavam felicíssimos pelo retorno:

[...] jamais esqueerei aquela primeira e festiva ocasião em que os dois tocaram para nós ouvirmos. Mamãe simplesmente não suportou a emoção e suas lágrimas rolavam copiosamente. Hans tocava violoncelo muito bem e Hermann o acompanhava ao piano com perfeição. Os dois haviam se preparado com grande esforço para alegrar. Mamãe. De minha parte fiquei muito feliz ao notar a surpresa de Hermann diante do meu progresso no piano, o que me valeu rasgados elogios. Muitas vezes tocamos a quatro mãos alguns trechos de sinfonias de Haydn e Beethoven. Naqueles tempos em que não havia rádios nem discos ou gravadores, fazia-se música pessoalmente (LEYEN, 1995, p. 38).

Em 1905, ao completar quinze anos, Margarette fez sua confirmação na Igreja Presbiteriana de Vila Americana, SP. A preparação foi realizada em Rio Claro, com o pastor Kölle. Na mesma data foram confirmadas duas meninas da família Redher, que residiam na Villa Americana e uma filha do pastor. Nas memórias de Margarette para o período as referências à participação religiosa, somente se referem ao batismo, confirmação, cerimônias de casamento, não revelando uma participação costumeira aos cultos dominicais.

No mesmo ano, o outro irmão, Erich, terminou o curso secundário em Brunswick e foi aprovado com distinção no Abitur, exame de qualificação para o ingresso em qualquer faculdade na Alemanha.

O pai permitiu, como recompensa, que ele viesse ao Brasil com a tia Hermine, o que possibilitou um período de grande entrosamento entre os irmãos. Realizavam excursões exploratórias na mata, passeios de barco ou a cavalo. As atividades diurnas eram coroadas pelos serões musicais, agora completados pelo violino tocado por Erich. A parte inicial era de música clássica seguida de uma parte mais leve e divertida, quando Franz Müller passava a entoar canções populares, acompanhado ao piano pela esposa que ria muito.

Meu pai sempre apresentava essas canções com extraordinário brilho e inevitáveis gestos de braços e mãos, sempre renovando o entusiasmado aplauso da assistência. Até hoje ressoa em meus ouvidos aquela retumbante gargalhada do Erich. No final da noite reinava uma desenfreada alegria, mas pontualmente às dez horas tudo terminava com o gradativo apagar da luz elétrica, quando eram desligados os geradores da fábrica. Rindo, cada um de nós corria para apanhar uma das velas que se encontravam na sala de jantar e se retirava para o seu quarto. Alguns minutos depois, fechada a última porta reinava na casa o mais absoluto silêncio. Nada mais se ouvia além do murmúrio do Ribeirão Quilombo tombando na cascata lá no fundo do jardim, ou do rego ao lado da casa ao despejar suas águas sobre a comporta na entrada para as turbinas da pequena usina (LEYEN, 1995, p. 39).

Em relação aos irmãos de Margarete, Hermann continuou trabalhando em São Paulo, na firma Müller, Mello e Cia., da qual seu pai era sócio; Hans foi trabalhar no Brasilianische Bank für Deutschland – Banco Brasileiro para a Alemanha, cujo diretor era Alfred Plaas, um antigo amigo de Franz Müller.

Em setembro de 1905, Albertina retornou a Brunswick, acompanhada por sua cunhada Hermine, e os filhos Erich, Franz, Heinz e Margarete. Erich deveria iniciar o curso de medicina em Berlim e Bobs, os estudos em Brunswick.

A missão de Albertina nesta viagem de 1905 era encaminhar o filho Franz, então com 11 anos, a iniciar a escola formal na Alemanha. O novo aluno alegrou-se por poder ser matriculado na 5ª série do ensino fundamental, sendo dispensado de exames. Franz estudou em Brunswick e foi, posteriormente, fazer curso técnico de tecelagem em Krefeld. Com o início da Primeira Guerra Mundial voltou para o Brasil, em fins de 1915, a pedido dos pais, utilizando o passaporte brasileiro.

Quanto ao início da escolaridade para Heinz, que contava apenas com 6 anos, foi contratado um professor particular. Em carta pormenorizada ao marido, Albertina relata como se

deu à primeira aula do filho que, chorando, se escondia atrás de sua saia, não querendo se sentar à mesa em frente ao professor. Albertina e a cunhada Mine lhe prometeram muitos presentes, mas não conseguiam motivar a criança que chorava muito. Por fim, Albertina resolveu ela própria sentar-se em frente ao professor e iniciou uma animada conversa com o mesmo.

De repente o Heinz se pôs a rir meio maroto, atrás de mim. Sem demora o professor o puxou para a conversa e o meu garotinho caiu na cilada. Não demorou 5 minutos e ele levou a conversa sozinho, contando a respeito da Ilha da Madeira e sem que o percebesse o professor começou a ensiná-lo, com muita alegria até o fim da aula. Hoje o Heinz foi abrir a porta para o professor, radiante, e não hesitou em levar a aula da melhor forma possível (LEYEN, 1995, p. 45).

As cartas trocadas entre Franz e Albertine nesse período relatam as atividades empresariais de Franz e como ele organizava a empresa em Carioba. O quadro de funcionários mais graduados era sempre composto por alemães ou descendentes. A gerência da fábrica era exercida pelo Sr. Hubert Jansen, um experiente técnico têxtil; as atividades do escritório estavam a cargo de seu cunhado, Sr. Carl Rau, marido de Ludwige irmã mais nova de Albertina. Para a parte agrícola, que envolvia o plantio de algodão nas imediações da fábrica, foi contratado o Sr. Emílio Horschutz, que já residia nas proximidades. Os empregados domésticos também eram alemães, a cozinheira Ella, a arrumadeira Erida e o zelador Johan Nepomuseck; apenas o cocheiro era brasileiro.

Franz Müller contava com a atuação de seus familiares na Alemanha: o irmão Hermann lhe assegurava o capital financeiro para os investimentos, a irmã Hermine no apoio logístico aos filhos que estudavam na Alemanha, o irmão Ernst, que vivia em Berlim, hospedara Erich, acompanhando-o em seus estudos iniciais de Medicina.

A respeito da firma importadora que tinha em São Paulo, a Müller, Mello e Cia., Franz resolveu trazer para seu lugar o sobrinho, Hermann von Polnitz, filho de sua irmã Louise, já falecida, e procurou convencer o irmão Hermann das vantagens dessa nova sociedade, onde ele deveria continuar empregando seus capitais.

Configurava-se a integração familiar na organização e desenvolvimento dos empreendimentos da família Müller no Brasil que para consecução de seus objetivos, não se restringia ao núcleo familiar doméstico. Essa família extensa pautava sua atuação conforme as considerações de Lang sobre a família utilizando para isso texto de Bourdieu (Foto 3).



FAMÍLIA MÜLLER CARIOBA

Foto 3 – Família Müller no terraço da Casa Grande em Carioba, no ano de 1908. Sentados, da esquerda para a direita: Comendador Franz Müller, dona Albertina, Margarete, Hermann. Em pé: Hans e Franz Rudolf. Fonte: doação da família Müller Carioba para o acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

A persistência do grupo familiar é assegurada por mecanismos de integração que garantem sua unidade. Bourdieu refere-se à existência de unidades domésticas e de famílias extensas, estas bastante comuns nos grupos dominantes, fortemente integradas e unidas, não apenas pela afinidade de hábitos, mas também pela solidariedade de interesses expressos não apenas pelo capital econômico, mas também pelo capital simbólico (sobrenome) e pelo capital social, que seria condição e efeito de uma gestão bem sucedida do capital coletivamente possuído pelos membros da família (LANG, 1997, p. 40, baseado em BOURDIEU, 1983).

Perseguindo os objetivos da expansão da Fábrica de Tecidos Carioba, SP, pois havia grande demanda por seus produtos, Franz Müller vai construindo todo um relacionamento com círculos mais amplos de detentores do capital que ele necessitava para seus próximos investimentos que estavam ligados à necessidade de dotar a indústria de uma fonte de energia com maior capacidade, o que envolvia a construção de uma hidrelétrica, conforme sugere, sutilmente, na visita programada de seu amigo Trost. Em carta endereçada à esposa fala de seu trabalho e de seus projetos:

Recebi um convite do Trost para um jantar de gala em homenagem aos oficiais do "Panther", mas mandei um telegrama dizendo que não posso me ausentar no momento. Não quero me afastar devido à chegada de novas máquinas além de não estar disposto a participar de festividades e bebericar. Em compensação eu os convidei para virem conhecer esta que é a única fábrica onde foi aplicado capital alemão. Eles poderão tomar um café aqui, e depois fazer um passeio a cavalo até a Fazenda Salto Grande. Isto será fácil desde que o Trost, como cônsul alemão, consiga fazer o primeiro e o último trem pararem aqui na Villa Americana, vindo e retornando a São Paulo no mesmo dia (LEYEN, 1995, p. 44).

Franz Müller, com esse convite visava envolver os amigos no novo empreendimento de construção da hidrelétrica, através da aquisição inicial da Fazenda Salto Grande, onde havia uma grande queda d'água no rio Atibaia, a uma distância de, aproximadamente, 7 km da fábrica e da vila industrial que estava sendo construída.

O empresário se refere, ainda, nessa carta à esposa, ao acerto que tiveram com a orientação escolar do filho mais velho Hermann, que se especializara em tecnologia têxtil e já demonstrava seus conhecimentos na montagem de novas máquinas da fábrica de tecidos. Nessa data, Hermann já havia deixado seu trabalho em São Paulo.

Não tivesse eu aqui o nosso Compridão (Hermann) estaria simplesmente perdido. A cada dia, a cada hora que passa, ele me faz mais feliz. Trabalha muito e com tamanho entusiasmo e interesse que estou muito tranquilo, quanto ao futuro e quanto à direção da fábrica. Hoje não há um só cantinho da fiação que o Hermann não tenha examinado.

Tudo é controlado e arrumado. Mais tarde, quando ele assumir a direção ninguém poderá passar-lhe gato por lebre, porque não há o que ele desconheça (LEYEN, 1995, p. 44).

A transmissão da experiência do trabalho que observa no filho é motivo de orgulho e reforça o *ethos* do trabalho que o caracterizava. Ele vê, na prática, o empenho no crescimento da indústria estar sendo assumido pelo jovem Hermann, o que lhe traz tranquilidade e segurança.

Na construção do quadro de funcionários e no engajamento de pessoas da família se expressa o valor ligado a etnicidade germânica, particularizando na construção da indústria e da vila operária de Carioba, nas quais a criatividade e a capacidade, que julgava inatas no trabalho dos alemães, reforçam o orgulho pelo pertencimento à nação alemã.

Por seu lado, Albertina escreve a Franz sobre os sucessos de seus filhos no concerto que fora promovido a bordo do navio que os conduzia à Europa. Refere-se, particularmente, ao comportamento do caçula Heinz, por seus modos cosmopolitas de grande gentileza e o uso de palavras de língua francesa. “O Heinz está se tornando um verdadeiro gentleman: não importa se alguém o atropela ou se ele atropela alguém, invariavelmente ele se virá com um sorriso muito amável e diz: Pardon! É tão engraçado que até mesmo o mais carrancudo logo se alegra” (LEYEN, 1995, p. 43). A passagem relatada, envolvendo o mais jovem Müller, reflete a formação dos hábitos a consubstanciar um estilo de vida próprio de uma elite cosmopolita envolvida em freqüentes viagens e com participação em diferentes contextos culturais².

Quanto a Margarete, os familiares de Franz sugeriram que ela fizesse um estágio, de alguns meses, em um pensionato para moças em Dresden, Alemanha, especializado no ensino de música para jovens procedentes de diversos países. Margarete entusiasmou-se pelo programa. A mãe levou-a a Dresden, onde, pela primeira vez, ficou longe de familiares.

Margarete se recorda, pormenorizadamente, da programação desse estágio na Vila Levana em Dresden, que ela denominou de “alegre prisão”. Entrosou-se com as outras estudantes, na maioria inglesas, uma holandesa e uma alemã.

Havia três pianos a nossa disposição, um em cada andar do prédio, além de um excelente piano de cauda que ficava no salão, mas que somente era usado por ocasião dos concertos da casa. O dia inteiro os três pianos eram trabalhados por nós e quando havia espetáculos teatrais, óperas ou concertos, nós fazíamos os nossos programas.

² Heinz estava na Alemanha desde 1911, alistou-se no exército alemão e foi para a linha de frente como artilheiro, na Primeira Guerra Mundial, com apenas 17 anos e nem terminou o ginásio. Só voltou para o Brasil após o término do conflito e do tratamento de saúde em Davos, Suíça, devido a doenças pulmonares contraídas no período da Guerra (LEYEN, 2004, p.66).

Todas as segundas-feiras no café da manhã a Srta Eberhard lia no jornal as programações da semana e cada um de nós escolhia a de sua preferência. Geralmente duas ou três garotas combinavam as saídas em conjunto. Na ópera nós tínhamos um ótimo camarote no primeiro balcão e para os ensaios dos concertos sinfônicos a entrada era franca, coisa que não perdíamos nunca. Naquela época o regente da Orquestra Sinfônica de Dresden era Richard Strauss (LEYEN, 1995, p. 61).

Albertina, nessa nova estadia na Alemanha, fez uma viagem a Berlim para visitar o filho Erich. Margarete veio de Dresden para encontrá-los e junto com o tio Ernst, com quem Erich residia, fizeram uma intensa programação cultural que incluiu visitas a museus, ópera e apresentações teatrais.

Essas formas de lazer, em conjunto com os filhos, agradavam bastante Albertina que, ao relatá-las ao marido, recebeu sua aprovação ao programa e ele próprio se imaginava acompanhando a esposa e os filhos por todos aqueles lugares apreciados por ele também.

Em suas cartas, Franz se congratula com os filhos pelo bom aproveitamento escolar e principalmente a Bubi, que necessitava de apoio especial para vencer sua insegurança: “Os ares por aí são realmente outros e você poderá observar os seus efeitos salutareos em cada um de nossos filhos. São estes sucessos querida, que nos compensarão pelos sacrifícios da separação e pelos desconfortos das viagens” (LEYEN, 1995, p. 46).

O Sr. Franz Müller, na ausência da esposa, supervisionava as áreas que eram afeitas à administração de Albertina. O gerenciamento da pecuária leiteira, assim como da fabricação dos derivados do leite, como queijos e manteiga, era responsabilidade de Albertina, preservando os padrões da cultura camponesa de sua família. Em várias cartas há menção aos bons resultados obtidos com a venda do leite e de ovos. Os proventos eram de propriedade de Albertina, sendo diferenciados das importâncias que eram por ele enviadas para manutenção da família e ao pagamento das despesas com os estudos dos filhos.

Albertina relatou ao marido as dificuldades iniciais de Erich ao iniciar o curso de medicina, que quase o fizeram desistir da faculdade. O tio Ernst aconselhou-o a enfrentar as dificuldades de adaptação, que foram superadas. Na época em que a mãe o visitou, o rapaz estava orgulhoso pelos resultados obtidos. Albertina concluiu sobre a importância da união familiar. O filho travou sozinho suas batalhas, mas teve na orientação do tio o estímulo para persistir na busca da carreira profissional escolhida.

Margarete, após a temporada em Dresden, foi encaminhada a um pensionato na casa do Guarda Florestal Schomburg, em Marienthal, perto de Helmstadt. Ante a relutância de Franz em

permitir que sua filha permanecesse mais tempo na Alemanha, Albertina procurou convencê-lo da importância desse estágio para a formação de uma moça de boa família. Assim escreve a Franz:

O casal recebe todos os anos no verão em grupo de quatro moças, que lá aprendem as lidas domésticas. Elas vêm de longe, pois o estágio é muito cobiçado pelas jovens e é muito afamado. A casa se situa junto à floresta e o guarda e sua mulher são pessoas tão alegres e bem dispostas quanto você possa imaginar. As moças são, porém, rigorosamente controladas no que se refere à ordem e ao cumprimento das obrigações o que é muito desejável. Mesmo fisicamente esse estágio fará muito bem a Muck (LEYEN, 1995, p. 50).

Com a permissão do pai, Margarete foi encaminhada ao estágio e a mãe voltou para o Brasil, em abril de 1906. Nesse período, Margarete deu apoio ao irmão Bubi, que se ressentia da ausência dos pais, apesar de toda solicitude da tia Hermine. Esse período marca também um grande entrosamento com o irmão Erich. Trocam cartas onde se verifica seu arraigado amor pela música.

O estágio para o aprendizado das lidas domésticas não teve os resultados esperados por Albertina, pois sua filha não se empenhava nessas tarefas, preferindo ficar ao piano executando peças a quatro mãos com Annemarie, a filha do Guarda Florestal, que a apelidara de Felix Brasil e se divertia com as histórias de onças e cobras que Margarete afirmava existirem em Carioba onde morava.

Margarete regressou ao Brasil em setembro de 1906. O irmão Erich a acompanhou até o navio e lhe escreveu, ao chegar a Brunswick, uma carta em que expressava seu amor fraternal.

Pois é, querida, então logo você estará de novo no outro lado do oceano. Somente agora estou percebendo a jóia de irmã que nós temos. Antes, nós irmãos pouco sabíamos além do fato de termos uma irmã, não conhecendo por experiência direta como ela realmente é. Que pena que agora não iremos mais receber as suas simpáticas cartas com a mesma regularidade, o que acontece em virtude da grande distância geográfica que nos separa. Esta manhã toquei violino durante um bom tempo. Aquele som está cada vez melhor. É tão engraçado, quando tocava violino, sempre pensava comigo, quanto gostaria que você estivesse me acompanhando ao piano. Agora tudo isso acabou e eu tenho que tocar solo. Tinha tanta vontade de ir com você, principalmente depois que vi aquele belo navio. Teria sido tão bom, mas não era para ser (LEYEN, 1995, p. 64).

Margarete fez a viagem sozinha sob a tutela do casal Bamberg, que também viajava para São Paulo e tinha duas filhas da mesma idade de Margarete. Seus pais foram encontrá-la no Rio de Janeiro, onde o navio deveria permanecer por três dias; embarcaram logo em um vapor com

destino a Santos, onde os irmãos Hermann e Heinz os esperavam. Hans os aguardava em São Paulo e de lá seguiram todos para Carioba.

As imagens da casa paterna são detalhadamente descritas por Margarete, em suas memórias, principalmente seu quarto, que a mãe havia decorado com móveis bonitos e confortáveis e inúmeros objetos de seu agrado, o que a deixou num indescritível contentamento. Margarete acrescenta:

Aqui, onde encontrei tanto amor, procurei ser sempre agradecida por tudo, dando o melhor de mim e obedecer meus pais nunca lhes causando tristezas ou contrariedades. Desde o primeiro dia foi meu pai quem se encarregou da educação da filha. Nunca houve longos sermões de moral ou reprimenda. Uma simples palavrinha, um assobio ou um olhar severo partindo daqueles olhos cinzentos através dos vidros brilhantes do pincenê bastava para eu saber o que fazer ou deixar de fazer. Anos mais tarde, quando eu já tinha meus próprios filhos, adotei também este método e obtive os melhores resultados (LEYEN, 1995, p. 66).

Margarete descreve a rotina da casa, assinalando que o pai era a pontualidade em pessoa. “Vivíamos pelo relógio e a cada momento sabíamos o que ia acontecer no minuto seguinte. Os nossos dias tinham exatamente 15 horas, desde as 7 da manhã até às 10 da noite quando as luzes se apagavam” (LEYEN, 1995, p. 66 - 67).

A rotina do irmão Hermann se iniciava mais cedo, pois ele era o primeiro a chegar à fábrica, às 6 horas. Às 7h30 toda a família se reunia para o café, logo após Albertina se reunia com a cozinheira, não só para definir o cardápio, mas para orientar o armazenamento das carnes, verduras e frutas e a fabricação de manteiga e queijos.

Das 8 às 9 horas, Margarete dava aulas para Heinz, que era sempre um exemplo de bom comportamento. Às 9 horas, iniciava os estudos de piano até o apito da fábrica anunciar a hora do almoço. O pai sempre vinha uma hora mais cedo para ler a correspondência. Franz Müller assinava umas 10 revistas alemãs que versavam sobre literatura, arte, decoração de interiores, jardinagem e muitos outros assuntos. Havia também publicações para jovens. Ao meio dia terminava a hora do almoço, Hermann retomava seu trabalho na fábrica e Franz permanecia lendo por algum tempo antes de retornar ao trabalho. A mãe se dedicava aos trabalhos manuais e Margarete a acompanhava, ouvindo estórias de sua infância no Rio Grande do Sul, dos primeiros tempos em São Paulo ou das numerosas viagens à Europa.

Por volta da uma e meia, Margarete estudava canto e a mãe a acompanhava ao piano. Margarete narra também suas aventuras e traquinagens, o que deixava a mãe assustada. Outras vezes, quando a mãe tinha alguma costura a fazer, Margarete ficava lendo para ela.

Às 4 horas, seu pai chegava da indústria. O cocheiro já deixava os cavalos arreados. Saíam então para um rápido passeio. Às 6 horas, o apito da fábrica assinalava o término de mais um dia de trabalho para Hermann, que chegava sujo como um trabalhador braçal. Às 6 e meia, ele reaparecia banhado para sentar-se à mesa do jantar. Às 8 horas, Margarete levava Heinz para dormir e depois disso, muitas vezes, ela e Hermann tocavam piano a quatro mãos, ou então Margarete jogava uma partida de xadrez com o pai. Às 9 e meia iam todos dormir.

Pela descrição das atividades diárias de Margarete nas memórias, pode-se aquilatar o ritmo que a atividade fabril impunha a vida de todos os habitantes da vila operária. O funcionamento da indústria requeria uma racionalidade do uso do tempo, mesmo para os patrões que deveriam se pautar pelo apito da fábrica, o horário de almoço e o horário de lazer. O estudo da música e do canto no período diurno era um trabalho para a jovem. Somente à noite quando executava peças ao piano com o irmão era considerado um lazer, um divertimento.

Deve-se apontar que no cotidiano de Margarete, a tarefa de ensinar o irmão mais novo assemelhava-se à tarefa assumida pelas irmãs mais velhas, entre as famílias da elite cafeeira, que residiam nas fazendas de café no interior de São Paulo. “Transformar-se em professora improvisada também fazia parte do seu aprendizado - já que a ela caberia tempos depois o trabalho de instruir e educar os seus próprios filhos” (MALUF, 1995, p. 220).

Nessas ocupações tão detalhadamente descritas do cotidiano de Margarete e sua família se observa o estilo de vida da família alemã que a diferenciava, consagrando seus modos de comportamento.

Ainda de acordo com a historiadora Marina Maluf,

aquilo que Weber chamou de “estilo de vida” e Bourdieu de “capital simbólico” se traduz em comportamentos, consumos, usos de linguagem, práticas culturais e estratégias de casamento desenvolvidos pelos grupos sociais que, no limite, procuram incluir e excluir, unir e separar, associar e dissociar as forças sociais históricas vigentes. Ao procurar se distinguir, os grupos sociais privilegiados de uma dada sociedade adotam uma maneira de ser que ao mesmo tempo introduzem uma linguagem intencional da “raridade” e trazem profundamente interiorizadas, sem saber ou querer, as estruturas do mundo social (MALUF, 1995, p. 183).

O território colonizado, de propriedade de uma família alemã necessitava evidenciar os ícones da *Kultur* – escola, associações recreativas e culturais, desenvolvimento econômico e urbano (asfalto) (SEYFERTH, 2002, p. 13). A Carioba representava o território colonizado (Foto 4), visto como um cartão de visita da iniciativa alemã no Brasil e motivou o acréscimo do nome Carioba ao sobrenome Müller, o que foi oficializado já em 1916, quando Erich, o filho que vivia na Alemanha acrescentou Carioba a seu sobrenome, para diferenciá-lo dos outros Müller que publicavam trabalhos na área médica (BORMANN, 1994, p. 2). Nos meses em que permaneceu em Brunswick, Erich aproveitou para fazer pesquisas genealógicas e anotações que se tornaram à base para a elaboração da Crônica da Família Müller e expressam a ligação com a cultura alemã, vivenciada por seus antepassados e também seu objetivo de preservar essa história e transmiti-la aos descendentes³.

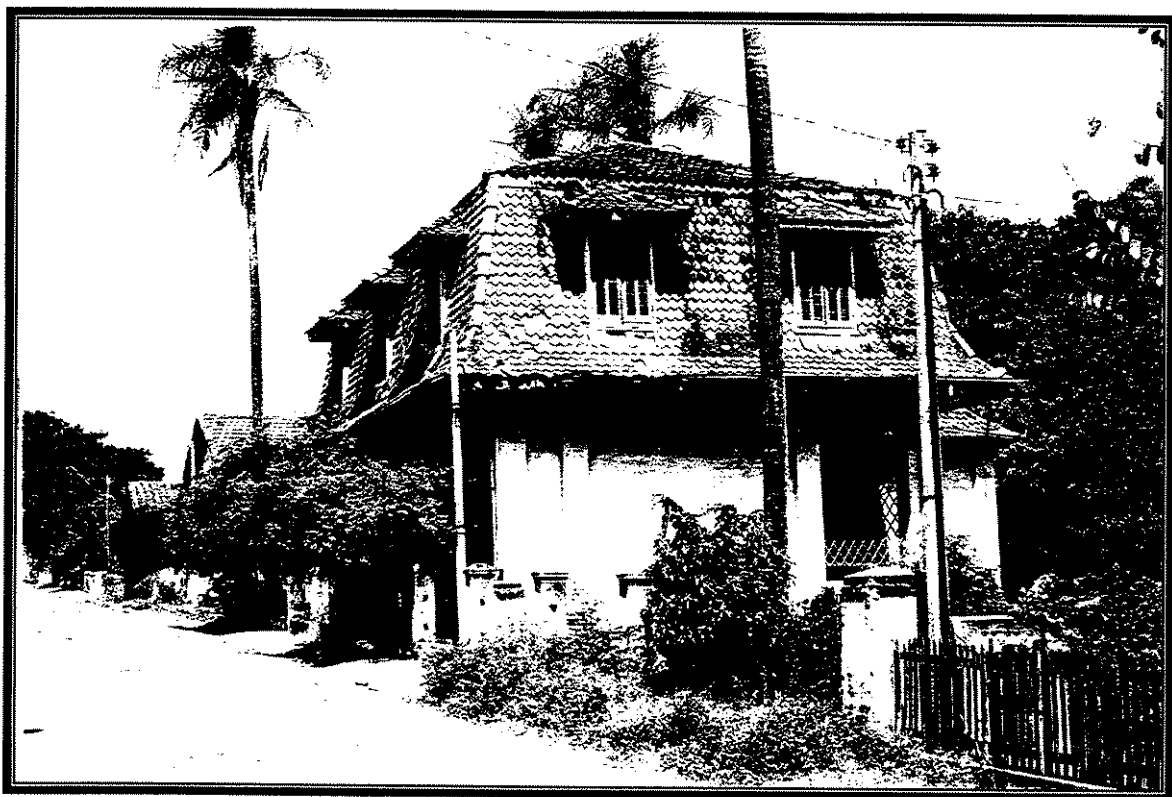


Foto 4 – Casa em estilo alemão, conhecida como escama de peixe pelo formato do telhado. Foto da década de 1960. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

³ A solidariedade dos filhos do Comendador Müller educados na Alemanha transferiu-se também para o Estado. Erich se alistou no exército alemão por ocasião da Primeira Guerra Mundial, pois, embora brasileiro de nascimento, tinha reconhecimento por sua formação universitária na Alemanha e esta era a pátria de seu pai e dos pais de sua esposa (BORMANN, 1994, p. 3).

O seguinte trecho explicita a maneira primorosa como eram recebidos os visitantes em Carioba:

Naqueles primeiros anos do século 20 Carioba tornou-se um local de visita quase obrigatória para os europeus que chegavam a São Paulo desejosos de conhecer um pouco do Brasil. Homens de negócios, diplomatas, escritores eram para lá enviados pelo cônsul alemão e, ao chegarem à estação ferroviária de Americana após quase 4 horas de viagem pouco confortável eram recebidos por Franz e Albertine com extraordinária cortesia e hospedados com um conforto inteiramente inesperado. Eram servidos do bom e do melhor, desde frutas tropicais, aspargos, alcachofras e legumes de todos os tipos, carnes aves e peixes preparados com muita competência, vinhos excelentes, champanhe e até caviar.

No domingo pela manhã os homens eram sempre colocados sobre o dorso de um cavalo qualquer, as senhoras em carruagens, e todos iam conhecer a floresta tropical ao longo dos rios Piracicaba ou Jaguari. Na Fazenda Salto Grande eram levados a conhecer plantações de algodão e de cana, a respectiva moenda e o alambique, a máquina de beneficiar algodão e a impressionante casa de moradia com a senzala, naturalmente já desativada, e suas imponentes paredes de quase um metro de espessura.

Os passeios terminavam à beira do rio, num aprazível recanto debaixo de um enorme pau-d'alho onde lhes era servido um churrasco regado a chopp gelado. Estas aventuras no interior do Brasil constituíam acontecimentos absolutamente inesquecíveis para os visitantes estrangeiros que aqui aportavam (MÜLLER CARIOBA, 1992, p. 35).

Não bastava construir a indústria e a vila operária, a hidrelétrica e explorar de forma racional o potencial produtivo da Fazenda Salto Grande, era necessário que as pessoas do próprio grupo conhecessem essas realizações e quando retornassem a seus países, levassem o conhecimento do que o trabalho alemão podia realizar em terras tropicais (Foto 5).

Outro procedimento para a manutenção da identidade eram os casamentos endogâmicos:

Em todas as colônias criadas no começo do século XX, em São Paulo e demais cidades, a endogamia se apresentava como um valor fundamental. Os casamentos eram arranjados pelos pais, que procuravam parceiros para seus filhos que correspondessem a seus valores. A endogamia que a segunda e terceira gerações não mais respeitaram era muito importante na primeira, para assegurar um entendimento e uma língua comum, o respeito e o culto na mesma religião, a manutenção dos rituais domésticos e comunitários, além da transmissão da educação recebida ou aperfeiçoada (LEITE, 1993, p. 27).

As escolhas matrimoniais na família Müller se definiram a partir da convivência no grupo étnico, salientando a colocação de Marina Maluf: “Tão importante quanto a linguagem e a vestimenta, ou a educação a cultura e o adereço, são as trocas sociais e dentre elas as estratégias matrimoniais das elites emergem como signos especiais de diferenciação” (MALUF, 1995, p. 183).

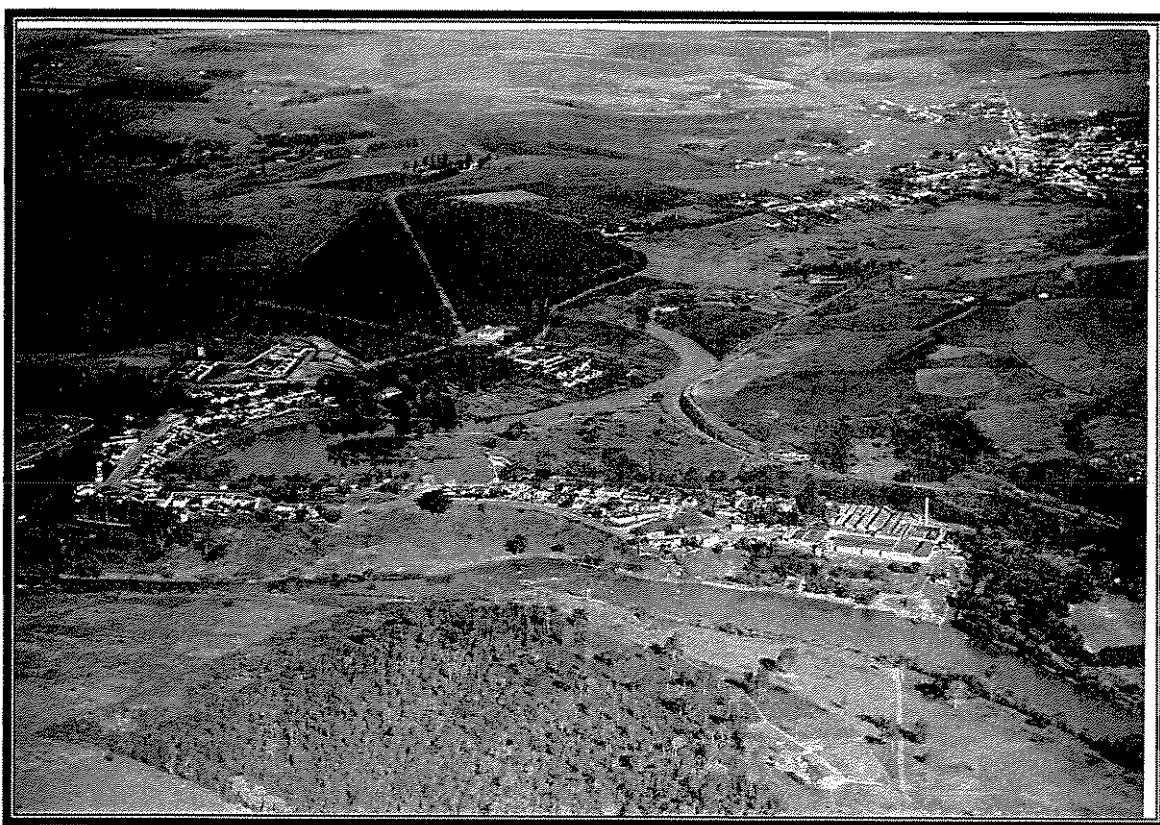


Foto 5 – Vista aérea da Vila Carioba e da Vila Americana ao fundo. Final da década de 1930. Fonte: acervo da família Hafers.

A partir de 1909 se iniciaram os casamentos dos filhos do casal Müller. Os cônjuges foram escolhidos no próprio grupo de relacionamento de pessoas de origem alemã, amizades que os pais vinham cultivando desde seu estabelecimento em São Paulo. Os casamentos foram também cruzados no próprio grupo familiar. Hermann e Erich se casaram com duas irmãs, Erna e Edwig Bormann, as quais também tinham estudado na Alemanha. Hans se casou com Elsie Fuchs. Margarete se casou com Bruno von der Leyen, amigo de seu irmão Hans. Franz, o quarto filho homem se casou com Gerta Hox, natural da Renânia, na Alemanha. O mais novo, Heinz se casou três vezes, em primeiras núpcias com sua prima Henny Müller (filha de seu tio Hermann, que residia em Brunswick, Alemanha), a segunda vez com Hilde Weber e, muitos anos depois, com Leonor Souza Campos (Anexo 3).

Hans, o irmão de Margarete, trabalhava no Banco Brasileiro para a Alemanha; tinha como seu superior imediato Bruno von der Leyen. Ambos moravam na Pensão Nemitzmna, na Vila Mariana, em São Paulo, possuíam seus cavalos de passeio e se tornaram amigos. Bruno tornou-se

um hóspede assíduo da casa dos Müllers, em Carioba. Era descendente de uma aristocrática família de Krefeld, na Alemanha, onde seus antepassados foram os iniciadores da indústria da seda, atividade desenvolvida pela família durante séculos (LEYEN, 1954, p. 18).

Bruno escrevia cartas entusiasmadas a seus pais sobre o empreendimento têxtil fundado pelo Comendador Müller e as belezas naturais do local às margens do Rio Piracicaba e do Ribeirão Quilombo. Enaltecia a hospitalidade desses novos amigos e a sólida formação moral e intelectual que tinham transmitido a seus filhos. Bruno e seu irmão Franz estavam no Brasil desde 1905, em busca de melhores oportunidades profissionais, pois, seu pai Rudolf von Der Leyen, que era banqueiro em Krefeld, tivera um insucesso financeiro que consumira os bens da família (LEYEN, 1954, p. 26).

Bruno e Margarete apaixonaram-se logo que se conheceram, mas levaram um longo período para iniciar um namoro, que só foi decidido após uma visita dos Müllers aos pais de Bruno, na Alemanha, e do tratamento cordial que eles lhes dispensaram.

Para Margarete, uma foto sua com Bruno e a namorada de seu irmão Hermann, Erna Borman, que mostrava os três como participantes de uma festa da colônia alemã de São Paulo, cuidadosamente guardada pelos pais de Bruno, foi a prova decisiva de que era amada por seu tímido pretendente. Por outro lado, o pai de Bruno o encorajou a escrever a Margarete iniciando o namoro, mesmo que ainda não tivesse sido promovido a procurador do Banco. Lembrou a Bruno a poesia de Heine:

Por desgosto a moça toma

O primeiro bom marido

Que seu caminho atravessa (LEYEN, 1995, p. 79).

É interessante o uso das fotos para os imigrantes no sentido de mostrar as condições de vida no país de destino. A foto enviada por Bruno a seus pais evidenciava sua participação nos eventos promovidos pelo grupo de alemães radicados na capital paulista e também os relacionamentos estabelecidos que propiciavam aos jovens a escolha de seus respectivos cônjuges, entre componentes do mesmo grupo étnico. O irmão de Margarete, que havia visitado anteriormente os pais de Bruno, levou fotos das estadias do mesmo em Vila Carioba, originando a seguinte carta de Rudolf von der Leyen ao filho:

Moers no reino inferior, 25 de setembro de 1907.

Querido Bruno,

[...] acima de tudo queria contar a você com muita alegria a respeito dos dias agradáveis que passamos aqui com seu simpático amigo Hans Müller. Ele soube conquistar nossas simpatias com sua paciência diante das inúmeras perguntas sobre você e Franz (irmão de Bruno). As muitas fotografias e suas explicações nos proporcionaram uma boa imagem da vida que vocês levam. O Hans andou conosco até Capellan onde pudemos observar as luzes se acenderem nas casas dos camponeses e nos lembramos de vocês (LEYEN, 1995, p. 72).

E, dessa forma, através de cartas se iniciou o namoro entre Bruno e Margarete. Com o regresso de Margarete e dos pais ao Brasil, o noivado foi oficializado e o casamento marcado para julho de 1909. Neste período Bruno, imobilizado por um acidente em que fraturara o pé, escreveu uma carta a Margarete narrando seus sonhos e a perspectiva de realizá-los no futuro, expressando o imaginário carregado de paisagens da terra natal.

São Paulo, 21 de junho de 1909.

Querida:

Aqui acontece tão pouco que você não deve levar a mal se escrevo com um pouco de sentimentalismos. Como de hábito, a esta noite seguiu-se uma manhã e ela chegou em tons de cinza sobre cinza, uma legítima manhã de segunda-feira para o mundo que trabalha, uma penitência pelo domingo ensolarado.

Mal humorado, resolvi ficar na cama e eis que o Deus dos Sonhos voltou mais uma vez sem fechar meus olhos. Deixei que me levasse sem oferecer resistência e ele me levou a Carioba. Porém tudo lá estava diferente. Havia uma longa estrada indo diretamente ao Wiesenhof onde havia uma ampla e confortável casa de moradia, tal como se vê na Alemanha, nos sítios dos pequenos lavradores, porém grande e convidativa. Perto havia uma fábrica, pequena e operosa, rodeada de algumas casas de operários, tudo bem limpinho. E o patrão era eu. A dona da ampla casa era você.

O dia era de festa. Da estação partiram dois carros: no primeiro estavam meus pais e eu e no outro estavam os seus pais e os meninos. No portão de entrada em Carioba estavam os operários, um dos quais discursava para os meus pais e os dois choraram, embora não estivessem entendendo uma só palavra do belo discurso. E então a banda se colocou à frente do cortejo e foi caminhando pela estrada até o Wiesenhof. Diante de nós surgiu a grande casa, e adivinhe quem estava na escada: sua mãe e você. E veja só – nos braços você segurava uma doce coisinha que você vivia chamando de “mein Hänschen”. Vendo isto, minha mãe derramava novas lágrimas.

E houve um banquete no salão com grande alegria e o Hans pronunciou um vibrante discurso a mim dirigido, tão grandioso, que todo comovido eu o abracei e em voz alta, diante de todos, o chamei de irmão mais querido, cuja amizade me levou a dar o primeiro passo em direção a uma imensa felicidade.

Sempre, sempre os meus pensamentos estão com você, minha querida, seja qual for a minha atividade, lendo, escrevendo ou principalmente quando estou sonhando, só que você não o percebe (LEYEN, 1995, p. 89).

Nesta carta, Bruno realiza em sonho o projeto de reconstrução de uma indústria tal como seus antepassados haviam construído em Krefeld, Alemanha. O imaginário de Bruno, através do sonho, nutre-se das imagens da terra natal e da convivência da família extensa em uma comemoração festiva, onde todos se reúnem para manifestar aprovação a algo realizado por ele realizado em uma nova terra. Este sonho se tornou realidade em 1911 quando Bruno fundou a Fábrica de Fita de Seda em Carioba e construiu a sua moradia ao lado da firma. Chegou a trazer os vitrais com as insígnias da família von der Leyen da antiga residência na Alemanha para colocá-los em sua nova casa no Brasil.(LEYEN 1954 p.26).

O conceito de imaginário é tomado aqui no sentido restrito de um conjunto de imagens simbólicas, isto é, de representações que têm o poder de sugerir objetos ou idéias aos indivíduos de um grupo, de maneira viva e marcante; tanto uns quanto outros não se manifestam “ao nível da consciência clara (...) , mas nas complicações do inconsciente – deste inconsciente que é o órgão da estruturação simbólica” (DURAND, 1989 apud QUEIROZ, 1993, p. 77).

No mesmo período (1909), Hermann, o filho mais velho do casal Müller, oficializou seu noivado com Erna Bormann, filha de uma família conhecida dos Müllers, e que também havia estudado na Alemanha.

A cerimônia religiosa e a festa de casamento de Bruno e Margarete, em Carioba, foram um acontecimento marcante e reuniu um grande grupo de amigos da colônia alemã de São Paulo, além de familiares que vieram da Alemanha. Erich e Albertina, em cartas à tia Hermine, descrevem a beleza da recepção, onde o salão e as mesas ornamentadas com folhas de palmeiras e luzes coloridas, tendo ao fundo a visão prateada do Rio Piracicaba, davam a impressão de se estar em um jardim encantado (LEYEN, 1995, p. 93 - 95).

A menção ao recinto da festa enfeitado com folhas de palmeiras parece ser comum nas celebrações dos grupos alemães que aos emblemas próprios de sua cultura adiciona marcas de natureza tropical do local de destino. Este traço foi assinalado por SIMSON (2005, p. 25), a respeito das comemorações do grupo teuto-brasileiro de Friburgo, em Campinas, e por Bezerra sobre casamentos no bairro de colonização alemã, em Limeira (BEZERRA, 2002).

Com o casamento de Margarete, em 09 de julho de 1909, se encerram as memórias relativas ao período de infância e escolaridade dos quatro filhos mais velhos do casal Müller: Hermann, Hans, Erich e Margarete.

A partir da década de 1910, as famílias constituídas por Hermann, Hans, Margarete e Franz passaram a residir em Carioba e cada um dos irmãos construiu sua própria moradia (Fotos 6 e 7).

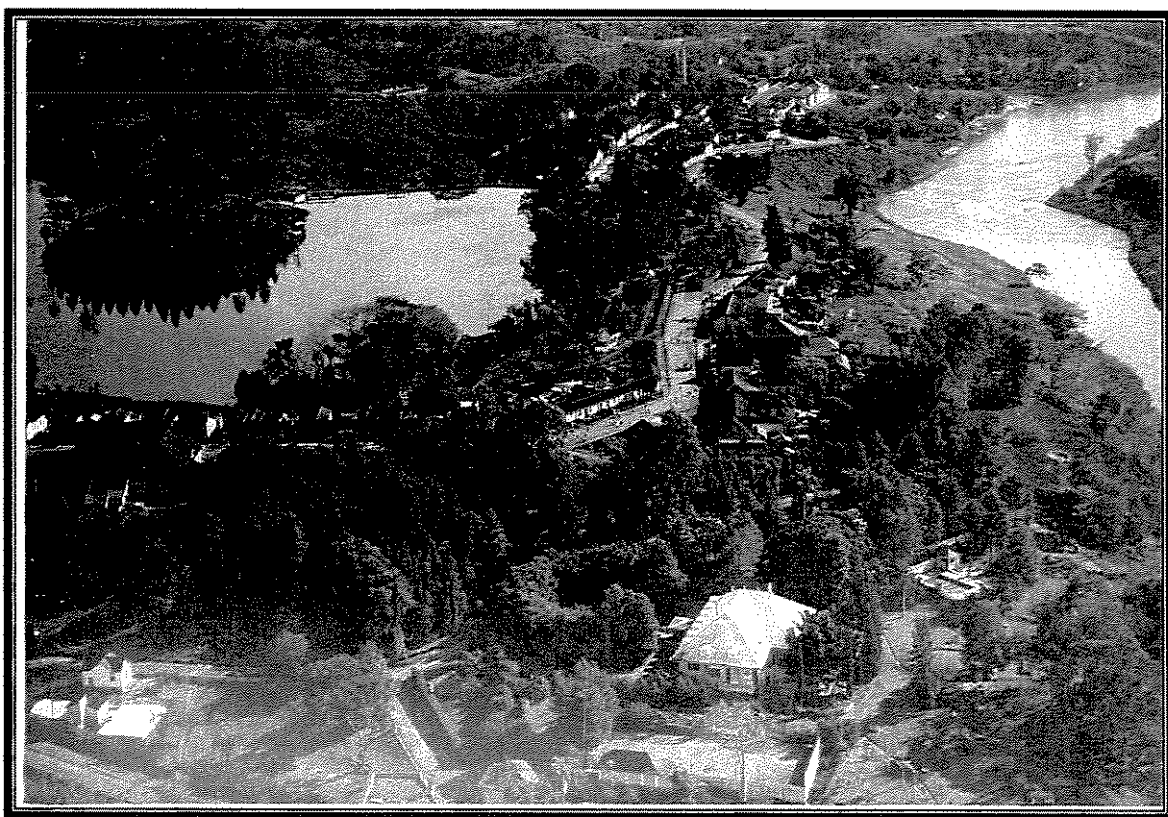


Foto 6 – Vista aérea da Vila Carioba no final da década de 1930, com destaque para a residência do Sr. Hans Müller no primeiro plano; a represa Carioba à esquerda e o Rio Piracicaba, à direita. O paisagismo da vila já estava consolidado com grande número de árvores, tanto nas praças como nos quintais das casas e nos parques. Fonte: acervo da família Hafers.



Foto 7 – Torre do observatório astronômico na casa de Herman Müller. Década de 1920.
Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

No período da Primeira Guerra Mundial houve restrições à firma Rawlinson Müller e Cia., com sua expulsão da Associação Comercial e Industrial de São Paulo, em decisão tomada em uma reunião da Diretoria da entidade. A firma apelou através de um processo de defesa, elaborado pelo próprio consultor jurídico da Associação (Anexo 4).

Em sua defesa, os diretores da empresa afirmavam que a maior parte de seu capital era inglês, que seus diretores eram brasileiros natos, que o único sócio alemão era casado com uma brasileira nata e que este era considerado benfeitor pelos próprios órgãos estaduais por sua atuação na campanha de combate à malária que grassava por Vila Americana, Vila Carioba e Fazenda Salto Grande, onde se situavam as empresas da firma Rawlinson Müller e Cia. Argumentava-se também na defesa que a paralisação da mesma ocasionaria graves problemas de desemprego para a comunidade onde a fábrica estava localizada. As cidades próximas, que

também eram servidas pelo fornecimento de energia elétrica gerada pela usina hidrelétrica, também seriam afetadas, o que redundaria em prejuízo a suas populações.

O advogado Alfredo Pujol, encarregado da defesa da companhia, dirigiu-se também ao embaixador inglês solicitando interferência junto às autoridades brasileiras em defesa dos interesses do sócio inglês, o Sr. Rawlinson. Foi convocada uma assembléia dos sócios da Associação Comercial para revogação da medida, que não encontrava justificativa nos estatutos da entidade. Desta forma se conseguiu superar as restrições impostas a firma que continuou a se expandir nas décadas de 1920 e 1930.

Para o período, não há nos textos escritos por Brigitte von der Leyen nenhuma menção ao funcionamento da escola ou de aulas particulares ministradas por professores alemães em Carioba, apesar dos primeiros netos do Comendador Müller já estarem em idade escolar. A primeira menção à criação de classes é feita para o ano de 1924, alguns anos após o fim das hostilidades da Primeira Guerra Mundial. Talvez essa fase tenha figurado entre os “não ditos” nas memórias escritas. O Sr. Joaquim Müller, em depoimento oral, referiu-se ao fato das restrições impostas à firma, mas que estas foram prontamente solucionadas pelo sócio inglês.

A escola alemã no Bairro dos Pires, em Limeira, não muito distante, sofreu intervenção nesse período, suas atividades foram paralisadas e, quando retomadas, tiveram que atender a exigência de funcionar com dois professores, um brasileiro e um alemão (BEZERRA, 2002, p. 173).

Em 1924, a nova geração passou a freqüentar classes especiais, incluídas na relação das Escolas Alemãs do Estado de São Paulo, que constituíam anexos do Anuário do Colégio Visconde de Porto Seguro, localizada em São Paulo e constam dos relatórios referentes aos anos de 1925 e 1927 (Quadro 3).

Quadro 3 - Anexo dos Anuários do Colégio Visconde de Porto Seguro. As escolas alemãs no estado de São Paulo.

Relatório do ano de 1925⁴

Carioba: entre Campinas e Limeira. Tecelagem de Rawlinson, Müller e Cia., fábrica de fitas de seda da Cia. V. de Leyen tecelagem de seda.

Escola Particular: fundada e mantida pela família Müller. 12 crianças, 3 professores.

Relatório do ano de 1927⁵

Carioba: 2.000 habitantes, maioria italianos, entre Campinas e Limeira. Fiação de algodão e tecelagem de Rawlinson, Müller e Cia., fábrica de seda da Cia. v.d. Leyen.

Escola Particular: prédio próprio, organizada e mantida pela família Müller, atualmente 4 alunos e 2 professores.

[...] a Escola Alemã Particular Carioba situava-se na cidade de Americana, tendo sido construída e mantida por uma família de nome Müller. Era uma escola pequena que atendia a poucos alunos. Havia doze alunos e três professores. Na região a economia predominante baseava-se na tecelagem (NOBRE, 2004, p. 60).

Brigitte von der Leyen Pietzschke, filha de Margarete registrou em suas memórias: “Em 1924, nossas horas de liberdade foram interrompidas com a criação de uma escola que funcionava em um prédio construído no jardim da casa de meu tio Hermann” (PIETZSCHKE, 1982, p. 25). A escola era constituída por quatro classes (Quadro 4), segundo os relatos, porém, foram discriminados onze alunos e não doze, conforme apontado pelos anexos dos Anuários do Colégio Visconde de Porto Seguro para o ano de 1925.

⁴ Anexo dos Anuários do Colégio Visconde de Porto Seguro. *As escolas alemãs no estado de São Paulo*. Relatório de 1925 e 1928, p. 91 - 92.

⁵ Ibid, p. 102.

Quadro 4 – Classes escolares para a terceira geração da família Müller.

Classe	Alunos
1ª) dos alunos maiores (entre 12 e 14 anos)	Joaquim e Lieselotte – filhos de Hermann Ingeborg – filha de Margarete
2ª) intermediária (entre 10 e 12 anos)	Peter – filho de Margarete Franz – filho de Hermann Heide Plaas – filha de Alfred Plaas
3ª) idade entre 8 e 10 anos	Ulla – filha de Margarete Dieter – filho de Hans Eber – filho de Hermann
4ª) dos alunos menores (6 anos)	Brigitte – filha de Margarete Klaus – filho de Hans

Após a morte de Bruno von der Leyen no ano de 1925, as filhas Ulla e Brigitte ficaram aos cuidados de uma professora “Fraulen Meyer”, que residia com eles e ocupava as meninas o dia todo com estudos, fazendo com que aprendessem a costurar meias, pregar botões, fazer ginástica e a ler só os livros escolhidos por ela. Margarete, inconsolável, permanecia alheia aos cuidados da casa e dos filhos. Os parentes resolveram enviar Margarete com os seis filhos para a Alemanha, onde iriam viver em uma cidade muito acolhedora às margens do Reno, chamada Honnef.

Ao chegar a Honnef, em julho de 1927, com os filhos, Margarete contou com a assessoria do casal Fickert para se estabelecer e cuidar das matrículas dos filhos na escola. Peter foi matriculado na Obertertia, que equivaleria ao atual primeiro ano do ensino médio no Brasil. Ulla ficou na classe quarta da Escola de Ensino Superior para Moças e Brigitte, na classe sexta dessa mesma escola.

O sistema de ensino alemão era assim constituído (Quadro 5):

Quadro 5 – Constituição do sistema de ensino alemão e notas alemãs na década de 1920.

Série	Ano correspondente	Notas
4 anos de primário		1 – excelente
Sexta	5º ano	2 – bom
Quinta	6º ano	3 – sofrível
Quarta	7º ano	4 - insuficiente
Untertertia	8º ano	
Obertertia	9º ano	
Untersegunda	10º ano	
Obersegunda	11º ano	
Unterprima	12º ano	
Oberprima	13º ano	

Nos três últimos anos, o aluno recebia uma pontuação que o conduziria ou não para prestar o Abitur (a prova de qualificação que o habilitaria ao ingresso em qualquer faculdade da Alemanha).⁶

A filha mais velha, Inge, foi encaminhada para uma escola de economia doméstica, que causou excelente impressão a Margarete, conforme relatou em carta a sua mãe.

As jovens moças das melhores famílias têm que trabalhar duro. Após o decorrer de um ano elas se submetem a um exame, e este ano lhes serve como experiência para um posterior emprego, normalmente como assistentes sociais, enfermeiras ou babás para recém-nascidos. Nós matriculamos Inge para o curso diurno. O preço para um trimestre é de 100 marcos, inclusive o almoço. Trabalha-se desde as oito horas da manhã até as seis horas da tarde. Eu estou muito contente que Inge está matriculada lá, no início ela não concordou, mas Hans Fickert também achava que Inge deveria ter uma ocupação regular (PIETZSCHKE, 1983, p. 13).

Encaminhando sua filha à escola de economia doméstica, Margarete repetia o procedimento da mãe com relação a ela quando a enviou para o pensionato na casa do guarda florestal. É curioso notar como ela expressou o desejo que sua filha se tornasse uma boa dona de casa. Seu procedimento se assemelhava ao das mulheres da elite paulista da época, que costumavam enviar suas filhas para o mesmo colégio onde haviam estudado. Essa atitude evidenciava que são as mulheres, as detentoras do conhecimento de certos usos e costumes,

⁶ Conforme informações obtidas com a Sra. Gerdha Elisabeth Hupfeld, em maio de 2005.

responsáveis pelo cotidiano das casas, os quais deveriam ser transmitidos para a geração seguinte, visando à reprodução social do grupo (TRIGO, 2001, p. 53).

Em Honnef, Margarete assumiu o papel de responsável pela casa e, pela primeira vez, expressava dificuldades financeiras para a manutenção da família.

[...] tenho que raciocinar e fazer contas como um besouro! Realmente às vezes não é fácil, pois com seis crianças, todos os dias alguma coisa é necessária. Especialmente as escolas custam bastante, novos cadernos e livros etc. Isso de ficar gastando dinheiro me deixa nervosa. A isso se adiciona às coisas de inverno que as crianças precisam, meias, sapatos fechados, agasalhos quentes, boinas, chales, roupas de lã, tudo tem que ser comprado. Mas vai dar tudo certo, se for dividido tudo corretamente (PIETZSCHKE, 1983, p. 24).

Margarete relatou em carta a sua mãe, a incompatibilidade da filha Brigitte estar cursando a classe “sexta” da Escola Superior de Ensino para Moças com apenas oito anos de idade.

Imagine que ontem a polícia esteve aqui! O motivo: o fato de Bi estar já na classe “sexta” da Escola Superior de Ensino para Moças fez com que eu entrasse em conflito com as autoridades escolares! Meu Deus, como somos estranhos a este sistema, ainda! Eu tive que ir a Bonn, e me registrar lá junto às autoridades escolares. Eu acho que as pessoas logo ficam com pena de mim, quando chego assim afobada e perdida, pois não são agressivos como seria de se esperar, pelo contrário, são bastante compreensivos, até simpáticos! De qualquer forma, eu entrei em conflito com aquelas autoridades, pois a escola primária de Honnef havia lhes informado que Brigitte von der Leyen já foi colocada na Escola Superior para Moças, mesmo que ainda deveria estar com eles. Existe uma lei, que diz que todas as crianças em idade escolar da classe “sexta” devem ter antes visitado a escola primária por quatro anos. Na verdade, o conhecimento (ou o não conhecimento) de Bi corresponde à escola primária e eu nem tive a intenção de forçar alguma situação quando a coloquei na escola para moças da senhorita Storck. Se as autoridades insistem em colocar a Bi na escola primária que assim seja.

Sobre esse fato, Brigitte acrescenta:

[...] por causa dessa estúpida burocracia, fui mandada para a escola primária pelo período de dois anos para assim cumprir a lei que dita que somente com dez anos se pode visitar uma escola superior. Com oito anos, eu estava muito mais adiantada que os outros da minha idade por causa das aulas particulares de Carioba (PIETZSCHKE, 1983, p. 22).

Em suas considerações sobre esse episódio, Brigitte colocou que foi muito doloroso voltar dois anos e que a escola primária reunia quatro classes de meninos e meninas dentro de uma sala; seus colegas eram encrenqueiros e tinham uma linguagem não condizente com a boa educação. Concluiu que a escola primária influenciou muito seu comportamento em fazer molecagens, que trouxeram muitos dissabores a sua mãe.

A avó Albertina foi visitá-los em Honnef, apoiando a filha Margarete quando seus filhos mais novos, Bruno e Goetz, estiveram seriamente doentes. Nessa ocasião foram atendidos pelo Dr. Levy, um hábil cirurgião que se tornou um verdadeiro amigo da família. Ao saberem alguns anos depois que ele se suicidara quando Hitler subiu ao poder, Brigitte fez a seguinte consideração: “Este fato nos chocou demais e sofrendo, tivemos que reconhecer o quanto havia por trás da idealização ao Führer, fatos que eram poucos conhecidos” (PIETZSCHKE, 1983, p. 40).

Inge, ao completar 18 anos, casou-se com Werner Plaas, filho de Alfred Plaas e Louise Wolf, amigos da família Müller desde a década de 1890. Louise era aparentada com a família von der Leyen. Werner havia feito curso de agronomia tropical na Universidade de Witzenhausen e deveria assumir o cargo de administrador da Fazenda Salto Grande, que pertencia à família Müller Carioba (PIETZSCHKE, 1983, p. 40).

A educação das meninas Ulla e Brigitte era complementada por aulas de piano. Entretanto, Brigitte não se entusiasmou com as aulas. A professora colocava moedas sobre as costas de suas mãos, moedas que não deveriam cair no chão, para que ela se exercitasse ao piano. Como era de se esperar, dada a relutância da aluna em aprender, as moedas voavam para longe. A professora então conversou com Margarete dizendo que era jogar dinheiro fora querer ensinar Brigitte a tocar piano. Entretanto, a menina era uma aluna aplicadíssima em desenho, gostava de línguas e ginástica, mas ia mal em matemática. Nas aulas de religião fazia perguntas embaraçosas à professora que, sem resposta, a mandava para fora da classe.

Brigitte organizou as cartas de sua mãe para a avó durante o período em que permaneceram na Alemanha e completou-as com suas próprias lembranças, além de ilustrar os textos com desenhos. Executou esse trabalho quando já era avó e, nesse momento, reavaliou as situações vividas na Alemanha, quando conviveram estreitamente com sua mãe, sem aquele grande número de criados que existia em Carioba. A pessoa de sua mãe era então vista por outro ângulo: o da organização do orçamento doméstico, que envolvia o armazenamento das frutas de seu jardim, ou seja, da provisão de alimentos para o inverno, da necessidade de comprar legumes, verduras e carnes e pagá-los à vista, coisas que no Brasil recebiam em casa, da extrema dedicação que dispensava aos filhos, principalmente nos casos de enfermidades, da alegria com que ela conduzia os passeios que a família realizava as margens do Reno. Brigitte salienta o grande envolvimento da mãe quanto ao desempenho dos filhos na escola e os percalços que enfrentaram

ante a estrutura do ensino primário bastante diferenciada daquela que enfrentara na primeira década do século XX em Brunswick.

Em 1930, tiveram que retornar ao Brasil, pois não era mais possível sustentar as despesas da família em Honnef, pois era uma época de crise em geral. Margarete retornou com Brigitte, Bruno e Goetz. A filha Inge já tinha retornado ao Brasil após o casamento. Ulla permaneceu com a família do pastor Josten, em Honnef, para terminar a escola até a Obersekunda. Peter foi para um internato em Berlim para cursar o último ano e prestar o Abitur. “Nossa família foi assim rasgada em pedaços e na verdade, nunca mais as coisas voltaram a ser como quando estávamos juntos em Honnef, às margens do Reno” (PIETZSCHKE, 1983, p. 40).

A escola alemã de Carioba havia sido desativada em 1928 e quando a família de Margarete retornou, novamente foi criada uma classe para os alunos menores, incluindo: Horst (filho de Hermann), Thomas e George (filhos de Hans), Bruno e Goetz (filhos de Margarete). Brigitte ficou morando em São Paulo com o tio Erich, que clinicava na capital e frequentou, juntamente, com suas primas, a escola alemã da elite denominada Olinda Schule que, a partir de 1938, passou a ser denominada Colégio Visconde de Porto Seguro (NOBRE, 2004, p. 57).

No período entre março de 1934 e março de 1935, a escola alemã particular de Carioba esteve relacionada como um dos locais de exibição de filmes, cujo serviço de divulgação e apresentação foi organizado pela Associação de Professores Teuto-brasileiros, constando a realização de duas sessões no local (NOBRE, 2004, p. 156). Constata-se através dessa colocação que a escola de Carioba estava inserida na utilização de modernos recursos imagéticos para ilustrar as atividades didáticas:

[...] o recurso da imagem como eficiente elemento didático como transmissão de elementos culturais e valendo-se das mais modernas técnicas, já era uma prática exercida nas escolas teuto-brasileiras na década de 30, por meio de um atuante serviço de cinema educativo, montado pelo governo alemão a princípio no Rio Grande do Sul em 1933, mas logo estendido para São Paulo.

O trabalho de divulgação de filmes educativos tinha como objetivos, de acordo com o programa de expansão da ideologia nacional socialista para as colônias germânicas espalhadas pelos cinco continentes, relatar as conquistas políticas, sociais e educacionais obtidas pelo nazismo na terra mãe e divulgar a vida dos colonos teuto-brasileiros na Alemanha, por meio de filmes documentários rodados no Brasil, estabelecendo assim, uma religação entre as populações emigradas e a pátria de origem (SIMSON, 2005, p. 27).

Menções quanto à educação formal de integrantes da quarta geração da família Müller foram feitas por Dieter Werner Plaas, filho de Inge e neto de Margarete, que residia na Fazenda

Salto Grande, de propriedade da família, onde seu pai era administrador no final dos anos 30 e início da década de 40:

[...] tinha uma escola também então a própria professora da escola é que foi a minha primeira professora também, só que meus pais queriam que eu tomasse essa aula, quer dizer eles não queriam que eu fizesse isso junto com os alunos normais, que eu acho que seria normal (risos). Mas meus pais na época tinham outras maneiras de analisar a coisa, então à tarde eu tinha aula particular com a Dona Helena, que era a professora da época. Então o primeiro e o segundo ano eu fiz com essa professora, em seguida eu fui para Rio Claro porque foi a época que venderam o Salto Grande em 1945 ... então por isso que houve a idéia de colocar os filhos no colégio interno (Colégio Koelle) (Sr. Dieter Werner Plaas, 62 anos, 1995).

Durante o Estado Novo, o governo de Getúlio Vargas desenvolveu intensa campanha visando integrar os imigrantes à sociedade brasileira, e houve a proibição do ensino em outro idioma que não fosse o português (GOLFETO, 1994 apud BEZERRA, 2002, p. 175). Desta forma o ensino para a quarta geração é feito em português, a professora era brasileira e era ligada ao sistema de ensino do Estado de São Paulo, mas ministrava aulas particulares aos filhos do administrador cuja esposa era aparentada com os proprietários da empresa.

4.4 A continuidade da empresa: entre os investimentos na educação e as dificuldades do período da Segunda Guerra

A década de 1930 foi marcada por um período de crise ocasionada pela quebra da bolsa de Nova Iorque e as repercussões no Brasil com os baixos preços do café, então o principal produto de exportação. Esta situação culminou com a revolução de 1930 e a instauração do governo Vargas.

Em Carioba, a crise repercutiu através da formação de grandes estoques de tecidos que não tinham demanda, pois as classes populares tiveram seu poder aquisitivo diminuído. Para enfrentar a grave situação, a firma efetuou a venda da hidrelétrica de Salto Grande à Companhia Paulista de Força e Luz, num momento em que o Estado passava a atuar como o grande investidor nos serviços básicos, como era o caso da geração de energia. Foi quando se dissolveu a sociedade com os ingleses e a firma passou a ser denominada apenas Fábrica de Tecidos Carioba, de Müller e Cia.

A firma, capitalizada com essa transação, resolveu investir na construção de uma hidrelétrica de menor porte, aproveitando uma queda d'água do Ribeirão Quilombo, bem próximo à indústria (Foto 8). Tal período marcou uma nova infra-estrutura para o bairro, representada pelo asfalto, propiciado pelo aproveitamento das pedras retiradas do leito do rio, britadas e utilizadas como calçamento, após serem recobertas com o piche importado da Alemanha, que sobrara da construção da hidrelétrica. O asfaltamento acentuou as características da urbanização e se constituiu sempre em orgulho para os cariobenses, que comparavam o bairro com a Vila Americana que possuía poucas ruas calçadas com paralelepípedos.

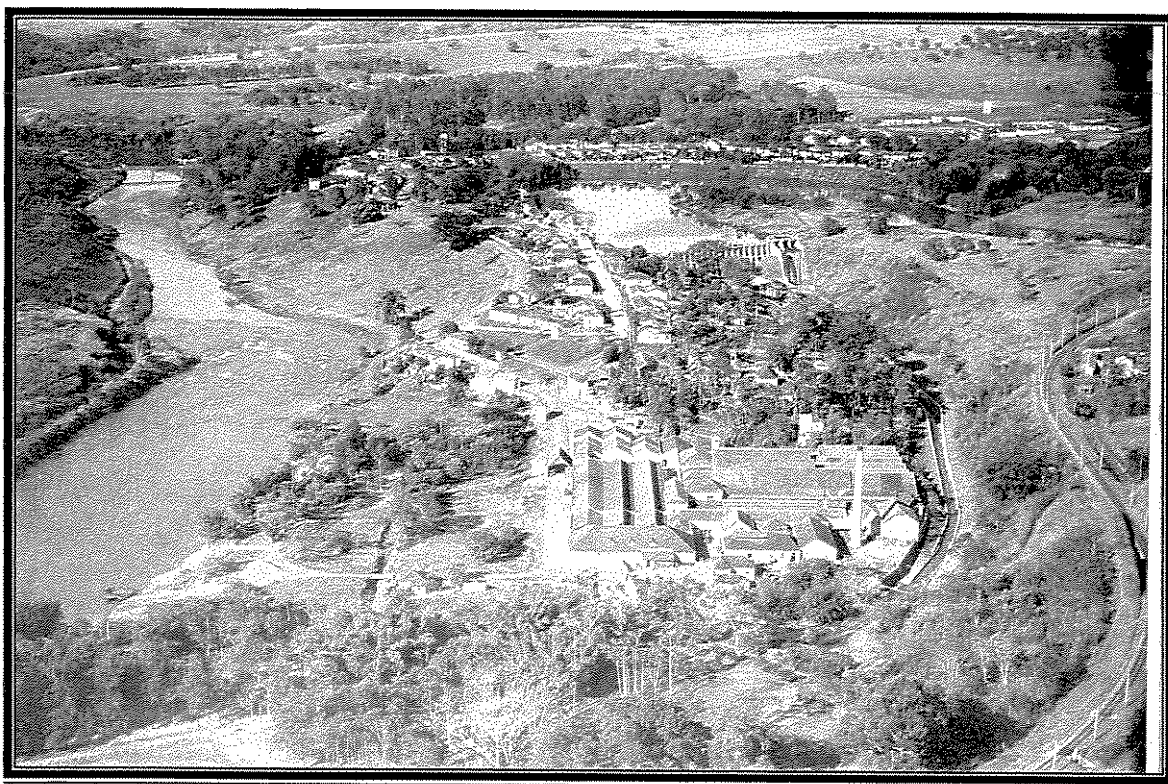


Foto 8 – Vista do complexo industrial da Carioba, a usina hidrelétrica Cariobinha e a vila operária. Final da década de 1930. Fonte: acervo da família Hafers.

A construção dessa hidrelétrica trouxe grande número de trabalhadores para o bairro, entre os quais muitos técnicos estrangeiros que ficaram por um ano hospedados no hotel local. O consumo por parte desse novo contingente dinamizou as casas de comércio da vila operária, possibilitando que muitas pessoas pudessem realizar poupanças para investir depois em novos empreendimentos.

Entretanto, no plano familiar dos proprietários, a construção da hidrelétrica foi motivo de divergências entre os dois principais acionistas da empresas, o Sr. Hermann Müller e seu irmão

Hans. O primeiro era partidário de investimento na modernização do setor produtivo da indústria com aquisição de máquinas mais aperfeiçoadas, enquanto o outro se empenhou pela construção da hidrelétrica. Hermann havia enviado seu filho mais velho, Joaquim, então com 20 anos de idade, para cursos na Alemanha e nos Estados Unidos a fim de se preparar para assumir a direção da indústria.

[...] inclusive na Alemanha o curso que eu fiz na escola lá é um curso bem avançado. Em outubro de 1932, eu tinha ficado dois anos nos Estados Unidos para trabalhar em fábrica de tecidos lá, conhecer o negócio, fábrica de tecidos e fábrica de máquinas, também de teares e fiação, e voltei em 32. Durante a viagem, naquele tempo não tinha avião ainda, estourou a revolução de 32, então eu tive que descer no Rio e fiquei esperando passar a revolução, então dois, três dias depois de terminado, tinha trem, então eu vim direto para cá e no dia seguinte já estava trabalhando, porque eu sabia o que é fábrica de tecidos. Uma é que desde criança eu gostava muito, toda tarde, eu ia pra fábrica, eu era moleque de seis, oito anos, eu gostava de ir, de modos que eu sabia muito bem como funcionava. Eu sabia operar qualquer uma das máquinas com 10, 12 anos.

– O senhor trabalhou até que ano?

43.

Trabalhei dez anos na indústria, era o chefe encarregado da produção, aí papai não descia mais e eu ia, de tarde passava lá no escritório dele para um papinho, mas ele nunca mais desceu.

Sobre a venda de Carioba eu não sei como é que foi, porque meu pai nunca explicou, nunca entrou em detalhes. Um dia ele chegou pra nós, nós estávamos aqui em São Paulo, nós irmãos, e ele perguntou:

- Olha, o Hans quer vender, ou ele compra a minha parte ou eu compro a parte dele. Ele quer dividir o negócio e papai perguntou:

- O que vocês acham?

Eu não tinha ânimo pra pegar, porque aquilo era um período difícil e ainda eu não tinha ânimo, aliás, não podia ser, tempos difíceis. Bom, a única dificuldade poderia ser importar anilinas e lançadeiras, o resto tinha tudo lá, enfim nós e (pausa) os outros irmãos eram menores, o irmão Chico trabalhava aqui, só o Everardo que trabalhava lá na parte de Rayon e eu na parte de algodão e nós dois dissemos (pausa): é melhor você vender, porque a gente assumir essa responsabilidade! Depois a gente foi ver que foi uma ninharia que o Hans pagou pro meu pai.

– Quando vocês saíram de Carioba, a indústria estava produzindo normalmente, nenhuma crise?

Estava! Não, os teares não eram modernos e depois aconteceu uma coisa: aquelas tecelagenszinhas todas em Americana. Chegou a faltar tecelão na Carioba, então isso foi uma certa dificuldade, arranjar gente pra trabalhar, sempre tinha um tear parado por falta de tecelão, mas é por causa das fabriquinhas todas lá. Nós depois compramos uma tecelagem em Campinas, dos Mattar, e era rayon, e nesse meio tempo também foi montada a estamparia em Carioba e a fábrica de Campinas não era pequena, fazia bastante tecido (Sr. Joaquim Müller Carioba, 85 anos, 1995).

Se, em seu depoimento, o Sr. Joaquim se referiu à situação em 1943 como tempos difíceis, mas não explicou as razões, perguntado sobre se tiveram problemas por serem descendentes de alemães, afirmou que na Primeira Guerra Mundial, a indústria enfrentou dificuldades que foram resolvidas pelo sócio inglês, mas por ocasião da Segunda Guerra não tiveram nenhuma restrição.

O Sr. Joaquim referiu-se ao conhecimento que tinha da área técnica, mas lhe faltava qualificação para a parte administrativa e financeira, que sempre estivera a cargo de seu tio Hans. Atribuiu parte das dificuldades da firma à falta de mão-de-obra ocasionada pela multiplicação das pequenas tecelagens de trabalho a feição em Americana. “Quando papai perguntou e nós resolvemos, nós não queremos que você compre. Eu não tinha preparo nenhum, eu sabia fazer tecido, eu sabia fazer fio, mas o resto, banco, tudo isso, eu não tinha noção”.

Sobre a comercialização de tecidos, o Sr. Joaquim colocou que: “era só ir buscar pedido, três ou quatro clientes, fregueses: Casa Araújo Costa, Barros & Cia., Martins Costa e dois no Rio”.

Entretanto, os trabalhadores entrevistados tinham outra visão sobre as dificuldades da fábrica nos tempos da Segunda Guerra Mundial:

[...] já em função da guerra em 1939, 40, Carioba, os proprietários foram inscritos na lista, na chamada lista negra do Banco do Brasil e proibidos de comercializar, porque eles eram tidos como súditos do eixo. Então, naquela época todos os italianos, alemães, eles eram suspeitos e já eram taxados como súditos do eixo. Eles não podiam ter rádios em casa, eles precisavam de salvo conduto da polícia para viajar, tanto que os Müller sofreram tantas restrições no campo do crédito no Banco do Brasil, tudo e sofreram, além disso, com a evolução da vinda do partido comunista em 1935, 1936. As greves, tudo, foi esse desgosto dos Müller, porque eles sempre tinham um clima de respeito, de distanciamento com os empregados, eles faziam tudo ao operário, realmente davam uma assistência completa (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

Em seu depoimento de 1995, o Sr. Dieter Werner Plaas, primo em segundo grau do Sr. Joaquim, referiu-se às restrições sofridas por seu pai que, na época, era o administrador da Fazenda Salto Grande.

Eu me lembro que em 43, 44, passou um fiscal do Instituto Agrônômico na época da semente, para selecionar, para ver se realmente a semente estava em condições ou não. Meu pai, como era muito interessado para o que acontecia na Alemanha, nós estávamos na época da guerra, ele, quando falava das notícias, ele corria pro rádio pra ouvir notícias. Aí então, o fiscal deu parte aqui na delegacia, que era muito perigoso, porque o Sr. Werner possivelmente tinha contato com a Alemanha, isso era muito perigoso. Aí eles foram lá e tiraram o rádio do meu pai (risos) (Sr. Dieter Werner Plaas, 62 anos, 1995).

Também houve medidas punitivas contra os membros da colônia italiana que viviam na cidade de Americana, até mesmo o padre e comerciantes tiveram seus rádios confiscados.

Mas ninguém queria saber, na época da guerra ninguém queria saber. Olha, o meu tio Ivo, Ivo Piccoli e o padre Epifânio Estevão tinham mania de ouvir rádio. Veio essa turma, entraram na casa deles e levaram o rádio embora, jogaram fora, era tudo assim, quer dizer, eles eram italianos, a Itália estava em guerra.

Os Müller, eles foram cercados assim, eles eram alemães, (Sr. Jaime Féola, 82 anos, 1996).

O Sr. Antônio Bertalia também lembrou que, por causa da guerra, os Müller foram obrigados a sair da chefia da fábrica: “Eu não sei como ..., se passou no nome de outro ou não” (Sr. Antônio Bertalia, 72 anos, 1995).

Hans Müller ficou apenas um ano como proprietário único da fábrica. Sobre a decisão de vendê-la no ano de 1944, o Sr. Itabajara Fonseca assim se expressou:

Ele ficou acuado, um homem fechadíssimo, um homem que nunca conversou com ninguém. Então ele resolveu vender.

Tudo começou com a desagregação familiar, digamos assim, mas isso por volta de 1937, 38. Isso perdurou 7, 8 anos. Essas desavenças não transpiravam muito, informações bem filtradas, mas haviam as desavenças. A empresa foi entregue a dois brasileiros que se tornaram gerentes administrativos e praticamente a direção total e absoluta da empresa, mesmo porque sobre os motivos, sobre as razões alegadas de que, na qualidade de súditos do eixo, quer dizer, descendentes de alemães, japoneses, italianos, a empresa foi escrita na lista negra do Banco do Brasil, impossibilitaram, cortaram todos os créditos de financiamento, impossibilitados de qualquer transação. Como a empresa não crescia, não cresceu, não se modernizou, porque é, todos os resultados não eram reinvestidos, porque as famílias eram muito grandes e absorviam totalmente, porque eles tinham um padrão de vida elevado. Basta dizer, que o titular da empresa, quando a Carioba foi vendida em 1944, em outubro de 44 quando se concretizou a venda, o titular ... na mudança pra São Paulo, o titular que era o seu Hans, tinha 18 automóveis e foi um todo, um padrão grande de criadagem, vassalagem, quer dizer, as camareiras, copeiras, enfim uma vida altíssima a tipo burguesia feudal da Alemanha. Naqueles mesmos padrões que era mais ou menos o normal da época, só que a fábrica não suportava, como realmente não suportou essa situação. Então vieram alguns pretendentes e entre eles, acabou se concretizando a compra pelo grupo Abdalla, liderado pelo J.J. Abdalla, que era um industrial em ascensão (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

Apesar de existirem versões diferentes a respeito das restrições sofridas pela indústria no período da Segunda Guerra Mundial, com os descendentes dos proprietários negando qualquer restrição e os operários se referindo às dificuldades que a firma sofreu no período com a transferência da administração para gerentes brasileiros, se constatou que os depoentes também

evitavam aprofundar a questão, talvez pelo fato de serem descendentes de italianos, grupo que também era visado na época.

Os investimentos feitos nas viagens à Alemanha ao longo de duas décadas pretendiam dar aos membros da família, as bases para a gestão do empreendimento industrial que o pai iniciara no Brasil. Para tanto, os homens eram encaminhados a cursos técnicos de tecelagem e finanças que lhes propiciava uma formação científica e racional, enquanto a educação da filha seguia os mesmos padrões das jovens da elite brasileira, sem qualquer formação para o exercício de uma profissão definida; com ênfase aos aspectos de administração da casa, estudo de idiomas, literatura e música.

A formação eminentemente técnica que os filhos auferiram na Alemanha e seu isolamento no grupo étnico não os prepararam para inovações administrativas, nem para perceber os rumos do processo industrial que adquirira uma complexidade crescente, requerendo a produção de tecidos diversificados conforme as novas demandas do mercado consumidor nacional.

A fábrica de tecidos pelos motivos elencados não propiciava os rendimentos necessários à manutenção do elevado padrão de vida a uma família tão numerosa, constituída pelos filhos e netos do fundador da empresa.

É provável que no caso da Carioba se tenham verificado problemas inerentes à sucessão em empresas familiares. Nestas, a sucessão se faz, geralmente, sem dificuldades da primeira para a segunda geração, pois os filhos participaram da gênese do projeto, identificando-se com os objetivos do empreendimento. No caso dos dois filhos mais velhos do fundador, ambos eram muito preparados, Hermann cuidando da produção e Hans, do setor financeiro. O desempenho de ambos foi elogiado pelo pai em carta à esposa, que se encontrava na Alemanha. Da segunda para a terceira geração é comum a rejeição pelos jovens de um destino pré-fixado e o desejo de liberdade na construção de uma trajetória própria de vida.

Considerando-se o clima antigermânico reinante no período da Segunda Guerra Mundial era de se esperar que os netos do Comendador estivessem temerosos de assumir a direção da empresa. A expressão tempos difíceis, como relatou o Sr. Joaquim Müller Carioba em seu depoimento, poderia ser justificada pelo clima antigermânico motivado pela situação de guerra, visto que as indústrias têxteis tiveram, no período da Primeira e da Segunda Guerra, situações favoráveis ao seu desenvolvimento pela impossibilidade de importação. Este aspecto é assinalado por Lopes, ao tratar da transição das indústrias tradicionais para organizações modernas e

racionais. Nessas, os cargos de gerência e recursos humanos passam a ser exercidos por profissionais da área (LOPES 1967, p. 124).

5. A MEMÓRIA DO “PARAÍSO PERDIDO”: A EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS OPERÁRIAS

Neste capítulo, a análise é baseada nos relatos e textos memorialísticos escritos por antigos operários da Fábrica de Tecidos Carioba e como se configuravam seu cotidiano, a educação das novas gerações para reprodução da força de trabalho necessária ao funcionamento da indústria e as atividades de lazer que absorviam todo o tempo livre vinculando os trabalhadores ao espaço da empresa.

5.1 Carioba: convergência de etnias

Para se caracterizar quem eram os operários da Carioba, no reinício das atividades da indústria em 1901, é importante considerar-se a anterioridade do trabalho de algumas famílias na indústria, no período de administração dos irmãos Wilmot (1883 a 1896). A partir de relatos dos descendentes dessas famílias foi possível avaliar as experiências de seus pais e avós nessa nova modalidade de trabalho. Somente um dos depoentes relatou a experiência de trabalho em indústria têxtil na Itália, da parte da família de sua sogra - a família Badia.

Eu conheço os relatos da minha sogra, eles vieram como imigrantes italianos. E eu tenho a impressão que eles eram originários de uma região têxtil da Itália. E eles pararam em São Paulo, não foram como outras famílias, a própria família de meu sogro, eles vieram pra trabalhar na lavoura de café e chegando em Santos foram diretamente pra Amparo, nessa região que ali se cultivava café. Mas minha sogra parou em São Paulo, pararam exatamente pra trabalhar numa indústria têxtil em São Paulo, que era a Têxtil Maria Zélia e ali havia um grupo de italianos, uma colônia de italianos que até foi destruída há pouco tempo em São Paulo. Então dali que eles tiveram informações de que em Americana, ou Vila Americana na época, uma indústria estava se reativando, estava se desenvolvendo que era a fábrica de tecidos que naquela época ainda não tinha o nome de Carioba, foi posteriormente este nome de Carioba, foi adotado pelos Müller. Então eles vieram pra aqui em Americana e começaram a trabalhar realmente, minha sogra tinha nessa época cinco pra seis anos e já a fábrica que estava em pleno funcionamento era do seu Clement Wilmot, um inglês que havia comprado então do Ralston (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

Ainda se referindo às narrativas de sua sogra, acrescentou:

Ela inclusive foi acidentada, e foi levar comida e enquanto a mãe tomava refeição, ela foi mexer na máquina e perdeu três dedos praticamente. E o seu Clement prometeu que ia ficar boa, levou ela em São Paulo, sofreu cirurgia tudo, e ele queria, se prontificou que ela estudasse porque ela tava impossibilitada de executar trabalhos manuais, mas não aconteceu nada disso, ela teve a vida dela normal, casou, teve os filhos (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

Através desse relato evidenciam-se algumas características do trabalho industrial aí vivenciado: alimentação providenciada pelos próprios trabalhadores, a circulação de crianças no local de trabalho, a ausência de responsabilidade pelos acidentes. A responsabilidade, segundo o relato do depoente, seria assumida pelo proprietário que a encaminharia a uma profissão que não requeresse habilidades manuais. Entretanto, tal propósito foi frustrado devido à morte do proprietário e à falência da firma.

Pelas colocações dos entrevistados, depreende-se que as mulheres desempenhavam funções já no início do funcionamento da fiação e tecelagem Carioba.

Outro depoente, descendente de pai português e mãe italiana, reportou-se à vinda do pai para a região, motivada pelo trabalho na construção da estrada de ferro da Companhia Paulista que, em 1875, chegou até a localidade denominada Estação de Santa Bárbara.

Meu pai, quando ele veio de Portugal, ele veio no Rio. No Rio ele ficou numa fazenda até ele e um amigo dele quando veio de Portugal criança e essa fazenda era de inglês. Depois veio embora pra São Paulo, veio pra São Paulo, aqui pra banda de Campinas. Aqui na banda de Campinas trabalhou nessa companhia de ferro, era tudo companhia portuguesa mesmo, ah! é Paulista, foi até Bauru trabalhando nessa companhia, depois ele voltou, ficou aqui na Americana, aí ele ficou manobrista da estação da Americana, porque aqui Americana era estação de Santa Bárbara, era aí a estrada de ferro ... Saiu aí ... ele chegou a trabalhar por aí tudo, aí casou, foi casar em Campinas porque o padrinho não queria que ele casasse com a italianinha, que era minha mãe, minha mãe não sabia ler nem escrever (Sr. Joaquim Rocha, 78 anos, 1994).

A mãe do depoente era da família Cibin. Os irmãos estavam estabelecidos na Vila Americana, com atividades de comércio.

Então ela ia em Carioba, ela estava na Carioba já, ela ia até na fábrica, lá era tudo gente de cor que trabalhava, principalmente de Salto Grande, aqui tudo, tinha tudo escravidão, tinha tudo escravidão que trabalhava naquele tempo de escravos nas fazendas e ela ia até lá na fábrica e conversava com a turma, era tudo gente de cor, tear de madeira, fazia tecido branco lá ... o patrão dela parece que era Clement, é inglês, parece que ele era, então aí os Müller compraram ... aí o negócio dos pretos lá porque quando os Müller compraram, porque os Müller não gostavam muito de gente de cor, não gostavam, só depois, pra frente, se era jogador bom, eles deixavam ficar no time de

Carioba, sempre foi como fazenda Carioba, Carioba sempre foi como fazenda! (Sr. Joaquim Rocha, 78 anos, 1994).

Os Senhores Joaquim Rocha e Itabajara Fonseca relataram as lembranças de familiares a respeito do trabalho de escravos na indústria durante a administração dos ingleses e sua permanência nas imediações, após a paralisação da fábrica, em 1896. Manifestaram a percepção do processo de exclusão dos trabalhadores negros no momento de reabertura da indústria Carioba.

Referindo-se, ainda, aos relatos de sua sogra, um antigo operário falou sobre a presença dos escravos na Carioba:

Mas ela, nessa ocasião ela contava que se lembrava que encontrou ali em Carioba, ainda, algumas famílias de escravos que eram recém libertos da alforria, mas que estavam ali nas imediações, mas não tinham trabalho na fábrica, viviam praticamente uma vida assim, dolente ... (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

O pai desse depoente confirmava que a estrada de bambu foi plantada já por escravos, na época do Clement Wilmot :

É foi ele que usou essa mão de obra escrava que estava por ali. Eles (os escravos) não tinham só domínio deste trabalho empírico né, rapadura, cana, engenhoca de cana. Mas ele construiu esta avenida porque ele vinha, desembarcava de trem e ele gostava muito dessa estrada né, que mais tarde foi, realmente, ficando muito bonita (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

Ainda do período da administração dos ingleses situam-se as observações do Sr. Antônio Bertalia, que se referiu à trajetória de seu pai, imigrante italiano que, inicialmente, trabalhou em fazenda de café do município de Amparo, SP. Suas lembranças referem-se ao trabalho do pai no plantio dos bambus, que margeavam a estrada entre a indústria da Carioba e a estação ferroviária. A historiadora Judith Mc Knight Jones (1967, p.419) atribuiu a iniciativa do plantio dos bambus à filha do Sr. Wilmot, proprietário da Carioba, pois a jovem pretendia abrigar-se dos rigores do sol e manter a brancura da pele, um índice de origem e vida aristocrática, valorizado numa sociedade de base agrária.

Nesses relatos observa-se a presença da família, de sua continuidade, a importância do trabalho de cada um dos antepassados na composição de uma paisagem que se consolidou e ficou na memória dos antigos habitantes de Carioba. O caminho dos bambus ligava Carioba à Vila Americana, à estação ferroviária, e se tornou um trajeto agradável e muito apreciado por todos.

As lembranças transmitidas pelos entrevistados, acerca do conhecimento familiar sobre a imigração, a fixação das famílias na vila operária e o entorno que vai sendo ocupado com um novo paisagismo, são aspectos que vêm corroborar a colocação de Ecléa Bosi (1994, p. 425): “Na verdade, nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossas mãos no relicário transparente da família”. Nesses relatos, a história da família mistura-se com a própria história do início da construção da Vila Carioba.

Continuando o relato das memórias de dona Amélia, sua sogra, o Sr. Itabajara Fonseca se refere à reabertura da indústria em 1902.

Em 1902 ela recebeu um recado, um convite e todas as famílias que haviam trabalhado em Carioba e que estavam em Americana, que a fábrica tinha sido comprada pelo seu Franz Müller e que ela iria ser reativada, convocando todos a trabalhar. Inicialmente, era faxina nos teares, estavam com todas as máquinas de fiação paralisadas e assim aconteceu (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

Citando as primeiras famílias que se estabeleceram em Carioba, o depoente diz:

Eram grupos que vieram assim contratados na região, inclusive de italianos, basicamente italianos. Os primeiros a família Pejon, a família Badia, Doná, depois a família do sogro de meu avô, Garbo, Müller. Essas são praticamente as primeiras famílias, Bertaglia ... Bom, certamente as casas quem inclusive construiu a primeira colônia de casas foi o seu Aquiles Zanaga que ele era pedreiro, pai do seu Antônio Zanaga. E ele foi o primeiro pedreiro contratado pra fazer a, que eram feitas colônias de casas então quando construía 10, 15, 20 casas. E o seu Aquiles foi o primeiro contratado pelo Müller então as primeiras casas estavam prontas. Por volta de 1906, 1907 já havia uma porção de casas, porque se não os operários vinham a pé, eles vinham pela linha do trem para ir trabalhar em Carioba. A medida em que as casas iam ficando prontas já iam sendo ocupadas (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

A partir da caracterização dos operários contratados pelo Comendador Müller no momento de reabertura da indústria em 1902, pode-se avaliar o grau de entrosamento que as unia. Os laços de amizade se transformaram mais tarde em laços de parentesco, pois os filhos escolhiam seus cônjuges entre jovens do mesmo grupo étnico. A maior parte desses operários era de nacionalidade italiana ou constituída por filhos de imigrantes italianos.

Através da análise dos relatos dessas famílias pioneiras na atividade têxtil visualiza-se um quadro com as dificuldades da viagem marítima, condições desumanas de acomodação nos navios com superlotação, precárias condições de alimentação oferecidas aos imigrantes. Para os agenciadores de mão-de-obra na área de emigração, quanto maior o número de pessoas, maiores os seus ganhos (SIMSON, 1997, p. 66), pois recebiam por pessoa contratada, não se importando

com as condições de transporte das levas de imigrantes que, freqüentemente, contraíam doenças devido às condições de insalubridade dos navios (ALVIM, 1999, p. 395).

Famílias, muitas vezes, perdiam seus chefes e mulheres sozinhas eram obrigadas a assumir total responsabilidade pela sobrevivência do grupo familiar. Famílias se recompunham, relações de solidariedade ajudavam as pessoas a enfrentar as dificuldades de adaptação em terra estranha.

Esses operários tinham, pois, a uni-los trajetórias de muitas dificuldades e sacrifícios, como a longa viagem marítima que enfrentaram e que foram, algumas vezes, motivos de dolorosas recordações como evidencia o seguinte trecho de um dos relatos:

... meu sogro também é de Trieste, então veio para cá com dois anos. Ele tinha mais três irmãos, então quando chegou em alto mar, o pai dele ficou doente, veja a situação dos imigrantes italianos! Por isso que eu dou valor a essa gente, viu! E quando chegou em Santos, a mulher começou a procurar o marido.

- Seu marido morreu, jogou no mar.

Não tinha geladeira, jogou no mar. Eram três crianças pequenas, não sabiam falar português, tudo estranho, ela começou a chorar, começou desespero. Então um homem muito bom, ele acolheu ela, ele levou para Rio das Pedras e casou com ela. Casou com ela, e homem rico, tinha até fazenda (Sr. Hercule Giordano, 73 anos, 1995).

Os italianos, uma vez estabelecidos na Carioba, com garantia de trabalho estável e moradia, começavam a contatar parentes e amigos para que viessem para a vila operária, pois sabiam das dificuldades que estes estavam passando nas colônias das fazendas de café.

Holloway (1984), estudando a imigração para São Paulo, incentivada pela expansão cafeeira, fez a seguinte colocação:

Há muito que a imigração para São Paulo tem sido identificada com os italianos. Embora seja certo que constituíam o maior grupo de uma mesma nacionalidade, os italianos representaram 46 por cento de todos os imigrantes no período 1877 – 1930. Durante a transição para o trabalho livre e o subsequente surto cafeeiro, os italianos na verdade predominaram, representando 73 por cento de todas as chegadas de 1877 a 1900. Do total de imigrantes italianos no período de 1882 – 1930, 74 por cento entraram antes de 1900 (HOLLOWAY, 1984, p. 71).

Entretanto, os baixos preços do café, no início do século XX, já configuravam um novo cenário para os colonos italianos “o café podia ser ainda um investimento atraente mas não era mais tão lucrativo quanto fora outrora” (HOLLOWAY, 1984, p. 137). Tal quadro ensejava que colonos descontentes se transferissem para outras fazendas ou para a zona urbana em busca de trabalho no comércio ou nas incipientes indústrias. Relatórios de inspetores da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo atestavam as dificuldades para manter os trabalhadores do

café nas propriedades agrícolas. “Em outubro de 1900 um inspetor da zona Paulista relatava que é notável a falta de braços neste distrito devido à saída dos colonos na safra atual”. (HOLLOWAY, 1984, p. 142).

A própria Fazenda Salto Grande, distante apenas sete quilômetros da fábrica da Carioba, apresentava dificuldade para pagamento dos colonos italianos fixados na propriedade desde 1887. Ante a ameaça dos colonos de deixar a fazenda, no ano de 1900, o proprietário Francisco de Campos Andrade resolveu pagar as dívidas com glebas de terra destacadas da Fazenda Salto Grande. Esses colonos, a partir de então, aí desenvolveram pequenos sítios baseados na policultura. Entre seus produtos principais, destacaram-se a melancia e o algodão, o qual era vendido para a fiação da Carioba, após a reabertura da indústria em 1902 (PINHANELLI, 1988).

Relatando esse fato, um neto de colono recordou o diálogo entre o fazendeiro e seu avô:

Aí meu avô disse pra ele, olha vamos fazer o seguinte: você tem quase três mil alqueires de terra, não dois mil e tanto, já tinha vendido uma parte, e você dá um pedaço de terra pra cada família dos italianos e nós ficamos satisfeitos. Ele disse: - Olhe Joaquim, segunda feira o engenheiro está na fazenda, você arregimenta três ou quatro pessoa pra abrir as picada, porque ainda tinha muito mato. Então de acordo com o crédito de cada família, ele deu uma área de terra pra cada um. Eu considero hoje que eu acho que essa foi a primeira reforma agrária do Brasil ... mas graças a Deus todos eles venceram e hoje a maioria desse pessoal todo esta aqui na cidade, família Meneghel, Cia, Piloto, Sacilloto, Bertini, esse pessoal todo esta aqui (Sr. Onofre Boer, 83 anos, 1994).

Após a aquisição da indústria Carioba pelo Comendador Franz Müller, as oportunidades de trabalho eram oferecidas aos imigrantes e seus descendentes que, na época, iniciavam um processo de êxodo das fazendas cafeeiras, em busca de melhores oportunidades de trabalho no comércio ou na indústria.

Sobre a escolaridade dos operários da Carioba, apenas o avô materno do Sr. Hercule Giordano tinha um nível diferenciado, pois fora professor na Itália e reivindicou o exercício de sua profissão junto aos colonos italianos da Fazenda Salto Grande, para onde veio no início da década de 1890. Os relatos desse depoente, espécie de memorialista da Carioba explicitam sua atuação:

O Scarazatto era professor na Itália. Meu avô Scarazatto quando veio, de Trieste, era professor, quando chegou no Salto Grande começou chorar, “mas eu sou professor vou pegar na enxada, eu sou professor” – Então veio uma escola pra ensinar italiano, então a turma escrevia e falava italiano, não tinha a língua portuguesa, o pessoal de antigamente falava o italiano mesmo e escrevia o italiano, depois começou as primeiras escolas, mas no século passado era tudo em italiano, não tinha outra língua. Depois como a família começou crescer, tinha muita mulher, então o meu avô resolveu mudar

pro Belizário, perto de Tatu (referindo-se a um bairro rural de Limeira), também não deu certo, veio pra Americana, quando veio pra Americana aí que houve aquela repartição de terras, então o meu avô ficou sem nada porque ele não morava no Salto Grande, então ficou sem um palmo de terra. Esse era o Scarazatto, esse era pai de minha mãe (Sr. Hercule Giordano, 73 anos, 1995).

Devido a atrasos de pagamento aos colonos na Fazenda Salto Grande, o professor Scarazatto transferiu-se com a família para outra propriedade agrícola, por isso não foi incluído na distribuição de glebas de terra pelo proprietário para ressarcimento de suas dívidas com os colonos. Alguns anos depois, o professor Scarazzato transferiu-se da zona rural para a Carioba, onde trabalhou na função de fiscal e lá permaneceu pelo resto de sua vida.

A trajetória do avô paterno do Sr. Hercule Giordano incluiu uma primeira vinda ao Brasil, onde seu pai nasceu no bairro do Brás em São Paulo, retornou à Itália e, após alguns anos, voltou novamente ao Brasil, vindo se estabelecer na Vila Americana com uma relojoaria, pois tinha a profissão de ourives. Como não obteve sucesso com esse empreendimento, fundou um cinema, posteriormente vendido ao Sr. Carmine Feola. Nos primeiros anos da reabertura da fábrica da Carioba, este outro avô transferiu-se também para a vila operária, onde seus filhos exerceram funções na tecelagem.

Meu avô veio de Napoles, pai do meu pai e a mãe do meu pai era de Campo Basso, perto de Napoles. O meu avô era ourive na Itália, fazia jóia, chegou a fazer até espada, daí veio da Itália pra cá, porque aqui o Brasil é o país do futuro. Aí vieram pra cá, muitos vieram enganados, outros não. Então, quando o meu avô chegou aqui, viu que não era como tinha falado, não tinha nada o Brasil mesmo. Então ficou, resolveu morar em São Paulo e lá meu pai nasceu no Brás. Mas depois de seis meses, houve o levante contra os italianos, não sei o que houve, então meu avô fugiu para a Itália de novo, então meu pai tem dois registros: um italiano e um brasileiro. Então só podia voltar para o Brasil se tivesse registrado em italiano, coincidência, aí meu avô veio aqui e montou o primeiro cinema da cidade (referindo-se à Vila Americana) e tocava com máquina de beneficiar arroz, tocava a máquina, era tudo rústico, tudo é, aí depois veio para a Carioba em 1908, mais ou menos, pra Carioba e daí, então, viveu o resto da vida, daí faleceu lá (Sr. Hercule Giordano, 73 anos, 1995).

O Sr. Itabajara Fonseca relatou que seu pai era alfabetizado e era natural da cidade de Monte Mor. Veio para Vila Americana para trabalhar como telegrafista na Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Algum tempo depois se transferiu para Carioba, tendo sido contratado pessoalmente pelo Comendador Müller. Desempenhou as funções de fiscal e, posteriormente, de motorista.

Ainda outro depoente, o Sr. José Chiquinho, foi um dos primeiros cariobenses, pois aí nasceu em maio de 1902, no mesmo ano do início das atividades do armazém de seu pai na vila operária. Tão logo o prédio ficou pronto, seu pai, que era natural da vizinha cidade de Santa Bárbara, foi convidado pelo Comendador Müller para aí estabelecer sua casa de comércio. O prédio era cedido pelo proprietário sem pagamento de aluguel e, desta forma, a administração da fábrica Carioba visava atender às necessidades de suprimento de produtos alimentícios e outras mercadorias para os operários residentes na vila operária.

Inclusive, o Almanaque de Campinas, para o ano de 1914, relacionava a casa União Cariobense, de Joaquim Chiquinho, como um dos estabelecimentos do gênero de produtos alimentícios (Foto 9). “Eu tenho uma fotografia que aparece esse prédio, está escrito lá ... Casa União Cariobense, está escrito em cima Secos e Molhados, aquele tempo do Secos e Molhados, Secos e Molhados de Joaquim Chiquinho” (Sr. José Chiquinho, 94 anos, 1996).



Foto 9 – Casa União Cariobense, ano de 1910. Os proprietários da Fábrica da Carioba construíram um prédio para a fundação da primeira casa de comércio, anexo a esta, uma casa espaçosa onde residia a família do proprietário do armazém. Em frente ao armazém, a numerosa freguesia que fazia suas compras utilizando o sistema de cadernetas. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Uma relação de todas as famílias que trabalharam na fábrica Carioba foi elaborada pelo Sr. Hercule Giordano, um dos depoentes, e constituiu matéria de 28 artigos publicados em 1986, no jornal “O Liberal”, em Americana. Nesses artigos, o autor destacou a atuação de cada trabalhador e como cada um contribuiu para o desenvolvimento da vila operária e da Fazenda Salto Grande. Considerava a atuação de cada pessoa na indústria ou como parte integrante da banda musical, das equipes de futebol, de basquete, de regatas, dos grupos de teatro, da Associação Mútuo Socorro “Comendador Müller”.

A partir dessa coletânea de artigos foi possível montar uma listagem com 497 famílias que residiram em Carioba até 1944, sendo que muitas permaneceram após a venda da indústria para o grupo J.J. Abdalla (Anexo 4). Em seguida, foram separadas as famílias constituídas por italianos ou descendentes, que perfizeram um total de 171 diferentes sobrenomes, algumas com dois ou mais representantes (Quadro 6).

Quadro 6 - Lista de italianos e descendentes que residiram na Vila Carioba.

1. Ambrósio – Benedito
2. Andriolli – Antonio
3. Antonelli – Hermínio, José
4. Antoniassi - Vitório
5. Ardito – Pachcoal, Romeu
6. Astorri – Ferrúcio
7. Augusti – José, José Miguel
8. Badia - Ricardo
9. Bagna – Pedro
10. Baldin – Filomena, Urbano, Vito
11. Barbani
12. Barbieri
13. Barijan – Ângelo, Maria Santon
14. Benazzi – Romeu
15. Bengardini – Odair, Rafael
16. Beraldo - Silvio
17. Berlinati – Ernestina

18. Bertagna
19. Bertalia – Ângelo, Ferruccio, Luiz
20. Bertolo – Julio
21. Bianco – Avelina, Contrano
22. Biasi – Antonio
23. Binotto – Nicola, Pedro
24. Bonello – Augusto
25. Bonin – Gildo, João
26. Bordon
27. Borsonelo - João
28. Bortolozzo – Guido, Pedro, Romulo
29. Braga – Adolfo, Atilio, Plácido
30. Brunelli - Américo
31. Cabrini – Eugênio
32. Caloi – Domingos, Pedro
33. Campari - Iafet
34. Canciani - Felício
35. Caravieri – David, Vicente
36. Cardelli - Maria Augusta
37. Carossi – Antonio, Jácomo
38. Carrara – João
39. Casadei - Lourenço
40. Casatti - Jorge
41. Castelani – José
42. Castelnovo – Alfredo
43. Chinellato – Ida, João, Joaquim, José
44. Ciol – Luiz
45. Codognotto – Felício, Fortunato, Helena
46. Colla – Américo, Aurélio, Benedito, João
47. Conforto – Antonio
48. Conti – Pedro

49. Corá – João, Serafin
50. Cora – Serafin
51. Corazza – Ângelo, Luiz
52. Cucatti - Sebastião
53. Damiani - Camillo
54. De Angelis – Ercides
55. Delafiori – Alberto
56. Della Rosa – João, Vicente
57. Demer - Rodolfo
58. Dextro – Atílio
59. Dian - Nenê
60. Dona – Antonio, José, Lazinho
61. Fantini
62. Fatoreto
63. Ferraro - Olívia Kull
64. Fiori
65. Fofa – Antonio, Carlos, Césare
66. Formentine - Napoleão
67. Fornaziero – Antonio, João
68. Furini – Antenor, Ernesto, Florindo
69. Galassi – André, Dino, Francisco, Gigim, Luiz, Marcelo
70. Galucci – João
71. Garbo – Adolfo, Francisco, João
72. Gasparini – Antonio, Carlos, José, Vitório
73. Gatti - Pedro
74. Georgette – Pedro
75. Ginetti - Emílio
76. Giordano – Afonso, Bartolomeu, Emílio, Francisco
77. Gobbo – João, Líbero, Marino
78. Justi – Julio
79. Lenhare – Armando

80. Leonardi – Orácio
81. Leone – Joaquim, José
82. Levighin – Rita Pereira
83. Linarelo – Ângelo
84. Luchiari – Carlos
85. Macchia - Rafael
86. Malavazzi – Macolbano, Rodolfo
87. Mancini – Alexandre, Roberto
88. Mandarinino - Dilvério
89. Mantovani – Francisco, Gildo
90. Marconi – Giordano, Gustavo
91. Margutti - João
92. Marson - João
93. Martineli - Vitório
94. Massuco – João
95. Mastrodi – Josué
96. Meneghel - Olga
97. Menghini – Kósmo
98. Michelin – Atilio, Francisco
99. Michelucci – Alexandre, Alfredo
100. Mila - Alberto
101. Milan - Honorato
102. Milani – Eduardo, Murilo
103. Mirandola – Luiz
104. Misson – João
105. Montanaro – João
106. Montila – Ana
107. Moretti – Isaura
108. Moro - Virgilia
109. Nardo – Cesare, Gelindo
110. Nicoletti – Antonio, José

- 111. Nieri – José
- 112. Olivato – Ângelo
- 113. Ortolano – Alfredo, Oswaldo, Plínio
- 114. Padovani – Luiz
- 115. Pegion – Ângelo, Roberto
- 116. Pelegrini – Caetano, Fernando
- 117. Penachioni – Caetano
- 118. Pêra - Idrólide
- 119. Peramo - Montanaro
- 120. Perin - Eduardo
- 121. Peripato - José
- 122. Pierrot – Armando, Sebastião
- 123. Pincelli - Montanaro
- 124. Pirassinoto – Inocência
- 125. Pironato – José
- 126. Pochete - Rodolfo
- 127. Poletti - Silvino
- 128. Polido – Antonio
- 129. Polli – Augusto
- 130. Possente - Egídio
- 131. Preste – Martins
- 132. Priego - Francisco
- 133. Quaquio - José
- 134. Ramelo – Antonio, Ernesto
- 135. Rando – Luiza, Pedro
- 136. Ranieri – Irma, João, Thomaz
- 137. Redigo – Silvio
- 138. Riedo - Pedro
- 139. Rosalém – Antônio, João, Oriente
- 140. Rossini - Sábado
- 141. Rubinato – Dina, Elza

142. Saciloto – Romeu
143. Sacoman – Bartolo, Gregório, Peneloipes
144. Salvador - Aurora
145. Santarosa – Amadeu, Ricardo
146. Santini - José
147. Santon – Esterina, José, Oliver, Paulo, Rosa
148. Saque – Luiz
149. Sarra - Vicente
150. Sávio – Xisto
151. Scanavachia - Salvador
152. Scanhola – Anita
153. Scarazzato – Humberto
154. Scarpin – Batista
155. Schiavon – Admiro
156. Schiavoni – Mauro, Otávio
157. Sette - Walter
158. Siviero – Raimundo
159. Sturari – Ângelo, Carlos, Casemiro, Joaquim, Romeu
160. Tabarelli - Ferruccio
161. Tedesco - Guido
162. Tolesani – João
163. Travaglia – José, Julio, Paschoal
164. Trento - Atilio
165. Trombin – João, Guilherme
166. Varolo - Hilário
167. Vicentin - Antonio
168. Zanaga - Achilles
169. Zanini – Antonio, Olívio
170. Zomignon - Humberto
171. Zorzan – Luiz

Este expressivo número de famílias italianas mostra a preferência pela contratação de imigrantes, principalmente italianos, sob a gestão da família Müller, que enfatizava a germanidade e conservou apenas duas famílias de negros como trabalhadores da vila operária.

Os postos de direção da indústria eram ocupados por alemães austríacos e suíços. Entre esses, pode-se citar os seguintes: Jansen, primeiro gerente industrial, contratado pelo Comendador Müller em 1901. No mesmo período foi contratado o Sr. João Horschudtz para gerenciar a parte agrícola próxima a Carioba, o qual, depois de 1907, foi também administrador da fazenda Salto Grande. Os alemães Jorge e Gustavo Berggren e Alberto Brechmaker foram chefes do escritório; Antonio Strider era o contador; Eduardo Rober era o maquinista; Cristiano Peterson era o chefe da tinturaria; Alcides Gunter, o farmacêutico; Germano Poentz e Germano Hansen foram gerentes da Fábrica de Fitas; Franz Hetz austríaco era técnico em seda, e Hans Schweizer, técnico da Fábrica de Fitas.

A indústria, na década de 1920, contratou o Sr. Alfred Plaas, ex-diretor do banco alemão Trans Atlântico, como consultor financeiro. Essa equipe de funcionários graduados ocupava as casas maiores e mais sofisticadas da Vila Carioba, algumas construídas em genuíno estilo europeu, como mostrado na Foto 4.

5.2 Moradia e cotidiano sob o enfoque do paternalismo industrial

A moradia era o principal fator para a estabilidade do operário, sua ligação com a indústria e motivava seu engajamento à empresa, contribuindo para que ele valorizasse essa forma de subvenção que lhe parecia algo gratificante. A gestão da indústria implicava em transmitir uma atuação do patrão como benemerência, como uma atenção destinada a uma determinada pessoa. Tais atributos eram incompatíveis com a consideração do contrato salarial como mera venda de força de trabalho. A visão ideologizada subjacente ao sistema do paternalismo industrial propunha uma ligação entre o patrão e seus empregados, baseada na estima e confiança mútuas. O patrão não deveria ver o trabalhador como um número, mas como uma pessoa com necessidades que precisavam ser atendidas. Para este fim foram criados os equipamentos sociais, tais como: escola para alfabetização de adultos, escola para os filhos dos

operários, moradias, clubes, cinema, biblioteca, banda de música, assistência médica, caixas de poupança e aposentadoria (EWALD, 1986).

Na lógica do paternalismo, o patrão era aquele que empregava seu capital numa empresa sem que ninguém o obrigasse. O operário, por sua vez, era um ser com necessidades e se colocava sob a tutela do patrão, não era um indivíduo pronto, mas aquele que deveria aprender um ofício e ser disciplinado.

A fábrica não possuía apito pelo fato de que o funcionamento dos teares e máquinas da fiação era, em 1905, ainda impulsionado pela turbina. Dessa forma, os operários eram conclamados ao trabalho pelo toque de um sino. A foto das famílias dos operários, em frente à fábrica, feita em 1911, mostra o sino a disciplinar o cotidiano de todos os habitantes da vila (Foto 10).

A disciplina se estendia até a esfera da moradia operária conforme o depoimento a seguir:

A administração da família Müller era mais do que ótima porque eles olhavam os pormenores. Até as cercas das casas, em frente às casas tinham cerquinhas feita de madeira. Então quando os patrões passavam e viam faltando uma fita na cerca, o chefe da família era chamado no escritório e queria saber onde estava aquela fita e porque faltava. Tinha as explicações, em seguida o carpinteiro ia lá, colocava a ripa e pintava pra ficar igualzinho. Vocês vejam bem o que é capricho. No fundo dos quintais havia cerca de bambu. Então existia uma equipe de zeladores do grupo de casas, que nem a cerca os operários podiam fazer, era uma equipe que fazia. E não podia nenhum bambu ficar com a ponta diferente de outra, era uma coisa em linha mesmo, bonita a cerca, mas não eram os operários que faziam, era a própria turma de conserva do bairro, assim como tinha pintores permanentes também. Cada um no seu setor, por exemplo: pintor em Carioba tinha equipe de pintor que pintava a fábrica. Os operários pediam, conforme eles tinham tempo iam pintando as casas também, devagarzinho iam zelando das casas. Esse serviço de pintor e as vidraças, quando quebravam, eles mesmos, os pintores trocavam (Sr. Antônio Bertalia, 72 anos, 1995).

As famílias que não se enquadravam na disciplina da vila operária eram sumariamente despedidas e tinham que se mudar imediatamente. Havia, até mesmo, um encarregado com um carroção de boi para fazer as mudanças.

A organização da Vila Carioba era semelhante à da Vila Maria Zélia, fundada na capital paulista por Jorge Street, em 1917. Os pontos em comum podem ser estabelecidos através das colocações feitas por Palmira P. Teixeira que realizou um estudo sobre a Vila Maria Zélia.

As concessões feitas por Street ao operariado delineavam um projeto inteligente e arrojado para o país da época, fruto entre outros fatores, da experiência européia vivida pelo empresário na Alemanha bismarckiana. A construção de uma imagem paternalista passava pelo reforço da autoridade através da figura do pai, entrojada por todos como

talvez a mais legítima e inquestionável das autoridades, o pai materializasse como ser experiente, pleno de conhecimentos protetor e provedor, poderoso e severo quando interesses justos e comuns estivessem em jogo. As concessões bondosas do pai: Moradias, escolas, farmácias, áreas de lazer, etc, levavam a crer na construção de uma grande família, na qual a colaboração harmoniosa entre estes entes e a organizada pelo poder paterno tentava dissolver e mascarar antagonismos de classe. A grande família passava a habitar uma grande casa: a Vila Maria Zélia. Street transformava-se em pai provedor e disciplinador (TEIXEIRA, 1990).

Da mesma forma procedia o Comendador Müller, o fundador da Vila Carioba, na gestão das questões entre os operários com atitudes evidenciadoras das características do sistema paternalista industrial conforme as palavras de sua neta Brigitte.

Meu avô não era apenas muito respeitado pela família, como também pelos operários da fábrica. Todos os domingos, a uma certa hora da manhã, ele atendia a qualquer reclamação de seus operários. Formava-se um grupo em frente ao terraço onde ele aparecia e ouvia os problemas de cada um. Não eram apenas assuntos da fábrica, mas na maioria, problemas pessoais, como desentendimentos com o vizinho, brigas entre marido e mulher, ou pedidos de adiantamento de salários, no caso de doença em família e outros.

O Comendador apoiando seus braços na mureta do terraço, falava então a cada um do grupo que ajudava quem merecesse, consolava, mas também castigava com palavras e um olhar firme quando fosse necessário, pois conhecia todos seus operários e seus eventuais problemas. As decisões do patrão eram aceitas e obedecidas, baseada na absoluta confiança de ambos os lados, pois ele era conhecido por todos como homem justo e honesto. Assim, foi criado em Carioba um clima patriarcal (PIETZSCHKE, 1982, p. 6).

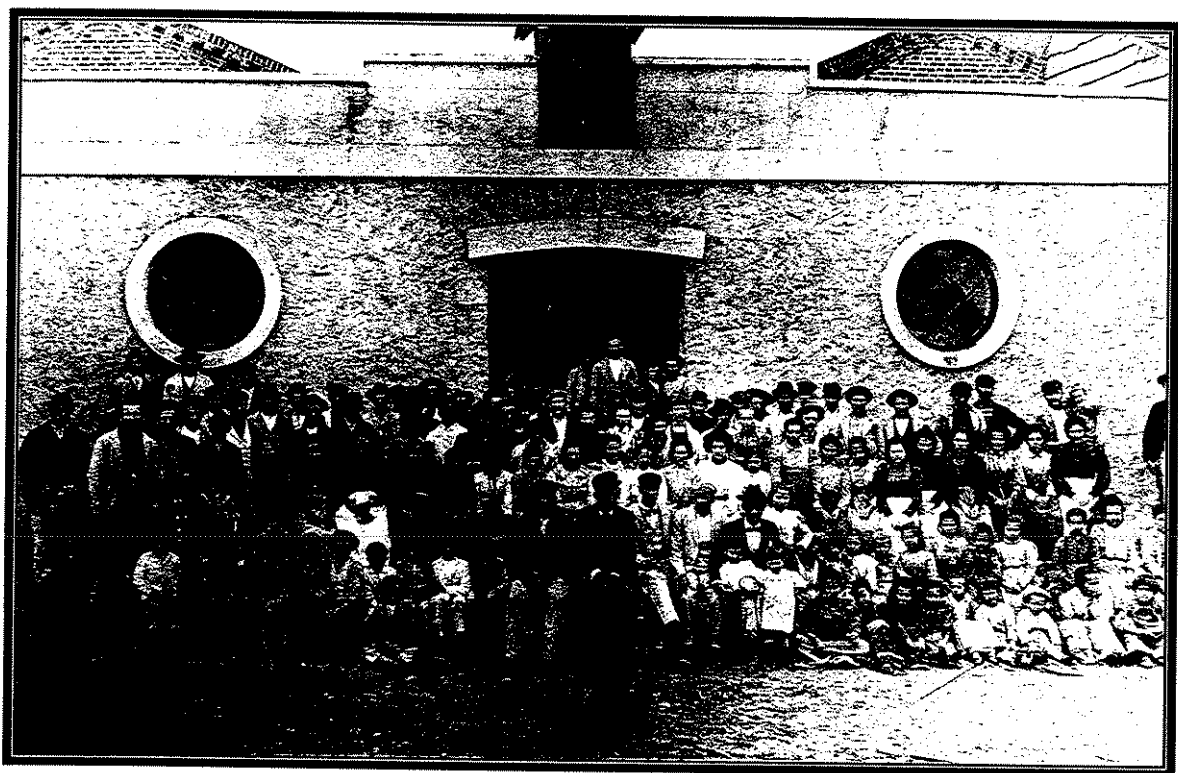


Foto 10 – Famílias de operários em frente à Fábrica de Tecidos Carioba. A participação da mão-de-obra feminina era expressiva na atividade têxtil, o que se confirma na Vila Carioba - famílias numerosas, com muitas crianças; 34 crianças aparecem nessa foto de 1911 e representavam a garantia da reprodução da força de trabalho para a indústria. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Nos sábados à noite e domingos, as pescarias com o preparo de “saborosos peixes”, marcavam o descanso e o lazer, proporcionados por uma natureza em todo o seu esplendor. Mesmo as atividades lúdicas das crianças eram relacionadas ao funcionamento da fábrica. A limpeza da turbina constituía motivo de diversão da garotada, que pescava no leito seco do rio o muçum e outros peixes aprisionados pela retirada das águas.

Os cuidados com o meio ambiente, incluindo a conservação da água limpa, a preocupação com o tratamento dos resíduos da tinturaria, a proteção da mata ciliar e das matas nativas, a limpeza das ruas e caminhos da vila, era preocupações constantes por parte da administração da fábrica. Os operários obedeciam e respeitavam essa postura dos proprietários, que identificavam como marcas da cultura alemã.

Dois depoimentos ilustram essa postura da administração e a visão dos operários sobre a mesma:

Agora a respeito da conservação do bairro, no caminho do bambu tinha um homem só pra isso, as folhinhas que caíam do bambuzal, ele varria tudo. Era uma coisa maravilhosa. Então qualquer sujeira, ele estava lá varrendo o dia inteiro, consertando a estrada. Era tudo muito bonito.

Essa turma de conserva então, fazia tudo em Carioba.

Então, vocês vejam como eram os alemães. Quintais havia plantas, frutas e árvores, também comum, mas pra você cortar uma árvore lá, você tinha que pedir a licença pro patrão. Ele mandava então esse pessoal da conservação ir ver se era necessário derrubar uma árvore ou não. Caso contrário não derrubava mesmo. Tanto é que eles tinham uma mata, quase virgem, que saía dali onde é, mais ou menos, a Fibra por ali de um lugar que chamava casinha azul, pertinho ali da Fibra. Então havia mata de lá até quase perto de Cosmópolis. Era tudo deles. Então o que acontece, eles não derrubavam árvores, compravam lenha pra caldeira. O detrito da tinturaria, hoje fala em meio ambiente e tal, uma coisa e outra e assim mesmo a turma joga os detritos no rio. No tempo dos alemães, a fábrica tinha tinturaria, mas saía por encanamento, passava por cima do ribeirão e ia despejar os detritos químicos dentro dos poços, então, depois desses poços é que a água voltava ao ribeirão novamente. Então voltava limpa. Agora vocês vêem as indústrias aí, já jogam diretamente. Em 1904, 1910 os alemães já cuidavam do meio ambiente. Hoje eu vejo também o pessoal que cuida do meio ambiente, corta-se um galho de árvore, eles querem saber o porque, uma coisa e outra. Então eu quero saber com esse pessoal, quantas árvores já plantaram em Americana também? Plantar não, só olhar aquela que corta, planta também. Tem tantas praças aí que caberia muitas árvores, não tem? Então não adianta só olhar aquela que derruba, planta mais, pra ter um ambiente melhor.

Então, na Carioba para se cortar uma árvore tinha que ter autorização dos patrões, não é que eles eram bravos não, eles tinham uma postura que era um respeito tremendo, até moralmente eles eram impecáveis, rígidos (Sr. Antônio Bertalia, 72 anos, 1995).

As matas ciliares, muito bem conservadas, não havia enxurradas, assoreamento do rio pelas chuvas, porque ela tinha, mais ou menos, uma margem daqui até a divisa com a usina Ester que era todo o contorno do rio Piracicaba e ainda um trecho do Jaguari, ela tinha mais ou menos uma faixa de 100 metros ou mais de mata virgem, se encontrava ali macaquinho, serelepinho e muito bem conservado por dentro. Você podia ir de automóvel, podia fazer passeio, ali nas margens. Ali tinha um lugar inclusive que se chamava piquenique que eram árvores enormes, árvores centenárias e tão baixas que eram no começo da mata dali, que eram onde os Müller faziam seus passeios de carruagem, a cavalo, e era livre pra todos nós, desde que, se tocasse em um galho de árvore, a família era demitida da fábrica, era demitida, se você, na casa você tinha que conservar na frente jardim e no fundo obrigatório, obrigatório uma horta, todo mundo tinha que produzir e eles mantinham as casas, faziam cerquinhas, aquelas cerquinhas de madeira, tudo bem feitinho, cortadinho, tudo, mas tinha que ter flores, isso era fiscalizado, isso era um tipo de regimento interno da vila, baseado nos moldes da Cia Paulista de Estrada de Ferro, que vinham os inspetores, que eram obrigados a ter jardim, se o inspetor do trem descesse e tivesse uma casca de laranja no pátio de embarque, o chefe da estação era observado, era um regime rígido, o horário era rígido, tudo era disciplina realmente. Então quando já começou a fase, a nova geração, quer dizer em 1935 com reivindicações proletárias e políticas, também começou a rebeldia no distanciamento da conversa.

Eles recebiam visitas, os clientes da fábrica que vinham pra comprar, ficavam hospedados uns dez, quinze dias na casa deles, com cavaliário, saíam fazer passeio.

Nos últimos dias que eles iam pra fábrica e davam a disposição de encomenda pra seis meses, num tinha inflação e alguma coisa, por exemplo, o algodão, compravam algodão, fechavam tantas arrobas, faziam o cálculo, calculavam, pagavam a dinheiro. Quando entregavam o tecido era a mesma coisa, pagamento a dinheiro. E assim era com todos os atacadistas de tecido, Araujo Costa, Martins Costa. Recebiam, pegavam o dinheiro, embrulhavam e punham no cofre. Então eles tinham tudo isso, a casa deles, por exemplo, era pompa, na hora do almoço, do jantar, garçom, garçom vestido com luva, tudo a caráter, tocava o sininho, enquanto a patroa não desse a ordem: pode servir o jantar, não servia o jantar.

Naquela época nós tínhamos um motor diesel instalado em Carioba, que depois ele precisou reformar, e esse motor diesel tinha sido importado da Alemanha. Muito bem, precisou fazer a reforma tudo, num sei o que, isso em 1950 e pouco. Quer dizer a Alemanha arrasada de bombardeio, arrasada, aí veio um técnico da Alemanha, alemão, não falava nada, ele tinha um intérprete lá, então eu conversando com o intérprete, escuta como é que vai fazer assim, assim, dessa, arrasou o bombardeio. A nossa fábrica, nossa empresa, ele tinha sido funcionário da anterior, a nossa pegou todos os projetos, botou em tubos de aço inoxidável, estanho, fechou, abriu furo na rocha, fechou e cimentou, guardou. Americano entrou lá e não pegou absolutamente nada. Foi o telegrama, depois de um mês tava tudo aí, foi tirar uma camisa dos pistões que é um motor estacionado, enorme, foi tirar um e colocar outro, montar e dar partida no motor. Aqui no Brasil se não encontra peça de carro, se vê o que é que o alemão, aquele espírito dele, eu sei porque também trabalhei junto com um rapazinho que fazia a escola lá (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

O depoente e autor Hercule Giordano (1986) pesquisou velhos recortes de jornais e revistas que traziam notícias da Carioba. Reuniu-se com antigos companheiros de trabalho para confrontar suas memórias e localizar a moradia de cada família. Considerando as ruas da Vila Carioba, que se iniciavam próximo aos prédios da fábrica, junto às margens do Ribeirão Quilombo e Rio Piracicaba, reconstruiu um mapa mental dessas ruas e das residências que as constituíam de ambos os lados. Como se fora um transeunte dessas ruas, foi localizando cada casa, inicialmente fixando-se no lado esquerdo das ruas. Descreveu-as em suas particularidades, onde se interrompiam, onde havia grupos de casas geminadas, onde as casas eram esparsas. Localizava em cada casa a família ou as famílias que a habitaram (Figura 4).

Os tipos de moradia expressavam também a hierarquia de seus ocupantes, tais como as residências do chefe da tinturaria, do chefe do escritório, do gerente. Essas, por seu tamanho e estilo, diferenciavam-se das casas dos operários, que eram geminadas e apresentavam seus jardins com cerquinhas de madeira cuidadosamente mantidas e pintadas de branco, com um pequeno jardim na frente (Foto 11).

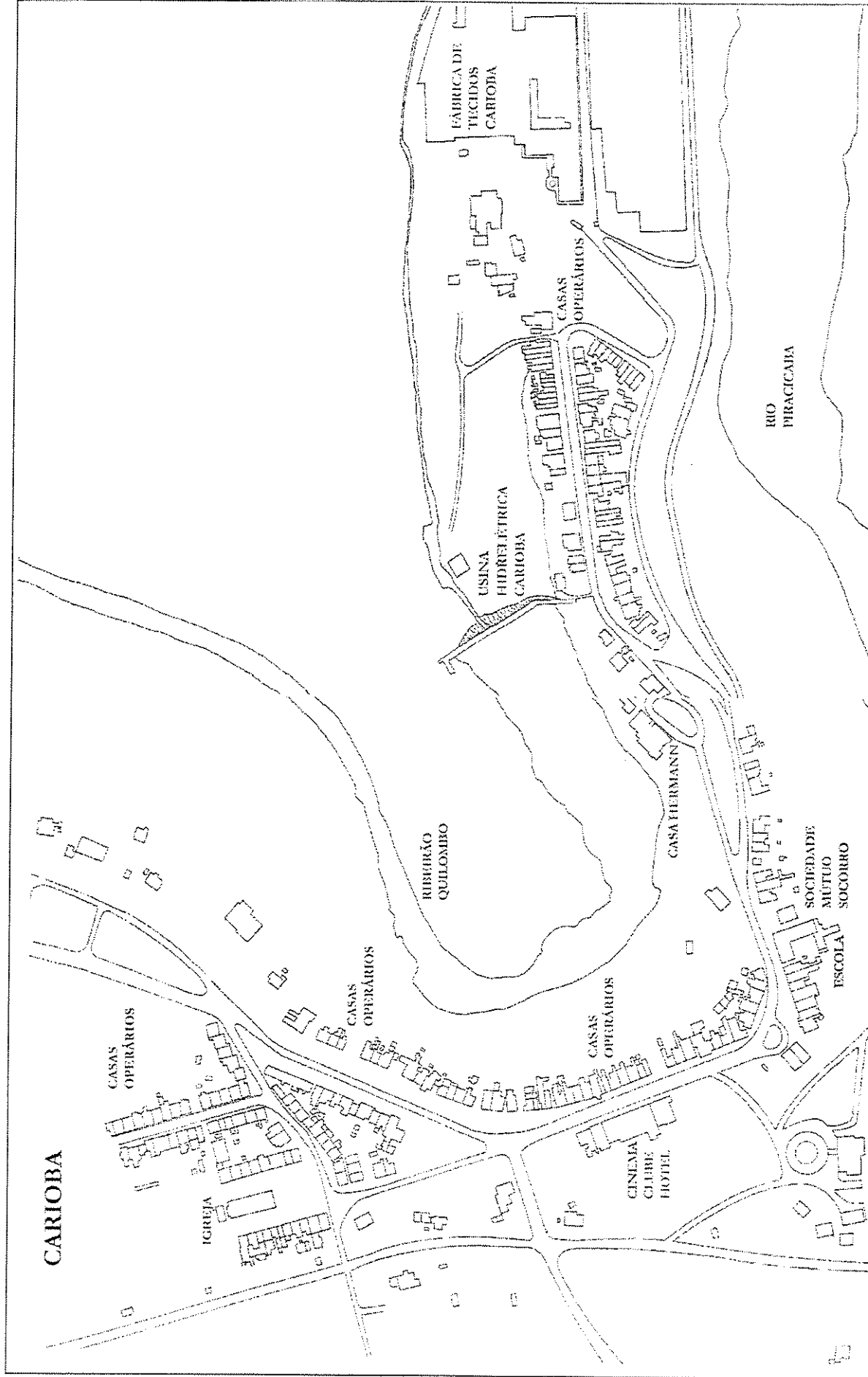


Figura 4 – Mapa-base de Carioba, utilizado pelo Sr. Hercule Giordano para inserção dos moradores, a partir de lembranças e entrevistas.
 Fonte: BERTALIA (1999, p. 170-171).



Foto 11 – Escola Carioba, depois denominada Grupo Escolar Comendador Muller. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Os quintais eram separados por cercas de taquara e cada família se dedicava a cultivar pequena horta ou um pequeno pomar.

Desta forma, reconstruindo a paisagem, chegava às imponentes casas que pertenceram aos proprietários da empresa, aos prédios do clube, do cinema, do armazém, do grupo escolar, da fábrica de fitas e das casas que se agrupavam ao seu redor e que se convencionou chamar de Vila Quilombo, por estarem próximas ao Ribeirão Quilombo.

A proximidade desse rio também parece ter influenciado a segunda denominação da fábrica de fitas. Fundada em 1911, com o nome de Companhia Leyen de Fitas de Seda, teve seu nome mudado para Fábrica de Fitas e Elásticos Quilombo, em fins da década de 1920.

Prosseguindo na tarefa de arrolar os trabalhadores, os proprietários e suas moradias, o Sr. Hercule percorreu o caminho que ligava a Vila Carioba à Fazenda Salto Grande, com sua sede construída em estilo colonial nas primeiras décadas do século XIX. Esta sede centenária serviu de moradia aos administradores da Fazenda Salto Grande durante quatro décadas, desde a aquisição da propriedade em 1907 até a sua venda em 1944. Incansavelmente, relacionou os moradores das várias colônias que compunham a Fazenda Salto Grande e também os que residiam próximo à

hidrelétrica construída no período de 1907 a 1911. Na descrição do Salto Grande, observam-se as mesmas considerações sobre a moradia dos funcionários mais graduados e as casas das colônias reservadas aos trabalhadores rurais.

Retornando à Vila Carioba depois desse périplo imaginário por todas as moradias do complexo agro-industrial, o Sr. Hercule descreve as casas situadas à direita das ruas, iniciando, novamente, pelas imediações dos prédios da fábrica e destacando a situação privilegiada da moradia do Comendador Franz Müller no alto da colina, o que lhe permitia visualizar toda a movimentação da fábrica. Na sequência, são feitos os registros de outros grupos de casas operárias com seus quintais arborizados, mais acima, a residência do Sr. Herman Müller, comparada a um castelo, com seu observatório astronômico, circundada por árvores de grande porte a segregar a intimidade da família proprietária.

A relação dos funcionários da Carioba mostra grande incidência de trabalhadores de origem italiana, alguns espanhóis, portugueses e brasileiros. É interessante a forma como o articulista arrolou os caboclos naturais da região, cujos nomes eram precedidos do pronome de tratamento “Nho” ou “Nha”, diminutivo de Senhor e Senhora, como forma de diferenciá-los dos trabalhadores de origem européia, fossem estes portugueses, italianos, espanhóis, russos ou letos.

A catalogação dos funcionários seguindo um mapa mental, executada pelo Sr. Hercule, encontra paralelo no trabalho de Marinete Covezzi (2000) sobre o porto de Cuiabá, cujas ruas, praças e moradias foram demolidas na década de 1970, sob o pretexto das freqüentes inundações que lá ocorriam. Um dos depoentes, no decorrer dos trabalhos de campo, retrçou um mapa mental do bairro, com sua antiga constituição de ruas, praças e o ancoradouro dos navios. A descrição das atividades relacionadas ao porto, a entrada e saída de mercadorias, os carrinheiros, canoeiros, pescadores, as lavadoras de roupa pareciam reviver, recuperando na narrativa do depoente, o burburinho das atividades portuárias. No caso, o depoente ancorava suas memórias nas atividades do porto, no fim precípua do mesmo como entreposto de mercadorias e canal de comunicação com outras cidades e regiões (COVEZZI, 2000, p. 148).

No caso da vila operária de Carioba, retrçar a disposição das casas parece representar, justamente, o ponto central para o sucesso do empreendimento fabril, a garantia da moradia e de trabalho, como meio de assegurar a estabilidade do trabalhador na atividade industrial. É justamente a moradia que representa, para o autor dos artigos, o ancoradouro do qual ele parte para orientar suas memórias. Isto se justifica pelo fato dessas pessoas terem, ainda bem

presentes, as lembranças da drástica mudança que o processo imigratório representou em suas vidas. Lembranças essas transmitidas aos filhos que vão ser socializados no ambiente da organização fabril, visando-se, principalmente, formá-los na disciplina requerida para o exercício das atividades industriais.

As pessoas que vinham trabalhar e moravam fora da vila operária de Carioba trabalhavam por algum tempo, depois desistiam pelas dificuldades de deslocamento e transporte até o bairro, por encontrarem outros empregos e, no caso das mulheres, pelo casamento.

Através do depoimento da Sra. Vanda Pollo Müller, pode-se constatar o que foi colocado:

Meu pai quando mocinho trabalhava no escritório de Carioba como escriturário, ele trabalhou muitos anos no escritório de Carioba, ele morava aqui em Americana. Ele ia de bicicleta, meu pai, depois de Carioba, veio trabalhar no centro telefônico, ele era secretário, tomava conta de tudo (Sra. Vanda Pollo Müller, 72 anos, 1996).

Outra depoente, a Sra. Julia Braga Pupo também justificou sua saída da indústria:

Minha infância foi mais ou menos. A gente, não é como hoje que tem tudo o que quer, era tudo mais difícil.. Brincava na frente da casa, naquele tempo não era casa uma distância, uma aqui, outra uns vinte metros, trinta metros era outra, era assim. Então juntava toda a meninada e vinham brincar de roda, teatro, brincava com essa coisa assim. De menina, depois fiquei mocinha fui trabalhar na tecelagem de Carioba.

- E a Sra. ia trabalhar a pé em Carioba?

Todo dia, não tinha condução naquele tempo. Eu achei a Carioba muito linda, era muito linda, no tempo dos Müller era muito linda, depois do Abdalla não sei, porque não trabalhava mais lá. Até quando morreu o velho Müller, eu fui ver ele morto.

Quando me casei, eu deixei o trabalho na Carioba. Meu marido era Joaquim Pupo, ele tinha farmácia na rua 30, eu trabalhei 60 anos naquela farmácia (Sra. Julia Braga Pupo, 92 anos, 1996).

Toda a ênfase era dada à manutenção dos engajamentos, aos aspectos que ligassem o indivíduo à fábrica. Manutenção de salários baixos e a fábrica provedora das necessidades do indivíduo e de sua família. A atuação do patrão é vista como benemerência, como prova de atenção, conforme explicitado pelo depoimento do Sr. Antônio Bertalia.

... meu pai ia fazer despesa e pagar a do mês anterior e fazia nova despesa com o mesmo valor. Isso eu achava maravilhoso viu e nós, é em Carioba também, nós éramos felizes, nós não tínhamos dinheiro, também não precisava, não pagava aluguel, não pagava força, o leite era baratíssimo, divertimento não faltava de jeito nenhum. Esporte e recreação tinha à vontade, então não tinha necessidade de dinheiro no tempo dos Müller. Aí depois, mais tarde, quando foi vendida a fábrica, aí a gente já notou, sei lá o que poderia acontecer. Então aí foi que alguém foi tentando guardar algum dinheiro, saindo da Carioba e tal, e cuidando da vida, porque no tempo dos Müller nós nunca

pensávamos em sair da Carioba, nunca. E infelizmente acabou a Carioba (Sr. Antônio Bertalia, 73 anos, 1995).

5.3 A educação escolar em Carioba

Alfabetizar as crianças, ensinando-as a ler, escrever e contar foi preocupação que se verificou desde o início da fundação da Fábrica de Tecidos Carioba, quando de propriedade dos irmãos Wilmot conforme revelam as lembranças dos entrevistados. Uma das pessoas entrevistadas relatou que a própria filha do proprietário Wilmot tomou a si o encargo de alfabetizar em português seu avô, que era filho da cozinheira.

A família de meu avô veio de Jundiaí e eles vieram pra trabalhar na indústria do Wilmot em Carioba. Meu bisavô, ele trabalhava na estrada de ferro de Jundiaí, então ele ficou em Jundiaí. Seu nome Joaquim de Almeida, ele era português e minha bisavó era índia Escolástica de Almeida, ela veio com os filhos, depois eles aprenderam a ler, escrever lá dentro da família Wilmot (Sra. Maria do Carmo Chiaravallotti, 48 anos, 1992).

Sob a administração do Comendador Müller, em 1902, iniciaram-se as práticas de educação formal. É formada uma escola particular, mantida pela indústria, para atender ao grupo imigrante italiano. Interessante narrativa sobre essa escola é feita por Jacob Penteado, em seu livro “Belenzinho 1910 – retrato de uma época”, na qual o autor descreve o cotidiano dos operários e de seus filhos.

Nas últimas décadas do século XIX, surgiu, pouco além do centro da cidade, às margens do rio Atibaia, a Fábrica de Tecidos Carioba, que deu vida à vila, fundada por alemães. Meus pais já haviam trabalhado nela, em mil oitocentos e noventa, quando se conheceram e casaram.

E para lá voltaram os meus, em 1905. Carioba era um lugarejo bastante aprazível, bucólico. Bom clima, farto arvoredo, muita lavoura, quase toda de pequenos sitiantes, pomares, roças, junto ao rio, que era bastante piscoso. Suas águas movimentavam a turbina da fábrica. De quando em quando, limpavam a turbina e o canal ficava seco, para gáudio da criançada, que ia procurar, no seu leito, muçum (espécie de enguia) e os peixes que ali permaneciam com a súbita retirada das águas. Lembra-me, também, de uma grande amoreira, defronte de nossa casa, cujos frutos se espalhavam pelo chão. Com eles, vovó fazia deliciosas geléias.

Ao badalar do sino (na fábrica não havia apito), a pequena população obreira despertava, e então começava a lida, para todos, homens, mulheres e crianças. Pouca gente permanecia em casa.

Freqüentei uma escola particular, mantida por uma senhora italiana, numa casa de madeira, que estremecia toda, parecendo prestes a ruir, nos dias de ventania ou de temporal. O ensino era, pode-se dizer, cantado: v com a = va; v com e = ve; v com i =

vi etc. Um dos alunos, já moço, que cursava à noite, recebeu o apelido de Veconava, devido à maneira como soletrava tais letras, que vivia repetindo-as.

Recordo-me, ainda, das grandes pescarias que os operários faziam, aos sábados à noite e aos domingos. Belos e saborosos dourados comemos ali. Na época das enchentes, assustava-me o som rouco que emitia o untanha (sapo de chifre, que come pintos e ratos, carnívoro, portanto).

Pouco demoramos em Carioba, porque surgiu um convite de um tio meu, de Buenos Aires, com vantajosas condições, viagem paga, ótimos salários. Foi mesmo uma mosca azul para o pessoal, que trabalhava nas penosas condições então vigentes, ou seja, muito serviço e pouco dinheiro. Decidiu-se, por isso, por unanimidade, a partida para o Prata (PENTEADO, 1962, p. 35).

A escola era, ainda, precariamente instalada e o método de ensino por silabação cantada ensinava gracejos com o aluno do curso noturno tão empenhado no processo de aprendizagem. Esta é a primeira referência a curso de alfabetização de adultos em Carioba.

No final da década de 1900, a escola italiana foi substituída por uma escola regida pelo sistema oficial de ensino do Estado de São Paulo.

O Sr. José Chiquinho, um dos entrevistados que nasceu em Carioba em 1902, se refere à escola e nomeia suas professoras.

Lá é o seguinte, quando eu era menino pequeno que eu não sabia ler, tinha escola em Carioba, professora vinha de Campinas pra dar aula em Carioba e voltava de trem todo dia. Vinha todo dia e voltava, compreendeu agora? Quando eu fiquei maior, que já sabia ler e escrever, aí eu comecei, eu entrei nessa escolinha do Dr. Cícero Jones, lá em Americana, então ia de trole de Carioba a Americana.

- Era uma escola mais avançada?

“Uma escola mais avançada, por isso que eu conheci todos esses americaninhos que hoje tão aí velhos. Estavam comigo na escola”.

- O Sr. se recorda o nome da primeira professora em Carioba?

Lembro, ela chamava Dona Noêmia Cazes Viana, era professora, ela vinha de Campinas, era uma família de professor, a irmã dela Dona Suzana, era professora, a outra irmã dela, Dona Ester, era professora. Dona Ester era a mais nova, a caçula. No tempo da Dona Noêmia, a Dona Ester era menina. Mas ela vinha de Campinas, em Carioba pra dar escola pra nós lá. Carioba era mais civilizada do que Americana. Depois tinha clube de futebol, tinha clube de regatas (tenho até fotografia aí) clube de regatas, tinha cinema, tinha baile, tinha hotel, tinha tudo, até no fim tinha até asfalto, antes de Americana.

Da escola, quando eu era menino, eu tirei essa fotografia; que era menino lá na escola eu tirei sentado no chão. A turma tá toda lá, os maiores atrás e os menores na frente (rindo) eu que era menor tirei sentado no chão, eu queria mostrar essa fotografia essa foi a primeira vez que eu tive na escola, eu e o meu irmão Sebastião e outros que já hoje já nem existem mais – conheceu o Dito Cola? Aquele que tinha aquele Hotel Cola; ali junto com o Restaurante Cola. Esse Dito Cola era irmão do Américo, só que era menino nessa época, ele estava comigo também na escola, ele está nesse retrato.

- E depois dessa escola da Vila Jones, onde o Sr. estudou?
Fui estudar em Campinas, estudava na Escola de Comércio Bento Quirino da da Mogiana, Oficina da Paulista, eles trabalhavam de dia e iam ...estudar de noite, e eu não trabalhava em coisa nenhuma, sempre vivi meio... à custa de meu pai, estava nessa escola, me formei, tem fotografia da formatura, tudo, me formei lá, mas nunca eu quis saber de contabilidade. Rapaz! Por isso que eu digo, o pai mandava a gente estudar, mas não sabia se o sujeito tinha vocação pra aquilo, ou não. Eu não tinha vocação pra guardar livro, sentar na cadeira, ficar o dia inteiro lá, no $5 + 5 = 10$, nunca tive vocação, de modos que, foi diploma pra mim, não teve utilidade pra efeito de trabalho, que eu nunca trabalhei, eu gostava de ser vendedor, eu fui vendedor de máquina de escrever em Bauru. Quando, eu nos primeiros anos que eu fui casado, eu fui embora pra Bauru, eu era vendedor daquela praça, lá em Bauru, eu gostava disso aí. Agora sentar na mesa e sair de noite... de tarde, nunca fiz isso, eu não tinha, eu não tinha temperamento pra aquilo, gostava de outra coisa, acabou (Sr. José Chiquinho, 94 anos, 1996).

O Sr. José Chiquinho preocupou-se bastante durante a primeira entrevista em localizar a foto de sua primeira professora. Em uma segunda oportunidade de entrevista apresentou a foto aos pesquisadores e identificou os seus companheiros de classe.

Outra referência a alunos da escola é feita pelo Sr. Bruno von der Leyen, genro do Comendador Müller, ao relatar a calorosa recepção que os operários e as meninas da escola com seus uniformes brancos dedicaram ao patrão em seu retorno de uma longa viagem à Europa entre abril e agosto de 1908.

A chegada do Sr. Müller foi festejada por todos os empregados e funcionários com muita alegria, embora alguns hesitassem devido à ausência da patroa e da Muck. Logo no portão de entrada de Carioba houve uma grande ovação. Eram seis carros que percorreram o caminho desde a estação ferroviária de Villa Americana até Carioba, passando pelo longo bambual até a chegada na Casa Grande. Lá estava postada a banda de música dos operários em seus uniformes azuis novinhos, que então se pos a frente da carreata, e assim tivemos que enfrentar mais de 20 minutos de sol ardente.

Ao entrarmos na vila operária ouvimos muitos gritos de “Viva” e diante da Casa Grande, estavam as meninas do grupo escolar em seus vestidos brancos, cabelos enfeitados com flores e lá estavam também os mestres e contramestres da fábrica, com a cabeça descoberta, chapéu na mão.

Algumas das crianças recitaram versos de saudação em voz trêmula, um dos mestres da fabrica pronunciou um vibrante discurso, o Sr. Müller fez os seus agradecimentos e a banda tocou mais um número de seu repertório. Foi muito bonito observar como todos estavam felizes em ver o patrão (LEYEN, 1995, p. 83).

A historiadora Maria Auxiliadora Guzzo de Decca (1991) salientou a existência de escolas dentro das vilas operárias, mencionando as fábricas Votorantim, em Sorocaba, e Carioba, em Americana, no interior do estado de São Paulo, citando o livro “Impressões do Brasil no século XX”, de Arnold Wright.

Na vizinhança da fábrica foi construída uma cidade operária com acomodações para três mil operários; possui também esta cidade operária jardins públicos, clubes, escolas, lojas, um cinema, uma banda operária, etc, etc e tem iluminação elétrica ...
Dá trabalho no estabelecimento a 520 operários, em sua grande maioria italianos, que habitam, quase todos vilas de propriedade da fábrica, vilas essas constituídas por 142 casas confortáveis e edificadas com os requisitos da mais rigorosa higiene. As ruas dessas vilas operárias e grande parte das casas são também iluminadas a luz elétrica. Além disso, fez a firma proprietária do estabelecimento edificar um belo prédio, onde fica a escola da fábrica que tem sido dirigida por professores competentes e cuja freqüência se tem mantido muito regular, e um vasto salão para conferência ou bailes e outros divertimentos (DECCA, 1991, p. 61).

A evolução das instalações da escola pública em Carioba pode ser seguida nas lembranças do Sr. Hercule Giordano no artigo intitulado “Saudades de Minha Escola Querida”, escrito em 1983: “Dizem os mais velhos que no início do século, isto é, em 1908, a escola funcionava em um barracão. Nossa saudosa mãe freqüentava essa escola e sua professora se chamava Dona Leontina”.

Em 1912, a empresa construiu uma sala para ser instalada a primeira classe mista, tendo como mestre o Sr. José da Cunha Raposo, estas salas foram sendo ampliadas e, em 1922, O jornal “Gazeta de Campinas” se referia à existência das Escolas Reunidas Estaduais em Carioba, com matrícula de 186 alunos, todos filhos de operários. Em 1921, foi nomeado diretor das Escolas Reunidas Estaduais o professor Constantino Augusto Pinke⁷ (Foto 12).

O jornal “O Município”, editado em Americana, em matéria de 12 de novembro de 1937, assim se refere à escola de Carioba e à marcante figura de seu diretor⁸.

As Escolas Reunidas Estaduais sabiamente orientadas pela fulgurosa inteligência de seu diretor o Prof. Constantino Augusto Pinke, funcionam desde 5 de agosto de 1921 para varias classes tanto do sexo masculino quanto feminino.

Os filhos do Commendador Müller reconhecem o quanto a instrução é capaz de realizar, mormente nessa campanha meritória contra o analfabetismo.

O atual edifício das escolas reunidas foi erigido em 1923 sob a direção e fiscalização de seu diretor, o que serviu de uma garantia para sair obra perfeita: 5 amplas salas, com todos os requisitos necessários à moderna pedagogia e higiene, notando-se ainda vistosa sala para recepções, gabinete de diretor, arquivo, portaria, etc.

7 O Jornal “Gazeta de Campinas”, na edição de 30 de julho de 1922, apresentava em grande manchete a inauguração do busto em homenagem ao Comendador Müller, mandado erigir por iniciativa dos operários, e mencionava as Escolas Reunidas de Carioba.

8 O jornal “O Município”, de 12 de novembro de 1937, assinalava o 13º aniversário da emancipação política de Americana e destacava a importância da Fábrica de Tecidos Carioba e da Fazenda Salto Grande, e também o moderno prédio das Escolas Reunidas de Carioba.



Foto 12 – Prédio do Grupo Escolar e, ao fundo, a Cooperativa e o coreto da Carioba, anterior ao asfaltamento. Década de 1920. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

O prédio da escola, com mais de 80 anos, está lá resistindo até agora, coluna de madeira era uma beleza. Todas aquelas árvores éramos nós os alunos que plantávamos (Sr. Itabajara Fonseca, 1995).

O Sr. Hercule Giordano conta como as crianças eram motivadas para a escola com atenção especial do diretor que visitava cada família para proceder à matrícula das crianças em idade escolar.

A escola foi construída pelos Müller para os filhos de seus operários e ainda hoje (1983) o prédio pertence aos atuais proprietários do bairro. Quando fomos matriculados em 1930, as matrículas eram realizadas nas casas com a visita do diretor. Aquele dia recebemos do professor Pinke um santinho e um lápis. Ficamos radiantes de alegria e no dia seguinte lá estávamos com outros colegas uniformizados mas todos de pé no chão (GIORDANO, 1983).

Prosseguindo nas suas lembranças, o Sr. Hercule se recordou com muita saudade de sua primeira professora, Dona Gertrudes, que, com paciência, o ensinou a ler o primeiro livro escolar, de autoria de João Kopke. Referiu-se às festas realizadas no pátio da escola: a festa dos pássaros,

quando os alunos traziam pássaros presos em gaiolas e os soltavam; a festa da árvore, sempre muito festejada, porque Carioba era um bosque; o sete de setembro também era muito festejado e comemorado na data certa com uma homenagem que partia do coração. As exposições no final do ano enchiam todas as classes com os trabalhos dos alunos, que se esmeravam em apresentá-los com grande perfeição (Foto 13).

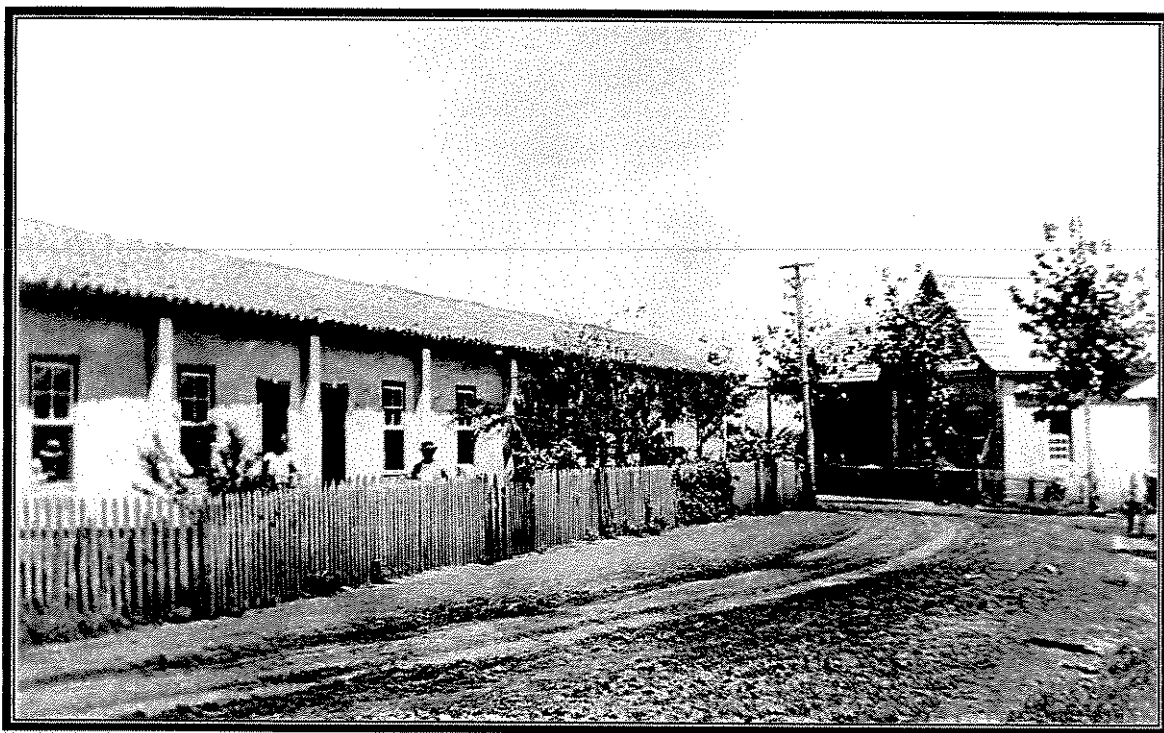


Foto 13 – Casas de operários da Vila Carioba - década de 1910. A administração da família Müller era mais do que ótima, porque eles olhavam os pormenores até as cercas das casas. Em frente às casas havia cerquinhas feitas de madeira. Nos quintais havia cerca de bambu. Então existia uma equipe de zeladores do grupo de casas (Sr. Antonio Bertalia). Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

A entrega do primeiro livro de leitura assinalava uma etapa vencida no processo de alfabetização, era festejada com a presença das famílias e cada mãe trazia um prato de doce para comemorar a ocasião e a direção da Fábrica providenciava as laranjas para o preparo do suco.

E quando era tempo de laranja, então vinha aquela carroça de laranja trazer pras crianças na escola. Ah! Como era gostoso! Muitas vezes vinham vender doce na porta da escola, não tinha dinheiro, minha mãe falava: - Vê se quer trocar com ovo? Dava ovo pra eles e davam o doce pra nós (risos). (Sr. Hercule Giordano, 72 anos, 1995).

Os moradores da Carioba cultivavam hortas e pomares, era comum os vizinhos trocarem hortaliças e legumes por eles produzidos. Criavam galinhas e patos para consumo próprio e cabras para terem leite para as crianças, a troca realizada cotidianamente entre vizinhos se

estendeu aos vendedores ambulantes com a troca de ovos por doces para as crianças, podendo-se depreender deste fato a ausência de grande circulação monetária na comunidade.

Em 1932, a escola foi elevada a Grupo Escolar, o que deixou as crianças e as famílias muito contentes, pois não precisavam mais cursar o 4º ano primário no Grupo Escolar de Americana. Nesse mesmo ano, quando da inauguração do prédio do primeiro grupo escolar de Americana, as crianças de Carioba foram a pé, juntamente com o diretor e as professoras, para se congratular com os estudantes de Americana. O professor Constantino Augusto Pinke, numa iniciativa pioneira, reuniu-se com os pais dos alunos e fundou a cooperativa escolar para fornecimento de material, a preços inferiores aos do comércio. Outra iniciativa para complementar o atendimento aos alunos foi a criação do gabinete dentário em uma sala próxima à escola. O Grupo Escolar de Carioba passou a ser denominado Grupo Escolar “Comendador Müller”, no ano de 1937, em homenagem ao fundador do bairro.

As crianças, ao terminarem o 4º ano, iniciavam o trabalho na fábrica, geralmente em atividades mais fáceis, condizentes com sua idade e capacidade física como o trabalho na espuladeira (máquina que enche os fusos de linha. As espulas de linha são encaixadas nas lançadeiras acopladas nos teares e constituem a trama que cruza o urdume na fabricação do tecido). Assim aconteceu com quase todos os depoentes, à exceção da Sra. Lourdes Colla e do Sr. José Chiquinho, que continuaram os estudos. A Sra. Lourdes Colla, a partir de meados da década de 1930, foi fazer o ginásio no Colégio São Jose de Limeira. O Sr. José Chiquinho, na década de 1910, estudou na Escola de Contabilidade em Campinas, onde fazia o curso noturno, viajando diariamente de trem para frequentar o curso técnico.

O Sr. Antônio Bertalia se referiu à aspiração que tinha de ser padre ou professor, mas, ao completar 14 anos, iniciou o trabalho na tecelagem.

O Sr. Hercule Giordano também mencionou sobre a vontade de continuar seus estudos para ser professor de Geografia e História, matérias que dominava muito bem, destacando um episódio em que a professora pediu que ele explicasse seus conhecimentos sobre a hidrografia da região nordeste do Brasil, ao delegado de ensino em visita à escola, o que ele fez brilhantemente.

Através dos relatos dos trabalhadores educados na Carioba percebe-se que a escola e a família se incumbiam em inculcar nas crianças o respeito ao patrão, visto como uma autoridade social. Isto se traduz nas palavras do Sr. Itabajara Fonseca.

... A gente era instruído em casa pra quando encontrasse o patrão dizer bom dia patrão, bom dia patroa, você não chamava ele pelo nome. Eu não dizia bom dia minha Sra.,

dizia bom dia patrão, bom dia patroa. Nos corríamos esperar a carruagem que vinha, aqueles, cavalos brancos, a carruagem da Dona Albertina e corria abrir a porteira. Ela tirava uns niqueizinhos e jogava e era aquela festa (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1992).

A repetição do cumprimento (bom dia patrão) expressa a ênfase que era dada em casa para ensinar aos filhos as boas maneiras diante do patrão. Este era considerado autoridade e provedor da escola, da moradia e dos outros serviços dirigidos aos trabalhadores e suas famílias. Descreve a maneira de formar o habitus de respeito, obediência e reverência do trabalhador da vila operária, frente ao patrão, ao qual devia lealdade e respeito.

A rigidez da disciplina escolar era sancionada pela família, que reforçava a punição que o filho recebia na escola.

O Grupo Escolar da Carioba era ótimo. O diretor, o Constantino Augusto Pinke era um diretor que impunha respeito, faltava um aluno, ele ia na própria casa saber porque faltou. Então as professoras, todas ótimas professoras, no tempo em que ainda professora tinha valor e era considerada.

Quando se falava em uma professora, antigamente, era um orgulho. Hoje, uma professora, coitada, ela além de não ter salário razoável, ela não tem o tal respeito que tinha antigamente, porque quem manda hoje na escola não são mais as professoras, são os alunos mesmo. Porque antigamente, eu lembro perfeitamente, a gente fazia qualquer sacanagem dentro da sala de aula, a professora batia com a régua, puxava a orelha e nós tínhamos medo de contar pro pai, senão chegava em casa apanhava outra vez. Agora, hoje não, a professora olha feio pro aluno, daqui a pouco os pais tão lá reclamando. Quer dizer, não tem meios de educar, não tenho dúvida nenhuma.

Nossa infância lá em Carioba foi muito sadia, brincávamos 50% meninos, 50% meninas, tudo misturado, brincava-se de pega e outras coisas, mas era uma brincadeira sadia, não havia a malícia que existe hoje (Sr. Antônio Bertalia, 72 anos, 1995).

Com ordem, disciplina, assiduidade e pontualidade se preparavam os futuros trabalhadores da indústria. Aqueles que viviam fora dos limites da vila operária, como era o caso do Sr. Joaquim Rocha, cujo pai trabalhava na olaria no outro lado do rio Piracicaba, freqüentavam a escola de maneira intermitente e escapavam ao controle.

Freqüentei dois anos (a escola), aí meu pai tirou pra trabalhar na olaria. Então aprendi muito pouquinho, melhor eu leio que escrevo. Tinha um grupo bom lá, ensinou bem lá, Carioba ensinava bem, mais naquele tempo a gente precisava sair, saía e não precisava da satisfação que nem hoje. Hoje não podia sair. Então meu pai tirou. Mais naquele tempo tinha muitas mata, da ponte pra lá era tudo mataria. Então gostei porque ficava caçando passarinho, pescando. O peixe dava a larga! Peixe, esse rio aí, Piracicaba! E passarinho nós vendíamos. A semana inteira nós enchíamos o viveiro de passarinho, depois quando era sábado vinha um homem de Limeira, comprava tudo e levava pra São Paulo (Sr. Joaquim Rocha, 78 anos, 1994).

O depoente, em um primeiro momento, manifestou pesar pelo fato do pai tê-lo tirado da escola para auxiliá-lo a fazer tijolos, mas depois retomou aquele sentimento de liberdade avesso a limites que o confinamento na sala de aula impunha. O Sr. Joaquim Rocha referiu-se à abundância de peixes existente na época no Rio Piracicaba. Enfatizando: “peixe! Esse rio aí, Piracicaba!” Comparou a situação vivida na época de sua infância com a situação atual de poluição do rio, ausência de peixes. O depoente valorizou as atividades que desenvolvia para complementar a renda familiar. Referiu-se, ainda, ao fato de o irmão ter adquirido um pequeno sítio nas imediações, o que lhes propiciava alternativas de trabalho na lavoura, quando o funcionamento da olaria era menos requisitado.

A situação familiar de cada entrevistado marcava as possibilidades de ascensão social. Para o Sr. José Chiquinho e seu irmão, filhos do dono do armazém, o processo educacional não se interrompeu ao terminarem o curso primário. A alternativa, na época, era freqüentar a escola que os meninos descendentes dos americanos freqüentavam. Esta escola tinha sido organizada pelo Dr. Cícero Jones, médico residente na Vila Americana, que atendia os operários da Carioba e a família dos proprietários alemães. No caso do Sr. José Chiquinho, a escola o preparou para cursar a escola de Contabilidade em Campinas, para onde ele se deslocava diariamente. Em sua trajetória escolar é explicitado o projeto de seu pai, proprietário de uma casa comercial, que almejava que o filho se especializasse em contabilidade, para substituí-lo futuramente à frente do armazém.

Segundo o depoimento da Sra. Lourdes Colla (72 anos, 1992), o avô italiano veio para Carioba, em 1886, na época dos Wilmot. Seu pai, Sr. Américo Colla, nasceu na vila operária. Seu avô, Francisco Colla, trabalhou sempre como operário na fábrica e, após a aposentadoria, continuou trabalhando como fiscal. Seu pai, após cursar o primário, foi trabalhar como varredor na fiação, mas sempre gostou de estudar e fazia um curso técnico por correspondência estudando com o professor Antonio Raposo, que foi o primeiro professor em Carioba nomeado pelo estado para regência das classes do ensino primário que iam até a terceira série. Este professor organizou também um curso noturno de alfabetização de adultos.

Na época, os cargos técnicos eram exercidos por estrangeiros e o pai da Sra. Lourdes Colla, por sua dedicação ao trabalho, conseguiu absorver todos os ensinamentos que o técnico italiano Guido Tedeschi transmitiu a respeito da tecelagem. No seu retorno à Itália, o professor disse aos proprietários que o Sr. Américo Colla estava apto a substituí-lo como técnico da fiação

e tecelagem. Os proprietários alemães acataram a sugestão e o Sr. Américo Colla trabalhou muitos anos no cargo de mestre da tecelagem. Desta forma, tinha um salário mais alto, o que lhe possibilitou encaminhar a filha para estudar no Colégio São José, em Limeira, onde fez o curso ginásial e, posteriormente, o curso normal. Já diplomada, Lourdes Colla ingressou no Magistério Público Primário do Estado.

Situação semelhante é apontada por Cabral (1994) em duas fábricas têxteis a Carioca da Companhia da América Fabril no Rio de Janeiro e a Paracambi da Brasil Industrial, na cidade do mesmo nome, estado do Rio de Janeiro, a autora afirma, com base em depoimentos de antigos operários, que “apenas os filhos de mestres e funcionários graduados procediam os estudos para além do oferecido nas escolas mantidas pelas fábricas”.

Pelo relato da Sra. Lourdes Colla pode-se concluir que a educação escolar, complementada com cursos técnicos por correspondência, constituiu mecanismo de ascensão na hierarquia da fábrica, possibilitando a alguns trabalhadores, nascidos e educados na vila operária, alcançar postos mais elevados, os quais lhes propiciavam melhores salários. Dessa forma, conseguiam encaminhar os filhos ao curso secundário ou a cursos profissionalizantes. Nesses casos, a educação representava o principal meio de ascensão social para os filhos e netos de imigrantes.

Referindo-se ao seu período escolar, o Sr. Itabajara Fonseca colocou:

... estudei no Grupo Escolar de Carioba, minha professora foi a Sra. Clarice Costa Conti, o seu Pinke foi nosso diretor. Na escola, naquela época as minhas irmãs já estudavam lá, em 1910, 11, só que tinha até o 3º ano lá, o 4º ano vinha fazer no Heitor Penteado aqui em Americana. Tinham algumas professoras que vinham de Campinas, a daqui era a Sra. Clarice Costa Conti. Mas a fábrica fornecia a escola, dentista, médico para as crianças, uniforme era bem simples. A escola era dois períodos, a mãe levava almoço pra gente lá, pratinho feito, então a gente entrava às 8:00, tinha almoço das 11:00 ao meio dia, depois ainda ia até as 4:00 horas da tarde e nós aprendíamos canto orfeônico, aprendíamos práticas agrícolas no primário, hoje nem no colegial não aprende o que aprendia naquela época. E você veja! Está lá resistindo até agora um prédio de 80 anos, coluna de madeira, era uma beleza a instalação, todas aquelas árvores, éramos nós, os alunos, que plantávamos, mas porque era originários deles (referindo-se aos Müllers). Eles é que estimulavam aquilo, nós tínhamos o clube com biblioteca. Isso em 1915, 1912 já tinha assinatura de jornais. Tinha uma biblioteca, tecelão! Os meus cunhados discutiam literatura internacional, conheciam autores, era outra cultura. Agora, eles eram disciplinadores, mas também faziam tudo, proviam tudo, você não precisava de dinheiro, a moeda de troco nossa em Carioba, nós saíamos da fábrica, tinha clube de regatas, se você gostava de natação, tinha natação, se gostava de basquete, tinha basquete e se gostava de jogar xadrez. Imagine naquela época jogar xadrez! Eram coisas que tinham nas capitais, e nós tínhamos tudo já ali. Nós competíamos em atletismo em todas as modalidades, na inauguração do Pacaembu a

delegação do interior, que mais brilhou, foi a nossa, de Carioba. Não era de Vila Americana não, de Carioba (Sr. Itabajara Fonseca, 72 anos, 1995).

As crianças aprendiam, desde a escola, a dividir o tempo, a racionalizá-lo, o que remete às colocações de Thompson sobre a valorização do tempo, um requisito para o bom desempenho do futuro trabalho na indústria.

A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda geração formou os seus comitês em prol de menos tempo de trabalho pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual (1,5%) pelas horas trabalhadas fora do expediente. Eles tinham aceitado as categorias de seus empregadores e aprendido a revidar os golpes dentro desses preceitos. Havia aprendido muito bem a sua lição a de que tempo é dinheiro (THOMPSON, 1998, p. 294).

A racionalidade do emprego do tempo e a valorização do trabalho, como uma vocação que se expressa em virtude e eficiência, reafirmam “esta idéia peculiar do dever profissional tão familiar a nós hoje, mas na realidade, tão pouco evidente, é a mais característica da ética social da cultura capitalista, e em certo sentido sua base fundamental” (WEBER, 1999, p. 33).

O expressivo controle do tempo em Carioba criado pelos patrões é percebido no fato relatado por Bertalia (1999, p. 87), de que todos os dias, o Sr. João Coral, que era motorista da firma, era também o responsável pelo relógio, designado a manter a pontualidade da comunidade quando ia buscar o correio, acertava seu relógio pelo relógio da estação ferroviária e vinha acertar o relógio da fábrica.

A lógica da indústria na sociedade capitalista “time is money”, se evidencia na preocupação de cuidar da pontualidade, havendo até um encarregado de cuidar da aferição dos relógios. Esta preocupação demonstrava também um traço cultural da germanidade através da consideração da pontualidade como um atributo da boa educação e de maneiras de comportamento refinadas.

O ser pontual é um comportamento internalizado pelos antigos moradores da Vila Carioba. Durante a pesquisa, nos eventos promovidos para lançamento de livros escritos pelo Sr. Antonio Bertalia e Hercule Giordano, houve oportunidade de se observar essa norma de conduta respeitosa dos mesmos.

5.4 Outras formas de educação

No presente trabalho adota-se a conceituação de Demartini e Lang (1983, p.17-18), sobre a educação não-formal ou extra-escolar, assim entendida: “qualquer atividade educacional organizada e sistemática, fora do sistema formal de ensino, voltada para clientelas mais amplas que a dos jovens e visando fornecer tipos selecionados de conhecimentos a grupos particulares da população”.

Além do trabalho na fábrica e das várias atividades que eram oferecidas em Carioba, seja no tocante à cultura ou ao lazer, havia operários que buscavam formas de se aprimorarem no trabalho, através de cursos por correspondência.

Nos relatos dos Srs. Antônio Bertalia, Hercule Giordano e Itabajara Fonseca são encontradas referências a técnicos de tecelagem que fizeram cursos por correspondência, como o colega Ferruccio Astorri, considerado excelente mestre de tecelagem.

Em Carioba no tempo dos alemães, os próprios operários lá de dentro é que eram promovidos. Tanto é que Ferruccio Astorri que era um ótimo técnico da Carioba, ele, consta que ele era pedreiro, mas começou a estudar por correspondência, estudar e ficou um técnico espetacular. Então os Müller davam esta oportunidade para os operários e iam subindo de cargo conforme a capacidade (Sr. Antônio Bertalia, 73 anos, 1995).

A educação formal realizada pela escola em Carioba era complementada pelas atividades de Educação Física para meninos e meninas, com aulas de natação e ginástica, a cargo da professora Clarice da Costa Conti, nomeada pelo Estado. No período da manhã, a professora dedicava-se a suas atividades didáticas e, à tarde, ministrava aulas de natação. Essas aulas eram praticadas em uma piscina natural, escavada na rocha, num local do então chamado Parque São Francisco, às margens do Rio Piracicaba.

As aulas de ginástica visavam o preparo físico de meninos e meninas, pois ambos deveriam ter condições físicas satisfatórias para o exercício da atividade fabril. Dessa forma, as meninas e depois as moças também integravam equipes de basquete e natação, competindo nessas modalidades de esporte (Foto 14).



Foto 14 – Crianças em aula de natação no Rio Piracicaba, em Carioba. Década de 1930.
Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

O autor Nicolau Svcenko, ao analisar a importância que assumira as atividades esportivas nas primeiras décadas do século XX, resumiu colocações do oficial alemão G. B. Fosika sobre o significado da atividade esportiva, cujo efeito fundamental era de natureza cultural e psicológica: visava criar nos indivíduos uma disposição instintiva à ação disciplinada, à coordenação coletiva de movimentos e propósitos e a se guiar por um conjunto fixo de regras, limites e alternativas. O desígnio do esporte está em incorporar o espírito esportivo muito mais do que em vencer alguma prova ou competição (SVCENKO, 1992, p. 48).

A prática desportiva era vista como um fator inquestionável de incremento da produtividade econômica (SVCENKO, 1992, p. 47).

O adestramento físico implicaria na formação de hábitos de higiene, profilaxia, alimentação e regularização da vida cotidiana com reflexos positivos nas aptidões físicas individuais e numa consistente disciplina do comportamento. As pessoas assim educadas se

tornariam muito mais competitivas, ativas e rápidas quando comparadas com outras que não receberam o mesmo treinamento.

As Uniões Operárias no período (primeiras décadas do século XX) organizaram suas próprias unidades atléticas, dedicadas sobre tudo ao futebol. Várias empresas privadas incentivaram os esportes, organizando equipes, promovendo torneios, subsidiando troféus, medalhas e prêmios.

O Sr. Hercule Giordano, ao listar os moradores da Vila Carioba, fazia observações sobre a participação destes nas várias modalidades de esporte, mostrando como a população da Vila Operária também criava seus ídolos locais do esporte, fenômeno pormenorizadamente descrito por Svcenko para a cidade de São Paulo.

O surto esportivo marcou as primeiras décadas do século XX e a imprensa assumia a organização de provas atléticas de grande alcance e relevância para formação de uma mentalidade e identidade desportiva paulista. Estas eram logo imitadas por outras cidades do interior de São Paulo, como no caso da Vila Carioba, que teve seu primeiro time de futebol nos primeiros anos da década de 1910.

Do depoimento do Sr. Itabajara Fonseca depreende-se também a emulação que consistia para os jovens competir nas várias modalidades esportivas: futebol, basquete, remo, natação, representando o bairro Carioba (Foto 15).

O orgulho que sentiam, muitas vezes levava a rixas e contendas com jogadores de Americana ou de outras cidades, quando reagiam violentamente ao serem chamados “tecelões”, por representantes de times adversários (BERTALIA, 1999, p. 139).

A farta iconografia das equipes de diferentes modalidades esportivas, reunida pelo Sr. Antônio Bertalia para compor seu texto memorialístico, atesta a importância que os operários participantes creditavam a sua participação nos esportes.



Foto 15 – Na foto, a anotação do ano de 1914, assinalando a inauguração do uniforme do Clube Recreativo Sportivo Carioba, representava a importância atribuída à indumentária para firmar a identidade do clube, do qual todos se orgulhavam. Este freqüentemente disputava movimentados jogos com o time de futebol da Vila de Americana, empolgando as respectivas torcidas. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Quando da realização das entrevistas, houve a oportunidade para a pesquisadora incorporar novas palavras ao seu vocabulário. Palavras, que eram continuamente utilizadas pelos operários praticantes do clube de regatas, lhe eram desconhecidas. Os barcos para competição eram chamados *yoles*, que podiam ser barcos com quatro ou seis remadores, eram então os chamados *yole a quatro* ou *yole a seis*. O barco de um só remador era chamado de *sandolim* e corresponde ao atual caiaque.

Esses torneios e competições eram realizados no Rio Piracicaba. O Rio Piracicaba, de águas límpidas, era bastante piscoso, freqüentemente propiciava pescarias que rendiam grandes dourados. Esses acontecimentos eram, em geral, perpetuados em imagens fotográficas, para grande satisfação do pescador, que exibia orgulhosamente os resultados obtidos. As pessoas entrevistadas sempre se referiam a esses fatos, comparando a poluição do rio hoje, com a situação do mesmo na primeira metade do século XX, quando representava um local de lazer e

entretenimento e mesmo de abastecimento de peixes para a população moradora na vila operária. Até mesmo no cardápio das iguarias a serem oferecidas na recepção do casamento de Margarete, a filha do Comendador Müller, figuram peixes do Rio Atibaia entre os pratos principais (LEYEN, 1995, p. 91).

Os cariobenses costumeiramente chamavam o Rio Piracicaba de Rio Atibaia; pareciam ignorar o fato de que, após a junção do Rio Atibaia com o Rio Jaguari, ambos formam o Piracicaba. Esta confluência está localizada, aproximadamente, quatro quilômetros antes do rio banhar as terras da Vila Carioba.

A equipe de remo era assim constituída: Sr. José Moacyr Furini, João Calheiros, Edgar Calheiros, Irineu Travaglia, Joaquim Müller Carioba, Adrião Fonseca, Antenor Polido, Mauro Schiavone, Alcy Travaglia, Osvaldo Pereira, José Furini.

O Sr. Joaquim Müller Carioba, filho de um dos proprietários, lembrou-se com saudade dessas competições: “Tínhamos o grupo de regatas lá, eu fazia parte de uma guarnição lá, de barcos, então eu vim com eles competir em São Paulo, em Santos, Piracicaba, Campinas, nos clubes de regatas” (Sr. Joaquim Müller Carioba, 85 anos, 1995).

A terceira geração da família Müller já era mais entrosada com os jovens operários, tanto que o Sr. Joaquim integrava a equipe com os trabalhadores.

Sobre a biblioteca, o Sr. Hercule Giordano escreveu, em 1984, um artigo intitulado “A Biblioteca do Clube Carioba”.

O Clube R.S. Carioba tinha para a cultura de seus associados, uma completa biblioteca com os mais variados livros de autores mundialmente conhecidos. Existia a sala de leitura com paredes anti-ruídos e todos, atentamente, se deliciavam com as boas leituras sem serem importunados com barulho (GIORDANO, 1984).

Entre os cerca de 2.500 livros da biblioteca encontravam-se coleções completas de Julio Verne, Humberto de Campos, Machado de Assis, José de Alencar, Alexandre Dumas, Perez Schich e Camilo Castelo Branco. As coleções “O Tesouro da Juventude” e a “Enciclopédia Ilustrada” eram editadas em papel pergaminho.

A Banda dos Operários da Carioba, constituída na década de 1900, já se fazia presente na recepção ao patrão em seu regresso da Alemanha, em agosto de 1908 (LEYEN, 1995, p. 83). Como uma das primeiras instituições criadas pelos operários, pode-se considerá-la uma coadjuvante nas funções de disciplinar contingentes de mão-de-obra procedentes do meio rural, capacitando-os para o trabalho na indústria. Seus participantes, sujeitos à disciplina do estudo da

musica, à atenção aos movimentos ritmados das melodias e ao entusiasmo que esse desempenho proporcionava, transferiam esses novos comportamentos para a esfera do trabalho, contribuindo, dessa forma, para a racionalização da produção industrial (Foto 16).

A banda da Carioba era constitutiva e participante dessas novas formas de convívio e lazer que caracterizavam a vila operária. Apresentava-se nos coretos do parque Dona Albertina ou no Parque São Francisco e contribuía para o entusiasmo da comunidade cariobense. Tinha lugar destacado nas procissões, anunciava as sessões de cinema e as apresentações teatrais.



Foto 16 – Apresentação da Banda do Precatório em frente à residência do Sr. Francisco Müller, tendo à frente a imagem do padroeiro, São João Batista. A banda do Precatório era assim chamada, pois percorria a vila operária angariando donativos para a festa do padroeiro. Um pequeno grupo de jovens e crianças acompanhavam os músicos em seu trajeto, recolhendo as contribuições dos moradores e dos proprietários. Início da década de 1940. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

A banda apresentava, ainda, uma função simbólica de marcar o poder na vila operária, o que se fazia notar, principalmente, na recepção ao patrão, quando do regresso do mesmo após um período de ausência ou na homenagem a ele prestada no dia primeiro do ano, conforme relato do Sr. Horst Müller Carioba.

Eu me lembro muito dos dias primeiro do ano, onde sempre vinham os meninos, os filhos dos operários vinham dar bom princípio e a gente dava nozes e bolachas para eles. Invariavelmente, no dia primeiro de janeiro, às 8, 9 horas da manhã aparecia a banda e meu pai, naturalmente, tinha que comparecer e receber as homenagens da banda que ia tocar lá. Fazia umas músicas bonitas, é, enfim, um ambiente

profundamente, é amistoso, agradável e de um convívio social em que todos nos integrávamos com os operários, os filhos dos operários. É uma época que a gente não pode esquecer nunca (Sr. Horst Müller Carioba, 73 anos, 1995).

As sessões de cinema eram anunciadas pela banda, que percorria o bairro anunciando os filmes a serem exibidos. Os meninos distribuíam também os programas de casa em casa para receberem ingressos grátis para o cinema. O Sr. Horst Müller Carioba também se recorda do cinema e de sua infância.

Eu me lembro também do cinema onde havia lá um lugar elevado (mezanino reservado para os Müllers) onde nós sempre levávamos alguns dos amigos lá. O João, por exemplo, o Edgar e outros. E nós assistíamos Ben-Hur, assistíamos Os Lanceiros da Índia e coisas desse gênero, naquela época não me lembro exatamente quando foi inaugurado filme sonoro, mas deve ter sido ao redor de 1932, 33, por aí (Sr. Horst Müller Carioba, 72 anos, 1995).

O Sr. Dieter Werner Plaas, bisneto do Comendador Müller, que residia na Fazenda Salto Grande, da qual seu pai era administrador, se recorda das vezes que vinha à Carioba.

... quando meu pai vinha assim pra Carioba, então eu aproveitava porque Carioba tinha um barzinho, tinha o famoso hotel que antigamente era da família Rando. Então lá tinha umas coisinhas melhores que não tinha no Salto Grande, um guaraná, umas coisinhas assim, porque interessava muito, tinha cinema. Nós chegamos a ir em cinema também em Carioba, então a gente vinha do Salto Grande para assistir um filme em Carioba, isso também eu tive oportunidade de fazer (Sr. Dieter Werner Plaas, 62 anos, 1995).

O cinema funcionava no salão do clube de Carioba e quando havia baile, não havia sessão. O Sr. Carmine Feola alugava o salão para o cinema e os filmes eram exibidos primeiro em Americana e trazidos em seguida para Carioba.

Sobre a frequência ao cinema, um depoente assim relatou um fato ocorrido com a exibição de um filme alemão que somente os proprietários poderiam assistir.

Um dia ia passar um filme alemão, mas só pros patrões, os operários não podiam assistir. Os patrões entravam por outra porta, diferente. Então alguns moços, alguns pilantras de Carioba derreteram a câmara de ar e passaram no corrimão da escada. Quando a patroa passou lá, viu a borracha, não teve nem cinema aquele dia lá, parou lá: “Quero saber quem foi que fez isso aí?” Se vingaram (Sr. Hercule Giordano, 72 anos, 1995).

Ao se refletir sobre esta postura dos trabalhadores visando impedir a exibição do filme alemão, o papel da escola se faz presente para explicar essa rejeição. A escola, a partir da década de 1930, procurou desenvolver o civismo, o sentimento da pátria brasileira, caracterizando-se

como o local de vivência das virtudes cívicas. Era, pois, intolerável que “outros”, no caso os próprios patrões viessem assistir, de maneira privativa, um filme alemão, no cinema que era rotineiramente utilizado pelos operários. Esta atitude demonstrou o quanto foi eficiente o papel da escola em formar a identidade nacional dessa nova geração nascida na vila operária. Essa geração contava com aulas regulares em que a direção escolar exercia grande controle sobre a frequência e aproveitamento dos alunos.

Por outro lado a escola alemã de Vila Carioba organizada para os netos do fundador da indústria é mencionada como um dos locais de exibição de filmes de propaganda alemã divulgados pela Associação de Professores Teuto-Brasileiros. Conforme consta do relatório desta associação, foram exibidos filmes na Vila Carioba em duas ocasiões, entre março de 1934 e março de 1935 (NOBRE, 2004, p.156). Talvez uma dessas exibições tenha causado o incidente relatado em entrevista, o que já evidenciava indícios de um clima antigermânico. A fala de outro depoente pode corroborar esta colocação:

Havia um tipo de regimento interno da Vila, baseado nos moldes da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, o horário era rígido, tudo era disciplina realmente. Então quando já começou a fase, a nova geração quer dizer em 1935 com reivindicações proletárias e políticas, também começou a rebeldia, no distanciamento da conversa (Sr. Itabajara Fonseca, 1995).

Conforme as colocações do entrevistado, por essa época já se apresentavam rupturas do modelo paternalista de dominação implantado na primeira década do século XX, o qual se revelou muito eficiente enquanto a direção da empresa era centrada na figura do Comendador Müller. Após sua morte em 1920, os filhos Hermann e Hans dividiam a direção sendo o primeiro mais identificado com o pai e o segundo era considerado pelos entrevistados como mais fechado e distante da Vila Operária.

Os italianos e seus descendentes, que constituíam a maior parte da população de Carioba, eram apreciadores de teatro e constituíram vários grupos teatrais. As peças eram traduzidas do italiano pelo Sr. Vitor Baldin, que era também o ensaiado. Em 1916, vários participantes desse grupo teatral resolveram que o mesmo deveria ser oficializado para apresentações. O dinheiro arrecadado dos ingressos deveria constituir um fundo para socorrer os trabalhadores que necessitassem de tratamento médico especial ou cirurgia. Esta associação recebeu o nome de Grêmio Dramático “Flor da Mocidade” (Foto 17).



Foto 17 – Encenação teatral no Clube Recreativo Carioba. Década de 1930. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Com a morte do Comendador em 1920, a entidade alterou seu nome para Sociedade Mútuo Socorro Comendador Müller e ainda presta serviços aos associados, antigos cariobenses e seus descendentes, ou a novos associados da cidade de Americana, possuindo, atualmente, um quadro de cinco mil associados (GIORDANO, 2004, p. 56).

Para demonstrar que a população era grande apreciadora do teatro, o Sr. Hercule narrou um episódio divertido:

Uma pessoa se apresentou dizendo que ia passar o drama A Fuga de Cristo, isso minha mãe contou e foi uma coisa que nunca foi investigada. Então ele alugou a banda para fazer a propaganda da peça de teatro, então lotou, lotou, não tinha lugar, parece que tinha umas 300 pessoas, não cabia ninguém mais. Então abriu o palco, apareceu ele com a cruz e um homem dando chicotada nele. Depois deu a volta e nunca mais apareceu, desapareceu. A Fuga de Cristo fugiu mesmo, fugiu com o dinheiro da turma (Sr. Hercule Giordano, 73 anos, 1995).

As pessoas nasciam, educavam-se no bairro e geralmente escolhiam seus futuros cônjuges entre os colegas do próprio bairro. Nas noites de sábado e domingo, além das sessões de cinema, aconteciam, na década de 1930, os célebres *footings*, quando as moças e os rapazes transitavam em filas duplas separadas: as moças na parte interna e os rapazes na externa, desde o prédio do clube até a praça onde foi erigido o busto em homenagem ao Comendador Müller. Era o que os depoentes chamavam de “tirar linha”, ou seja, olhar para os pretendentes ou as pretendentes, contatos que podiam evoluir para uma conversa e namoro (Sra. Lourdes Colla, 72 anos, 1992).

Todos os anos eram realizados em Carioba a festa da Maricota, organizada por uma senhora com esse nome e pelo seu marido, que se chamava Francisco. Era uma festa popular em frente a sua residência para festejar São João Batista, padroeiro do bairro. Centenas de bandeirolas de papel de seda, confeccionadas pela família, ornamentavam o recinto da festa, onde eram servidos licores de anis, menta, jabuticaba e quentão.

À meia noite organizava-se a procissão em homenagem ao padroeiro, que deveria ser lavado em um riacho. As moças acompanhavam a procissão compenetradas, na esperança de que nas águas do riacho pudessem ver o rosto do futuro namorado (Foto 18).



Foto 18 – Procissão em Carioba. Início da década de 1940. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

Na rua, o gemido de um bom cavaquinho acompanhado de um violão bem afinado e um pandeiro para marcar o ritmo da música e uma cuíca para completar o quarteto musical. Os trovadores entoavam trovas alegres como:

Minha cunhada Catarina

É muié de meu irmão

Faz comida sem gordura

E lava roupa sem sabão (GIORDANO, 2004, p. 97).

Os carnavais eram muito animados, os operários formavam blocos e se divertiam nas dependências do Clube Esportivo e Recreativo Carioba, organizavam cursos que iam até Americana e os blocos de lá vinham acompanhando os foliões de Carioba (Foto 19)

Os depoentes enfatizaram o carnaval como um folguedo da mocidade, lembrado com nostalgia pela participação conjunta de amigos e companheiros de trabalho. Salientaram a poesia das músicas e bailes carnavalescos do passado, comparando-as com os festejos modernos, com os quais não se identificam por não existir aquele ambiente familiar de outrora. Estas considerações permitem observar a semelhança entre as lembranças do carnaval operário, relatadas por imigrantes dos bairros paulistanos do Brás, Mooca, Lapa e Água Branca, fragmentadas e nostálgicas, e as emitidas pelos cariobenses com mesma ênfase (SIMSON, 1998, p. 1.305).



Foto 19 – Bloco carnavalesco formado por operários da Fábrica de Tecidos Carioba - década de 1930. As roupas descontraídas dos integrantes do bloco contrastavam com a formalidade dos ternos dos figurantes canto direito da foto. Deixar-se fotografar, segurando imitações de halteres, evidenciava o valor atribuído à prática de exercícios físicos. Fonte: acervo da Secretaria de Cultura de Americana.

O Parque Dona Albertina, onde se localizava o estádio do Clube de Futebol Carioba era um local bastante aprazível e atraía inúmeros visitantes procedentes de Campinas, Limeira e Rio Claro.

O Sr. Hercule Giordano relatou em seu artigo “O Parque Dona Albertina”, que trens especiais traziam visitantes dessas cidades e faziam uma parada próximo à ponte do Rio Piracicaba, ficavam estacionados na estação ferroviária de Americana e à tarde vinham apanhar os excursionistas (GIORDANO, 1983).

O autor Álvaro Tenca, em seu trabalho sobre os operários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, refere-se aos “piqueniques muito apreciados pelo pessoal da Companhia em um local próximo à cidade de Americana”. Assinala que esses passeios eram uma das únicas formas de lazer de que dispunham os ferroviários absorvidos por longas jornadas de trabalho (TENCA, 2002, p. 259).

A visão do paraíso para os trabalhadores da Carioba era associada à estabilidade do trabalho, oferecida pela indústria, a moradia que, pelas várias etapas de construção da vila operária, vai se tornando cada vez mais confortável todo o bairro e paisagisticamente mais atraente.

As características da urbanização que o bairro foi assumindo através das décadas: água encanada, serviços de esgoto, asfalto, casas de comércio, assistência médica, escola, cinemas, clubes, parques e árvores justificavam essa visão. O morar na vila operária ainda representava poder cultivar hortas, criar pequenos animais e ter árvores frutíferas no quintal, o que relembra as características do mundo rural, do qual quase todos eram egressos.

Era uma oportunidade de reviver padrões da atividade rural e, com esse trabalho de economia doméstica, melhorar as condições de sobrevivência do grupo familiar. Por outro lado, a convivência de várias gerações de uma mesma família assegurava estabilidade e a possibilidade de transmissão de valores grupais da terra de origem, transplantando para a nova pátria uma visão de mundo herdada de seus antepassados, que aqui era reelaborada no cotidiano da vila operária.

As crianças, em geral ficavam com as avós, as “nonas italianas”, para que as mães trabalhassem na indústria, colaborando com seus salários para melhorar o orçamento familiar. A fábrica destinava também uma sala para as mães fazerem o aleitamento dos filhos pequenos que eram levados até lá pelas pessoas encarregadas em cuidar deles, enquanto as mães trabalhavam.

Isto era propiciado pela proximidade entre as moradias e os prédios da fábrica. Essas condições fizeram com que, por quatro décadas, três gerações de uma mesma família convivessem em um espaço, participando de sua construção desde os primeiros momentos.

A longa permanência no bairro ensejou relacionamentos de amizade, compadrio e uniu famílias em novas redes de parentesco, pois quase sempre devido à vivência cotidiana em comum, os filhos recrutavam seus futuros cônjuges entre jovens conhecidos desde a infância.

A solicitação constante à participação dos moradores nas atividades do bairro, nas instituições criadas pelos trabalhadores, equipes esportivas em diferentes modalidades, banda musical, grupos de teatro, sociedade de mútuo socorro, igreja, criava novos espaços de sociabilidade. Processos de educação informal se consolidavam em nível individual, dotando as pessoas de um nível cultural mais aperfeiçoado, de capacidade organizacional e empreendedora, mediante a ação disciplinadora que essas atividades ensejavam.

Aliando essas conquistas a uma firme disponibilidade de aprendizado, alguns se destacaram no campo educacional, como o Sr. Antonio Bertalia, que estudou por correspondência, depois fez curso de Madureza e prestou concurso para professor de tecelagem, junto à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que regulamentava o ensino profissionalizante, tendo sido aprovado com distinção. Iniciou uma escola de tecelagem com vistas a formar técnicos que se tornaram bons contra-mestres, mestres, gerentes industriais e mesmo industriais.

O Sr. Antonio Bertalia permaneceu na indústria da Carioba até 1960, portanto, trabalhou quase duas décadas na administração da Família Abdalla. Formou a primeira escola de tecelagem em 1953, pois observara que os cargos técnicos na nova administração estavam sendo ocupados somente por estrangeiros, que eram muito bem pagos e, muitas vezes, menosprezavam o conhecimento dos nacionais. Ante estas observações, resolveu formar uma escola de tecelagem em Americana, onde lecionou por mais de 20 anos, muitas vezes gratuitamente. O seguinte trecho de seu relato ilustra bem a importância de sua iniciativa.

A escola teve início em 1953, no Sindicato dos Mestres e Contra Mestres, que dava o professor e a sala de aula era cedida pelo Sindicato dos Têxteis, onde tinha corte de costura (para as operárias) e coisas mais. Os três primeiros colocados iriam ser os futuros professores das escolas, então esse professor veio um ano só, nós no formamos, assumimos a responsabilidade e tocamos. Então quando eu assumi a escola se chamava Escola do Sindicato dos Mestres e Contra Mestres na (Indústria de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo. Depois quando eu fundei a outra, porque houve desentendimento, foi a Escola Têxtil Americanense e eu passei a lecionar no SESI.

Essa escola era mais idealismo porque eu pensava que um dia a prefeitura ou o SESI ou o SENAI iriam encampar essa escola, então eu ficava empregado de uma dessas organizações. Mas, pelo contrário, era luta e mais luta que pelos recortes dos jornais pode se ver.

Antes tinha bastante técnico estrangeiro (referindo-se ao período de final da década 1940 e início dos anos 50) o pessoal ia em São Paulo buscar técnico para consertar tear uma coisa e outra, depois da escola acabou com isso. Eu vi certa ocasião um técnico desrespeitar o mestre da estamparia e me deu um sentimento muito grande. Eu montando a escola, eu tinha a certeza que essa gente não precisava mais (referindo-se aos técnicos). Tanto é que o pessoal formado pela escola, deu bons mestres e contra mestres, bons gerentes industriais, deu industrial, se formaram pela escola e conseguiram subir na vida.

A minha escola tinha uma coisa muito importante que hoje não tem. Eu lutei para que na FATEC (2), fizesse isso, mas não tem jeito. Então para você ser alguma coisa na vida hoje, você tem que ter até a oitava série, porém o filho do trabalhador, fica difícil ele ter a oitava série, tem só o quarto ano primário. Então essas escolas só pegam o pessoal que tem a oitava série e eu não. Pra ser meu aluno bastava ter o quarto ano primário e saber ler e escrever até posso contar que um deles implorou para estudar e não sabia a tabuada, não sabia as quatro operações. Eu comprei uma tabuada e dei pra ele estudar, ensinei a matemática pra ele e deu um técnico espetacular.

Então meu ponto de vista sempre foi este, que a pessoa de baixo, existe tanta gente inteligente, mas não tem oportunidade na vida, porque eu vivi junto com esse pessoal. Eu sou um deles. Então eu não exigia muito deles, porque no meio o espinho é que sai a flor. Então no meio de tanta gente, operário comum, tem gente inteligentíssima, mas não davam oportunidade (Sr. Antonio Bertalia, 72 anos, 1996).

O Sr. Hercule Giordano, mesmo tendo frustrada sua aspiração de se tornar professor de História e Geografia, ao terminar o quarto ano, com treze anos de idade, em 1935, começou a trabalhar na sessão de tecelagem na Carioba, trabalhando na espuladeira, máquina mais apropriada à aprendizagem de iniciantes. Como a família necessitava de seu trabalho e a fábrica requeria a integração das novas gerações para reprodução da força de trabalho, dedicou-se na maturidade a escrever a história do bairro onde vivera sua infância e juventude.

O Sr. Itabajara Fonseca, que foi entre os depoentes a pessoa que mais tempo viveu na Vila Carioba, convivendo com as administrações da família Müller e dos Abdallas, tendo assumido desde as funções de torneiro a gerente geral, dedicou-se, a partir da década de 1950, à construção de um lar-escola: instituição dedicada a abrigar meninos órfãos ou procedentes de famílias desestruturadas, tarefa em que se empenha até os dias atuais. Considera que a educação das novas gerações é atividade que necessita do concurso de todos. Auferiu na sua vivência em Carioba um aprendizado, através do qual dirigiu seus esforços para a atuação no campo educacional e social.

Outros antigos moradores de Carioba, como os Srs. Walter Garbo, João Müller e José Rampazzo, juntamente com o Sr. Everardo Müller Carioba, neto do Comendador Müller

organizaram uma empresa têxtil que, da década de 1950 até o final do século XX, se notabilizou pelo repasse de trabalho a fação para dezenas de pequenos industriais, ao lado de sua própria produção de tecidos de algodão e rayon.

A análise de todas essas associações organizadas pelos operários remete a uma visão da vila operária como uma cidadela que pode ser comparada à Vila Maria Zélia, uma vila operária de grande expressão como exemplo do modelo paternalista industrial. Assim, Palmira Petratti Teixeira, autora de um trabalho sobre a Vila Maria Zélia se expressa:

A vila cidadela cercada por muros, deve oferecer comodidade e sofisticação (a seus moradores) atendendo a suas necessidades, proporcionando assistência médica e pedagógica, prática de esportes, diversões, etc. de tal forma que limite a vida do trabalhador a esse espaço, resguardando-o das contaminações “ideológicas e morais”. Criam-se laços familiares entre patrões e empregados, numa mescla de sentimentos que incluem gratidão e cumplicidade ... (TEIXEIRA, 1990, p. 74).

5.5 Manifestações poéticas de antigos cariobenses: marcas no imaginário

Por ocasião da destruição da vila operária, vários antigos moradores se manifestaram através de poesias fazendo aflorar um imaginário que somente pode ser compreendido quando se coloca o poeta em seu meio. É possível chegar ao que está oculto, revelando o imaginário, como “um conjunto de imagens simbólicas, isto é, de representações que têm o poder de sugerir aos indivíduos de um grupo, de maneira viva e marcante, objetos ou idéias” (QUEIROZ, 1993, p. 77).

Dessa forma, pode-se entender as manifestações poéticas dos antigos moradores de Carioba conforme as colocações de Mancuso (1998, p. 235): “os velhos destacam do passado os aspectos mais positivos, os momentos que trouxeram felicidade, alegria, ou quando não, que trouxeram aprendizados, que significaram conquistas ...

Continuando a expressar seus pensamentos, a mesma autora coloca:

Para Halbwachs, o encontro da felicidade no passado não se deve ao conservadorismo mas ao reconhecimento da dimensão acolhedora das relações sociais que fica ofuscada pelo caráter coercitivo dessas mesmas relações quando elas são vividas. Pela memória, essas mesmas relações sociais, despidas do caráter coercitivo, podem ser revividas no que tiveram de acolhimento, de amizade, de afetuoso cuidado. Não tivessem vivido essas relações, não teriam um passado acolhedor no presente, por ação da memória, ao qual retornar (MANCUSO, 1998, p. 236).

Um passado em que as relações de vizinhanças, amizade, solidariedade se faziam sentir ao lado da energia da juventude a conduzir o seu desempenho no trabalho, no estudo ou nas atividades esportivas e de lazer.

O impacto da destruição do bairro reuniu a todos, antigos proprietários e descendentes e também antigos moradores, num sentimento de que algo deve ser feito para a preservação das memórias desta experiência singular representada pela Vila carioba.

Os depoentes foram capazes de reconstruir pela memória os espaços destruídos, conforme frisou Marinete Covezzi, em seu estudo sobre o Bairro Porto em Cuiabá, acrescentando:

Quando se trabalha com a imaginação, existe uma tendência à valorização dos aspectos positivos em detrimento dos aspectos negativos, porque no espaço da imaginação as condições reais, já não são os únicos determinantes, cedem espaço para o desejo, o devaneio e o sonho (COVEZZI, 2000, p. 198/199).

Na acepção de Bachelard, este espaço das recordações “é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1993, p.19).

Carioba Hoje⁹

Quanta beleza, outrora aqui surgia
quantos sonhos ... agora que saudade,
daqueles tempos, Carioba que luzias
como o recanto da hospitalidade.

Hoje não tens, nem sequer paisagens
não tem flores, vida ... quem diria
que meus olhos vissem essa atrocidade
e meu coração sofresse essa agonia.

Ver nesses escombros, enterrado
o sorriso, a bondade, a alegria
a felicidade daquele povo amado
a quem dedico, o que chamo de poesia.

Ver meus amigos, que um dia
juntos percorremos essas ruas
fazendo serenatas ... que euforia
cantando amores, ao clarão da lua.

Eu me lembro das casas geminadas,
aconchegante na sua simplicidade ... que mais,

⁹ Poesia “Carioba Hoje”, de autoria do prof. Luiz Forini (GIORDANO, 2004, p. 95 - 96).

a pureza e a beleza ... é duro recordar
aquilo que não volta mais.

Do clube a saudade contagiante
e da escola ... lídimo padrão
o busto ... ermo edificante
era o tríduo daquela união.

Da Mútuo, orgulho cariobense
pioneira, sempre a ajudar
estilo austero, mas imponente
era a marca dos homens do lugar.

Eu me lembro da capela
lá atrás da fábrica de fitas
como era aconchegante e singela
como era simples e bonita.

Hoje a igreja de São João
resiste à fúria, ainda de pé
é o local de encontro dos irmãos
que buscam reforço à sua fé.

Hoje eu choro ... que desolação
não há vida ... a rua abandonada.
Hoje eu choro, vendo a devastação
vendo escombros ... ou não vendo nada.

Mas rezo. Só me resta a esperança
que Deus, na sua infinita bondade
faça desta desgraça ... a bonança
faça deste deserto ... uma cidade.

Faça pulsar de novo o coração
tão abalado por esta barbaridade
que Carioba seja ... a nova Canaã
a esperança ... a nova eternidade.

Porque Deus ... só Deus Onipotente
fará para esta geração o milagre
de transformar a frustração do cariobense
numa nova e alegre realidade.

Que Carioba volte a ser vivente
que Carioba seja uma cidade
dentro de Americana, a chama ardente
do progresso, da paz e da prosperidade.

Carioba, tempo de recordações¹⁰

Carioba, Carioba!
Eu pensei que estivesse sonhando
mas apenas estava acordando,
pensando nos lindos tecidos por ti fabricados,
urdidos e tramados por seus filhos amados ...

Carioba, Carioba!
De tantos esportes e bailes bonitos
do trabalho de um povo obreiro
tecedor do progresso bendito
deste pequeno torrão brasileiro ...

Carioba, Carioba!
Mãe amada, que acolheu o imigrante
de todas as pátrias, de todos os chãos
e foste mutilada sem compaixão,
tenha a eterna certeza reinante
estarás sempre viva em meu coração!

Carioba, Carioba!
Derrubaram tuas casas,
jogaram-te, sem chances, ao chão
enquanto teus filhos, sentidos,
aguçavam na lembrança, na memória
o pedido ao padroeiro, o querido São João ...

Carioba, Carioba!
Deste início ao trabalho a fação
gerando empregos e muita produção
fabricando tecidos de algodão, seda e lã,
fazendo de Americana a Princesa Tecelã
que com suas indústrias e a sua usina
fizeram o maior centro têxtil da América Latina.

Carioba, Carioba!
Dispersaram os filhos teus,
mas, por nós nunca serás esquecida.
Um de teus casarões, a que tu deste vida,
será algum dia transformado em museu,
recordando o berço em que teu existir nasceu.

Carioba, Carioba!
Escreveste teu nome em um livro
de brancura comparável a neve
mas nem todos conseguiram
saber como nele se escreve ...

¹⁰ Poesia “Carioba, tempo de recordações”, de autoria de Antônio Bertalia (BERTALIA, 1999, p. 17-18).

Carioba, Carioba!
Que foste construída pelos ancestrais,
sei que como eras não serás jamais,
porém, não foste apenas poeira levada pelo vento:
sempre existirás em nosso pensamento ...

As duas poesias apresentadas a seguir, “Minha terra Carioba” e “Carioba”, são de autoria de Lila Leone Michellim e foram apresentadas pela autora durante os cursos sobre História de Americana, realizados em outubro de 1992.

Minha terra Carioba

Minha terra é pequenina
No passado foi tão bela
Ela é mesmo um paraíso
Que existe aqui na terra.

Seu jardim era pequeno
Suas flores eram belas
Seu padroeiro é São João
E a sua linda capela.

Hoje triste abandonada
Sua paisagem empoeirada
Sua linda imagem foi tombada
O paraíso emudeceu.

Só restaram as tuas árvores
E os teus lindos passarinhos
E hoje eles cantam tristes
Enquanto ela chora baixinho.

Tu sofres triste em silêncio
E eu falarei por ti
Que és a terra abençoada
És o berço onde eu nasci.
Eu gritarei bem alto
Para o mundo inteiro escutar
Que tu és um paraíso
Que devemos preservar.
Carioba

Eu nasci no paraíso
Onde não existe mais
Hoje tudo destruído
Só a saudade me traz.

Um jardim pequenininho
Todo cheinho de flor
Passeavam os namorados
Todos falando de amor.

Os passarinhos cantavam
Todos em harmonia
Até eles eram felizes
No paraíso em que viviam.

Quando chegava a tardinha
Na hora da Ave Maria
Todos faziam uma prece
À Virgem agradeciam
Tudo de bom que aquela
Terra nos oferecia.

Quando o cariobense morria
Levava ainda de recordação
Ganhava como presente
A madeira de seu caixão
Que lhe era oferecido
Pelo seu nobre patrão.

Passados muitos anos
Tudo que era bom acabou
Deixando somente a lembrança
De tudo que ali restou.

Cada filho que partia
Mesmo sem querer destruía
Um pedacinho de chão
Deixando somente a poeira
Embaçando a imensidão.

Só restou a capelinha
Do padroeiro São João
Continua protegendo
A sua terra
Mesmo depois da destruição.

Hoje terra abençoada
Tu fizeste abandonada
No meio da escuridão
Somente a rua asfaltada
Atravessa seu coração.

Ó querida, se eu pudesse
Lhe devolver de novo a vida
Construía-te de novo
Só pra não ter ver esquecida.

Nestas poesias pode-se constatar os anseios comuns a todos os autores para que o patrimônio restante seja preservado, que as memórias possam ajudar a refazer, mesmo fisicamente, algumas construções do bairro, as quais representavam acolhimento, segurança, estabilidade no trabalho, escola e lazer em suas múltiplas modalidades.

A Carioba, para o Sr. Antonio Bertalia, emérito professor de tecelagem se reporta à “fabricação de lindos tecidos urdidos e tramados por seus filhos amados” e a seu papel de iniciadora da atividade que transformara Americana no maior centro têxtil da América Latina. Reivindica que um de seus casarões seja transformado em museu para apresentar às futuras gerações a epopéia dos imigrantes e dos naturais da região na construção da cidade.

O professor Luiz Forini elenca todos os equipamentos sociais da vila contrapondo-os ao caminho abandonado, onde busca, em meio aos escombros, ver a “rua onde os amigos cantavam serenatas ao clarão da lua”. Associa o clube, a escola e o busto do fundador, o Comendador Müller, construído por iniciativa dos operários, como o tripé da união dos cariobenses. Propõe que Carioba seja, novamente, uma cidade dentro de Americana, como chama de progresso, paz, prosperidade, pois, somente desta forma, se poderá suplantiar a frustração da comunidade cariobense.

A senhora Lila Leone Michelin, em palavras singelas, se recorda da Carioba como um paraíso, substituído hoje por uma paisagem empoeirada, sem vida e sem o canto dos passarinhos. Refere-se à permanência dos trabalhadores na vila operária como objetivo central do sistema paternalista industrial internalizado por seus moradores, visando a ligação permanente do trabalhador à indústria, desde seu nascimento até a morte. Particulariza para suas vivências a colocação de Ewald: “A empresa era vista como uma escola, um lugar de promoção, de educação. A pedagogia patronal não era organizada para um futuro incerto, mas visava a ligação permanente do operário a indústria” (EWALD 1986, p. 123). Até na morte, o patrão velava pelo seu trabalhador, pois os caixões mortuários eram fabricados na carpintaria da própria empresa.

A poesia de dona Lila se refere, ainda, à solitária rua asfaltada que atravessa o bairro. Mostra como a especulação imobiliária que, na época, se sobrepôs aos anseios da população,

demolindo a vila operária, se revelou inócua. Decorridas três décadas, a antiga área do bairro não foi ainda urbanizada.

A produção literária dos cariobenses evoca as colocações de Ecléa Bosi sobre as memórias “podem arrasar as casas mudaram o curso das ruas as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas?” (BOSI, 1994, p. 452).

A saga da Carioba permitiu comparar dois tipos de imigração: a dos patrões, representantes da burguesia, que introduzem na região a lógica da industrialização, o ethos do trabalho e a valorização da educação para seus filhos, ainda ligada ao sistema educacional de sua região de origem. Sua posição social e nível de renda lhes proporcionavam retornar constantemente à Alemanha, pois lá educavam seus filhos. De outro lado, tem-se os imigrantes pobres de várias nacionalidades, com predominância de italianos, que assumem a condição de operários, tendo, em muitos casos, passado pela condição de colonos nas fazendas de café. Para estes não há retorno, sabem que é uma imigração sem volta, definitiva, que precisam criar raízes e se tornar brasileiros.

Se, de parte do grupo proprietário, observam-se tênues ligações com a cultura brasileira, para os operários, a integração à cultura e à sociedade brasileira é buscada com empenho e as oportunidades educacionais são valorizadas, conforme exemplificado nos depoimentos que relataram a procura por cursos de alfabetização de adultos, iniciados na Vila Carioba, na primeira década do século XX e também pelos cursos técnicos por correspondência. A instalação da escola primária, ligada ao sistema estadual de ensino público, respondeu aos anseios de formação das novas gerações.

Estes dois grupos: os patrões e os operários promovem na região uma mudança que não se atém apenas ao processo de desenvolvimento econômico, mas passa também por um desenvolvimento da cultura e de respeito ao meio ambiente. Estes aspectos enfatizados pelos proprietários alemães são internalizados pelos operários, que organizam clubes, grupos teatrais, biblioteca, sociedade de auxílio mútuo, equipes esportivas, traduzindo uma nova mentalidade, que se expressa no cotidiano, tanto fabril como na vida em família, marcada por uma participação efetiva das mulheres no trabalho fora do lar.

A aspiração pela posse de uma área de terra, que acalentou os sonhos dos que fizeram a travessia oceânica, após anos de permanência na vila vai se tornando cada vez mais distante. Entretanto, a aspiração de ser independente, de conseguir ascender socialmente na nova terra é

re-significada ante a possibilidade de organizarem seus próprios negócios, ou seja, fundar pequenas tecelagens de trabalho a feição, processo que se inicia no final da década de 1920. As novas aptidões baseadas no saber têxtil os gabaritava, então, a se lançar a novos empreendimentos, caracterizando para alguns, novas formas de inserção na sociedade brasileira.

A atuação destes, após a saída da Vila Carioba, evoca a poesia de Milton: “Paraíso Perdido”, especialmente a fala do arcanjo Gabriel a Adão, que foi trazida por Weber (1999, p. 59):

*Apenas acrescenta fatos a teu conhecimento,
acrescenta fé, virtude, paciência e coragem,
acrescenta o amor, que mais tarde será, caridade,
e alma de todo o resto:
Assim não estarás perdido ao deixar esse paraíso,
pois possuirás um paraíso dentro de ti,
uma felicidade muito maior.*

6. ANOTAÇÕES FINAIS

A abordagem do tema de pesquisa, através do emprego da metodologia da história oral aliada a suportes escritos e imagéticos, permitiu reconstruir versões histórico-sociológicas elaboradas pelos grupos que compartilharam a experiência da vila operária Carioba, por três gerações: tanto da família proprietária de origem alemã e seus descendentes; como dos operários de diferentes origens. Possibilitou situar imigrantes, em sua maior parte italianos, em processo de aprendizado de uma nova profissão: a de operários em indústria de tecidos, ocupando-se em atividades que se diferenciavam bastante das fainas agrícolas que marcaram a vida de seus pais e avós.

O cotidiano comandado por sinos e apitos, pelo relógio da fábrica, pela execução de atos mecânicos, condicionados ao funcionamento das máquinas de fiar e tecer, requeria um novo aprendizado, uma nova prontidão e disciplina e também o domínio da escrita e das operações fundamentais da matemática.

A escola particular étnica, destinada ao grupo italiano, surgiu em 1905, como iniciativa pioneira para atender esses objetivos. Logo foi substituída pela escola oficial ligada à rede estadual de ensino. As salas construídas pela empresa garantiram o funcionamento da escola num período em que a instalação de escolas públicas se efetivava em moroso processo de ampliação da rede estadual no interior. Propiciar o transporte dos professores, da estação ferroviária até a Vila Carioba, foi um serviço assumido pela empresa para garantir a continuidade e a assiduidade das funções docentes, o que reiterava o empenho da mesma na educação formal dos novos contingentes de trabalhadores.

Comparações entre a ênfase ao desempenho da escola, obtidas através de relatos de antigos operários, podem ser feitas com as condições escolares em outras vilas operárias, como a Vila Maria Zélia, em São Paulo (BLAY, 1985; TEIXEIRA, 1990); a Vila da Companhia Melhoramentos, em Caieiras (DEMARTINI, 1998), e a Votorantin, em Sorocaba (DECCA, 1991), nas quais também se ressaltava o empenho da indústria em assegurar a escolaridade aos

filhos dos operários. Incentivos à frequência escolar para os filhos dos trabalhadores são assinalados também na Vila de Paranapiacaba (SP), da São Paulo Railway, na qual os alunos precisavam deslocar-se diariamente de trem para frequentar a escola na vila principal, fundada pelos proprietários ingleses (MONTEIRO, 1995).

A vila operária Carioba, situada na proximidade de um centro urbano ainda embrionário, representado pela Vila Americana, e relativamente distante de centros maiores, como Campinas e Limeira, se caracterizou por um certo isolamento. Este aspecto determinou a necessidade de absorção de profissionais não ligados diretamente à produção industrial, tais como: barbeiros, lojistas, proprietários de armazém, hotel e cinema, sapateiros, motoristas, alfaiates, médico e dentista. A presença destes profissionais permitia amenizar o sentido de dominação que caracterizava o esquema de vilas operárias, geralmente localizadas junto a grandes centros urbanos mais desenvolvidos e separadas por muros. Também a franquia à frequência aos parques por excursionistas de outras cidades, como no caso dos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, vindos de Rio Claro, movimentava os domingos do bairro, que eram animados por serestas e bailes nos coretos dos clubes e rompia o isolamento de seus habitantes nas atividades sociais em conjunto com esses grupos.

A evolução da escola isolada de Carioba para grupo escolar, em 1932, explicitou também as ingerências da direção da firma junto às autoridades políticas para conseguir a transformação das Escolas Reunidas de Carioba em Grupo Escolar. Esta conquista ocorreu em período no qual um dos proprietários da firma ocupava destacado papel na política local, exercendo a presidência da Câmara Municipal de Vila Americana por várias legislaturas.

A vila operária, garantindo trabalho e moradia, assumia, na visão do operário, uma conotação de benemerência do patrão em relação a sua pessoa. Benemerência que deveria ser retribuída por lealdade, disposição para o trabalho e total acatamento aos regulamentos da empresa, os quais, na visão patronal, visavam resguardar seus trabalhadores das más influências e orientar sua formação moral. A educação básica não visava a mudança de um destino já definido pela posição social do trabalhador e pelo sexo, mas a reprodução de mão-de-obra apta ao desempenho das atividades industriais.

A pesquisa propiciou ressaltar aspectos da educação não-escolar, através do empenho no aprimoramento profissional auferido em cursos técnicos por correspondência, realizados por filhos de operários que haviam cursado a escola formal e estavam engajados no processo de

trabalho na indústria. Essas iniciativas dos jovens operários evidenciavam aspirações de mobilidade ascendente na hierarquia da indústria. Por outro lado, a vivência do trabalho em tecelagem manifestou lances de criatividade por parte de alguns trabalhadores: construção de teares de madeira por um operário para sua mulher trabalhar em casa, confeccionando tecidos, e outro operário que converteu teares próprios para a fabricação de tecidos de algodão em máquinas adequadas à produção de tecidos de seda. Inaugurava-se, assim, uma nova forma de relação de produção, na qual alguns trabalhadores recuperaram a propriedade de seus instrumentos de trabalho e iniciaram a produção de tecidos de uma forma terceirizada, caracterizando uma modalidade de trabalho denominada indústria façonista. Estas constatações sugerem novos temas para futuras pesquisas tais como:

- um estudo da evolução de algumas indústrias façonistas e sua transformação em indústrias autônomas.
- as formas como se organizou o ensino têxtil profissionalizante na cidade.
- o trabalho das mulheres na indústria têxtil e na indústria façonista.

Vila Carioba foi enfatizada nos relatos de antigos operários e de moradores de Americana como um projeto arrojado para as condições do país à época. Traduzia a experiência européia de seu fundador de origem alemã, continuada na gestão de seus filhos.

A ruptura do modelo paternalista, baseado na figura do patrão provedor e disciplinador, é atribuída à situação criada pela Segunda Guerra Mundial, que colocou Brasil e Alemanha em situação antagônica, originando desse contexto, dificuldades aos empreendimentos dos alemães e descendentes. A situação foi agravada pela exposição a processos competitivos face a unidades produtivas possuidoras de máquinas mais modernas, isentas de despesas com a manutenção de uma vila operária. Por outro lado, a legislação trabalhista instaurada a partir da década de 1930, assegurando os direitos do trabalhador, representava, na prática, a destruição das relações baseadas na benemerência e sua anulação como uma relação de poder apoiada na expectativa de reciprocidade e de lealdade por parte dos trabalhadores.

Através da pesquisa, abordando os temas da educação para a elite e para os operários, se constatou que a família alemã, centrada em manter a identidade germânica, se fechou e não conseguiu, na terceira geração, superar a visão técnica do processo industrial. Seus descendentes não desenvolveram o espírito empreendedor do avô, o Comendador Müller, não detectando as mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira e o esgotamento do modelo paternalista.

A venda da propriedade, em 1944, motivou a saída gradativa de inúmeras famílias que, há décadas, residiam na vila operária. Muitos dos antigos operários fundaram pequenas indústrias de tecelagem, engrossando um sistema iniciado já na década de 1930 por pessoas detentoras de um saber têxtil auferido na indústria de Carioba. Este sistema deu características singulares à cidade de Americana, impulsionando seu desenvolvimento e afirmação como centro têxtil.

A vila operária evocada nos relatos não é representada pelas relações de trabalho, pela rotinização das atividades da produção de fios e tecidos, mas pelo contexto de atividades extratrabalho, da participação nas equipes esportivas, nos piqueniques, nos bailes do clube, nas leituras na biblioteca, na escola, nas procissões e festas do padroeiro. Nessas configurações consolidavam-se as relações sociais e os moradores sentiam-se integrantes de uma grande família - a família cariobense.

Essa visão ideologizada, expressa nos textos memorialísticos e nas poesias escritas por antigos operários, tinha na união do grupo o apelo mais destacado e, ainda hoje, fundamenta o reencontro dos mesmos nas festas da igreja, única construção incólume ante o processo de demolição da vila operária ocorrido nas décadas de 1970 e 1980.

Os vínculos estabelecidos entre os antigos moradores podem ser interpretados através dos pensamentos de Halbwachs:

Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância de seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruínas, os jardins cimentados. Mas a tristeza do indivíduo não muda o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada (HALBWACHS, 1990).

Os textos memorialísticos, tanto os escritos pelos operários como por integrantes da família proprietária, permitiram adentrar o cotidiano da vida desses grupos e conhecer mais profundamente realidades vividas. Possibilitaram compreender como as disposições para a manutenção da identidade germânica perpassavam cada ato das pessoas, restritas a uma convivência estreita em seu grupo étnico, aspecto que começou a ser modificado apenas na terceira geração, quando os jovens e crianças passaram a conviver com os operários e os filhos dos mesmos na Vila Carioba e a participar das equipes esportivas.

Alguns integrantes da terceira geração ainda viveram temporariamente na Alemanha, onde estudaram. De regresso ao Brasil, graças à capacitação profissional, o domínio da cultura e da língua alemã, tiveram oportunidade de ocupar cargos executivos em empresas multinacionais.

Estes fatos demonstram a importância da manutenção dos laços com a pátria de seus antepassados e a preservação de traços da cultura germânica.

O trabalho de pesquisa não se ateve apenas à história da Vila Carioba, mas reconta a saga dos Müllers, uma família burguesa de origem germânica em sua imigração e desenvolvimento no nosso país. Todos os filhos do Comendador Muller permaneceram no Brasil, e um de seus filhos, Erich Muller Carioba exerceu, durante muitos anos, a docência na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e mereceria um estudo à parte por sua atuação na prática médica.

Os descendentes da segunda geração se dedicaram aos mais variados campos profissionais, tais como medicina, engenharia, agronomia, indústria têxtil. Essa geração preservou a língua alemã. Cumpre destacar o trabalho do Sr. Horst Müller Carioba, representante dessa segunda geração, que se empenhou, na última década do século XX, a promover a união familiar dos descendentes, que ficaram dispersos após a venda da Fábrica de Tecidos Carioba, em 1944. Deve-se a ele, a organização e providência para as traduções dos textos memorialísticos escritos em alemão por sua tia Margarete von der Leyen e a filha desta, Brigitte von der Leyen Pietzschke.

Os registros memorialísticos sobre a Carioba permitem concordar com as colocações de Marina Maluf, segundo a qual:

[...] podem ser lidos e analisados como facho de luz sobre realidades que se pretende conhecer mais profundamente, como pista e como forma de despistar. Cabe ao historiador ir além do que foi lembrado, ir além do que foi escolhido. As narrativas de vida, produtos da memória, são biografias que necessariamente aceitaram correções. É como reimaginar o já imaginado (MALUF, 1995, p. 45).

As máquinas pararam. As pessoas, as gerações e os grupos modificaram-se. Ao pesquisador sobram documentos escritos, fotos, muitas falas... através desses, o desvendamento de outras vivências e marcas da Carioba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANACH HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE CAMPINAS. Campinas, Casa Mascote, 1914.
- ALVIM, Zuleika M.F. *O Brasil italiano 1880 – 1920*. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ANTONIASSI Maria Helena R. (org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 63 – 76.
- ARRUDA, Maria Arminda do N. *Prismas da memória: Emigração e desenraizamento*. São Paulo: CERU/USP, Série 2, nº 11, 2000. p. 29 – 40.
- BACHELARD, Gaston: *A poética do espaço*, Trad. de Antonio de Pádua, S.P., Ed. Martins Fontes, 1993.
- BANDEIRA JUNIOR: Antonio F: *A Indústria no Estado de São Paulo*, 1901, São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1901.
- BERTALIA, Antônio. *Recordações de Carioba: álbum de memórias*. Americana, SP: Caminho Editorial, 1999.
- BEZERRA, Maria Cristina dos S. *De colonos a proprietários: a saga da formação do Bairro dos Pires*. Limeira: Sociedade Pró Memória, 2002.
- BINZER, Ina von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Pereira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BLAY, Eva A. *Eu não tenho onde morar. Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BORMANN, Hedwig. *A vida de Erich*. Tradução de Horst Müller Carioba. São Paulo: edição própria, 1994.
- BOSI, Eclea: *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BRIOSCHI, Lucila R. *Famílias e genealogias: desvendando relações do passado*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: CERU, 2001. (Textos, Série 2, nº 8). p. 155 – 168.
- BRITO, Jolumá. *História de Campinas*. Campinas, 1962.
- BUSCH, Reynaldo K. *História de Limeira*. Limeira: Prefeitura Municipal, 1967.

- CABRAL, Ana I. A.: *Entre o discurso e a prática: a Educação e a Infância em Escolas de Fábrica com Vila Operária*, artigo baseado na dissertação de mestrado em sociologia UFRJ, UFCS, Rio de Janeiro, 1994.
- CAMILO, Ema E.R. *Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas, 1850 – 1887*. Campinas: Centro de Memória Unicamp, Mercado de Letras, 1998.
- CAMPOS, Maria Christina S.S. *A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Textos CERU, Série 2, nº 3). p. 97 – 116.
- CAMPOS, Maria Christina S.S. *Mulheres alçando vôo: família e mercado de trabalho (1910 – 1950)*. In: LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI (org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 15 – 36.
- CANABRAVA, Alice P. *O algodão em, São Paulo, 1861 – 1875*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.
- CANTUÁRIA, Adriana L.: *Das escolas de imigrantes aos colégios internacionais*, in *Proposições*, FAC. de Educação, UNICAMP, Campinas, set. 2004, p. 39 - 60.
- CAPRI, Roberto: *O Estado de São Paulo e seus municípios*, São Paulo, 2º v. Typ. Pocai e Weiss, 1943.
- COLLI, Juliana: *A Trama da Terceirização*, Campinas, Ed. da Unicamp, 2000.
- COVEZZI, Marinete. *Um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do porto de Cuiabá (1940 – 1970)*. 2000. 255 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- CRAWFORD, Margareth. *Building the workings' men paradise*. Nova Iorque: Ed. Verso, 1995.
- CUSANO, Alfredo. *Il Brasile, gl'italiani e la Guerra*. Roma – Buenos Aires – São Paulo: Editrice L'italino Sudamericana, 1921.
- DECCA, Maria Auxiliadora G. *Indústria, trabalho e cotidiano no Brasil: 1889 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991.
- DEMARTINI, Zeila B.F. *Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Textos CERU, Série 2, nº 3). p. 42 – 60.
- DEMARTINI, Zeila B.F. *Memórias na Educação*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MEMÓRIA REDE E MUDANÇA SOCIAL. 2003. São Paulo: Museu da Pessoa – SESC.
- DEMARTINI, Zeila B.F. *Relatos orais e educação: o curso normal na década de 10 no interior de São Paulo*. IN: SIMSON, Olga R.M. von. (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas, SP: Área de Publicações, CMU/Unicamp, 1997. p. 291 – 308.
- DEMARTINI, Zeila B.F. *Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses em São Paulo na primeira metade deste século*. In: LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI (org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 77 – 96.
- DEMARTINI, Zeila B.F. *A procura da escrita e da leitura na 1ª República: recolocando questões*. São Paulo: CERU, 1998. (Cadernos, Série 2, nº 9). p. 59 – 82.

- DEMARTINI, Zeila B.F. *Infância e imigração: questões para a pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2005. (No prelo).
- DEMARTINI, Zeila B.F; LANG, Alice B.S.G. *Educação e trabalho: um estudo sobre produtores e trabalhadores na agricultura paulista*. São Paulo, FFLCH – USP/CERU, 1983. (Coleção Textos, 6).
- EWALD, François. *L'état providence*. Paris: Bernard Grasset, 1986.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.
- GIORDANO, Hercule. *O Parque Dona Albertina*. O Liberal, Americana, 1983.
- GIORDANO, Hercule. *Saudade de minha escola*. O Liberal, Americana, 1983.
- GIORDANO, Hercule. *Minhas memórias: histórias de um cariobense, revivências de Villa Americana*. Americana, SP: Gráfica e Editora Adonis, 2004.
- GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GOMES Jr., Francisco de S. *Prophylaxia do Impaludismo em Villa Americana, Nova Odessa, Carioba e Salto Grande*. São Paulo: Melhoramentos, 1919.
- HALBWACHS, Maurice: *Memória Coletiva*, trad. L. L. SCHAFFER, S.Paulo, Ed. Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886 – 1943*. Tradução de Eglê Malheiros, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOMEM, Maria Cecília N. *Higienópolis – História dos Bairros de São Paulo*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, v. 17, 1980.
- JONES, Judith Mc Knight. *Soldado descansa, uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil*. São Paulo: Ed. Jarde, 1967.
- KOSMINSKY, Ethel V. *A literatura como fonte de conhecimento nos estudos de imigração*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: CERU, 2001. (Textos, Série 2, nº 8). p. 139 – 154.
- LANG, Alice B.S.G. (org.). *História oral: procedimentos e possibilidades*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: CERU, 2001. (Textos, Série 2, nº 8). p. 91 – 112.
- LANG, Alice B.S.G. *Documentos e depoimentos na pesquisa histórico-sociológica*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Textos CERU, Série 2, nº 3). p. 78 – 96.
- LANG, Alice B.S.G. *Vivendo a política em família: São Paulo, 1910 – 1950*. In: LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI (org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 37 – 62.
- LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI, Maria Helena R. *A família como mediação entre o indivíduo e a sociedade*. In: LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI Maria Helena R. (org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 11 -14.

- LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI, Maria Helena R. *Reflexões*. In: LANG, Alice B.S.G.; ANTONIASSI Maria Helena R. (org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 109 – 126.
- LEITE, Miriam L.M.; SIMSON, Olga R. M. von. *Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Textos CERU, Série 2, nº 3). p. 117 – 140.
- LEITE, Miriam L.M.. In: QUEIROZ, Maria Isaura P. (org.) 1993. *O imaginário em terra conquistada*. São Paulo: CERU, 1993. (Textos CERU, Série 2, nº 4). p. 22 – 35.
- LEMOS, Carlos A.C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999.
- LEYEN, Margarete Müller von der. *Bruno e Margarete Von der Leyen – Minha infância*. v. II. Tradução de Bárbara Naschold. São Paulo: edição própria, 1995.
- LEYEN, Margarete Müller von der. *Bruno e Margarete Von der Leyen – Antepassados*. v. I. 1995.
- LEYEN, Margarete von der: *Bruno e Margarete von der Leyen, 1910 a 1918-*, Ed. Própria v. 4, 2005.
- LUCENA, Célia T. *Relembrações e representações de populações migrantes: entre a oralidade e a imagem*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: CERU, 2001. (Textos, Série 2, nº 8). p. 113 - 138.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARTINS, José de S. *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.
- MANCUSO, Maria Inês R. *A cidade na memória de seus velhos: estudos sobre São Carlos, Itirapina e arredores*. 1998. 241 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Carlos.
- MATTOS, Odilon N. de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desempenho da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.
- MONTEIRO, Arlete Assumpção: *Santo André dos primórdios à industrialização. Um estudo sobre os imigrantes ao longo da São Paulo Railway*. Tese de Doutorado, Faculdade de História-USP, 1995.
- MORETTI, Daniela: *Arquitetura e Urbanização- Americana na Primeira Metade do Século*, in, RIBEIRO, Maria José F. de A.; GOBBO, Célia; FERREIRA, Melquisedec e OLIVIERE, Fanny, *Preservando nossa História- Americana*, edição própria, 1999, p. 82-89.
- MÜLLER CARIOBA, Horst. *Histórias da família*. São Paulo: edição própria, 1992.
- NOBRE Sonia A. dos Santos. *Associação dos professores teuto-brasileiros no Estado de São Paulo: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938*. 2004. 181 f. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.
- PIETZSCHKE, Brigitte, Maria von der Leyen. *Carioba*. São Paulo: edição própria, 1982.

- PIETZSCHKE, Brigitte, Maria von der Leyen. *Honnef às margens do Reno*. São Paulo: edição própria, 1983.
- PINHANELI, Alexandre. *Italianos em Americana*. Americana: edição própria, 1998.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, nº 10, 1992, p. 200 - 215.
- QUEIROZ, Maria Vitalina de S. *Reminiscências de Campinas*. Campinas: edição própria, 1951.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *Relatos Orais: do "Indizível" ao "Audizível"*. In SIMSON, Olga R. M. von et al. (org.). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália – Brasil)*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1988. p.14 – 43.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. *O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha da técnica: algumas reflexões*. In: LANG, Alice B.S.G. (org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Textos CERU, Série 2, nº 3). p. 13 – 29.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. *Reflexões sociológicas sobre o imaginário*. In: QUEIROZ, Maria Isaura P. (org.) 1993. *O imaginário em terra conquistada*. São Paulo: CERU, 1993. (Textos CERU, Série 2, nº 4). p. 9 – 21.
- RIBEIRO, Maria José F. de A.; GOBBO, Célia ; OLIVIERI, Fanny; FERREIRA, Melquesedec. *Preservando nossa história*. Americana: edição própria, 1999.
- RODRIGUES, João A. *Façonismo: um sistema de trabalho da indústria têxtil – o exemplo de Americana*. *Geografia das indústrias*, Instituto de Geografia/USP. 1978.
- SAIA, Helena: *Arquitetura e Indústria. Fábriocas de Tecido de Algodão em São Paulo*, Dissertação de Mestrado, FAU, USP, 1988.
- SAYAD, Abdelmalek. *O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. *Revista do Migrante*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2000.
- SVCENKO, Nicolau, *Orfeu Estático na Metrópole*, São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20, São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SEYFERTH, Giralda. *Estudo sobre reelaboração e segmentação da identidade étnica*. São Paulo: CERU/USP, nº 13, 2002. p. 9 – 36.
- SIMSON, Olga R. M. von. *Diversidade sócio-cultural, reconstituição da tradição e globalização: os teuto-brasileiros de Friburgo/Campinas*. In: LANG, Alice B.S.G.; *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos, Série 2, nº 7). p. 63 – 75.
- SIMSON, Olga R. M. von. *Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método biográfico*. In: MEIHY, José Carlos S.B. *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- SIMSON, Olga R. de M. Von. Oral History: Challenges for the 21st Century. Xth International Oral History Conference, Rio de Janeiro, Brazil, Proceedings, v. 3, Rio de Janeiro, Brazil, 14/18 June 1998, p. 1.303 – 1.314.

SIMSON, Olga R. de M.von. *Imagem e memória*. In SAMAIN, ETIENNE: *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec/Ed. SENAC, 2005.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *German capital investment in the early industrialization of São Paulo*. in *Ciência e Cultura*. v. 44 (5), São Paulo, 1992. p. 320 – 325.

TENCA, Álvaro. *Nos trilhos da memória: racionalização, trabalho e tempo livre nas narrativas de velhos trabalhadores, ex-alunos do Curso de Ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro*. 2002.277 f. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional* São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de M. Irene de Q.F. Szmrecsányi, Tamás J.M.K. Szmrecsányi. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

JORNAIS E REVISTAS

GAZETA DE CAMPINAS². Campinas, 30 de julho de 1922.

MOMENTO. O maior patrimônio histórico da cidade está ameaçado. *Americana: Revista*, nº 1, 1981.

O AUXILIADOR DA INDÚSTRIA NACIONAL. Periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, 1867. Rio de Janeiro, Typ.Industria Nacional de Cotrim e Campos, Nº 2, fevereiro de 1867, p. 82/88.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Demolidas casas de Vila Carioba. São Paulo, Sucursal de Campinas, 29 de setembro de 1982. p. 21.

O LIBERAL. 1982a. Demolições em Carioba deixam antigos moradores desolados. *Americana*, 7 de outubro de 1982.

O LIBERAL. 1982b. Carioba mais próxima do fim, demolições vão sendo aceleradas. *Americana*, 12 de novembro de 1982. p 5.

O LIBERAL. 1983a. Autógrafo do acordo com Abdalla vai ao prefeito para promulgação. *Americana*, 30 de junho de 1983. p. 1 e 5.

O LIBERAL. 1983b. Prédios de Carioba são cadastrados. *Americana*, 3 de agosto de 1983. p. 1.

O LIMEIRENSE, *A Fazenda Salto Grande*, Limeira, 30 de maio de 1918, p.2

O MUNICÍPIO. *Americana*, 12 de novembro de 1937.

PAVAN, Maurício. *Americana: da primeira tecelagem ao maior centro têxtil do Estado*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 de novembro de 1973.

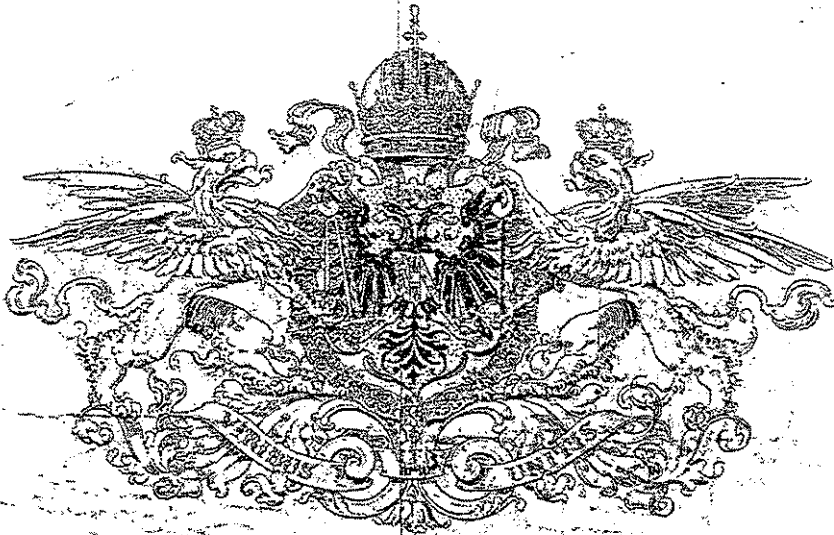
DOCUMENTOS

Processo número 6.361 do Primeiro Ofício do Tribunal de Justiça Civil, ano de 1898. Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, Campinas, São Paulo. Cx. 337.

Processo nº 12.685 do Cartório do Primeiro Ofício. Locação de escravos, ano de 1887, Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, Campinas, São Paulo. Cx. 623.

ANEXO 1

Outorga de título de Comendador a Franz Müller pelo Imperador
da Áustria



NOS

FRANCISCUS JOSEPHUS PRIMUS

DIVINA FAVENTE CLEMENTIA

AUSTRIAE IMPERATOR,

APOSTOLICUS REX HUNGARIAE;

*Rex Bohemiae, Dalmatiae, Croatiae, Slavoniae, Galliciae,
Lodomeriae et Illyriae; Archidux Austriae; Magnus
Dux Cracoviae; Dux Lotharingiae, Salisburgi, Styriae,
Carnithiae, Carnioliae, Bucovinae, superioris et inferioris
Silesiae; Magnus Princeps Transylvaniae; Marchio
Moraviae; Comes Habsburgi et Tirolis etc.*

Universis et singulis hasce literas lecturis salutem!

In Republica Brasiliae et quidem in urbe São Paulo Franciscum Müller
Consulem Nostrum nominavimus et stabilivimus ita, ut munere suo pro
more consueto solerter fungatur, ut mandata quaecvis auctoritate superiori

eidem rite significata fideliter exequatur, nec non omnia quae negotiis expediendis promovendoque commercio inserviunt, scitaque digna sunt, literis referre teneatur. Itaque universis, seu ministris, seu civibus **Nostris** cujuscumque status, gradus vel conditionis, praecipue autem mercatoribus, qui mercaturae causa in praedictam urbem perveniunt, mandamus et praecipimus, ut praenominatum **Franciscum Müller** Consulem **Nostrum** ibi constitutum habeant, honorent atque respiciant, omnes vero publicae Reipublicae Brasiliae auctoritates nec non urbis **São Paulo** magistratus peramice requirimus, ut praedictus **Noster** Consul solitis beneficiis ac immunitatibus perfruat, et gaudeat. In cujus rei testimonium patentes hasce literas **Nostras** propria manu signatas et sigilli **Nostri** appensione munitas dedimus. Dabantur in Imperiali urbe **Nostra** **Vienna** die vigesima septima mensis martii anno Domini millesimo octingentesimo nonagesimo sexto, Regnorum **Nostrorum** vero quadragesimo octavo.

Franciscus Müller

Apostolicae Majestatis proprium

Ad mandatum Sacrae Caesaricae et Regiae
Apostolicae Majestatis proprium:

Gabriel Varillas Herra
Caesareus et Regius Caput sectionis

ANEXO 2

Ata de reabertura da Fábrica de Tecidos Carioba em 1902

15 de Março 1902

Na festa deste dia pela inauguração
da Fábrica da Cerveja brasileira
o riso é flor de todos os lábios,
na doce alegria de uma convivência
de amigos. Meu nome já
darei infelizes as que não re-
ceem porque esses se parecem
com os burros micos que
na criação não parecem esse
pequeno sinal do sentimento.
Saudações ao anfitrião, ao
Sr. F. Müller pelas boas graças
e nos parabéns.

Com gr. 15 Março 1902

A. Soares Neto

Alberto Soares Neto

Sr. F. Soares Neto

Alberto Soares

Alberto Soares

T. Lourenço Flayau...
 Brailio Scurto de Bates
 Paschoal de Angelis
 Manoel José Antas de Azevedo
 José Ferreira Branco
 Antonio G. Cesarino Leite
 Dr. Fernando
 Sebastião Antas de Azevedo
 Gustavo Geyer
 Carlos Reis
 Francisco Thae
 Niels Nielsen
 Eduardo João Mitchell
 Hilmar Delegrá
 Carlotta Rehder
 João F. Rehder
 Luis Delber
 Antonio Delber
 2. Phedoro G. Rehder
 João Rehder
 João Antonio Curato
 Theodoros Pereira Bueno
 Oscar Hufferbach

Walter Edward Clarkson
Representante de ^{de Rio de Jan}
Howard & Bullough Ltd
Henry Lacey Limited

Mar 17 - 1902

Antonio Pinto d'Almeida Campos
Fevereiro e Agosto de 1902.

Vom fernem deutschen Heimatstern,
Kamen wir, Fritz u. Elsa genannt,
In das Land, wo Affen, Schlangen
Dutzendweis an Bäumen hängen.

Aber auf dem Lagerzimmer,
Wo die Kissenfülle ruht,
Da ist ein Kuschel, pfändt hinst
Wo man lebt in Ruhe u. Lust.
Lächelt uns freundlich die Sonne,
Und was all' das Gesehene
Das wir nunmehr alle sagen
Ganz befreit von Müd' u. Sorgen! -

ANEXO 3

GENEALOGIA DA FAMÍLIA MÜLLER CARIOBA

FRANZ FRIEDRICH WILHELM MÜLLER ANNA KAROLINE ALBERTINE GOETZE
--

Elaborado a partir de informações fornecidas pelo Sr. HORST REINHER E. MÜLLER CARIOBA, em 1992.

CONVENÇÕES:

- 1) Índice com um algarismo (AZUL) refere-se à primeira geração brasileira;
- 2) Índice com dois algarismos (MARROM) para a segunda geração;
- 3) Índice com três algarismos (VERDE) para a terceira geração;
- 4) Índice com quatro algarismos (PRETO) para a quarta geração;
- 5) Índice com cinco algarismos (VERMELHO) para a quinta geração.
- 6) Índice com a letra **A** indica primeiro casamento, com **B** segundo casamento etc.
- 7) Nomes das esposas indicados na condição de solteiras.
- 8) Nomes entre parênteses indicam cônjuges divorciados.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA MÜLLER CARIOBA

FRANZ FRIEDRICH WILHELM MÜLLER - ANNA KAROLINE ALBERTINE GOETZE

15/06/1855 - 30/06/1920

28/06/1863 - 28/02/1930

06 FILHOS

1. HERMANN THEODOR MÜLLER CARIOBA 1.A ERNA BERTA OTILIE BORMANN

01/04/1884 – 07/09/1951

27/03/1888 - 28/08/1982

05 FILHOS

1.1 HANS JOAQUIM MÜLLER CARIOBA

1.1.A MARIA DA PENHA PINTO ALVES

1.1.1 MARIA DULCE MÜLLER CARIOBA

1.1.1.A JEAN MARTIN SIGRIST

1.1.1.1 JEAN MARTIN SIGRIST JR.

1.1.1.1.A ANNA HELENA CRISCIUMA

1.1.1.1.1 KIM SIGRIST

1.1.1.2 CARLOS FELIPE SIGRIST

1.1.1.2.A ANA MARIA CAVALCANTE LACOMBE

1.1.1.3 PATRICK SIGRIST

1.2 LIESELOTTE MÜLLER CARIOBA

1.2.A (FRIEDRICH WILHELM ARNDT)

05/06/1911 - 19/03/1984

1.2.1 BERNARDO FERDINAND M.C.ARNDT

1.2.1 A HELOISA MARIA GIORGI

27/10/1939 - 20/10/1974

1.2.1.1 CRISTIANO MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.1.1 A SILVIA CRISTINA FERREIRA

1.2.1.2 BERNARDO MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.1.3 LUCILA MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.2 ANDRÉ CRISTIANO MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.2.A ALBINA MARIA LUNARDELLI

1.2.2.1 ANDRÉ MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.2.2 ADRIANA MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.3 SUZANA MÜLLER CARIOBA ARNDT

1.2.3.A (ROBERTO LOMBARDI)

1.2.3.1 ALESSANDRA LOMBARDI

1.2.3.1 A OSWALDO GOUVÊA DE OLIVEIRA JR.

1.2.3.1.1 ANDRÉ L. GOUVÊA DE OLIVEIRA JR.

1.2.3.2 PAOLA LOMBARDI

1.3 FRANCISCO A. MÜLLER CARIOBA

- 1.3.1 FRANCISCO GUNNAR MÜLLER CARIOBA
- 1.3.1.1 FRANCISCO TEODORO MÜLLER CARIOBA
- 1.3.1.2 RICARDO MÜLLER CARIOBA

1.3.2 PEDRO MÜLLER CARIOBA

- 1.3.2.1 ANTONIO CARLOS MÜLLER CARIOBA
- 1.3.2.2 ISABELLA MÜLLER CARIOBA
- 1.3.2.3 GABRIELA MÜLLER CARIOBA
- 1.3.2.4 ANNA MÜLLER CARIOBA

- 1.3.3 CHRISTIANO JOHN MÜLLER CARIOBA
- 1.3.3.1 CRISTIANO CARVALHO MÜLLER CARIOBA
- 1.3.3.2 CAROLINA CARVALHO MÜLLER CARIOBA

1.4 ERNEST H. EVERARDO MÜLLER CARIOBA

1.4.A MARGARITA BASTIAN

1.5 HORST REINHER E. MÜLLER CARIOBA

1.5.A MARIA EUNICE PAULA LEITE DE BARROS

- 1.5.1 ROSANA MARIA MÜLLER CARIOBA
- 1.5.1.1 ANDREA MÜLLER CARIOBA SCHLEIER
- 1.5.1.2 PRISCILLA MÜLLER CARIOBA SCHLEIER
- 1.5.1.3 FERNANDA MÜLLER CARIOBA SCHLEIER

1.3.A GRACE MIGNON GRANT OLSSON
04/07/1913 - 13/08/1989

1.3.1.A (SANDRA COLAFERRI)

1.3.1.B CLARICE HERZOG

- 1.3.2.A MARIA HELENA DE ARRUDA BOTELHO
- 1.3.2.1.A CRISTIANE DE OLIVEIRA LEITE

1.3.3.A VERA LUCIA DE MOURA CARVALHO

2. ERICH ALFONS MÜLLER CARIOBA		2.A HEDWIG ELISA CHRISTINE BORMANN	
01/06/1885 - 12/04/1951		01/05/1892 - 22/11/1982	
		05 FILHOS	
2.1 ILSE MÜLLER CARIOBA		2.1.A JOHN RICHARD DOLAN	
30/04/1894 - 13/01/1976			
2.2 MARTHA LUISE MÜLLER CARIOBA		2.2.A JOHANNES DIETRICH BURMEISTER	
2.2.1 INGA BURMEISTER		2.2.1.A (DIETER LÜTZOW)	
2.2.1.1 CATARINA MÜLLER HOITKAMP		2.2.1.B ROLAND MÜLLER HOLTkamp	
2.2.1.2 TOMÁS MÜLLER HOLTkamp			
2.2.2 BARBARA BURMEISTER		2.2.2.A GERT LAJUS	
2.2.2.1 MARILENE LAJUS			
2.2.2.2 SANDRA LAJUS		2.2.3.A DITHA BONGERTZ	
2.2.3 CHRISTIANO E. BURMEISTER			
2.2.3.1 ERIC BURMEISTER			
2.2.3.2 ANDREAS BURMEISTER			
2.2.3.3 MAIA BURMEISTER			
2.3 HANNA MÜLLER CARIOBA		2.3.A RUDOLF SITAR	
13/11/1914 - 05/02/1961			
2.3.1 MARIA THEREZA SITAR		2.3.1 A FRANK MCCOY	
2.4 BARBARA H. MÜLLER CARIOBA			
12/06/1921 - 18/08/1988			
2.5 JOÃO B. J. MÜLLER CARIOBA		2.5.A INIECE (POLLY) W. CHISOLM	
2.5.1 JOANNA MÜLLER CARIOBA		30/06/1930 - 12/12/1988	
2.5.2 BARBARA E. MÜLLER CARIOBA		2.5.1.A JIM GLASS	
2.5.3 ERIKA I. MÜLLER CARIOBA		2.5.2.A JOHN BOWLER	

3. HANS ERNST MÜLLER CARIOBA		3.A ELSE FUCHS
21/11/1886 - 12/02/1965	04 FILHOS	12/01/1895 - 23/02/1986
3.1 HANS DIETRICH MÜLLER CARIOBA 15/08/1915 - 04/11/1966		3.1.A GISELA GOOSSENS
3.1.1 ANDRÉ MÜLLER CARIOBA		
3.2 KLAUS W.J. MÜLLER CARIOBA 28/09/1919 - 07/08/1984		3.2.A MARIA LUCIA BEVILAQUA
3.3 HANS THOMAS W.E.MÜLLER CARIOBA		3.3.A (THEA MARIA KLEYER)
3.3.1 MARIO MÜLLER CARIOBA		3.3.1.A IRACEMA FERRA FERNANDES
3.3.1.1 LIA MÜLLER CARIOBA		3.3.1.B IRIA CRISTINA BINOTTI
3.3.1.2 MARIANA MÜLLER CARIOBA		
3.3.1.3 VIVIAN MÜLLER CARIOBA		
3.3.1.4 CRISTIANO MÜLLER CARIOBA		3.3.B SONIA WALTNER
3.4 HANS WITTICH J.F. MÜLLER CARIOBA 12/10/1924 - 15/04/1982		3.4.A (WILMA CAIUBY) 06/05/1924 - 30/07/1975
3.4.1 JORGE CAIUBY MÜLLER CARIOBA		3.4.1.A LINA MARIA PUPO NOGUEIRA
3.4.1.1 CAMILA MÜLLER CARIOBA		
3.4.1.2 MARINA MÜLLER CARIOBA		
3.4.2 EDUARDO CAIUBY MÜLLER CARIOBA 28/05/1950 - 17/03/1989		3.4.2.A JULIE DE AZEVEDO SA
3.4.2.1 JULIANA MÜLLER CARIOBA		
3.4.3 MARCOS VIANA MÜLLER CARIOBA		3.4.B AVANY M. VIANA
3.4.3.1 MARIANA MÜLLER CARIOBA		3.4.3.A MARINA Q. MELLO
3.4.3.2 MARCOS V. MÜLLER CARIOBA JR.		

4. MARGARETE HERMINE FRANZISKA MÜLLER CARIOBA		4.A BRUNO VON DER LEYEN
14/03/1890 - 17/09/1970	06 FILHOS	23/03/1879 - 10/05/1925
4.1 INGEBORG H. A. VON DER LEYEN 14/01/1911 - 08/10/1971	4.1.A WERNER PLAAS 12/03/1903 - 21/02/1970	
4.1.1 ANNE LUISE PLAAS	4.1.1.A DAVID WATKINS JONES	
4.1.1.1 KATHERINE JONES	4.1.1.1.A DORIEN SUTHERLAND	
4.1.1.1.1 NATALY SUTHERLAND		
4.1.1.1.2 SAMANTHA SUTHERLAND		
4.1.1.2 PETER DAVID JONES	4.1.1.2.A SUELY VASQUES	
4.1.1.2.1 ALEXANDRA JONES		
4.1.2 MATHIAS PLAAS	4.1.2.A VILMA KLUSEMANN	
4.1.3 DIETER PLAAS	4.1.3.A (NEIDE SOUZA)	
4.1.3.1 WERNER PLAAS	4.1.3.B (ROSITA SOARES DA ROCHA)	
4.1.3.2 LUCIANA PLAAS	4.1.3.C MARIA ELENA SILVA	
4.2 PETER ERICH F. VON DER LEYEN 18/04/1913 - 12/07/1986	4.2.A BARBARA MÜLLER CARIOBA 12/06/1921 - 12/08/1988	
4.2.1 BARBARA VON DER LEYEN	4.2.1.A EUGENIO NASCHOLD	
4.2.1.1 BENITA VON DER LEYEN NASCHOLD		
4.2.1.2 JOANNA VON DER LEYEN NASCHOLD		
4.2.2 MATHIAS VON DER LEYEN	4.2.2.A DULCE RANGEL FERREIRA	
4.2.2.1 CHRISTOPH RANGEL VON DER LEYEN 12/04/1984 - 30/04/1986		
4.3 URSULA MARGARETE VON DER LEYEN 28/11/1915 - 24/05/1977	4.3.A JORGE GRIESBACH 09/01/1913 - 23/08/1963	
4.3.1 JORGE DIETER GRIESBACH 12/03/1940 - 26/09/1941		

4.3.2 JOÃO PETER GRIESBACH
4.3.2.1 MARGARETE GRIESBACH
4.3.2.2 JULIA GRIESBACH
4.3.2.3 CAROLINE GRIESBACH
4.3.3 MARIA CRISTINA GRIESBACH
4.3.3.1 MARTIN GRIESBACH

4.3.2.A CARMEN NONIN

4.4 BRIGITTE MARIA VON DER LEYEN

4.4.A FRITZ PIETZSCHKE

4.4.1 HELGA PIETZSCHKE

4.4.2 GERT PIETZSCHKE
4.4.2.1 ALINE PIETZSCHKE
4.4.2.2 TANIA PIETZSCHKE
4.4.2.3 ANDREAS PIETZSCHKE

4.4.2.A IVETTE PEREIRA

4.4.3 JÜRGEN PIETZSCHKE

4.4.3.A SANDRA TELLEFSEN

4.5 BRUNO KONRAD VON DER LEYEN

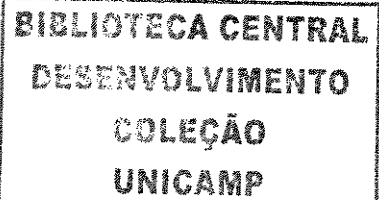
27/05/1923 - 24/04/1941

4.6 GÖTZ RUDOLF VON DER LEYEN

4.6.A MARIA GEORGINA VON PRITZELWITZ

4.6.1 BRUNO ALEXANDRE VON DER LEYEN
4.6.1.1 BRUNO JOSÉ P. BRASIL VON DER LEYEN

4.6.1.A DORIS MARIA POMPEU BRASIL



5. FRANZ RUDOLF MÜLLER CARIOBA

27/03/1894 - 23/08/1961

5.A GERTA HOX

08/05/1894 - 16/08/1974

02 FILHOS

5.1 HANS JÖRG MÜLLER CARIOBA

11/04/1920 - 18/11/1920

5.2 WOLFGANG A. MÜLLER CARIOBA

5.2.1 FRANZ ALEXANDRE MÜLLER CARIOBA

5.2.A NAIR MATIOLI

6. HEINZ FRANZ MÜLLER CARIOBA

03/11/1899 – 1998

6.A HENNY MÜLLER

6.B HILDE WEBER

6.C LEONOR SOUZA CAMPOS

ANEXO 4– Lista de famílias que residiram em Carioba

1. Abílio Moreira (marcador de quadrilhas).
2. Achilles Zanaga
3. Admiro Schiavoni
4. Adolfo Braga
5. Adolfo Garbo (cuidava do projetor do cinema)
6. Adolpho Thoman
7. Adriana Baptista –espanhola.
8. Adrião Fonseca – campeão de remo do interior do estado.
9. Afonso Giordano
10. Agustinho Turrão – leiteiro.
11. Alberto Brechmacher –fiscal do bairro e do meio ambiente.
12. Alberto Muller
13. Alberto Peterson –quitanda.
14. Alcides Alves
15. Alcides Fonseca
16. Alcides Gonçalves
17. Alcides Gunter –funcionário da farmácia.
18. Alexandre Mancini –trabalhava no batedor – máquina de separar algodão. Dono do Empório de Carioba.
19. Alexandre Michelucci –projetava os filmes do cinema de Carioba.
20. Alfério (jardineiro)
21. Alfredo Castelnovo
22. Alfredo Michelucci
23. Alfredo Ortolano
24. Alfredo Plaas
25. Américo Colla –chefe da fiação e motorista de praça.
26. Ana Gonçalves
27. Ana Montila
28. André Galassi - dono do Hotel de Carioba.
29. André Stocovich - dono do Hotel de Carioba.
30. Ângela Lopes
31. Ângelo Barijan
32. Ângelo Bertalia
33. Ângelo Corazza
34. Ângelo Linarelo –diretor do Clube de Carioba.
35. Ângelo Olivato
36. Ângelo Pegion
37. Ângelo Sturari
38. Anita Scanhola
39. Antenor Furini
40. Antônio Andriolli
41. Antônio Biasi
42. Antônio Carossi –capelão da Igreja.
43. Antônio Conforto
44. Antônio da Silva Calheiros -cocheiro
45. Antônio de Almeida –alfaiate.
46. Antônio Doná
47. Antônio Fernandes Moreno -jogador
48. Antônio Fofa –considerado o melhor pescador do bairro.
49. Antônio Fornaziero – contramestre e músico/bombardino
50. Antônio Francisco –jogador.
51. Antônio Gasparini
52. Antônio Gidra – além do Ribeirão Quilombo
53. Antônio Grunãs –casa de doces
54. Antônio Gutierrez –mestre dos pintores
55. Antônio Madeira
56. Antônio Moraes
57. Antônio Muller –contramestre e remador das regatas.
58. Antônio Neves Grillo -português
59. Antônio Nicoletti
60. Antônio Pinto
61. Antônio Pinto Duarte
62. Antônio Polido
63. Antônio Ramelo
64. Antônio Rodrigues Pita
65. Antônio Ruiz
66. Antônio Souza Morgado
67. Antônio Strider –contador da firma.
68. Antônio Vicentin
69. Antônio Zanini
70. Argemiro Sabino - pedreiro
71. Arlindo Fonseca – guarda da fábrica
72. Arlindo Vanucci
73. Armando da Rocha – 1ª família Espírita de Carioba.
74. Armando Lenhare

75. Armando Pierrot – alfaiataria.
76. Armando Yogo
77. Artur Scanavachia –pedreiro
78. Atilio Braga
79. Atilio Colla
80. Atilio Deztro
81. Atilio Muchelin
82. Atilio Trento
83. Augusto Bonello – sanfoneiro e benzedor.
84. Augusto Galter
85. Augusto Marques Penteado– barbeiro.
86. Augusto Polli – pintor.
87. Aurélio Colla
88. Aurora Salvador
89. Avelina Bianco
90. Barbani
91. Barbatana
92. Barreto
93. Bartolomeu Giordano -eletricista
94. Batista Scarpin – charrete enfeitada para transportar a noiva até a Igreja.
95. Benedito Amaral
96. Benedito Ambrósio –presidente do sindicato dos têxteis.
97. Benedito Colla (barbeiro)
98. Benedito Correa –corretor no bairro.
99. Benedito Leone –jardineiro dos Muller.
100. Benedito Lopes
101. Benedito Michelin
102. Benedito Reis -mecânico
103. Benedito Valério
104. Benedito Vitalino
105. Benjamim Lecis
106. Benta Barbosa
107. Bernardo Verdegay
108. Bertagna
109. Berto Rangel
110. Bortolo Sacoman
111. Bruno Richards –alemão –mestre da tinturaria
112. Caetano Pelegrini - quitanda
113. Caetano Penachioni
114. Calixto Pinto –músico pandeiro
115. Camillo Damiani – fundador da Mútuo Socorro e do Clube de Carioba
116. Carlos da Rocha
117. Carlos Fofa
118. Carlos Gasparini
119. Carlos Luchiari - dono do Empório de Carioba.
120. Carlos Mathiesen –dono do Empório de Carioba.
121. Carlos Sturari –fundador da Mútuo Socorro
122. Carlos Zabani
123. Celestino Amaral –zelador do Parque Dona Albertina.
124. César Giovanni Stocovich - quitanda
125. Césare Fofa –nadador.
126. Cesare Nardo
127. Chagas
128. Cira de Oliveira
129. Concha Verdegay
130. Constantino Augusto Pinke – diretor da Escola de Carioba.
131. Contrano Bianco
132. Cristiano Peterson –alemão.
133. Cristóvão Garcia
134. Daniel Stoconch
135. David Caravieri –dono do Empório Carioba.
136. Dilvério Mandarino –mestre da estamparia.
137. Dina Rubinato
138. Dino Galassi –loja de miudezas.
139. Diogo Garcia
140. Diogo Peres
141. Domingos Caloi
142. Domingos Diniz
143. Domingos Santa Catarina
144. Dr. Anastácio Viana –especialista em Oftalmologia.
145. Dr. Moacyr Corte Brilho –médico de Carioba.
146. Duílio de Paula
147. Edgar de Melo Dantas – farmacêutico.
148. Edgard Calheiros - dono do Hotel de Carioba.
149. Eduardo dos Santos
150. Eduardo Milani
151. Eduardo Perin –barbearia
152. Eduardo Rober –maquinista da Usina de Carioba.

153. Egídio Possente
154. Elpídio Araújo
155. Elza Rubinato
156. Emílio Fogo – casa beirando o Quilombo
157. Emílio Giordano –motorista de praça.
158. Emílio Maia
159. Ercides de Angelis – Prof. E diretor de Carioba e sua esposa Norma iniciaram as festas juninas na cidade
160. Ernestina Berlinati
161. Ernesto Furini –mestre
162. Ernesto Ramelo
163. Esterina Santon
164. Euclides de Paula –flautista.
165. Euclides Fonseca
166. Euclides Passos –músico e Getulista fervoroso.
167. Eugênio Cabrini –jardineiro.
168. Família Fantini –um dos 1º donos do Hotel de Carioba.
169. Farnisco dos Santos –corneteiro da Banda.
170. Fatoreto
171. Faustino Moraes – encanador.
172. Felício Canciani
173. Felício Codognotto
174. Fernando Pelegrini
175. Ferraz –farmacêutico.
176. Ferrúcio Astorri –técnico têxtil
177. Ferruccio Bertaglia –jardineiro da Casa Hermann
178. Ferruccio Tabarelli
179. Filomena Baldin
180. Fiori – dono do posto de gasolina.
181. Florindo Furini –contramestre
182. Fortunato Codognotto –pedreiro.
183. Francisca Perez
184. Francisco Barbosa –zelador do grupo escolar de Carioba.
185. Francisco Calheiros
186. Francisco de Souza
187. Francisco Espírito Santo –mestre da sala de pano.
188. Francisco Galassi
189. Francisco Garbo
190. Francisco Giordano –ator de teatro em Carioba.
191. Francisco Lopes
192. Francisco Lourenço –jogador
193. Francisco Mantovani
194. Francisco Michelin
195. Francisco Oliveira –químico da Indústria.
196. Francisco Pinto Duarte –gerente da fábrica.
197. Francisco Teixeira –organizador da procissão de São João.
198. Franz Hetzl –ajudou na ampliação da indústria.
199. Galdino
200. Gelindo Nardo -1º a deixar o bairro Carioba e se tornar façoneiro.
201. Germano Hansen
202. Germano Poentz
203. Getúlio Ferrez Lopes
204. Getúlio Ferrez Lopes
205. Gigim Galassi -dono do Hotel de Carioba.
206. Gildo Bonim –contramestre da Fiação.
207. Gildo Mantovani
208. Giordano Marconi
209. Gregório Sacoman
210. Guido Bortolozzo –juiz de futebol.
211. Guido Tedesco –mestre
212. Guilhermina
213. Gustavo Marconi -tinturaria
214. Hanz Schweizer
215. Heitor Bover
216. Helena Codognotto
217. Henrique Oberer
218. Henriqueta Canônica
219. Hermes Cardoso
220. Hermínio –enfermeiro.
221. Hermínio José Antonelli
222. Hilário Varolo
223. Honorato Milan
224. Hugo Bregaid –ensaiava as peças teatrais.
225. Humberto Scarazzato
226. Humberto Zomignon –carpinteiro.

227. Iafet Campari – carpinteiro de Carioba.
228. Ida Chinellato
229. Idrólide Pera
230. Indalécio Xavier de Castro
231. Inocência Belo –encanador e goleiro do time de Carioba.
232. Inocência Pirassinoto
233. Irma Ranieri
234. Irmãs Machadinho (três moças solteiras)
235. Isaura Moretti
236. Jacob Pérsia –jogador de Carioba.
237. Jacomo Carossi –servente da Escola de Carioba.
238. Jaime Porteiro
239. João Amaral –goleiro do time de Carioba.
240. João Barg – tinha no quintal 4 teares para trabalho a mão.
241. João Bernstein –mestre da oficina mecânica
242. João Bonim
243. João Borsonelo
244. João Camargo
245. João Camillo (jogador)
246. João Carrara
247. João Chinellato
248. João Colla – contramestre dos teares lisos
249. João Corá – chamava os tecelões que teciam defeitos nos panos para mostrar.
250. João Correa
251. João de Paula Rodrigues -jogador
252. João Della Rosa -
253. João Domingos de Campos
254. João Fogo –mecânico e fundador do Parque São Francisco.
255. João Fornaziero
256. João Frederico
257. João Galucci
258. João Garbo -sapateiro e contramestre.
259. João Garcia
260. João Gobbo
261. João Gunter –farmacêutico.
262. João Gutierrez
263. João Hansen
264. João Horschutz
265. João Inocência
266. João Margutti
267. João Marques Penteado – sapateiro
268. João Massuco
269. João Missão
270. João Montanaro
271. João Peramo
272. João Pereira –coveiro.
273. João Pincelli
274. João Ranieri
275. João Ribeiro
276. João Rodrigues Magalhães
277. João Scarazzato –tesoureiro da Sociedade Mútuo Socorro.
278. João Sprogis
279. João Thomaz de Lima
280. João Tolesani
281. João Trombin
282. João Verdegay –músico e maestro
283. Joaquim Américo de Oliveira – jogador e presidente da Mútuo Socorro.
284. Joaquim Barbosa -padeiro
285. Joaquim Barreira - dono do Hotel de Carioba.
286. Joaquim Chinellato
287. Joaquim Chiquinho – armazém.
288. Joaquim Ferreira Jorge – dono do armazém de Carioba e depois do Café Bourbom de Campinas.
289. Joaquim Leone
290. Joaquim Machado de Campos
291. Joaquim Quinzinho –trole de aluguel.
292. Joaquim Rosa Bentinho
293. Joaquim Sturari
294. Joel Leal
295. Jorge Casatti –carroça que recolhia o lixo do bairro,
296. Jorge Gustavo Berggren
297. Jorge Lenck
298. José Aguiar
299. José Américo –mestre da tecelagem.
300. José Antônio
301. José Augusti
302. José Augusto Campos
303. José Batista
304. José Batista Cardoso

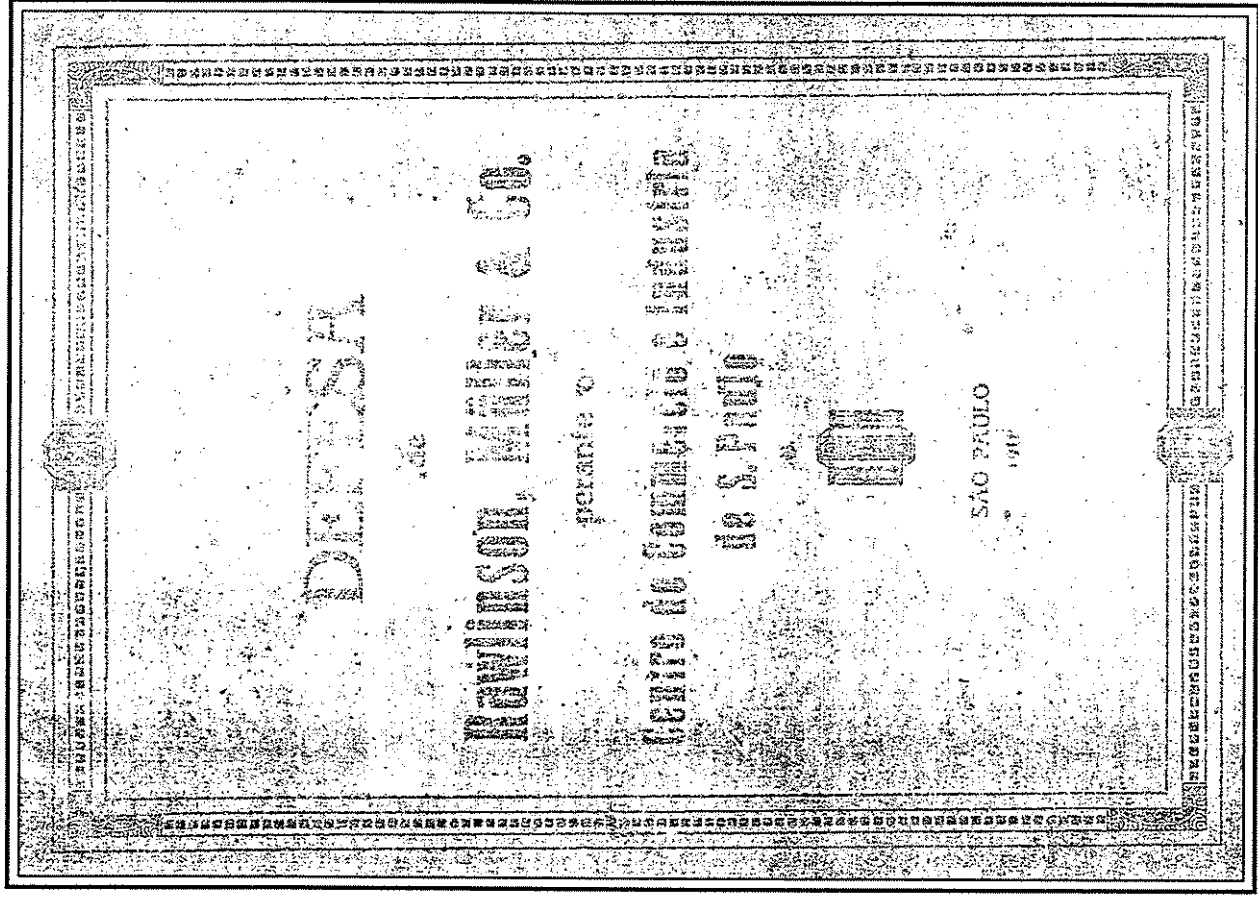
305. José Binotto
306. José Camargo
307. José Castelan –um dos pioneiros da indústria façonista na Carioba 4 teares no quintal na Rua Carioba.
308. José Chinellato –contramestre
309. José da Cunha Rapozzo –professor do Grupo de Carioba.
310. José de Paula –negro/tinturaria
311. José Dona
312. José Espanhol -empregado do Empório Carioba qdo propriedade de Hugo Luchiari.
313. José Fogo – enfermeiro -morava perto da quadra de basquete.
314. José Gasparini
315. José Gonçalves -dono do Hotel de Carioba.
316. José Gutierrez
317. José Leone –dono da 1ª Jardineira.
318. José Liger -espanhol
319. José Lomas Castro
320. José Maciel
321. José Mesquita –jardineiro
322. José Miguel Augusti –dono da alfaiataria e organizador das festas sociais do bairro.
323. José Monge
324. José Moreira (festa da Maricota / Banjo)
325. José Muller – contramestre.
326. José Neco –músico /rabecão.
327. José Nicoletti
328. José Nieri
329. José Peripato
330. José Pinto Fernandes
331. José Pironato –oficial da alfaiataria.
332. José Pupo
333. José Quaquio
334. José Rampazzo
335. José Rodrigues
336. José Rodrigues
337. José Rondon
338. José Ruiz
339. José Santini
340. José Santon
341. José Travaglia – motorista e carteiro do bairro.
342. José Whitaker – Zé fiscal.
343. Josué Mastrodi –sapataria.
344. Jovino Rodrigues Faria
345. Juca Rosa –açougueiro(Nhô Juca).
346. Julio Bertolo
347. Julio Justi –grande leiloeiro das festas do bairro.
348. Julio Travaglia
349. Juvenal Pedro
350. Kósmo Menghini
351. Lazinho de Godoy -pintor
352. Lazinho Doná
353. Líbero Gobbo –mecânico de máquinas operatrizes.
354. Lourenço Casadei
355. Luiz – enfermeiro
356. Luiz Antônio Pereira –montou o primeiro presépio mecânico de Carioba.
357. Luiz Bertaglia –morava no Parque São Francisco.
358. Luiz Ciol
359. Luiz Corazza
360. Luiz Fonseca
361. Luiz Galassi
362. Luiz Gonzaga
363. Luiz Lambstein
364. Luiz Louzada
365. Luiz Mirandola
366. Luiz Padovani
367. Luiz Reis Nogueira –oficna elétrica.
368. Luiz Saque
369. Luiz Zorzan –sapateiro e goleiro do time do bairro.
370. Luiza Rando –quitanda
371. Lupércio Martins
372. Macolbano Malavazzi
373. Manoel Ardeira
374. Manoel Cerdeira
375. Manoel Ferreira -carpinteiro
376. Manoel Lopes –carroção de despejo.
377. Manoel Pereira
378. Manuel Cunijian
379. Manuel Herrera
380. Marcelo Galassi - sua esposa sra Itália era a recordista de produção na fábrica.
381. Marco Barg –mecânico.

382. Maria Augusta Cardelli
383. Maria Castanheira
384. Maria Espadia
385. Maria Felício
386. Maria Santon Barijan
387. Marino Gobbo
388. Martins Preste
389. Mauro Schiavoni
390. Maximiliano Pinto
391. Máximo Sanches
392. Máximo Sanches
393. Mestre Pinho
394. Miguel Mestanza
395. Miguel Rodrigues
396. Murilo Milani
397. Napoleão Formentine
398. Nenê Dian
399. Nicola Binotto
400. Nicola Diniz
401. Noé Vaz –motorista de caminhão.
402. Norberto Silva –fiscal do bairro.
403. Odaí Bengardini
404. Olga Meneghel
405. Olímpio Correa
406. Oliver Santon
407. Olívia Kull Ferraro
408. Olívio Zanini
409. Orácio Leonardi –músico tocava baixo.
410. Oriente Rosalém- sanfoneiro
411. Orlando Caldeiras –encanador na oficina mecânica.
412. Orlando Honório
413. Oscar Cardoso
414. Oscar Fonseca
415. Oscar Mendes – jogador e remador
416. Oswaldo Ortolano
417. Otávio Schiavoni (bar e restaurante)
418. Otávio Simões
419. Otília Domingues de Campos
420. Ouvalter Mendes
421. Paschoal Ardito - alfaiate
422. Paschoal Travaglia –construiu a Igreja de São João Batista
423. Paulinho Santon
424. Pedro Bagna – maestro da banda.
425. Pedro Bentel -músico
426. Pedro Binoto –fundador da Sociedade Mútuo Socorro.
427. Pedro Borzonello -contramestre
428. Pedro Caloi –juiz do time.
429. Pedro Conti –pioneiro da linha de ônibus Carioba/Centro de Americana
430. Pedro de Campos Machado
431. Pedro Gatti
432. Pedro Georgette -contramestre
433. Pedro Rando –carpinteiro sua esposa foi dona do Hotel de Carioba.
434. Pedro Riedo
435. Pedro Rita
436. Pelegrine (quitanda)
437. Peneloípes Sacoman
438. Pepe Ruiz
439. Pinho
440. Plácido Braga
441. Plínio Ortolano
442. Rafael Bengardini
443. Rafael Macchia
444. Raimundo Siviero –fabricante de lançadeiras.
445. Ricardo Badia
446. Ricardo Batista
447. Rita Pereira Levighin
448. Roberto Mancini
449. Roberto Pegion
450. Rodolfo Malavazzi –contramestre.
451. Rodolfo Pochete
452. Romeu Ardito (alfaiate)
453. Romeu Benazzi –tintureiro.
454. Romeu Saciloto –padeiro do bairro.
455. Romeu Sturari
456. Romualdo
457. Rômulo Bortolozzo
458. Rosa Santon
459. Sábato Rossini - dono do Empório de Carioba.
460. Salvador Scanavachia
461. Saturnino Bueno Quirino
462. Sebastiana Marques
463. Sebastião Camargo –carro de praça.
464. Sebastião Cucatti
465. Sebastião Pierrot
466. Sebastião Toledo
467. Serafin Corá

- 468. Silvino Poletti
- 469. Silvio Beraldo
- 470. Silvio Redigo –pedreiro -morava em um cômodo na casa de Hans Muller.
- 471. Sodré Domingues de Campos
- 472. Teodoro Garcia –carroção para puxar lenhas para as casas.
- 473. Teóphilo Camargo –dentista da escola de Carioba.
- 474. Thomaz Ranieri
- 475. Urbano Baldin
- 476. Valdemar Adanson
- 477. Valêncio Rodrigues
- 478. Vicente Caravieri –músico e maestro da corporação musical de Carioba.
- 479. Vicente Della Rosa –jardineiro da casa de Hans Muller.
- 480. Vicente Sarra
- 481. Vicenti Diniz
- 482. Vina Rachú
- 483. Virgilia Moro
- 484. Virgilio Costa – homem de confiança no período Abdalla.
- 485. Vito Baldin –fundador da Mútuo e do Parque São Francisco.
- 486. Vitório Antoniassi
- 487. Vitório Gasparini
- 488. Vitório Martineli
- 489. Waldemar Adanson –mecânico
- 490. Waldomiro Perez –músico da banda – pistão.
- 491. Walter Sette
- 492. Xisto Sávio –fundador da Mútuo Socorro.
- 493. Zé Ladrilheiro
- 494. Zé Lambreca – servente de pedreiro.
- 495. Zé Peripato
- 496. Zeca Corrêa - dono do Hotel de Carioba.
- 497. Zulmira da Costa

ANEXO 5

Defesa de Rawlinson, Müller e Co., perante o
Centro do Comercio e Industria de S. Paulo,
ano de 1918



Antes, porém, de entrar no assumpto, peço-vos para dizer que sou extremamente aliado e defensor por testemunhas diversos socios do Centroquinipresentes. Careço dizelo para que não haja quaesinterpretações para as palavras que vou empregar — pois chamarei ás coisas pelos seus proprios nomes — não para toldar as aguas e confundir o assumpto, mas simplesmente para que fique bem clara a responsabilidade de cada um, a nossa, a do Centro e a da Assembléa.

Isto posto, vamos ao caso.

Em 5 de Dezembro transacto recebemos um officio da Directoria do Centro em que nos era comunicada a eliminação da nossa firma pelo facto de *conter algum ou alguns membros de nacionalidade allena*. Eis o officio:



Illustrissimo Senhor Presidente

Meus Senhores

Ao faz a subida honra de vir expor o defender perante vós o caso Rawlinson, Müller & Co., sinto-me duplamente satisfeito porque, por diversas coincidencias felizes, vou defender também os grandes principios moraes que os alliados regam com o seu generoso sangue o vou também contribuir, na medida limitada da minha modesta posição, para que este Centro enverede por um caminho certo de justiça, do criterio e de utilidade para os fins de guerra a que se dedicou.

CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

Rua Direitta N. 27 (1.º andar)

Caixa do Correo, 1169

Telephone, 765

S. Paulo, 5 de Dezembro de 1917

Ilmos. Snrs. Rawlinson, Müller & Co.

Nesta

Senhores

Confirmando os termos da circular expedida em 6 de Novembro p. findo, na qual foi communi- cada a deliberação do Conselho Consultivo e Direc- toria, em reunião conjuncta realisada nessa data, de «eliminar do quadro social todas as firmas que cohiuivessem algum ou alguns membros de naciona- lidade allemã», — levo ao conhecimento de Vs. Ss. que entre as firmas attingidas pela eliminação, figurã a de Vs. Ss.

Pela Directoria
(a) **A. Martins**
2º Secretario.

Queira a Assembléa tomar bem nota d'estas palayras, que mais adeante teremos necessidade de relembrar-las para um confronto.

Immediatamente, isto é, no mesmo dia 5 diri- gimos uma longa exposição á Directoria do Centro, exposição que passo a ler a VV. Ss.

Exmos. Snrs. Directores do
CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA

SÃO PAULO

Exmos. Snrs.

RAWLINSON, MÜLLER & Co., na qualidade de socios contribuintes d'esse centro sentindo-se lesados nos seus direitos pelas deliberações tomadas por essa Directoria e pelo Conselho Consultivo em reuniões conjunctas de 6 e 26 do mez transacto em que essa Directoria os quer considerar eliminados do Quadro Social, veem perante V. Exas., antes de usarem da faculdade que lhes concede a Lettra 1 do Artigo 6º e Artigo 20º dos Estatutos, expor claramente a sua situação e as circumstancias pelas quaes se sup- põem estar perfeitamente nos casos de excepção, excepção felizmente já recolhida pelo recto espi- rito de justiça de V. Exas. relativamente a outras firmas socias d'esse Centro; e, muito instantemente sollicitam de V. Exas. a reconsideração d'aquelle acto, e certos d'isso, desde já agradecem a V. Exas.

Exposição de motivos:

Logo que o Brazil declarou a guerra á Alemanha immediatamente procurámos o Exmo. Sr. Consul Inglez e em longa exposição á qual annexamos os documentos comprovativos — (Certidões da Junta Commercial, certidões de nascimento, etc.) — demonstrámos:

1º — Que a maior parte, cerca de $\frac{3}{4}$, do nosso capital, é Inglez;

2º — Que os nossos socios são, tambem na sua quasi totalidade, Inglezes e brasileiros legitimos;

3º — Que todos os nossos empregados e operarios são exclusivamente dos Paizes Alliados;

4º — Que todos os nossos freguezes são do alto commercio brasileiro o portuguez, do Rio e de S. Paulo;

5º — Que os ramos em que exercemos a nossa actividade são os de mais evidente utilidade nacional: Energia e illuminação electrica; Plantação premiada de algodão em larga escala; Fabricação de Fio e Tecidos de algodão;

6º — Que essa evidente utilidade nacional tem sido diversas vezes reconhecida pelos Membros do Governo do Estado de S. Paulo, e ainda ha dias pela Commissão de Hygiene da Camara dos Deputados, relativamente aos importantes serviços por nós executados para o saneamento da malaria nos municipios de Campinas e Villa Americana.

E, visto que o Comité dos Alliados é uma instituição que visa tambem a intensificação da guerra commercial á Alemanha, fizemos identica exposição pois que, incontestavelmente, se-los os nossos interesses tem sido sempre com os subditos dos Paizes Alliados.

Pois bem: Tanto o Exmo. Sr. Consul Inglez como o Comité dos Alliados reconheceram a justiça do nosso caso e nenhuma restricção impuzeram á nossa liberdade de commercio.

Por sobre tudo isto, as memoraveis palavras do Exmo. Sr. Presidente da Republica nos indicam que as medidas a tomar devem ser para os verdadeiros fins da Guerra e não para o prejuizo da economia nacional, ou ataque a subditos allemães.

Exmos. Senhores:

Os signatarios nada mais prezam acrescentar para dizerem da justiça da sua causa; põem simplesmente á disposicão de V. Exas. os documentos que provam as suas affirmativas.

E, de antemão certos da deliberação de V. Exas. pedem licença para continuarem como sempre a considerar-se socios d'esse Centro.

Queiram V. Exas. aceitar os protestos da nossa mais distincta consideração.

(a) Rawlinson, Müller & Co.

Parece que, todas estas razões calaram no animo da Directoria, pois que esta foi consultar o Exmo. Snr. Dr. Alfredo Pujol, e no dia 13 de Dezembro recebemos da Directoria o parecer juridico d'aquelle eminente juriconsulto, acompanhado de um officio da Directoria em que ella nos informava que nos cabia recurso para uma Assembléa Geral Extraordinaria.

Vamos ler agora, com a devida attenção o parecer do Exmo. Snr. Dr. Alfredo Pujol, precedendo-o do officio da Directoria:

CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

S. Paulo, 13 de Dezembro de 1917.

Exmos. Srs.

Recebendo o seu officio de 5 do corrente, em que Vs. Ss. expõem os motivos pelos quaes lhes parece poderem continuar a considerar-se socios contribuintes desta associação, entendem a directoria convenientemente ouvir o seu Consultor Juridico, o Ilmo. Snr. Dr. Alfredo Pujol, de quem obtive o parecer que com este offerece a Vs. Ss.

A directoria vem, pois, comunicar a Vs. Ss. que, não lhe sendo lícito revogar as resoluções tomadas com o Conselho Consultivo em reuniões de 6 e 26 de Novembro ultimo, poderá, entretanto, encaminhar a uma Assembléa Geral Extraordinaria que porventura venha a ser convocada o recurso que Vs. Ss. entendem conveniente interpor.

A directoria manifesta a Vs. Ss. a sua elevada consideração.

Aos Ilmos. Srs. Rawlinson, Müller & Co.

Presidente.

(a) Ernesto de Castro

Secretario.

(a) Arthur A. Martins.

S. Paulo, 13 de Dezembro de 1917.

Ilmos. Srs. Directores do
CENTRO DO COMMERÇIO E INDUSTRIA
SÃO PAULO

Tendo examinado o officio dos srs. Rawlinson, Müller & Co., de 5 do corrente, pedindo reconsideração do acto da Directoria e do Conselho Consultivo desse Centro, que os eliminou do quadro dos socios dessa aggremação, cabe-me ponderar o seguinte:

Em face da Lei n. 2393, de 16 de novembro de 1917, art. 6.º, consideram-se de propriedade inimiga os estabelecimentos commerciaes ou industriaes, associações, sociedades, inclusivé as anonymas, bancos, usinas, ou armazens, sempre que a totalidade do respectivo capital, ou a sua maior parte, pertencer a subditos inimigos, qualquer que seja a respectiva séde, no Brasil ou no estrangeiro. Se a maior parte do capital da firma Rawlinson, Müller & Co., cerca de 3/4, é inglez; se os socios da dita firma são, na sua quasi totalidade, inglezes e brasileiros, conforme allega no seu mencionado officio, é evidente que, nos termos estrictos da referido Lei, Rawlinson, Müller & Co., não podem ser considerados inimigos do Brasil, para os effeitos que teve em vista o le-

11

gisador. Entretanto, tendo sido aquella firma excluida do quadro social do Centro do Commercio e Industria de S. Paulo, nos termos do art. 5.º letra b dos Estatutos, a Directoria e o Conselho Consultivo não podem revogar o seu acto. A firma prejudicada cabe recurso para a Assembléa Geral, nos termos do art. 6.º letra l. Se a Directoria entender conveniente, poderá convocar uma Assembléa Geral Extraordinaria para tomar conhecimento do recurso de dez socios que requirem a convocação da Assembléa, tudo nos termos do art. 20 dos Estatutos.

Com elevado apreço, tenho a honra de me

do Vs. Ss.

Atto. Amo. Oro. Obro

(a) Alfredo Puel

Meus Senhores

Façamos aqui uma pequena pausa para ler a letra b do Artigo 5.º dos Estatutos.

Artigo 5º — A eliminação dos socios terá lugar nos seguintes casos a juizo da Directoria e do Conselho Consultivo:

a — Quando o socio faltar ao pagamento das suas mensalidades durante 6 mezes apesar de convidado pela Directoria ao cumprimento do seu dever;

b — Quando, pelos seus actos, não for digno de continuar como socio do Centro.

Ouviram bem? É agora o momento de perguntar á Assembléa Geral qual dos dois officios persiste: se o primeiro de 5 de Dezembro, que nos communica a eliminação por termos allemães na firma, ou se o segundo que pretende a nossa eliminação por não sermos dignos de ser socios do Centro.

Meus senhores. Eu não vim aqui para por em choque a Directoria do Centro. Quero admitir que a nossa eliminação foi pretendida por termos allemães na firma. Chamei a attenção de VV. SS. para este facto para demonstrar as incoherencias, a precipitação com que a Directoria e o Conselho Consultivo agiram, distribuindo penalidades por atacado.

Leio agora a VV. SS. o officio que em 17 de Dezembro enviamos á Directoria do Centro:

13

Exmo. Snr. Presidente e mais Membros da Directoria do
CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA

SÃO PAULO

Exmos. Senhores

Temos a honra de accusar recebido o prezado officio de Vs. Ss. de 13 do corrente acompanhado do luminoso parecer juridico do Exmo. Snr. Dr. Alfredo Pujol, preclaro Consultor Juridico d'esse digno Centro: e considerando-nos ainda socios contribuintes e usando da faculdade que nos concede a letra l do Artigo 6º dos Estatutos, vamos pela assignatura de 10 socios d'esse Centro e por interferencia de V. Exas. convocar uma Assembléa Geral Extraordinaria para tratar da defeza do nosso caso ou para acharmos a formula legal e harmonica que nos permita continuar como socios dessa instituição. Esperamos, pois, do elevado criterio de justiça de V. Exas. que não permittam que, em qualquer outra Assembléa anterior áquella que vamos promover seja de afogadilho ou englobadamente, resolvido com outros o nosso caso.

V. Exas. permitirão este excesso de cuidado, mas, como parece que uma parte dos socios desse Centro visa medir todas as firmas allemães ou que

14

simplesmente o pareçam pela mesma rasóia, sem um estudo meticuloso do caso de cada uma; por isso nós recorremos desde já a V. Exas. porque não podemos aceitar penalidades englobadas e muito menos sem ampla defesa. E, por estarmos certos de que V. Exas. assim pensam, por isso solicitamos a valiosa interferência de V. Exas. nesse sentido.

Por enquanto continuamos a pensar que só ao Governo Brasileiro incumba regularisar as relações de commercio e as relativas aos subditos allemães; e isso está profusamente divulgado por todo o Paiz.

E, não se allegue que instituições do Rio e de Santos fizeram eliminação de firmas a torto e a direito; antes esperemos que S. Paulo proceda com mais ponderado criterio de accordo com as leis que regularem o assumpto e de fórma que as medidas adoptadas visem de facto o fim a que se destinam e que não vão attingir os brasileiros, os alliados ou a economia nacional.

Ora, attendendo ás especíes circumstancias do nosso caso claramente expressas na longa exposição que tivemos a honra de submetter á apreciação de V. Exas. e amparados pela lei brasileira, tão insophismavelmente interpretada pelo proprio parecer do distincto Consultor Juridico desse digno Centro, desde já asseguramos a V. Exas. que, por todos os meios legaes protestaremos contra a eliminação da nossa firma; pois que, por mais que se queira encerrar o caso sómente pelo lado social, não póde entretanto

esse Centro eximite-se da responsabilidade juridica, pois que é juridicamente constituído; e isso se prova com a consulta que V. Exas. logo fizeram ao Exmo. Sr. Dr. Alfredo Pujol.

Por isso, V. Exas. e esse digno Centro, relevarão a insistencia com que protestaremos por todos os meios legaes e até perante o Governo do Brasil para provarmos a nossa qualidade de alliados; e que facemos quanto em nós couber para annular as decisões de tribunaes inquisitoriaes que condemnem sem ouvir, que lavrem sentença sem apello, tudo tão contrario á nossa educação e indole, tão em desacordo com o sacrosanto culto de justiça de que a America se fez paladina pela palavra authorizada do Presidente Wilson, de Ruy Barbosa, e de Wenceslau Braz.

Em summa, Exmos. Senhores, nós estamos promptos a cooperar com o nosso auxilio moral e material em todos os actos que atinjam a intensificação da Guerra, e como nunca negámos o nosso concurso ás obras de utilidade d'esta grande, generosa e tolerante Paiz, não o negaremos em tão attribulada conjunctura e provaremos por factos a nossa incontestável qualidade de alliados, mas não contribuiremos para a caça ao allemão pacífico. Querido e respeitador da lei, que existe, o esse Centro sabe perfeitamente que existe; nem aceitaremos sem protestos a penalidade a granel, fóra da lei e dos tractos existentes entre os signatarios d'este e esse

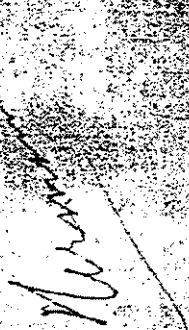
digno centro existia um contrato, — os Estatutos —
que ainda não foi revogado.

Por ultimo resta-nos agradecer a V. Exas. a
sua benevolencia attenção e pedimos venha para declarar
a V. Exas. que consideramos simplesmente espan-
tosa a concepção que pretendem enquadrar a nossa
firma, sobejamente conhecida dos Governos do Paiz
e de todo o alto Commercio, na letra b do artigo 5°
dos Estatutos desse digno Centro!

Queiram V. Exas. aceitar os protestos da nossa
mais distincta consideração.

S. Paulo, 17 de Dezembro de 1917.

(a) Rawlinson, Müller & Cia.



No dia 19 de Dezembro por intermedio de 10
socios do Centro o do officio seguinte, convocamos
a Assembléa Geral Extraordinaria presente, e feliz-
mente prevejo que o nosso caso ha de ser decidido
com criterio e não pelo systema da Santa Inquisição.

Exmo. Sr. Presidente e mejs membros da Directoria do
CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

Os abaixo assignados, usando da faculdade que
lhes concede a letra 7 do artigo 20. dos Estatutos,
veem muito respeitosamente solicitar de V. Exas. a
convocação de uma Assembléa Geral Extraordinaria,
para o fim especial de ser estudado e discutido o ca-
so da eliminação da firma Rawlinson, Müller & C.,
o de forma que á referida firma seja facultado o di-
reito de ampla defeza o da exposição das circum-
stancias em que ella julga encontrar-se.

S. Paulo, 19 de Dezembro de 1917.

(a) J. Moreira & C.
Augusto Rodrigues & C.
Ferreira & C.
J. Ribeiro Branco
José Constante & C.
Guerra & C.
Co. Paulista de Electricidade
Caldeira, Sampaio & C.
Rocha, Mello & C.
Sampaio, Moreira P. & C.

O Centro do Commercio e Industria não tem sómente a responsabilidade jurídica e social; tem em alto grau a responsabilidade moral e economica dos actos que praticar; tem a responsabilidade collectiva, a mais difficil de conciliar, por serem por vezes antagonicos os interesses e os sentimentos que se entrecrocão.

Antes de tudo e principalmente, as medidas que o Centro tomar, não devem ferir a economia nacional.

Eu abstenho-me de discutir os outros casos, pois cada um que diga da sua justiça. Mas no caso que defendo, demonstrarei com extrema facilidade que a eliminação da nossa firma pôde acarretar prejuizos puramente brasileiros.

É o que vou provar.

Supponhamos que a Alemanha, com o seu habitual desrespeito ás convenções, torpedeia mais alguns navios nossos e que o Governo Brasileiro, como medida de justa represalia, cogito de uma lista negra para ferir os interesses allemães. Naturalmente pediria ás Instituições de Commercio e Industria a lista das firmas que deveriam ser atingidas.

Supponhamos mais que a Directoria d'este Centro, com reprovavel ligeireza, incluisse a nossa firma na referida lista, apesar das solejas provas que tem da nossa evidente utilidade nacional. E, para argumentar, supponhamos que os nossos estabelecimentos, interdittos do commerciar, fechavam.

Está medida affrigia o fim a que visava? ou antes iria ferir os interesses vitaes de centenas de operarios e agricultores que vivem honestos e prósperos nos municípios a nós circumvisinhos?

Pois a perturbação do plantio do algodão, do fornecimento de luz e energia, da fabricação do fio e tecidos, do cultivo de campos de estudo e selecção de algodão, alfafa e canna, não será um prejuizo nacional?

Meus senhores, Eu não resisto á tentação de ley aqui a opinião da Comissão de Hygiene da Camara dos Deputados relativamente ás obras de saneamento por nós feitas em Villa Americana.

O saneamento de Villa Americana

Realizou-se hontem a annunciada visita official da Commissão de Hygiene da Camara dos Deputados ás notaveis obras do saneamento de Villa Americana.

Pelo trem das 7 horas, seguiram com aquelle destino os Srs. Dr. Casemiro Rocha, Francisco Sodré, Olavo Guimarães, Olavo Cezar, Carollano Amiral, membros da commissão de Hygiene, Srs. Drs. Augusto Barreto, Deputado Estadual; Arthur Neiva, Director do Serviço Sanitario, Raul de Sá Pinto, Medico chefe da Assistencia Policial; Eloy Lessa, Delegado de saúde e o representante desta folha. Em Campinas, rennui-se á committiva o Sr. Dr. Antonio Lobo, Presidente da Camara dos Deputados.

Da fazenda do Sr. Dr. Antonio Lobo, os excursionistas seguiram para a de Salto Grande, depois para a usina electrica. No mesmo nome, mais tarde á Fabrica de Tecidos Carioba e Fabrica de Fitas, tudo pertencente á firma Rawlinson, Müller & C. Esses grandes industriaes merecem os mais calorosos elogios pela intelligente cooperação moral e material que prestaram para o saneamento daquelle região assolada pela malaria.

Os Srs. Rawlinson, Müller & C. fazem, por sua conta, todos os trabalhos sanitarios do Carioba e

Salto Grande, obedecendo á orientação do Sr. Dr. Arthur Neiva e sob as vistas directas do Sr. Dr. Salles Gomes, sendo administrador das obras o agromomo Sr. Frederico Fornasaro.

O exemplo dos Srs. Rawlinson, Müller & C., deve ser seguido por todos os capitalistas que, nas mesmas condições se encontrem, com os seus estabelecimentos ameaçados pela intensidade das epidemias, porque, assim agindo, garantem os seus operarios e consequentemente defendem os seus capitães.

Cumpro notar que as despesas da firma Rawlinson, Müller & C. com o saneamento não são pequenas, antes se elevam a mais de uma centena de contos, o que demonstra o modo superior com que aquelles industriaes encaram os seus negocios e ao mesmo tempo a confiança que lhes soube inspirar Arthur Neiva, o sabio e brilhante Director do Serviço Sanitario.

Depois de meticulosa e proficua inspecção aos estabelecimentos industriaes de Salto Grande e Carioba e ás obras de Saneamento com que se estão armando os seus proprietarios contra futuras invasões da malaria, os medicos regressaram á Villa Americana, onde, em casa do Sr. Sebastião Antas do Abreu, lhes foi offerecida uma taça de reconhecimento.

As 16 horas e 15 minutos os excursionistas embarcaram, de regresso a S. Paulo. A visita fôra prolongada, minuciosa e feita debaixo de um sol.

abrazador. Alguns mostravam-se fatigados, porém, nenhum se arrependia do esforço despendido, porque todo o sacrificio era largamente compensado pela felicidade do contemplar, quasi concluida, uma obra gigantesca do saneamento, que desenvolvida sem alardé, modestamente, fez reviver uma localidade futura ameaçada de ruina absoluta.

O saneamento da Villa Americana, pela extincção da malária que a devastava, é hoje uma realidade, merecedora da orientação superior com que foram encaminhados os trabalhos e do esforço infatigável dos que se encarregaram da penosa incumbencia.

Está, portanto, demonstrado que não existem zonas e sim focos malaricos. E, mais que esses focos não resistem ás medidas hygienicas bem imaginadas e executadas inflexivelmente.

Sendo assim, conclua-se que o impudismo não é um mal que possa aterrorizar. Continue o Governo a agir como no caso da Villa Americana; imitem os capitalistas interessados o exemplo salutar dos Srs. Rawlinson, Müller & Co.; resolvam-se as municipalidades a concorrer para a resolução do problema; e veremos a malária desaparecer da carta Nosographica do Estado de São Paulo.

O saneamento da Villa Americana, obtido em prazo relativamente curto, sem grandes dispendios, é um brilhante facto e uma proveitosa lição. Que ninguém a esqueça, nem mesmo os incredulos e desanimados que, não contentes de o serem, preten-

dem ainda, transmitir aos outros a sua desgraçada molestia.

O saneamento da Villa Americana merecia referencias que não se esadunam com a rapidez desta noticia, o que faremos.

Ela poderia parar por aqui, pois, estou certo que esta firma não é inimiga do Brasil. Mas, poder-se-ha objectar: Existo n'ella um sócio allemão.

E' facto, existe. E' o Sr. Francisco Müller. E' allemão, sómente. Não tem duas nacionalidades. E, assim como nenhuma de nós pode ser censurado por ser bom brasileiro ou bom portuguez, ninguém o censurou por ser bom allemão. Por ora, n'estes tempos ainda bastante arrazados, o patriotismo politico é uma virtude. Eu poderia considerar-me suspeito para fallar do Sr. Francisco Müller pois que tenho a honra de ser amigo d'elle ha 20 annos; e ha 20 annos que com elle trabalho no commercio. Em todo o caso, quando os sentimentos da justiça parecem querer obliterar-se para dar logar a um odio impensado, é digno defender a amizade, quando o amigo tem um passado immaculado de trabalho e de honra. O que me admira é a Directoria do Centro não ter querido saber quem é o Sr. Francisco Müller, quando poderia ter obtido seguras informações do todo o alto e antigo commercio d'esta praça.

A Directoria peccou por ser moça demais: vê o presente, não investiga o passado, não descortina o futuro.

Pois bem! Voa eu dizer, sem lisonja, quem é o Sr. Francisco Müller, a defendo a amizade e condemnô o odio: e, nesta terrível conjunctura de paixões e extermínio, venho citar-vos as palavras do mais popular advogado de Paris, d'essa França gloriosa e heroica, patriótica e resistente:

«Digo que todo o ser humano deve ser defendido desde o momento em que é accusado: digo que o verdadeiro odio deve ser alto, justo e perspicaz.

A Patria deve ter a paixão da justiça!

O inimigo em França deve encontrar um advogado como os francezes devem encontrar um outro o inimigo.

Estas palavras grandiosas, de Jacques Bonzon, referem-se a inimigos accusados de traição.

Pois porque não defenderei eu o amigo honrado, que ninguém accusa, que não é considerado inimigo, pois mil vezes se disse já que a guerra é ao Estado Allemão, e não ao povo Allemão?

Todos sabem d'isso; só a Directoria do Centro o ignorava!

Revertendo ao assumpto:

O Sr. Francisco Müller ha quarenta annos que exerce a sua util actividade no Brasil; é casado

26

com brasileira, tem filhos brasileiros que não se registram no consulado, mas que sempre adoptaram a nacionalidade de brasileiros e assim o comprovarei com passaportes anteriores á guerra.

O Sr. Francisco Müller tem os seus bens unica e exclusivamente no Brasil; concorreu sempre com verbas respeitaveis para todas as obras de Beneficencia e Educação; na Fabrica que dirige, o seu curso traduz-se em escolas nacionaes, (notem bem, não allemãs), em pharmacias, em tudo que suavisa e dulcifica a vida dos seus operarios, — todos alliados.

Sobre a sua lizura commercial, sem discrepancia de um momento, eu invoco o testemunho dos socios aqui presentes.

Sobra a sua vida particular, a constituição da familia modelar (ei o seu unico scopo.

Müller pai e Müller filhos, só tem uma divisa: *Trabalho, amor, familia.*

Por tudo isso eu protestarei contra a inclusão d'este nome respeitavel na lista do inimigo; o emquanto me sentir amparado pela lei brasileira, reflexo da grande longanimidade da minha terra, enquanto as forças moraes predominarem em tudo, eu defenderei a amizade, a justiça, o ideal.

Meus senhores: No momento em que o Governo libera os Bancos Allemães para o effeito de fazerem transacções que julga uteis á economia nacional,

26

mantendo n'elles os fiscoes para cortar apenas que sigam remessas para o inimigo, — o Estado Allemao, — eu creio que só por um raciocinio machavelico se pôdo condemnar a firma Rawlinson, Müller & Co.

Eu sei que a Assembléa poderá suggerir a idéa da sahida do Sr. Francisco Müller para que a firma fique completamente nacionalisada.

Seria uma sahida ficticia pois não haveria leis humanas que impedissem os filhos de repartirem os lucros com seu proprio pae; mas seria tambem passivel de nullidade, pois que a lei de 16 de Novembro diz claramente que o Governo tem o direito de annullar as operações feitas por allemães, que julgar lesivas aos interesses nacionaes.

Não! O Sr. Francisco Müller fica no seu posto; com os braços abertos para a lei, que cumprirá religiosamente; com a consciencia tranquilla de ter sido um valioso elemento de trabalho, de riqueza, de equilibrio, de amor ao paiz.

O inimigo não está lá; procuremolo em outra parte.

Mas, ainda para provar por excesso as qualidades do Sr. Francisco Müller, bastará dizer que, como eu, elle tem centenas de empregados alliados fervorosos, que não escondem, como eu nunca escondi, o profundo desejo que nutro de que a Allemanha sofra uma derrota formidavel. Pois bem!

Nunca eu desmorei no conceito do Sr. Francisco Müller por ser aliado. A nossa amizade foi e será sempre inalteravel.

Mas ha mais:

Os socios capitalistas Rawlinson pae, e Rawlinson filhos, são na Inglaterra considerados benemeritos, porque as suas fabricas estão mobilisadas.

Pois bem! A Inglaterra, não decreta sobre a amizade, e abre excepção ás leis commerciaes quando ellas vão ferir os seus filhos.

Só a Directoria do Centro achou viaveis as medidas que, em ultima analyse, iam ferir brasileiros e alliados.

Mas, graças a Deus, o Centro não é a Directoria; é do Commercio e industria e o seu poder existe na Assembléa Geral: que a passada Directoria não quiz convocar, porque se julgava absoluta.

A Directoria poderia, se soubesse que do ha muito estão abolidas as penalidades collectivas, ter «suspense» pura o simplesmento as firmas allemãs ou parecidas, indicando-lhes logo o recurso ou a convocação da Assembléa, para a defeza.

Não! A Directoria preferiu, tripudiando por cima das nossas leis e por cima dos Estatutos, que rasgou, eliminar tudo.

Em summa, sciente e conscientemente errou. E manteve-se no erro, pois que, tendo esultado tambem o Instituto da Ordem dos Advogados, não se

guiu os brilhantes ensinamentos do seu deuto parecer, antes se deixou ficar na commodada posição de fazer guerra de gabinete, sem risco, e sem medir as consequências que o seu acto acarretaria, a amigos e inimigos, indistinctamente.

Eu quero fechar com chave de ouro a defesa da digna firma Rawlinson, Müller & Co.; esta defesa está claramente expressa no referido parecer do Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo.

Transcrevo-o na integra:

Instituto da Ordem dos Advogados.

Realisou-se hontem no Instituto Historico, a sessão annunciada do Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo, especialmente convocada para discutir o parecer elaborado pelos d^{rs}. J. M. de Azevedo Marques, Antonio Merendo e Plinio Barreto, sobre o projecto de reforma da organização judiciaria apresentada á Camara dos Deputados de São Paulo pelo dr. Aleantara Machado.

Presidiu-a o dr. Francisco Morato, secretariado pelo dr. Spencer Vampré.

O presidente annunciou que em sessão anterior se resolvera que, antes de discutido o parecer sobre reforma judiciaria, se votasse o parecer apresentado pelos d^{rs}. José Mendes, Estevam de Almeida, e Spencer Vampré, a respeito da consulta dirigida ao

29

Instituto pelo Centro do Commercio e Industria, relativamente á liberdade de commercio com subditos allemães.

A consulta do Centro do Commercio e Industria é a seguinte:

1) em virtude da declaração de guerra, as firmas brasileiras podem continuar a commerciar com os subditos allemães aqui domiciliados e com firmas aqui estabelecidas?

2) que se entende por firmas allemães? Somento as firmas que têm sua séde na Alemanha? Tambem as que constituídas por allemães, se organizaram no Brasil, de accordo com as leis brasileiras? E as que além de socios de outras nacionalidades, têm socios allemães? O aviso do Governo Brasileiro declarando que a nacionalidade das firmas commerciaes não depende da nacionalidade dos socios que as compõem, permite o commercio de brasileiros com as firmas constituídas por socios allemães, uma vez que ellas se organisaram no Brasil, de accordo com as nossas leis? As sociedades anonymas, que têm accionistas ou directores allemães, devem ser consideradas inimigas?

3) no caso de ser respondido affirmativamente o quesito 1), e respondido de qualquer forma o quesito 2), — como poderão os brasileiros distinguir as firmas com as quaes são prohibidos de commerciar, daquellas com as quaes podem commerciar, uma vez que não existe uma lista das primeiras, organizada

30

pelo governo brasileiro, e as que foram organisadas pelos governos estrangeiros, não só não contém todas as firmas allemães do Brasil, mas também contém firmas constituídas exclusivamente por brasileiros, e por subditos e cidadãos de nações amigas do Brasil?

4) as firmas constituídas por subditos de paizes aliados da Alemanha, na actual guerra, devem ser consideradas inimigas?

5) os contractos celebrados com firmas inimigas antes da declaração da guerra, continuam a obrigar as firmas brasileiras? E as transacções iniciadas anteriormente á declaração do estado de belligerancia, que não podem ser interrompidas sem prejuizo, devem ser ultimadas?

6) prohibido o commercio das firmas brasileiras com firmas inimigas, são as firmas estrangeiras, estabelecidas no Brasil, atingidas pela prohibição?

O Instituto da Ordem dos Advogados assim votou:

AO 1º

Alguns escriptores entendem, que um dos effeitos decorrentes do estado de guerra, é cessar, para os subditos do Estado inimigo a inviolabilidade dos direitos do liberdade, segurança individual e propriedade, garantida em tempo de paz. Segundo esta doutrina, os estrangeiros referidos ficam fóra da lei e do direito normal.



31

Entendem outros que, no direito moderno, a regra é manter-se esta inviolabilidade pessoal e patrimonial, passando a suspensão das garantias a constituir excepção, que deve ter logar, quando o existir necessidade imperiosa da guerra a bom da legitima defesa nacional.

Deste parecer são Bevilacqua e Epitacio Pessoa, fundados em que a guerra é feita entre Estados, e não entre particulares, e no principio que manda limitar os actos de violencia pelas exigencias da necessidade e do sentimento de humanidade que constituaem a base das leis da guerra «jura belli». «Os actos de hostilidade, ensina Bevilacqua («Direito Publico Internacional, § 253»), devem dirigir-se ás forças militares. Não essas forças que têm a qualidade de belligerantes. De accordo Epitacio («Projecto deCodigo de Direito Internacional Publico art. 399 e nota»): «É direito dos Estados belligerantes prohibir aos seus habitantes, ainda que estrangeiros, quaesquer communicações e bem assim todas ou certas relações commerciaes com o inimigo, concedendo-lhes, neste ultimo caso, um prazo para a liquidação das suas operações. «E em nota. Alguns escriptores. Mérynac por exemplo, entendem que a regra deve ser a ruptura de relações commerciaes pelo só facto, da declaração da guerra, ficando aos belligerantes a faculdade de conceder as licenças geraes ou especiaes que quizerem.

«O projecto, porém, de accordo com Bluntschli,

32

Calvo, F. Martens e outros, preferiu como regra a manutenção das relações, passando a prohibição a constituir a excepção. Resguardam-se deste modo, conclue ello, os vallosísimos interesses commerciaes que a applicação do principio opposto comprometteria desde logo immediata e irremediavelmente, uma vez declarada a guerra.

Em neste sentido são as nossas tradições, ora opportuna e repetidamente lembradas pelo patriotico governo da Republica e harmonicas com as normas emendadas das Conferencias de Haya, vasadas no espirito do direito internacional no actual momento historico.

Por isso, ao 1º item respondemos affirmativamente.

Ao 2º

A nacionalidade das pessoas juridicas depende do lugar onde foi celebrado o acto de sua constituição, resulta da soberania que originariamente lhes co-nheceu a personalidade, e não da nacionalidade das pessoas naturaes que as compõem.

(«Conf. C. de Carvalho, Nova Cons. art. 160; Bevilaqua, Direito Internacional Privado, § 30; Idem, Commentario ao Código Civil, Introdueção, art. 19; Vampré. Commentario ao código civil. Introdueção art. 21; Lafayette, Código de Direito Internacional Privado art. 15»).

E taes pessoas juridicas cousevam sua naciona-

lidade, enquanto não mudarem do sêdo ou domicilio. (Conf. as fontes citadas).

Consequentemente, são brasileiras todas as pessoas juridicas constituidas no territorio brasileiro, como tambem o são as sociedades contractadas no estrangeiro, mas estabelecidas no Brasil, e ainda os estabelecimentos situados no Brasil, pertencentes a sociedades constituidas no estrangeiro, uma vez que taes estabelecimentos tenham vida propria.

A sua capacidade é determinada pela lei de sua nacionalidade. Conf. «Codigo Civil, Introdueção, art. 21, e Vampré, a este artigo»).

A' vista do expedido, respondemos ao 2º item pela maneira seguinte. São firmas allemãs aquellas correspondentes a sociedades ou a pessoas, cujo acto constitutivo foi celebrado na Allemânia e no territorio allemão com sua sêdo, qualquer que seja a nacionalidade de seus socios.

As sociedades anonymas são, quanto á sua nacionalidade, reguladas pelos principios expostos. (Conf. «C. de Carvalho, artigos 163 e 166; Vampré. Das Sociedades Anonymas, ns. 357-8»).

Por isso, o criterio determinador da sua nacionalidade é independente da nacionalidade dos accionistas e directores.

A pergunta relativa ao aviso do governo, tem resposta affirmativa, não só pelo fundamento contido na mesma pergunta, como pelo em que se baseia a resposta dada ao 1º item supra.

A distinção das finanças em amigas e inimigas deve basear-se no mesmo critério estabelecido na resposta ao item anterior.

Isto quanto á doutrina.

Quanto á questão de facto, só poderá ser resolvida, mediante a analyse das circumstancias de cada caso concreto.

Ao 4°

Pela negativa, já porque inimigo, no sentido do direito moderno, é o Estado adverso, o não seu subdito ou o de seu aliado, já porque se trata de effectos decorrentes do estado de guerra que não se estendem aos aliados.

Ao 5°

Pela affirmativa, porque o estado de guerra não tem effecto retroactivo nos mesmos casos, «mutatis mutandis», em que não o tem o direito regulador das relações jurídicas de ordem interna. (Conf. «Folquet, Manuel élémentaire de droit international public», 4ª edição, pag. 268).

Ao 6°

Sim, ao se tratar do finanças verdadeiramente estrangeiras, consoante os principios que deixamos expostos.

Estas respostas são dadas de accordo com o direito vigente até 17 do corrente mez e anno.

Por lei Federal n.º 3393, de 16 do corrente, publicada no «Diário Official» da União de 17, foi alterado em parte o direito vigente, estabelecendo-se principios exceptionaes, fundados na necessidade da defesa nacional, e na de represalias.

A referida lei entrou em vigor, desde o momento de sua publicação. Constitue, portanto, norma obrigatória, uma vez publicada no «Diário Official» do Estado.

Depois do autorisar o governo, desde a sua data, e até 31 de Dezembro, a declarar successivamente, o estado de sitio para fins constitucionaes, nas partes do territorio da União, onde exigirem as necessidades e deveres da situação de guerra imposta pela Alemanha, passa a lei referida a autorisar o Poder Executivo a declarar sem effecto, durante o periodo de guerra, os contractos e operações celebrados com subditos inimigos, individualmente ou em sociedade, para fornecimentos a obras publicas de qualquer natureza, e bem assim todos os que, a juizo do governo, forem considerados lesivos aos interesses nacionaes. (art. 2)

O governo poderá proceder tambem ao arrolamento e inscripção dos bens de propriedade inimiga, fiscalisação, sequestro, retenção de bens de propriedade inimigas, bem como decretar restricções ao uso e gozo da propriedade industrial e de outros direitos

privados, segundo uma enumeração que faz (arts. 3 e 8).

Taes autorisações ao Poder Executivo não alteram, por si só, a resposta dada nos itens da consulta: tudo dependerá da extensão que o Poder Executivo vai dar aos poderes outorgados.

todavia, o Instituto não pode deixar de chamar a attenção do Centro do Commercio e Industria para o art. 6 da lei referida, que assim dispõe:

Art. 6 — Os estabelecimentos commerciaes, ou industriaes, associações, sociedades, inclusivó as anonymas, bancos, usinas ou armazens, serão considerados de propriedade inimiga, sempre que a totalidade do respectivo capital, ou a sua maior parte, pertencer a subditos inimigos, qualquer que seja a respectiva sede, no Brasil ou no estrangeiro.

Este principio é excepcional, e fundado na necessidade da defesa nacional, devendo entender-se que não deroga a regra geral, de que a nacionalidade das pessoas juridicas para todos os demais effeitos civis, depende da sua sede, e independente da nacionalidade dos membros que a compõem.

É um principio novo, introduzido em virtude de uma consideração transitoria, que não altera o systema do direito patrio.

Outro ponto, digno de ponderação, é aquelle em que a lei confere a brasileiro ou estrangeiro não ini-

87

migo, socio de um inimigo, em qualquer sociedade em non collectivo, capital e industria, ou em commenda, — de promover a dissolução e liquidação do contracto do sociedade. (art. 5).

Assim pois, o brasileiro, ou o estrangeiro não inimigo, socio de um inimigo em estabelecimento commercial ou industrial, associação ou sociedade "de pessoas", tem o direito, desde já, de promover a dissolução e liquidação da sociedade, qualquer que seja o seu capital.

Cumpra ponderar, entretanto, que o brasileiro, ou estrangeiro não inimigo, não tem o direito de promover a dissolução e liquidação da sociedade de capitães sociedades anonymas, mutuas cooperativas, etc.), embora a maior parte do capital pertença a subditos inimigos.

Outro ponto ainda: O individuo que tiver mais de uma nacionalidade, em virtude de naturalisação obtida em outro paiz, e um delles for inimigo, será, pela lei, considerado subdito inimigo. (art. 7).

Fica exceptuado o individuo que se tenha naturalizado brasileiro, antes da declaração do estado de guerra, (art. 7, parag. 1).

Assim, por exemplo, o cidadão suíço, naturalizado allemão, ou o cidadão allemão, naturalizado suíço, é sempre considerado subdito allemão; mas o cidadão allemão, naturalizado brasileiro, antes da declaração do estado de guerra, é considerado subdito brasileiro.

38

Devemos entender que são brasileiros todos os alieados que se naturalisaram voluntariamente ou por força da lei, antes da declaração do estado de guerra, a saber;

- 1) os nascidos no Brasil, ainda que de mãe alieada, residindo este a serviço da Alemanha;
- 2) os que, achando-se no Brasil a 15 de Novembro de 1889, não declararam dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade do origem;
- 3) os que possuírem bens imóveis no Brasil, o foram casados com brasileiras, ou tiverem filhos brasileiros, contanto que residam no Brasil, salvo se manifestaram a intenção de conservar a nacionalidade alemã, antes da declaração do estado de guerra. (Const. Federal, art. 69).

Consequentemente, o socio brasileiro ou estrangeiro não inimigo poderá (e é uma faculdade, não é um dever jurídico) promover dissolução e liquidação da sociedade com os alieados, exceptuados os referidos.

O commercio com os subditos e sociedades alieadas, dentro e fóra do paiz, não se achia prohibido, e produz, consequentemente, todos os effeitos, emquanto o Poder Executivo não usar dos poderes que lhe foram conferidos pela citada lei, já no interesse da defesa nacional, já a título do represalia.

39

4

Meus senhores. Dizer menos, seria incompleto. Dizer mais, seria redundância, salvo se quizessemos pedir misericórdia. Nessa firma sentose amparada pela lei brasileira, pelas leis moraes de todo o mundo; sente a consciencia de ser digna de fazer parte do Centro; e nestes termos associará a sua reintegração, se a presente Assembléa entender que esse acto é de pura e simples Justiça!

Requeiro, pois, á Assembléa Geral, que depois de dada a palavra para ampla discussão do caso Rawlinson, Müller & Co., se proceda á votação, para que ella seja reintegrada no Quadro Social.

E, em nome da referida firma reitero a affirmativa de que contribuiremos em tudo que este digno Centro exigir para a intercepção da Guerra; e attendendo ao facto de termos 7 socios alieados referidos, comprometemo-nos a desistir durante a guerra dos direitos de voto, de ser votados, ou de discutir as decisões do Centro, salvo as que reflectirem na nossa firma, pelo direito da qual sempre propugnaremos.

S. Paulo, Janeiro 1918.

Rawlinson, Müller & Co.
Francisco de Castro

**BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP**